EXPERIÊNCIAS EXITOSAS E INOVADORAS NA FORMAÇÃO EM ODONTOLOGIA DA UNIVATES



Maurício Fernando Nunes Teixeira
Andreas Rucks Varvaki Rados
Magali Teresinha Quevedo Grave

EDITORA UNIVATES

Maurício Fernando Nunes Teixeira
Andreas Rucks Varvaki Rados
Magali Teresinha Quevedo Grave
(Orgs.)

Experiências exitosas e inovadoras na formação em Odontologia da Univates

1ª edição

EDITORA
UNIVATES

Lajeado, 2020

Universidade do Vale do Taquari - Univates
Reitor: Prof. Me. Ney José Lazzari
Vice-Reitor e Presidente da Fuvates: Prof. Dr. Carlos Cândido da Silva Cyrne
Pró-Reitora de Pesquisa, Extensão e Pós-Graduação: Profa. Dra. Maria Madalena Dullius
Pró-Reitora de Ensino: Profa. Dra. Fernanda Storck Pinheiro
Pró-Reitora de Desenvolvimento Institucional: Profa. Dra. Júlia Elisabete Barden
Pró-Reitor Administrativo: Prof. Me. Oto Roberto Moerschbaecher

EDITORA UNIVATES

Editora Univates
Coordenação: Ana Paula Lisboa Monteiro
Editoração: Glauber Röhrig e Marlon Alceu Cristófoli
Capa: Francine Costa
Revisão ortográfica: Magali Teresinha Quevedo Grave e Irineu Haberkamp

Avelino Tallini, 171 – Bairro Universitário – Lajeado – RS, Brasil
Fone: (51) 3714-7024 / Fone: (51) 3714-7000, R.: 5984
editora@univates.br / http://www.univates.br/editora

E96

Experiências exitosas e inovadoras na formação em Odontologia da Univates / Maurício Fernando Nunes Teixeira, Andreas Rucks Varvaki Rados, Magali Teresinha Quevedo Grave (Org.) – Lajeado : Editora Univates, 2020.

286 p. ; il.

ISBN 978-65-86648-14-0

1. Odontologia. 2. Curso de Graduação. 3. Universidade do Vale do Taquari - Univates. I. Teixeira, Maurício Fernando Nunes. II. Rados, Andreas Rucks Varvaki. III. Grave, Magali Teresinha Quevedo. IV. Título.

CDU: 616.314:378(816.5Univates)

Catalogação na publicação (CIP) – Biblioteca Univates
Bibliotecária Andrieli Mara Lanferdini – CRB 10/2279

As opiniões e os conceitos emitidos, bem como a exatidão, adequação e procedência das citações e referências, são de exclusiva responsabilidade dos autores.

ORGANIZADORES E AUTORES

Andreas Rucks Varvaki Rados
Dentista e professor do curso de Odontologia da Universidade do Vale do Taquari - Univates;
Mestrado em Odontologia, Universidade Federal do Rio Grande do Sul - UFRGS;
Especialização em Estomatologia, Universidade Federal do Rio Grande do Sul - UFRGS.

Magali Teresinha Quevedo Grave
Fisioterapeuta e professora dos cursos de Fisioterapia e Odontologia da Universidade do Vale do Taquari - Univates;
Doutorado em Medicina e Ciências da Saúde, Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul - PUCRS;
Mestrado em Desenvolvimento Regional, Universidade de Santa Cruz do Sul - UNISC;
Especialização em Fisiologia do Exercício - Universidade Gama Filho;
Especialização em Desenvolvimento Infantil - Universidade de santa Cruz do Sul -UNISC;
Especialização em Educação e saúde - Universidade do Vale do Taquari - Univates.

Maurício Fernando Nunes Teixeira
Dentista, professor e coordenador do curso de Odontologia da Universidade do Vale do Taquari - Univates;
Doutorado em Odontologia, Universidade Federal do Rio Grande do Sul - UFRGS;
Mestrado em Odontologia, Universidade Federal do Rio Grande do Sul - UFRGS;
Especialização em Saúde Coletiva, Sociedade Regional de Ensino e Saúde - SRES;
Especialização em Docência do Ensino Superior, Centro de Ensino Superior de Homeopatia, IBEHE;
Especialização em Homeopatia, Centro de Ensino Superior de Homeopatia, IBEHE.

AUTORES

Alessandro Menna Alves

Dentista e professor do curso de Odontologia da Universidade do Vale do Taquari - Univates;

Doutorado em Odontologia, Universidade Federal do Rio Grande do Sul - UFRGS;

Mestrado em Odontologia, Universidade Federal de Pelotas - UFPEL.

Aline Blaya Martins Santa Helena

Dentista e professora da Faculdade de Odontologia da Universidade Federal do Rio Grande do Sul - UFRGS;

Doutorado em Odontologia, Universidade Federal do Rio Grande do Sul - UFRGS;

Mestrado em Odontologia, Universidade Federal do Rio Grande do Sul - UFRGS;

Especialização em Programa de Residência Integrada em Saúde Escola de Saúde Pública do Estado do Rio Grande do Sul, ESP-RS.

Aline Macarevich Condessa

Dentista; Doutorado em Odontologia, Universidade Federal do Rio Grande do Sul - UFRGS;

Mestrado em Odontologia, Universidade Federal do Rio Grande do Sul - UFRGS;

Especialização em Odontologia do Trabalho, Faculdade de Odontologia São Leopoldo Mandic, SLMANDIC;

Especialização em Saúde da Família, Fundação Universidade Federal de Ciências da Saúde de Porto Alegre - UFCSPA.

André Jasper

Biólogo e professor do curso de Biologia da Universidade do Vale do Taquari - Univates;

Doutorado em Geociências, Universidade Federal do Rio Grande do Sul - UFRGS;

Mestrado em Geociências, Universidade Federal do Rio Grande do Sul - UFRGS.

Augusto Ely Johann

Estudante do curso de Odontologia da Universidade do Vale do Taquari - Univates.

Bianca Soares Reis

Dentista e professora do curso de Odontologia da Universidade do Vale do Taquari - Univates;

Mestrado em Odontologia, Universidade Luterana do Brasil - ULBRA;

Especialização em Especialização em Prótese Dentária, Instituto Latino Americano de Pesquisa e Ensino Odontológico - ILAPEO.

Camila Troian

Estudante do curso de Odontologia da Universidade do Vale do Taquari - Univates.

Camilla Cristina Capponi

Estudante do curso de Odontologia da Universidade do Vale do Taquari - Univates.

Carla Moretto

Estudante do curso de Odontologia da Universidade do Vale do Taquari - Univates.

Cátia Viviane Gonçalves

Bióloga e professora do curso de Biologia da Universidade do Vale do Taquari - Univates;

Mestrado em Ecologia, Universidade Federal do Rio Grande do Sul - UFRGS;

Especialização em Biologia (Planejamento e Gestão Ambiental), Universidade do Vale do Taquari - Univates.

Carine Cadó Sagrilo

Estudante do curso de Odontologia da Universidade do Vale do Taquari - Univates.

Cesar Augusto Olsen

Presidente e fundador da Empresa Olsen S.A.

Cíntia Agostini

Professora do curso do Centro de Gestão Organizacional da Univates;

Doutorado em Desenvolvimento Regional, Universidade de Santa Cruz do Sul - UNISC;

Mestrado em Ambiente e Desenvolvimento, Universidade do Vale do Taquari - Univates.

Daiani Clesnei da Rosa

Pedagoga; Doutorado Ambiente e Desenvolvimento, Universidade do Vale do Taquari - Univates;

Mestrado em Educação, Universidade do Vale do Rio dos Sinos - Unisinos;

Especialização em Gestão Universitária, Universidade do Vale do Taquari - Univates;

Especialização em Administração e Planejamento para Docentes, Universidade Luterana do Brasil - ULBRA.

Edlise Josefa Leal Gonçalves

Estudante do curso de Odontologia da Universidade do Vale do Taquari - Univates.

Eduarda Renata Ariotti

Estudante do curso de Odontologia da Universidade do Vale do Taquari - Univates.

Fernanda Trevisol

Estudante do curso de Odontologia da Universidade do Vale do Taquari - Univates.

Francine dos Santos Costa

Dentista e professora do curso de Odontologia da Universidade do Vale do Taquari - Univates;

Doutorado em Epidemiologia, Universidade Federal de Pelotas - UFPEL;

Doutorado em Odontologia, Universidade Federal de Pelotas - UFPEL;

Mestrado em Odontologia, Universidade Federal de Pelotas - UFPEL;

Especialização em Residência Multiprofissional em Saúde da Criança, Universidade Federal de Pelotas - UFPEL.

Gisele Dhein

Psicóloga e professora do curso de Psicologia da Universidade do Vale do Taquari - Univates;

Mestrado em Psicologia, Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul - PUCRS.

Iuri Souza de Vargas

Estudante do curso de Odontologia da Universidade do Vale do Taquari - Univates.

João Augusto Peixoto de Oliveira

Dentista e professor do curso de Odontologia da Universidade do Vale do Taquari - Univates;

Doutorado em Odontologia, Universidade Federal do Rio Grande do Sul - UFRGS;

Mestrado em Odontologia, Universidade Federal do Rio Grande do Sul - UFRGS;

Especialização em Saúde da Família, Fundação Universidade Federal de Ciências da Saúde de Porto Alegre - UFCSPA;

Especialização em Periodontia, Universidade Luterana do Brasil - ULBRA.

João Pedro da Silveira

Estudante do curso de Odontologia da Universidade do Vale do Taquari - Univates.

Júlia Cardoso dos Santos

Estudante do curso de Odontologia da Universidade do Vale do Taquari - Univates.

Júlia Haubenthal

Estudante do curso de Odontologia da Universidade do Vale do Taquari - Univates.

Kátia Aline Schuh

Estudante do curso de Odontologia da Universidade do Vale do Taquari - Univates.

Laura Faleiro Kirchheim

Estudante do curso de Psicologia da Universidade do Vale do Taquari - Univates.

Leonardo Vilar Filgueiras

Dentista e professor do curso de Odontologia da Universidade do Vale do Taquari - Univates;

Mestrado em Odontologia, Universidade Federal de Pernambuco - UFPE;

Especialização em Saúde Pública, Universidade de Pernambuco - UPE;

Especialização em Periodontia, Associação Brasileira de Odontologia-Seção Pernambuco - ABO-PE.

Luana Compagnoni

Estudante do curso de Odontologia da Universidade do Vale do Taquari - Univates.

Luciane Maria Pilotto

Dentista e professora da Faculdade de Odontologia da Universidade Federal do Rio Grande do Sul - UFRGS;

Doutorado em Odontologia, Universidade Federal do Rio Grande do Sul - UFRGS;

Mestrado em Odontologia, Universidade Federal do Rio Grande do Sul - UFRGS;

Especialização em Preceptoria no SUS, Hospital Sírio-Libanês, SIRIO-LIBANÊS;

Especialização em Saúde Pública Formação de Sanitarista. SES - Escola de Saúde Pública do Rio Grande do Sul, ESP RS.

Luísa Quevedo Grave

Estudante do curso de Odontologia da Universidade do Vale do Taquari - Univates.

Luiza Dietrich Loch

Estudante do curso de Odontologia da Universidade do Vale do Taquari - Univates.

Luiz Alexandre Chisini

Dentista e professor do curso de Odontologia da Universidade do Vale do Taquari - Univates;

Doutorado em Odontologia, Universidade Federal de Pelotas - UFPEL;

Mestrado em Odontologia, Universidade Federal de Pelotas - UFPEL.

Maiara Conrad Daniel

Dentista; Especialização em Residência Multiprofissional Integrada em Saúde, Hospital Santa Cruz - HSC.

Marcus Cristian Muniz Conde

Dentista e professor do curso de Odontologia da Universidade do Vale do Taquari - Univates;

Doutorado em Odontologia, Universidade Federal de Pelotas - UFPEL;

Mestrado em Odontologia, Universidade Federal de Pelotas - UFPEL.

Maria Eduarda Ferreira de Andrade

Estudante do curso de Odontologia da Universidade do Vale do Taquari - Univates.

Nélio Bairros Dornelles Júnior

Dentista, Mestrado em Odontologia, Universidade Federal do Rio Grande do Sul - UFRGS

Especialização em Especialização em Prótese Dentária, Rede Hodos - Uningá.

Olinda Maria de Fátima Lechmann Saldanha

Psicóloga, Professora do curso de Psicologia da Universidade de Santa Cruz do Sul - UNISC;

Doutorado em Educação, Universidade Federal do Rio Grande do Sul - UFRGS;

Mestrado em Psicologia Social e Institucional, Universidade Federal do Rio Grande do Sul - UFRGS;

Especialização em Preceptoria no SUS, Instituto Sírio-Libanês de Ensino e Pesquisa - IEP/HSL;

Especialização em Ativação de Mudanças na Formação Superior de Saúde, Fundação Oswaldo Cruz - FIOCRUZ;

Especialização em Metodologia do Ensino e da Pesquisa, Universidade de Caxias do Sul - UCS;

Especialização em Saúde Mental Coletiva, Universidade Federal de Santa Maria - UFSM.

Paôla dos Santos

Estudante do curso de Odontologia da Universidade do Vale do Taquari - Univates.

Paula Suséli Silva de Bearzi

Dentista; Mestrado em Saúde Coletiva, Universidade Federal do Rio Grande do Sul - UFRGS;

Especialização em Preceptoria no SUS, Hospital Sírio-Libanês, SIRIO-LIBANÊS;

Especialização em Saúde Coletiva, Instituto Brasileiro de Pós-Graduação e Extensão - IBPEX.

Rafael Cole

Estudante do curso de Odontologia da Universidade do Vale do Taquari - Univates.

Rômulo Cantarelli

Dentista e professor do curso de Odontologia da Universidade do Vale do Taquari - Univates;

Mestrado em Odontologia, Universidade Federal do Rio Grande do Sul - UFRGS;

Especialização em Implantodontia, Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul - PUCRS.

Renan Roberto da Costa

Dentista e professor do curso de Odontologia da Universidade do Vale do Taquari - Univates;

Mestrado em Odontologia, Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul - PUCRS.

Especialização - Residência médica, Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho - UNESP.

Sandro Frölich

Advogado, filósofo e professor da área de Humanidades da Universidade do Vale do Taquari - Univates;

Doutorado em Filosofia, Universidade do Vale do Rio dos Sinos - Unisinos;

Mestrado em Ciências Criminais, Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul - PUCRS;

Mestrado em Filosofia, Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul - PUCRS.

Seminvo Glória Mirabelle Denami

Estudante do curso de Odontologia da Universidade do Vale do Taquari - Univates.

Thaise Gomes e Nóbrega

Dentista e professora do curso de Odontologia da Universidade do Vale do Taquari - Univates;

Doutorado em Odontologia, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, UFRGS

Mestrado em Odontologia, Universidade Potiguar, UnP;

Especialização em Especialização em Prótese Dentária, Instituto de Ensino Superior Blauro Cardoso de Mattos, FASERRA;

Especialização em Endodontia, Escola Superior de Ciências da Saúde - ESCS.

Victório Poletto Neto

Dentista e professor do curso de Odontologia da Universidade do Vale do Taquari - Univates;

Mestrado em Odontologia, Universidade Federal de Pelotas - UFPEL.

PALAVRA DO REITOR

Ney José Lazzari

A Universidade do Vale do Taquari - Univates busca a prática de sua missão, sua visão e de seus princípios diariamente. Professores, estudantes e colaboradores, dentro e fora da Universidade, fazem parte de um ecossistema que gera, medeia e difunde o conhecimento técnico-científico e humanístico. Estamos inseridos em um ambiente plural e comunitário.

Todas as ações institucionais são planejadas e executadas com o objetivo de causar impacto social, cultural, econômico e tecnológico na nossa comunidade, pois sabemos que a inovação e o conhecimento não geram benefícios apenas para quem está dentro da Universidade, mas também fazem a diferença para o desenvolvimento de toda a sociedade.

Ao longo de mais de 50 anos de história, a Univates já graduou mais de 13 mil profissionais, além dos estudantes de pós-graduação e de cursos técnicos, nas mais diferentes áreas do conhecimento. São pessoas que acreditam nas mudanças e nas conquistas que o conhecimento proporciona e que buscam a realização de seus sonhos. A Instituição também faz parte da vida de tantas outras pessoas que, de forma direta ou indireta, utilizam seus serviços.

Atualmente, a Univates oferece 48 cursos de graduação presenciais e 18 na modalidade a distância. O curso de Odontologia é um dos nossos cursos presenciais mais recentes, e temos muito orgulho de poder oferecê-lo.

O curso integra todos os conteúdos e metodologias fundamentais para a formação de profissionais comprometidos e capacitados para atuar em diversos níveis de atenção à saúde, com autonomia e responsabilidade social. Mais do que isso, possibilita aos estudantes o acesso à tecnologia, a modernas estruturas e práticas em variados ambientes como grandes diferenciais para que estejam aptos para um mercado de trabalho cada vez mais exigente, independentemente das especialidades que decidirem exercer.

Nossos estudantes têm um papel importantíssimo na Clínica de Odontologia Ampliada, onde são oferecidos atendimentos à população de

todo o Vale do Taquari. Lá eles têm contato com pacientes e permanecem sob a supervisão de professores altamente qualificados.

Um dos nossos principais objetivos é justamente oportunizar a vivência da profissão antes mesmo da formatura. Sabemos que essa experiência de aprendizagem é fundamental no desenvolvimento profissional e pessoal dos estudantes, desenvolvendo habilidades e ajudando a construir as competências necessárias para que eles façam a diferença nos lugares em que irão atuar após concluírem a graduação.

Temos orgulho dos profissionais formados pela Univates e da importância que eles têm para a saúde e o bem-estar da comunidade.

Neste livro reunimos relatos muito especiais, com percepções muito íntimas sobre o aprendizado e a relação dos estudantes com a nossa Universidade e com as mudanças pessoais que a formação provocou. Esperamos que este material contribua para a formação e aperfeiçoamento de todo o corpo discente e docente e inspire profissionais que possam se beneficiar desta leitura.

DEDICATÓRIA

"Ninguém educa ninguém,
ninguém educa a si mesmo,
os homens educam-se uns aos outros
mediatizados pelo mundo."
Paulo Freire

Dedicamos este livro a todos os atores, que de alguma forma, contribuíram e contribuem para o fortalecimento da Educação na área da saúde. Em especial, ao coletivo de professores, estudantes e familiares por acreditarem na proposta inovadora do Curso de Odontologia da Universidade do Vale do Taquari – Univates.

Aos formandos da primeira turma de cirurgiões-dentistas da Univates, nossa eterna gratidão. Vocês, juntamente com os outros estudantes do curso, tornaram isso tudo possível. Que os seus caminhos sejam permeados de afetos e vocês possam encontrar o sucesso que desejam!

Com carinho,

Maurício Fernando Nunes Teixeira
Andreas Rucks Varvaki Rados
Magali Quevedo Grave
Organizadores

PREFÁCIO

Ao longo da leitura desta obra fui descobrindo, página a página, o quão tocante é a presente coletânea de relatos de experiências, que nos oportuniza conhecer as percepções e emoções dos atores que fizeram a história do curso de Odontologia da Univates, desde o início de sua concepção até a véspera da formatura da primeira turma. Foi um privilégio prefaciá-la, alegria e responsabilidade amplificadas pelo carinho e admiração que tenho por muitas das pessoas envolvidas.

A viagem, cujos "diários de bordo" foram organizados pelos professores Maurício Fernando Nunes Teixeira e Andreas Rucks Varvaki Rados, incluiu tudo o que tem sido pautado nas Diretrizes Curriculares Nacionais (DCN) dos cursos de Odontologia e nas discussões da Associação Brasileira de Ensino Odontológico. Uma belíssima evidência de que as DCN não podem ficar na gaveta – ou lá em uma pasta perdida no arquivo morto do computador, mas que é fundamental revê-las diariamente no exercício da gestão do ensino e da prática docente.

É com a mesma espontaneidade e generosidade que dedicam ao curso que docentes e discentes autores compartilham sua jornada em particular, remetendo sempre ao propósito coletivo da criação, materialização e êxito de um Curso com características essencialmente inovadoras em uma área ainda tão tradicional, a Odontologia. O protagonismo dos estudantes nesta obra é, sem dúvidas, um potente indicador de sucesso.

Temas muito relevantes são abordados, dentre os quais destaco a integração ensino-serviço pautada pelo Sistema Único de Saúde, a extensão, a integração com a indústria e a internacionalização, aspectos particularmente desafiadores para os cursos sediados fora de capitais. Durante visita à instituição, em julho de 2019, tive a oportunidade de conhecer suas belíssimas instalações, de sentir a grande energia positiva e envolvimento dos docentes e discentes, assim como de testemunhar o comprometimento do Reitor Ney Lazzari com o desenvolvimento do Vale do Taquari, região que abriga a Univates.

Muito se fala e se escreve sobre ensino modular integrado, habilidades e competências, metodologias ativas e avaliação no ensino superior, às vezes até de forma banal. Os relatos aqui contidos expressam a necessária fundamentação para transpor as concepções teóricas ao exercício prático

diário, de forma a atingir resultados positivos. É, portanto, uma obra cuja leitura tem o potencial de trazer flexibilidade e inspiração aos mais céticos, que ainda não se permitem acreditar que mudar é possível.

No cenário recente do ensino odontológico brasileiro – com 544 cursos autorizados –, agravado pelas crises de toda a natureza que vieram na carona da pandemia da COVID-19, é preciso ainda mais coragem para investir, se aperfeiçoar e reinventar diariamente. Com certeza, o curso de Odontologia da Univates tem todas a características para fazer a diferença.

Boa leitura e reflexões!

Vania Regina Camargo Fontanella

Professora Titular da Faculdade de Odontologia da UFRGS

Presidente da Associação Brasileira de Ensino Odontológico

APRESENTAÇÃO

Historicamente, o ensino superior em Odontologia esteve alinhado com interesses de mercado, o que modulou, tanto os currículos dos cursos, como a definição do perfil dos docentes, consolidando um modelo baseado na transmissão de conteúdos e práticas. Nos últimos anos, o que temos presenciado, sobretudo no Brasil, é a inclusão de novas perspectivas tecnoassistenciais. Com as mudanças no mercado e a adoção de metodologias ativas de ensino e de aprendizagem, as habilidades e competências, agora, estão centradas no desenvolvimento da autonomia e da criticidade através de práticas de cuidado.

O curso de Odontologia da Univates nasce nesse contexto e desde sua concepção, em 2012, tem se esforçado para oferecer uma proposta diferenciada e inovadora internamente e entre os cursos de graduação em Odontologia no Brasil. Foram anos de um trabalho árduo e incansável que tem mobilizado uma quantidade considerável de corações e mentes.

A formatura da primeira turma, em 2020, inicia uma fase onde é possível olhar para trás e ter o que contar. A partir disso, resolvemos reunir alguns escritos feitos por pessoas que, durante esse tempo, entraram em contato com o Curso e os organizamos na publicação que apresentamos.

Neste livro, procuramos relembrar o percurso de uma ideia iniciada a partir do planejamento da Univates há quase dez anos e que se estende até os dias atuais, com o cotidiano do Curso. Foram produzidos diversos textos autorais, pelos atores que compõem e compuseram o processo durante esse tempo.

A apresentação desta publicação está dividida em cinco grandes partes:

A Parte I, que chamamos de *"Olhares sobre a Experiência"*, conta a história da concepção do Curso, desde sua ideia inicial até o início das aulas com a primeira turma. É um texto único e autoral baseado nas memórias do Coordenador do Curso e nos documentos de registro que a universidade mantém arquivados.

A Parte II, denominada *"Inovações em Curso"*, se propõe a descrever algumas das ideias que acreditamos serem nossas fortalezas frente ao

contexto da educação em Odontologia no Brasil e, algumas delas representam e destacam o caráter inovador, ousado e diferenciado do Curso.

A Parte III, *"Dispositivos para o Fazer"* é composta por descrições e análises de atividades, técnicas, estratégias e metodologias de ensino e de aprendizagem utilizadas por professores e estudantes no Curso. Foram escolhidas, executadas e registradas pelo corpo docente para desenvolver as habilidades previstas no Projeto Pedagógico, discutindo os processos e os resultados alcançados.

A Parte IV chamamos de *"Dialogando com os Resultados"*, nela, apresentamos textos autorais elaborados por diversos atores do Curso, uns que nos acompanham desde o início, alguns que já não mais estão conosco e outros que foram se agregando pelo caminho. O resultado são textos livres e intimistas que retratam como o Curso atravessou suas vidas.

Por fim, na Parte V, *"Visões sobre o Futuro"*, apresentamos uma breve interpretação do momento em que o livro foi concebido e discorremos sobre pensamentos de como os diversos atores que tiveram contato com o Curso poderão influenciar ou ser influenciados pelas mudanças que serão necessárias nos próximos tempos.

A ideia inicial era produzir textos como registros significativos de um processo que tem envolvido e afetado, de forma interessante e intensa, as pessoas que têm tido contato conosco e com as propostas do Curso. Não temos, com isso, a pretensão de contar uma história de forma tradicional ou produzir textos científicos. Portanto, poderão ser apresentados diferentes pontos de vista sobre determinadas situações vivenciadas. Algumas fotografias inseridas entre as partes do livro retratam cenários, pessoas e situações vivenciadas nesse tempo.

Esperamos fazer alguma diferença na vida do leitor deste livro, sobretudo, esperamos que seu estudo desperte algo que possa lhe inspirar a ter uma vida melhor e mais feliz. Tudo isso porque, quando conversamos com professores, estudantes, profissionais e usuários, a impressão que temos é esta: eles parecem mais felizes depois de terem tido, em algum tempo de suas vidas, contato com o Curso de Odontologia da Univates.

Boa leitura!

SUMÁRIO

Parte I - Olhares sobre a experiência

OLHARES SOBRE A EXPERIÊNCIA 28

Parte II - Inovações em Curso

INFLUÊNCIA DA ABENO NO CURSO DE ODONTOLOGIA DA UNIVATES 46
Maurício Fernando Nunes Teixeira

REUNIÃO DE PROFESSORES COMO DISPOSITIVO DE MATERIALIZAÇÃO DO CURRÍCULO MODULAR INTEGRADO 54
Andreas Rucks Varvaki Rados
Magali Teresinha Quevedo Grave
Maurício Fernando Nunes Teixeira

PRIMEIRA SEMANA DOS ESTUDANTES NO CURSO 61
Alessandro Menna Alves
Maurício Fernando Nunes Teixeira

A CLÍNICA UNIVERSITÁRIA REGIONAL DE EDUCAÇÃO E SAÚDE E A ODONTOLOGIA: A FORMAÇÃO E AS POTENCIALIDADES DO TRABALHO INTERPROFISSIONAL 64
Andreas Rucks Varvaki Rados
Olinda Lechmann Saldanha

APRENDIZAGEM SIGNIFICATIVA MEDIANTE PARTICIPAÇÃO EM REUNIÕES DO CONSELHO MUNICIPAL DE SAÚDE: ENSINO EM ODONTOLOGIA 68
Luísa Quevedo Grave
Magali Quevedo Grave
Maurício Fernando Nunes Teixeira

A EXPERIÊNCIA DA CLÍNICA DE ODONTOLOGIA AMPLIADA 72
Andreas Rucks Varvaki Rados
Maurício Fernando Nunes Teixeira

A REUNIÃO DE EQUIPE COMO PRÁTICA INTEGRATIVA NA CONSTRUÇÃO DA CLÍNICA AMPLIADA 77
Victório Poletto Neto
Rômulo Cantarelli
Andreas Rucks Varvaki Rados

A PSICOLOGIA EM INTERFACE COM A ODONTOLOGIA: O QUE É POSSÍVEL NESSE ENCONTRO? 81
Gisele Dhein

PRÁTICAS INTEGRATIVAS E COMPLEMENTARES COMO DISPOSITIVO PARA INTEGRALIDADE EM UM CURRÍCULO MODULAR DE ODONTOLOGIA 85
Maurício Fernando Nunes Teixeira

ESTÁGIOS DO CURSO DE GRADUAÇÃO EM ODONTOLOGIA DA UNIVATES: PROPOSTA E DESAFIOS 89
Thaíse Gomes e Nóbrega
Maurício Fernando Nunes Teixeira

COMPETÊNCIA DA GESTÃO EM SAÚDE NO CURSO DE ODONTOLOGIA DA UNIVATES 97
Rômulo Cantarelli
Cintia Agostini
Andreas Rucks Varvaki Rados

AVALIAÇÃO TRIDIMENSIONAL NO CURSO DE ODONTOLOGIA DA UNIVATES 103
Maurício Fernando Nunes Teixeira

A EXTENSÃO UNIVERSITÁRIA NO CURSO DE ODONTOLOGIA 112
Luana Compagnoni
Laura Faleiro Kirchheim
Marcus Cristian Muniz Conde
Magali Teresinha Quevedo Grave
Andreas Rucks Varvaki Rados

AS POSSIBILIDADES ENTRE A INDÚSTRIA E A UNIVERSIDADE 117
Andreas Rucks Varvaki Rados
César Augusto Olsen

A INTERNACIONALIZAÇÃO NO CURSO DE ODONTOLOGIA 121
Augusto Ely Johann
Camila Troian
Edlise Leal Gonçalves
João Pedro da Silveira
Seminvo Gloria Mirabelle Denami
Andreas Rucks Varvaki Rados

O TRABALHO EM EQUIPE COMO ESTRATÉGIA PEDAGÓGICA PARA OS NÍVEIS SUPERIOR E TÉCNICO 131
Andreas Rucks Varvaki Rados
Maurício Fernando Nunes Teixeira

Parte III - Dispositivos para o Fazer

CONSTRUÇÃO DA LINHA DO TEMPO DA ODONTOLOGIA 139
Maurício Fernando Nunes Teixeira

DESPERTAR SENTIDOS 142
Sandro Fröhlich

CONHECIMENTO DA ANATOMIA DA FACE E DA CABEÇA A PARTIR DE METODOLOGIAS ATIVAS DE ENSINO E DE APRENDIZAGEM 145
Magali Teresinha Quevedo Grave

ESTUDO DIRIGIDO - POTENTE FERRAMENTA PARA DESENVOLVER AUTONOMIA E INTRODUZIR ASSUNTOS NOVOS 148
Alessandro Menna Alves
Maurício Fernando Nunes Teixeira
Marcus Cristian Muniz Conde

VIVÊNCIA AMBIENTAL E A COMPREENSÃO DO TERRITÓRIO NO ÂMBITO DO CURSO DE ODONTOLOGIA DA UNIVATES 151
André Jasper
Cátia Viviane Gonçalves

USO DO PORTFÓLIO REFLEXIVO NA CLÍNICA UNIVERSITÁRIA REGIONAL DE EDUCAÇÃO EM SAÚDE 154
Paula Suséli Silva de Bearzi

ODONTOLOGIA DA UNIVATES E ARTE: DESENVOLVENDO HABILIDADES EM UMA OFICINA DE CERÂMICA 158

Alessandro Menna Alves
Luiz Alexandre Chisini
Maurício Fernando Nunes Teixeira

***PEER INSTRUCTION*: A APRENDIZAGEM COLABORATIVA PELA INSTRUÇÃO POR PARES 164**

Luiz Alexandre Chisini
Maurício Fernando Nunes Teixeira

SIMULAÇÃO E DRAMATIZAÇÃO DE PROCEDIMENTOS DE INSTRUÇÃO DE HIGIENE BUCAL 170

João Augusto Peixoto de Oliveira

FOMENTANDO A COMUNICAÇÃO E A LIDERANÇA POR MEIO DA METODOLOGIA GRUPO DE VERBALIZAÇÃO - GRUPO DE OBSERVAÇÃO 174

Luiz Alexandre Chisini
Bianca Soares Reis
Renan Roberto da Costa
Maurício Fernando Nunes Teixeira

***CHALLENGE BASED LEARNING* (CBL) COMO METODOLOGIA DE APRENDIZAGEM ATIVA NO CURSO DE ODONTOLOGIA DA UNIVATES 179**

Maurício Fernando Nunes Teixeira
Luiz Alexandre Chisini

USO DO PBL - *PROBLEM BASED LEARNING* - NO CURSO DE ODONTOLOGIA NA UNIVATES 183

Alessandro Menna Alves
Maurício Fernando Nunes Teixeira
Marcus Cristian Muniz Conde

***FLIPPED CLASSROOM*: A INVERSÃO DA SALA DE AULA 186**

Luiz Alexandre Chisini
Victório Poletto Neto
Marcus Cristian Muniz Conde
Francine dos Santos Costa

ENSINO E APRENDIZAGEM NO CONTEXTO DA ODONTOPEDIATRIA .. 196

Francine dos Santos Costa
Luiz Alexandre Chisini

Parte IV - Dialogando com os resultados

UMA PEDAGOGA NO CURSO DE ODONTOLOGIA: INCERTEZAS, DESCONSTRUÇÕES E DESAFIOS 205
Daiani Clesnei da Rosa

SEMEADORES DE SONHOS 209
Aline Blaya Martins Santa Helena

OS APRENDIZADOS E OS DESAFIOS NO ENCONTRO ENTRE PSICOLOGIA E ODONTOLOGIA: ALGUNS RECORTES 218
Olinda Lechmann Saldanha

RELEMBRAR É APRENDER 223
Luciane Maria Pilotto

"VOCÊ NÃO SERÁ A MELHOR PROFESSORA NA SUA PRIMEIRA TURMA" 227
Aline Macarevich Condessa

DE ALUNO A PROFESSOR NO CURRÍCULO MODULAR 230
Renan Roberto da Costa

A FORMAÇÃO, A INTEGRAÇÃO E O OLHAR DO NOVO ESTUDANTE DE ODONTOLOGIA 234
Leonardo Vilar Filgueiras

EVOLUÇÃO PESSOAL E VIVÊNCIAS: PERSPECTIVA DE UMA ESTUDANTE DE ODONTOLOGIA NO PROCESSO DE FORMAÇÃO 236
Luiza Dietrich Loch

(RE) VIVENDO EXPERIÊNCIAS: A ODONTOLOGIA NA MINHA VIDA 239
Rafael Cole

MÉTODOS ATIVOS DE ENSINO E DE APRENDIZAGEM: O PROTAGONISMO DO ESTUDANTE DE ODONTOLOGIA DA UNIVATES 243
Carine Cadó Sagrilo

RELATO DE EXPERIÊNCIA SOBRE AS METODOLOGIAS ATIVAS NO CURSO DE ODONTOLOGIA DA UNIVATES. 245
Julia Haubenthal

O DESPERTAR PARA A ODONTOLOGIA 247
Paôla dos Santos

O QUE O CURSO DE ODONTOLOGIA PRODUZIU EM MIM? 249
Camilla Cristina Capponi

DESAFIOS E POTENCIALIDADES NA FORMAÇÃO DE UM NOVO CIRURGIÃO DENTISTA 252
Carla Moretto

EXPERIÊNCIAS QUE TRANSFORMAM: O CURSO DE ODONTOLOGIA DA UNIVATES 254
Eduarda Renata Ariotti

A ODONTOLOGIA NA MINHA VIDA 257
Fernanda Trevisol

A REALIZAÇÃO DE UM SONHO: DO AVÔ PARA O NETO E A ODONTOLOGIA EM MINHA VIDA 258
Iuri Souza de Vargas

TENHAM CORAGEM 260
Júlia Cardoso

HUMANIZAÇÃO, REFLEXÃO E AUTENTICIDADE: PRESSUPOSTOS DA FORMAÇÃO EM ODONTOLOGIA DA UNIVATES 262
Kátia Schuh

SOBRE TRANSFORMAÇÕES: MINHA PASSAGEM NO CURSO DE ODONTOLOGIA UNIVATES 265
Maria Eduarda Ferreira de Andrade

EXPERIÊNCIA DOS CIRURGIÕES-DENTISTAS NA CLÍNICA DE ODONTOLOGIA AMPLIADA 268
Nélio Bairros Dornelles Júnior
Maiara Conrad Daniel

Parte V - Visões sobre o futuro

VISÕES SOBRE O FUTURO 275

Parte I - Olhares sobre a experiência

"O conhecimento emerge apenas através da invenção e da reinvenção, através da inquietante, impaciente, contínua e esperançosa investigação que os seres humanos buscam no mundo, com o mundo e uns com os outros."

Paulo Freire

A construção do Curso de Odontologia na Univates teve sua gênese em conversas e reuniões, muito anteriores ao primeiro dia de aula. Este texto revisita e descreve o processo de construção do Curso, desde a conversa ocorrida entre o professor Maurício Teixeira, logo depois coordenador, e a professora Magali Grave, então Diretora do Centro de Ciências Biológicas e da Saúde (CCBS), para falarem sobre a intenção da Univates de oferecer o Curso. Através da consulta aos registros iniciais do planejamento da Instituição, atas de reuniões prévias entre Coordenação do Curso, Direção de Centro, Pró-reitoria de Ensino, Núcleo de Apoio Pedagógico (NAP) e Núcleo Docente Estruturante (NDE) descrevemos os acontecimentos, entremeados com as lembranças, constatações e anotações feitas pelo Coordenador do Curso. Ao seguir, em ordem cronológica, as atas vão descrevendo os acontecimentos e as ideias discutidas pelos professores que fizeram parte da concepção do Curso até o início das aulas da primeira turma, no dia 28/07/2015.

Esta primeira parte tem o objetivo de contar a história do início do Curso e realçar as ideias que serão apresentadas no decorrer do livro como resultados e consequências desse período. Currículo Modular Integrado, Metodologias Ativas de Ensino e de Aprendizagem, Presença dos Estudantes na Rede de Saúde desde o Primeiro Módulo, Curso Diferenciado e Inovador e Perfil do Egresso Humanista e Crítico, foram as bases epistemológicas discutidas nesse tempo e que influenciaram os acontecimentos posteriores, construindo a base do processo que forma a primeira turma de cirurgiões dentistas da Univates, no primeiro semestre de 2020.

"Um passo à frente e você não está no mesmo lugar"

Chico Science

OLHARES SOBRE A EXPERIÊNCIA

O ensino odontológico brasileiro segue o mesmo desenvolvimento dos demais países da América Latina, com considerável influência norte-americana e pode ser caracterizado por três fases: 1) a fase artesanal ou empírica, quando práticos e barbeiros ainda eram corresponsáveis pelo cuidado em saúde bucal; 2) a fase acadêmica, onde se inicia o reconhecimento da necessidade do embasamento das ciências biológicas e a fase atual, também dita 3) humanística, quando surgem preocupações com a introdução da área de humanidades no currículo dos cursos da área da saúde.

O Curso de Odontologia da Univates nasce nesse contexto, no qual a Instituição estava discutindo a necessidade da reorganização dos currículos para um viés mais humanista, fato evidenciado pela proposição de capacitação de professores e profissionais da área da saúde em abordagens mais integradoras, como veremos adiante.

Para a construção dessa parte do livro, consultamos atas e documentos que registram o planejamento e as primeiras reuniões do Núcleo Docente Estruturante (NDE) do Curso. A faixa cronológica desse texto se inicia no ano de 2012, com o Relatório Preliminar de Custos de um Curso de Graduação em Odontologia, indo até o ano de 2015, onde as reuniões de professores avançaram para o que hoje chamamos, Reuniões de Módulo. Selecionamos, nesses documentos, as descrições que julgamos mais relevantes sobre fatos importantes, iremos intercalando interpretações sobre esses acontecimentos durante o texto e, ao final, apresentamos as ideias iniciais do Curso, desenvolvidas no primeiro Projeto Pedagógico do Curso (PPC).

Nossa história começa no primeiro semestre de 2012, quando a professora Magali Quevedo Grave, então diretora do Centro de Ciências Biológicas e da Saúde (CCBS), me chamou para uma conversa, na praça de alimentação do prédio 9 da Univates, para expor a possibilidade da implementação de um curso de graduação em Odontologia no Vale do Taquari. Eu, à época, era um dos professores do Curso Técnico em Auxiliar de Saúde Bucal da Univates e estava em vias de concluir o mestrado em Saúde Bucal Coletiva na Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS), talvez o motivo principal de ter sido chamado para essa tarefa.

O Centro Universitário, em seu planejamento estratégico, tinha informações de que o curso de Odontologia era o segundo mais citado nas enquetes com estudantes de Ensino Médio, atrás apenas do curso de Medicina. Começamos construindo um relatório para ser apresentado na

reunião do Planejamento Estratégico, a fim de subsidiar a tomada de decisão quanto à implementação, ou não, do Curso de graduação em Odontologia, no então, Centro Universitário Univates.

Esse documento apresentava o contexto do ensino em Odontologia no Rio Grande do Sul e referenciava fortemente as Diretrizes Curriculares para os Cursos de Odontologia (DCNs). Fez-se um estudo prévio e empírico de custos, usando-se como base a matriz curricular do Curso de Odontologia da UFRGS, referida no texto do relatório, como integrada. As disciplinas foram divididas em blocos que correspondiam aos semestres, onde foram indicados os recursos humanos, materiais e os equipamentos necessários para a implementação do Curso.

A conclusão do relatório e apresentação, no dia 08/04/2012, mostrava uma necessidade de 27 professores cirurgiões-dentistas, dois técnicos e dois auxiliares em saúde bucal, um técnico em radiologia e um técnico em manutenção de equipamentos. Também já apontava a possibilidade de uma menor quantidade de recursos humanos, caso a matriz curricular proposta fosse integrada. No referido orçamento, o custo mais alto da bibliografia comparada com a de outros cursos da instituição, foi justificado pelo tipo de materiais bibliográficos utilizados em Odontologia, ricos em fotos de alta qualidade. A proposta trazia ainda, a necessidade de um aprofundamento no estudo da viabilidade financeira do projeto, assim como informações mais concretas. Como os dados careciam de maiores detalhamentos, tais como a definição do número de vagas, por exemplo, tínhamos limitações para projetar um valor orçamentário mais aproximado, informação essa, muito importante para a tomada de decisão naquele momento.

Ao final da apresentação do projeto, o professor Ney Lazzari, reitor da Univates me perguntou se eu investiria aquele valor estimado em seis milhões de reais em um curso de Odontologia. Minha resposta foi de que, se este Curso tivesse um diferencial, sim, investiria. O Reitor, então, complementou: "a ideia de um Curso diferenciado em Odontologia será a proposta da instituição". Essa reunião vem sendo referenciada muitas vezes nesses anos de construção do Curso, a fim de enaltecer os acertos e, também, para sinalizar quando o que estava sendo feito, não condizia com a proposta do Curso.

A partir do relatório, tive a designação de quatro horas semanais para estudo do PPC do Curso de Medicina da Univates e elaborar a proposição de um documento nos mesmos moldes. Tive, também, oportunidade de realizar viagens para participar dos congressos da Associação Brasileira de Ensino Odontológico – Abeno, em 2012 e em anos subsequentes (exceção de 2015), além de conhecer outras instituições e seus cursos de Odontologia.

Visitei a Universidade de Fortaleza-CE (Unifor), para conhecimento de seu PPC diferenciado, a Universidade Estadual de Maringá-PR (UEM), devido ao uso de Metodologias Ativas de Ensino e de Aprendizagem e a

proposta de uso da Clínica Ampliada como eixo fundante do Curso. Na sequência, conheci a Unicesumar e a experiência da Unidade Básica de Saúde (UBS) instalada nas dependências do prédio do curso de Odontologia e a Universidade de Joinville-SC (Univille) para conhecer sua estrutura física. Nessa mesma viagem estive na empresa Kavo, que, na época, montava equipamentos odontológicos.

As primeiras reuniões de planejamento e de outras ações decorrentes desse planejamento, contavam sempre com a presença da Diretora do CCBS, professora Magali Teresinha Quevedo Grave, da Pró-reitora de Ensino, professora Luciana Carvalho Fernandes, além da minha, e tinham, como objetivo principal, definir as bases teóricas nas quais o Curso seria construído.

O principal referencial teórico foi o das Diretrizes Curriculares para o Ensino em Odontologia e esse fato, por si só, já seria disruptivo, pois nenhum dos integrantes do grupo havia tido contato com essas propostas durante seu período de formação.

A instituição me deu liberdade para que fossem convidados alguns colegas para constituírem o NDE do Curso e, no dia 19/06/2013, foram nomeadas as professoras Luciane Maria Pilotto e Aline Blaya Martins, cirurgiãs-dentistas, para auxiliarem na elaboração do PPC e compor o primeiro NDE, que ficou completo com o professor Luis Cesar de Castro, farmacêutico e docente na Univates. No final do ano, o professor Otávio Pereira D'Ávila, também cirurgião-dentista, doutorando da área da Saúde Bucal Coletiva e meu colega, que vinha acompanhando o processo informalmente, substituiria a professora Aline, aprovada em concurso da UFRGS.

Outra questão muito importante nesse início de Curso foi o apoio e supervisão do Núcleo de Apoio Pedagógico, sobretudo na pessoa da professora Daiani Clesnei da Rosa como coordenadora do espaço. Sempre tivemos um diálogo aberto e as considerações da professora influenciaram bastante nas decisões tomadas pelo NDE e na formação pedagógica dos jovens professores que vieram a compor o corpo docente.

A primeira reunião de NDE ocorreu no dia 21/06/2013, com as respectivas apresentações de seus componentes e também contava com a presença do professor João Batista Pozzato, consultor da Univates para o curso de Medicina. A ideia principal era propor um Curso diferenciado para formar profissionais diferenciados. Na ocasião, o assunto mais discutido foram as Diretrizes Curriculares Nacionais para os Cursos de Odontologia (DCN) e a resistência que alguns professores ainda tinham em aceitar as mudanças, problema enfrentado por diversos cursos das mais variadas universidades.

O primeiro ensaio do que, na época chamávamos de "grade curricular", foi feito a partir da Matriz Curricular do Curso de Medicina e era constituída

por aproximadamente quatro mil setecentas e dez horas. Desde o início do processo, apontou-se a necessidade de haver professores generalistas para a formação de profissionais generalistas, priorizando-se o perfil do docente à sua titulação, na hora da contratação. Dentre os estudos para a elaboração do PPC do Curso, deveria haver uma previsão do mercado de trabalho para a primeira turma egressa. Comentou-se que o Rio Grande do Sul é um dos estados com menor número de equipes de saúde bucal dentro das Estratégias de Saúde da Família, porém existia uma tendência de aumento.

Uma proposta apontada como inovadora foi a de integrar o Curso de Odontologia com o Curso Técnico em Auxiliar de Saúde Bucal da Univates, onde os estudantes dos dois cursos pudessem participar de atividades comuns para o desenvolvimento de competências socioemocionais ligadas ao trabalho em equipe, liderança e educação permanente. O grupo desconhecia qualquer outra proposta semelhante em outras instituições no Brasil. Essa ação se concretizou mais adiante e estamos avançando na integração entre os dois cursos.

Em 2013, na primeira reunião de apresentação das aproximações iniciais que os cirurgiões-dentistas tiveram com a proposta, mostrou-se a "grade curricular", para as professoras Luciana, Magali e Daiani, afirmando que já tínhamos definido o funcionamento do Curso. A Professora e Pedagoga Daiani pensou um pouco e nos fez uma provocação: deveríamos deixar de lado o que chamávamos de "grade" para refletirmos sobre o perfil do egresso formado pela Univates para o Vale do Taquari e, a partir disso, pensar nas competências que ele deveria ter, nas habilidades que deveria desenvolver durante as vivências para construir essas competências e, somente após isso, construir a Matriz Curricular do Curso, nome correto a ser utilizado a partir daquele momento.

Esse disparador sobre a discussão do perfil do egresso, previsto nas DCNs, reafirmou a intenção dos professores em organizarem o Curso de forma modular, a urgência do uso das metodologias ativas e a necessidade de trabalhar a teoria e a prática de forma integrada, colocando os estudantes em contato com a profissão e com os usuários que dela necessitam, desde o início do Curso.

O formato modular e integrado sempre foi entendido como um desafio, principalmente pelos relatos de colegas das mais diversas áreas. A professora Daiani apontou que, além do ensino teórico e prático, deveríamos pensar em desenvolver, junto ao estudante, aspectos atitudinais relacionados com a sua postura, como ele aprende, pensa e entende o mundo, essa viria a ser uma postura importante no decorrer das atividades.

Além desse desafio, as professoras Daiani e Magali observaram que os cirurgiões dentistas contratados como professores teriam que se adaptar à proposta do Curso, desenvolvendo as habilidades docentes para ensinar.

As discussões sobre a dimensão atitudinal na avaliação e a educação permanente para os professores, marcaram o início dos debates e continuam atravessando diversas reuniões do Curso durante esses mais de sete anos.

Já nos primeiros encontros, existia a preocupação com o texto do PPC e pontuei a necessidade de sistematização e registro dos debates realizados pelo NDE. A discussão sobre o projeto pedagógico já começava a ter como traço marcante o trabalho coletivo e integrado, evidente no decorrer do Curso. Uma das primeiras tarefas do grupo foi descrever um conjunto de capacidades a serem desenvolvidas, compreendendo as dimensões cognitiva, psicomotora e afetiva. A influência desses objetivos vai se mostrar decisiva para o formato da avaliação por competências, com a qual o Curso iria replicar e se desafiar.

Para o texto do PPC, a professora Daiani ressaltou que o documento deveria contemplar as habilidades e as competências a serem desenvolvidas durante a formação do estudante, discutidas pelo grupo de professores. A partir dessa definição, respaldada pelas DCNs, poder-se-ia dar início à escrita do PPC de Odontologia com os objetivos, conteúdos, metodologias e formas de avaliação. A professora frisou ainda, a importância de que o documento fosse um guia para o que deveria acontecer em sala de aula e, da mesma forma, o que acontecesse em sala de aula deveria estar registrado no documento. Vale ressaltar que nesse início de planejamento já se pensava na avaliação tridimensional, procurando desenvolver o perfil cognitivo, procedimental e atitudinal dos graduandos utilizando os conteúdos como veículo para isso.

Outro aspecto muito presente na elaboração do PPC foi a relação com os princípios e a missão da Univates, instituição comunitária, e de seu compromisso com o contexto regional. Os professores contratados se encantavam com o espírito acolhedor, mas exigente da Instituição, elogiando muito a condução e comprometimento que os colaboradores têm com a instituição.

Um disparador utilizado para a elaboração do PPC foi a apresentação de seminários sobre assuntos transversais ao Curso, que deveriam subsidiar o embasamento teórico dos professores do NDE. Os próprios professores deveriam fazer as apresentações e os temas selecionados foram escolhidos conforme discussões prévias: Multidisciplinaridade, Interdisciplinaridade e Transdisciplinaridade (Intersetorialidade), Trabalho em Equipe, Conceitos de Saúde, Metodologias Ativas, Evidências Científicas, Efetividade, Eficácia e Eficiência, Educação Permanente e Continuada, Competências, Complexidade e Assistência.

A professora Magali Grave, coordenadora do Projeto Interdisciplinar de Cuidado em Saúde da Univates – PI apresentou o primeiro seminário, discutindo temas sobre interdisciplinaridade, multidisciplinaridade,

transdisciplinaridade e trabalho em equipe; ressaltou as semelhanças e diferenças entre a Clínica Universitária Regional de Educação e Saúde – Cures - e o Projeto Interdisciplinar do Bairro Santo Antônio– PI. O primeiro é um serviço-escola, onde os estudantes fazem seus estágios curriculares e o segundo, um projeto de extensão, voluntário. A Cures é voltada para ações multiprofissionais e interdisciplinares e trabalho em equipe, em uma perspectiva do ensino: políticas públicas, ações de cuidado, acolhimento e planejamento, dentre outros, são problematizados; o PI é voltado para ações multiprofissionais e interdisciplinares e trabalho em equipe em uma perspectiva extensionista, mediante relação dialógica com as comunidades. Ficou acordado que os estudantes da Odontologia poderiam ser inseridos em ambos os espaços.

Com a sucessão de encontros e seminários, definiu-se como meta a finalização do PPC do Curso de Odontologia até o final do ano de 2014 para que a instituição pudesse efetuar as inscrições de cursos novos junto ao Ministério da Educação - MEC, ainda naquele ano, mas com uma previsão de início mais tarde.

Expus minhas impressões sobre a participação na 48ª Reunião da Associação Brasileira de Ensino em Odontologia - Abeno, ocorrida no Rio de Janeiro, onde percebi que a proposta curricular deveria formar profissionais no SUS (Sistema Único de Saúde), e não somente para o SUS como já havíamos discutido. Como planejado anteriormente, apresentei o seminário com o tema de Saúde Coletiva, onde compartilhei as dificuldades de colegas coordenadores de outros cursos pelo Brasil em colocar as DCNs em prática. No final dessa reunião os professores foram convidados a conhecer a Cures.

A visita à Cures trouxe-nos a certeza de que os estudantes deveriam ser inseridos naquele espaço. A proposta de inclusão, no primeiro módulo, trouxe muitos desafios aos estudantes do Curso de Odontologia, que se sucedem até hoje. O estudo sobre acolhimento e o trabalho em equipe, logo na entrada no Curso, permite aos calouros que se sintam acolhidos, e ao mesmo tempo, provocados com a perspectiva de se tornarem profissionais de saúde antes de um cirurgião-dentista.

Outros locais visitados durante essas reuniões foram: Projeto de Ações Interdisciplinares de Cuidado em Saúde (PI) do bairro Santo Antônio, Clínica-Escola de Fisioterapia e Farmácia-Escola, trazendo para os professores que planejavam o Curso uma ideia mais realista do que poderia ser proposto, através do conhecimento dos espaços e recursos disponíveis, além da busca pela interdisciplinaridade.

A professora Daiani e eu apresentamos aos demais componentes do NDE, em termos gerais, como o Curso estava sendo pensado: o resultado de nossas discussões trazia a necessidade de formar um profissional generalista, mais crítico e reflexivo. Nesse momento, já havia um esboço

do Projeto Pedagógico do Curso e encaminhamentos de que seria preciso revisar e reescrever alguns itens, bem como deveríamos ter o nome completo e formação dos docentes dos dois primeiros anos do Curso. Havia uma previsão de que o início das aulas seria em 2017, mas com o rápido andamento dos trâmites burocráticos, a possibilidade de o Curso já iniciar em 2015 era muito forte.

O final do ano de 2013 foi de muito trabalho para os membros do NDE pois pretendíamos finalizar o texto do PPC para apreciação ao NAP. Há de se ressaltar o trabalho incansável dos envolvidos para que aqueles textos fossem finalizados. Os professores Luis César e Magali traziam muito suas experiências de mais tempo na instituição, a professora Aline tecia sugestões interessantes e libertárias enquanto a professora Luciane sintetizava e organizava a escrita pontuando sempre que necessário. Isso, sem falar nas reuniões nas casas dos professores com incansáveis e acaloradas discussões entre os participantes sobre as possibilidades e impossibilidades do que estava sendo proposto.

Antes do final de 2013, o grupo teve sua primeira mudança. A professora Aline Blaya foi aprovada em um concurso na UFRGS e não mais faria parte do NDE do Curso de Odontologia, sendo substituída pelo professor Otávio Pereira D'Ávila.

Com essa mudança, a dúvida sobre a capacitação docente para as Metodologias Ativas foi novamente externada e ela iria se repetir em cada entrada de um professor novo no Curso. Neste sentido, a professora Magali Grave assinalou que a Instituição daria conta de orientar e capacitar os professores dos Cursos de Medicina e Odontologia para que atuassem empregando as metodologias ativas. Mencionou que conversaria novamente com a professora Luciana Fernandes, Pró-reitora de Ensino sobre essa questão, visto que os cursos estavam prestes a ser oferecidos e os professores não estavam plenamente capacitados para atuar, usando essas metodologias inovadoras. Este será outro fator muito importante no desenvolvimento das atividades do Curso.

Seguindo a apresentação dos seminários, o professor Luís César apresentou uma síntese do Curso de Capacitação em Metodologias Ativas (Ativates); oferecido pela Univates aos professores dos cursos da área da saúde da Univates e profissionais da Rede de Saúde, relatando como eram as aulas e as discussões, bem como as diferenças e limites entre os métodos apresentados.

As metodologias discutidas foram a Problematização e a Aprendizagem Baseada em Problemas (ABP) ou *Problem Based Learning* (PBL), mais usuais no âmbito da saúde. A conclusão do NDE foi que a problematização é um método de ensino que apresenta diversas vantagens, por aproximar a academia da comunidade. Foi apontado pelas professoras

Luciane e Magali que seria possível ter uma metodologia definida como, por exemplo, a problematização, dependendo das habilidades a serem desenvolvidas em cada módulo. Entretanto, salientaram que talvez não fosse necessária a definição de uma única estratégia. A partir dessas discussões, definiu-se que o texto a ser escrito no PPC, referente à metodologia, seria apenas baseado em metodologias ativas, dando preferência, sempre que possível, para metodologias que aproximam os estudantes à comunidade loco regional.

As primeiras conversas com o Pró-Reitor Administrativo, Oto Roberto Moerschbaecher, para definir questões relativas à estrutura física do Curso, começaram a ser realizadas. A primeira proposta de clínica era um prédio a ser construído para os dois cursos novos, ficando a Medicina no primeiro e a Odontologia no segundo andar. Os laboratórios teriam capacidade para o número de vagas oferecido assim como o restante dos laboratórios da Univates. Na Odontologia foi sugerida a ideia de sala de acolhimento, com espaço para as crianças. Também estavam previstos: salas de aula, dois laboratórios com trinta e dois manequins cada um, laboratório de radiologia e de prótese, sala de professores e sala de esterilização. Como o estudante passaria muito tempo na clínica, seria necessário um espaço para ele. Os professores discutiram e fizeram sugestões de melhorias no projeto.

Ao final de 2013, em uma das reuniões, comentei com o grupo que o processo de autorização do curso pelo Ministério da Educação – MEC dependeria da conclusão do texto do PPC. Pontuei que o Conselho Federal de Odontologia (CFO) alegava ter muitos dentistas inscritos, o que poderia ser um empecilho para a abertura de novos cursos. Apesar das dificuldades e prazos exíguos, a Matriz Curricular do Curso de Odontologia começava a tomar forma.

Os eixos que compõem o Curso e os conteúdos de cada módulo começaram a serem visualizados e distribuídos. A proposta inicial era a de semestres com carga horária de quatrocentas e cinquenta horas, totalizando quatro mil quinhentas e oitenta horas. Haveria momentos, nessa carga horária, que o estudante produziria de maneira autônoma, fosse através dos estágios ou atividades complementares. Apresentei os primeiros planos de ensino dos módulos com os conteúdos a serem abordados e as habilidades a serem desenvolvidas, bem como as quantidades necessárias de cada bibliografia.

Uma das preocupações do NDE, durante o processo de construção do PPC, era de que as habilidades e conteúdos desenvolvidos nos momentos iniciais, de formação mais geral, fizessem conexões com os momentos de meio e final de Curso, de formação mais específica. Mais do que isso, deveríamos pensar em como transformar o sujeito ingressante de aluno para estudante, porque apenas assim ele poderia vivenciar plenamente as atividades propostas e desenvolver a Educação Permanente.

Observando as discussões e o amadurecimento do debate, a professora Daiani colocou que poderíamos pensar na definição das opções metodológicas que o Curso teria. Os professores Luis Cesar, Magali, Luciane e eu estávamos participando do curso de Metodologias Ativas na Univates, o ATIVATES, e sentíamos, cada vez mais, a necessidade de qualificação dos professores do Curso.

Durante um de nossos encontros, foi questionado novamente, se, ao adotarmos as metodologias ativas, seria necessário usar um método específico de aprendizado. A professora Daiani salientou que o foco deveria ser o aprendizado do estudante e, que no projeto do Curso deveria aparecer uma descrição geral, sem detalhar uma metodologia específica, pois isso abriria a possibilidade de usar outras metodologias que melhor se adaptassem às habilidades e conteúdos a serem desenvolvidos. Ela também pontuou a necessidade de explicar aos ingressantes sobre as expectativas com a proposta, disse que os estudantes deveriam ser capazes de desenvolver um espírito crítico e questionador da realidade em que estariam inseridos. A transição de aluno para estudante seria uma mudança importante de paradigma, quando comparada com o ensino escolar, de caráter bancário, cartorial, onde o papel do professor também deveria ser ressignificado.

Nesse momento de debates, aventou-se a possibilidade de o curso trabalhar com ênfases a partir do sétimo semestre. A professora Magali destacou a necessidade de realizar algo bem estruturado; deu como exemplo o curso de Psicologia, com duas ênfases, sendo que uma delas não conseguia fechar turma regular devido à baixa procura. A alternativa encontrada foi a possibilidade de oferecer disciplinas eletivas, dentre as quais os estudantes poderiam escolher eventuais especialidades que seriam aproveitadas como horas de atividades complementares. Outro contraponto feito foi o fato de o Curso ter como objetivo, a formação de um profissional generalista; a especialização deveria ser buscada como pós-graduação. A integração com outros cursos, através de disciplinas também foi questionada, visto a característica da organização curricular, essas aproximações seriam possíveis através de atividades integradoras. Entretanto, a professora Luciana pontuou que os outros cursos poderiam acabar migrando para a estrutura modular.

Com a finalização do ano e do PPC, foi feito contato inicial com os cirurgiões-dentistas Alessandro Menna Alves, João Augusto Peixoto de Oliveira, Marcus Cristian Muniz Conde e Thaís de Cássia Negrini, além dos membros do NDE cotados para ministrarem aulas nos quatro primeiros semestres do Curso.

No documento enviado ao MEC, cada semestre foi considerado um módulo e os conteúdos são divididos em eixos que perpassam o Curso e contemplam os conteúdos em uma divisão por proximidade e natureza,

relação teoria e prática e conforme os objetivos cognitivos, procedimentais e atitudinais, assim denominados:

Saúde, Sociedade, Cidadania e Direitos Humanos (SSCDH), eixo no qual se ressalta a importância de a Odontologia perceber o surgimento das doenças como um processo que é produzido socialmente, onde os sujeitos reagem de formas diferentes e que seu desenvolvimento está diretamente ligado às percepções que se tem desse complexo processo. Considera os Determinantes Sociais em Saúde para a compreensão do processo saúde-doença e tem como base a humanização para a formação e atuação profissional. Esse eixo também aborda temas que favorecem o entendimento das mudanças ocorridas nos processos de atenção à saúde ao longo da história, dos modelos de atenção à saúde em si e das políticas públicas relacionadas à saúde coletiva; desenvolve conhecimentos e habilidades relacionados com a educação em saúde, a promoção da saúde e prevenção de doenças. Essas atividades servem de base para o desenvolvimento de uma visão crítica sobre os diferentes aspectos das políticas construídas e desenvolvidas no Brasil e no mundo.

Já o eixo que versa sobre a Organização no Processo de Trabalho em Saúde (OPTS) busca discutir a inserção do cirurgião-dentista nos processos de trabalho em saúde e está articulado pela ética, bioética, filosofia, sociologia e antropologia. Além disso, conteúdos relacionados com epidemiologia, planejamento, gestão e avaliação em saúde são considerados ferramentas para a organização no mundo do trabalho. A pesquisa, com vistas à saúde baseada em evidências, também é desenvolvida nesse eixo, ressaltando a necessidade de os estudantes dominarem os métodos científicos para que, no futuro, sejam capazes de os utilizarem em seu cotidiano profissional. A inclusão da pesquisa nos processos de ensino e de aprendizagem volta-se para a formação de profissionais capazes de adotar uma postura investigativa e de se envolver, eficientemente, na elucidação das causas dos desequilíbrios nos processos saúde-doença, contribuindo para a inovação tecnológica, organização dos processos de trabalho e tecnologias do cuidado.

O eixo de Integralidade da Atenção à Saúde (IAS) serve como eixo centralizador das abordagens e conteúdos desenvolvidos, situando o exercício da Odontologia como um ponto de confluência de múltiplas ciências, componentes curriculares, teorias e técnicas. A partir da adoção dessa proposta, todas as atividades didático-pedagógicas desenvolvidas nesse eixo, do primeiro ao último módulo do Curso, estão organizadas nos subgrupos das ciências biológicas e da saúde; contempla conteúdos teóricos e práticos aplicados às situações decorrentes do processo saúde-doença e à identificação das necessidades em saúde, em que se incluem a propedêutica clínica e as práticas do cuidado relacionadas à clínica odontológica em todos os ciclos da vida. O IAS concentra seus esforços no apoio às atividades acadêmicas relacionadas à aquisição de habilidades e de competências

específicas da clínica odontológica, por meio da transversalidade com outros componentes curriculares, no contexto da integralidade da atenção à saúde.

Por fim, mas não menos importante, o eixo de Educação Permanente (EP) foi elaborado na perspectiva do desenvolvimento das atividades em cenários de aprendizagem, constituído pelos diferentes campos de prática, fomentando a integração ensino-serviço, onde os estudantes podem vivenciar as mais diversas situações do trabalho em saúde, problematizando suas ações, saberes e processos de trabalho.

Aqui, nesse eixo, vale ressaltar a proposta de que os estudantes vivenciassem ações na Cures desde o primeiro módulo. A professora Olinda Maria de Fátima Lechmann Saldanha, coordenadora deste serviço-escola (SE), frisou, à época, que os estudantes deveriam realizar atividades em dois turnos da semana, um turno de vivência com os usuários do serviço e outro, de participação na reunião de equipe, sendo este último, o momento mais interdisciplinar de toda a prática.

Em março de 2014, após a apresentação da proposta do Curso ao Conselho Municipal de Saúde (CMS) de Lajeado, foi encaminhada a solicitação de autorização para abertura junto ao Ministério da Educação (MEC), reafirmando as propostas de perfil do egresso humanista, organização curricular através de módulos integrados e profunda relação com o sistema de saúde nacional. Houve uma diligência solicitando uma melhor descrição da justificativa do Curso, com detalhes da localização e da relação do município com o Vale do Taquari, bem como a inserção de uma descrição detalhada das Atividades Complementares e Disciplinas Eletivas. Frente à pouca necessidade de ajustes, era provável que a visita ocorresse em breve e isso demandaria a aquisição das bibliografias para a visita *in loco*, questão que a instituição sempre prezou, visto que o prédio que abriga o Centro Cultural e sua Biblioteca esteve entre os finalistas do concurso "O Melhor da Arquitetura" do ano.

O restante do ano até a visita, em dezembro, foi para o planejamento e organização de conteúdos que seriam trabalhados nos momentos iniciais do Curso. O grupo passou a contar com o professor filósofo João Miguel Back, da área de Humanidades. Dentre as organizações feitas, definiu-se que haveria uma semana de acolhida aos estudantes e familiares, semelhante ao que ocorria com o curso de Medicina. A avaliação da instituição e dos professores, com o tempo, é de que esse movimento aproxima as famílias da Univates, do Curso e dos professores, ajudando a superar uma série de dificuldades inerentes a qualquer processo de longa duração, como uma formação universitária.

O processo de envio da documentação ao MEC ocorreu sem maiores sobressaltos, pois estávamos trabalhando há bastante tempo e organizando, coletivamente, os trâmites necessários, com previsão de todas as etapas,

bem como a organização dos documentos necessárias à comprovação do que estava apresentado no PPC do Curso. Vale destacar o empenho e organização do setor de Planejamento Institucional durante todo o processo de reconhecimento e aprovação do Curso, dedicação essa que se estende até os dias de hoje.

O ano de 2015 iniciou com a apreciação e encaminhamento das diligências solicitadas pela comissão de avaliadores do MEC que estiveram na Univates, a nota gerada pelo relatório foi 4. Os apontamentos, feitos durante a visita *in loco*, foram respondidos através de planos de ação que deveriam ser encaminhados ao Ministério. Entre esses apontamentos, novamente, a falta de disciplinas eletivas na matriz curricular do Curso, teve destaque. Foi solicitada uma melhor descrição das atividades de estágio, da carga horária dos docentes envolvidos e a planta da clínica odontológica que seria construída. Após esses encaminhamentos, o PPC do Curso de Odontologia da Univates foi aprovado pelo Conselho Nacional de Saúde. Definiu-se que os estudantes utilizariam a nota do Enem (Exame Nacional de Ensino Médio) como forma de ingresso. A instituição tinha uma ideia de que a procura pelo Curso de Odontologia seria semelhante ao curso de Medicina, apesar das discordâncias de alguns professores.

Ainda em caráter preparatório das atividades pedagógicas, sob a lógica das metodologias ativas, o Fórum de Professores do Curso de Odontologia mantinha suas atividades quinzenalmente, contando sempre com o apoio do NAP. O objetivo desse fórum era capacitar os professores do Curso para as novas propostas metodológicas que deveriam ser implantadas a partir do começo das aulas. Foram criadas situações-problema que poderiam ser utilizadas em mais de um eixo, além da possibilidade de elaboração/construção de uma cidade virtual. Em determinado momento, pactuou-se que os professores teriam encontros semanais, com vistas a promover a articulação entre os conteúdos trabalhados, materializando dessa forma, a integração curricular, outro diferencial do Curso.

Ao final do primeiro semestre de 2015, com a aprovação do Curso em todas as instâncias e a liberação para a sua ocorrência, se definiu o ingresso da primeira turma para o segundo semestre do mesmo ano. O grupo inicial de professores estava assim constituído: Alessandro Menna Alves (cirurgião-dentista), Eduardo Sehnem (fisioterapeuta), João Miguel Back (filósofo), Luciane Maria Pilotto (cirurgiã-dentista), Luís César de Castro (farmacêutico), Magali Teresinha Quevedo Grave (fisioterapeuta), Maurício Fernando Nunes Teixeira (cirurgião-dentista) e Otávio Pereira D'Ávila (cirurgião-dentista).

Após a descrição dos fatos que evidenciam os primeiros passos do Curso, chegamos a uma ideia descrita em textos produzidos na época que planejavam "...um Curso de Odontologia inovador em essência pela sua organização em um formato modular e que buscará a transversalidade

dos conhecimentos fugindo de um modelo fragmentado pelas disciplinas. Inovador também, porque procurará desenvolver a inovação nos seus mais variados aspectos. Ousado por procurar, através de vivências de ensino e de aprendizagem, desenvolver a autonomia dos sujeitos exacerbando o espírito crítico e a liberdade de pensamento. E diferenciado entre seus pares pela utilização de metodologias ativas que criam um contexto onde é possível experimentar as habilidades que desenvolverão as competências necessárias aos sujeitos habitantes do século XXI."

Pensar ainda que este Curso "...pode se debruçar sobre o desenvolvimento de habilidades socioemocionais que extrapolem o ensino meramente técnico é, sobretudo, respeitar as diferenças e olhar para a constituição do outro, evitando dogmas e preconceitos de qualquer espécie. Pode, ainda, através da abordagem dos dispositivos da humanização, desenvolver a ética e o respeito à ciência tornando os sujeitos capazes de atuar nos mais diversos níveis do cuidado em saúde."

Sobre a avaliação dos processos de ensino e de aprendizagem escrevemos ainda que "...a avaliação do Curso deve pressupor o cumprimento dos objetivos e respeitar as subjetividades que cada um carrega, sendo organizada nas três dimensões: cognitiva, procedimental e atitudinal, incluindo a perspectiva do desenvolvimento da metacognição. A avaliação tridimensional deve fazer parte do processo de ensino e de aprendizagem e trazer subsídios para que os atores envolvidos possam ampliar suas perspectivas e, com isso, mudar o contexto ao seu redor."

Referências

CARVALHO ACP, KRIEGER L. **Educação Odontológica**, Artes Médicas, 2006.

RELATÓRIO Preliminar de Custos de um Curso de Graduação em Odontologia. 2012, Lajeado, **Relatório** Lajeado: Univates, 2012.

REUNIÕES do Núcleo Docente Estruturante do Curso de Odontologia 01, 02, 03, 04, 05, 06, 07, 08, 09 e 10. 2013, Lajeado, **Atas** Lajeado: Univates, 2013.

REUNIÕES do Núcleo Docente Estruturante do Curso de Odontologia 01, 02, 03, 04, 05, 06, 07, 08 e 09. 2014, Lajeado, **Atas** Lajeado: Univates, 2014.

REUNIÕES do Núcleo Docente Estruturante do Curso de Odontologia 01, 02, 03, 04, 05 e 06. 2015, Lajeado, **Atas** Lajeado: Univates, 2015.

CURSO de Odontologia da UNIVATES. **Projeto Pedagógico do Curso de Odontologia da UNIVATES**, Lajeado, 2014.



Foto aérea do *campus*
Foto: Giancarlo Kuhn



Biblioteca e Centro Cultural Univates
Foto: Lucas George Wendt



Complexo Esportivo e Prédio onde está a COAm.
Foto: Elise Bozetto



Área de convívio social e Reitoria
Foto: Elise Bozetto

Parte II - Inovações em Curso

"Cuidado com gente que não tem dúvida.
Gente que não tem dúvida não é capaz de inovar, de reinventar,
não é capaz de fazer de outro modo.
Gente que não tem dúvida só é capaz de repetir."
Mário Sérgio Cortella

Nesta parte do livro, os textos abordam as ideias que tivemos ao longo das discussões com o grande propósito de construirmos um Curso diferenciado entre os pares e inovador, até onde a concepção que essa palavra pode dar. Grande parte das questões aqui abordadas fizeram com que o Curso, nesses anos de existência, fosse se distanciando de uma formação "tradicional" e inovando em diversos aspectos. Os textos descrevem os objetivos, as metodologias utilizadas, alguns resultados alcançados e várias considerações sobre esses processos.

O primeiro texto foi escrito pelo professor Maurício Teixeira e aborda a influência que a Associação Brasileira de Ensino em Odontologia (Abeno) teve durante esses anos de construção do Curso. A participação do coordenador do Curso na 47ª Reunião Anual da Abeno, no início da estruturação da proposta, foi fundamental para o desenrolar dos acontecimentos que estão relatados neste livro. O segundo texto foi produzido, conjuntamente, pelos organizadores do livro e é um relato de como as reuniões de professores mantém o currículo modular integrado na prática e a importância da relação dialógica entre os pares, que só pode ser garantido na palavra (dita e escutada).

Seguimos com dois textos referentes ao primeiro módulo do Curso onde, no primeiro, os professores Alessandro Menna e Maurício Teixeira descrevem como a primeira semana de aula foi detalhadamente planejada para a turma ingressante, devido a uma preocupação com o entendimento da proposta e, é organizada até hoje, se caracterizando como um diferencial para o seguimento dos estudantes no Curso. O outro texto, produzido pelos professores Andreas Rados e Olinda Saldanha, comenta sobre a inserção dos estudantes na Clínica Universitária Regional de Educação em Saúde (Cures) logo no primeiro módulo, apontada como um fator primordial para

o entendimento dos aspectos relacionados à humanização e ao trabalho em equipe, prática muito potente no decorrer do Curso.

A apresentação e vivência dos estudantes no Controle Social no terceiro módulo é relatada pela estudante Luísa Quevedo Grave e pelos professores Magali Grave e Maurício Teixeira. Os dois textos seguintes discorrem sobre a experiência da Clínica Ampliada em Saúde. O primeiro trata dos desafios da implementação da proposta da Clínica de Odontologia Ampliada (COAm) e foi escrito por Andreas Rados e Maurício Teixeira. O segundo descreve a dinâmica da reunião de equipe aos finais de turno da clínica odontológica, prática herdada pela passagem dos estudantes na Cures a partir dos olhares dos professores/cirurgiões-dentistas, Andreas Rados, Rômulo Cantarelli e Victório Poletto Neto.

A presença da professora Gisele Dhein, psicóloga, discutindo os desafios do início das práticas clínicas com usuários, emparelha com o desenvolvimento do espírito crítico relacionado ao estudo das Práticas Integrativas e Complementares (PICs). Esse, desenvolvido pelo professor Maurício, que, juntamente com a professora Thaíse Nobrega, cirurgiã-dentista, escrevem sobre a organização e ousadia dos Estágios Supervisionados no Curso, que ocorrem a partir do quinto módulo e se propõe a inserir os estagiários na Atenção Primária, Secundária e Terciária.

A abordagem da Gestão em Saúde é descrita na sequência com o relato dos professores Rômulo, Maurício, Andreas e Cíntia Agostini - economista - que, no primeiro módulo, faz a apresentação da realidade econômica do Vale do Taquari, segue auxiliando na abordagem da gestão de clínica privada e pública, na parte intermediária do Curso, e termina sua participação no último módulo, discutindo a inovação e as possibilidades de novos negócios, com o objetivo de ampliar os horizontes para além de uma clínica tradicional.

A avaliação tridimensional e todo o peso que ela carrega como componente dos processos de ensino e de aprendizagem proposta pelo Curso, é abordada pelo professor Maurício no texto seguinte. Como o Curso é baseado em competências, uma avaliação tradicional não daria conta dessa complexidade. Assim, a escrita procura contar a história da construção dos processos avaliativos e desafios que a abordagem tridimensional e a devolutiva têm impostos aos atores do processo.

Os textos seguintes trazem as discussões ocorridas durante o processo de construção do Curso, no intuito de dar suporte a professores e estudantes na busca por novas experiências. Um deles, escrito pelos professores Marcus Conde, Andreas, Magali e as estudantes Luana Campagnoni e Laura Faleiro Kirchheim, o conteúdo aborda a concepção de extensão que o Curso tem construído, mediante a participação ativa de dois professores nas discussões promovidas pela Instituição. A parceria com a indústria que forneceu

os equipamentos para a Clínica Odontológica está descrita e comentada pelo professor Andreas e pelo presidente da empresa, César Olsen. Ainda e tão importante como o que já foi apresentado, os movimentos de internacionalização, já vivenciados no Curso, são retratados por estudantes que viajaram para Portugal e outros vindos da África sendo relatados pelos próprios: Augusto Ely Johann, Camila Troian, Edlise Leal Gonçalves, João Pedro da Silveira, Seminvo Gloria Mirabelle Denami, juntamente com o professor Andreas.

Finalizando essa parte do livro os professores Andreas Rados e Maurício Teixeira descrevem a parceria entre o curso de Graduação em Odontologia e o Técnico em Saúde Bucal e como o trabalho em equipe tem se desenvolvido em grandes oportunidades para os atores de ambos os cursos.

"Às vezes, quando você inova, comete erros. É melhor admiti-los rapidamente e continuar a melhorar suas outras inovações."

Steve Jobs

INFLUÊNCIA DA ABENO NO CURSO DE ODONTOLOGIA DA UNIVATES

Maurício Fernando Nunes Teixeira

Ao começarmos a planejar o Curso de Odontologia, eu era um dos professores do Curso Técnico em Auxiliar de Saúde Bucal da Univates. Aceitando o desafio, eu teria que ampliar o escopo dos meus estudos que, na época, devido ao mestrado, abrangiam a saúde coletiva, resiliência e qualidade de vida. Para o aprofundamento do conhecimento nos temas que seriam necessários para o planejamento do Curso, além de exigir muito estudo, a Univates me proporcionou amplas condições, dando-me liberdade de escolha sobre locais necessários à visitação. No planejamento, pensamos em algumas visitas a cursos pelo Brasil a fim de observar questões bem específicas.

A política de acompanhamento das Diretrizes Curriculares Nacionais (DCNs) que a instituição mantém para todos os cursos, recomenda que os coordenadores participem ativamente dessas discussões. Assim, as circunstâncias me colocaram diante das Reuniões Anuais da Associação Brasileira de Ensino Odontológico (Abeno). Esse é o evento brasileiro onde as diretrizes são discutidas à exaustão.

O objetivo desse texto é trazer a visão do Coordenador do Curso de Odontologia da Univates sobre alguns fatos vivenciados mediante a participação nas Reuniões Anuais da Abeno que, desde o início do planejamento do Curso, tiveram e continuam tendo muita relevância no desenvolvimento de suas ações.

A primeira Reunião da qual participei foi logo depois do convite para começar a pensar na proposta do Curso. A 47ª Reunião teve como Tema: "Dez Anos de Diretrizes Curriculares Nacionais - Realidade Atual, Avanços, Atores e Perspectivas" e aconteceu de 22 a 25 de agosto de 2012 em Campinas-SP. Para mim, tudo era novidade: representar a Univates em um evento nacional, conversar com alguns professores com os quais só havia tido contato através de suas obras e o mais importante: conhecer as propostas discutidas na Abeno.

Fiquei impressionado com a ênfase dada à valorização da dimensão atitudinal em relação à cognitiva, à necessidade de pensar o ensino em Odontologia para além da técnica e o respeito às DCNs. Essas abordagens reafirmaram as ideias que tínhamos nas discussões que começamos a travar entre os professores que pensaram o início do Curso.

Um dos palestrantes desse evento foi o filósofo Mário Sérgio Cortella, que em uma hora, cronometrada por ele mesmo, apresentou uma fala que me tocou muito, abordando a Formação Docente e Atuais Tendências Pedagógicas através da história da educação. Outra questão que me chamou muito a atenção foi a emoção apresentada em outro painel, pelo professor Pantelis Rados, muito conhecido por ter sido meu professor na graduação. A imagem que eu tinha do professor era de alguém muito sisudo e sério. Mas, naquele momento, estava diante de nós um senhor muito emocionado ao apresentar o esforço que estavam fazendo para a mudança do currículo em uma faculdade centenária como a de Odontologia da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS). Mal sabia eu que seu filho, professor Andreas Rados, seria meu grande parceiro em outros momentos da construção do Curso, inclusive na organização deste livro.

A 48ª Reunião tinha como Tema: "Ser professor" e aconteceu de 21 a 23 de agosto de 2013 no Rio de Janeiro - RJ. Apresentei o primeiro resumo do Curso, sobre o projeto em discussão, intitulado "Curso Inovador em Odontologia: O Início de uma Proposta". Essa reunião foi a primeira em que foi permitida a participação de estudantes e percebi que os participantes, em sua maioria, eram os mesmos da reunião anterior, fato evidenciado pelo professor José Ranalli em uma das mesas. Também reafirmei a impressão de que o clima entre os presentes era de colaboração e interesse pelo aprendizado com o outro, sentimento carregado em todas as reuniões posteriores que estive presente. Ouvir a professora Maria Isabel Cunha falar sobre "Formação e Saberes para a Docência" foi o que mais me chamou a atenção nessa reunião. Posteriormente, a encontraria outras vezes, inclusive em um Seminário Institucional da Univates e a impressão se repetiu, sempre com muito aprendizado e admiração.

O tema da 49ª Reunião foi: "Ousar para Transformar no Ensino Odontológico" e aconteceu de 31 de julho a 01 de agosto de 2014, em João Pessoa - PB. A conferência de abertura, com a filósofa Viviane Mosé, cuja fala foi bastante adequada para os dias que estávamos vivendo. Esta foi a última edição em que fui sozinho e o planejamento da abertura do nosso Curso foi submetido com o resumo intitulado "A Preparação dos Recursos Humanos num Curso Inovador em Odontologia" que mostrava a nossa preocupação com a capacitação dos professores e adaptações que a Instituição teria que fazer ao iniciar o Curso. Chamou-me atenção a conferência do professor Daniel Rey de Carvalho (UCB - DF) expondo o trabalho da transformação de conteúdos do curso de Odontologia em material didático virtual

e a diminuição do curso de 5 para 4 anos. Nessa reunião foi ressaltada a participação maior de estudantes do que na anterior.

Não participamos, em 2015, da 50ª Reunião que ocorreu em Salvador - BA com o tema "Perspectivas Educacionais - Transformações em Curso", devido à crise financeira da época e o início do Curso de Odontologia da Univates. A Abeno se apresentou como um espaço de diálogo entre aqueles que têm como objetivo comum promover ensino odontológico de qualidade e com responsabilidade social. Nesse ano, considerando que atravessamos um período de grandes mudanças no ensino da Odontologia, importantes discussões foram pautadas, quais sejam: Como alinhar nossos projetos ao Plano Nacional de Educação (PNE)? Como incorporar definitivamente as Tecnologias de Informação e Comunicação (TICs) no dia-a-dia do ensino odontológico? Que acúmulo temos sobre nossas experiências de integração com os serviços públicos? As DCNs da Odontologia irão mudar? O que muda, a partir do novo Documento Orientador, nos processos de avaliação, desde a autorização, credenciamento e recredenciamento?

A reunião apresentou uma proposta de Catálogo de Referência para redução de custos com materiais, que começamos a utilizar para o curso, e a divulgação de um novo Documento Orientador de Avaliações de Cursos de Graduação em Odontologia.

Mesmo não participando do evento, tivemos um resumo aprovado: "Planejamento do Currículo Integrado do Curso de Odontologia da Univates", que trazia a descrição do processo de construção do Curso até aquele momento.

Na Reunião seguinte foi realizada uma consulta pública presencial para consolidação das contribuições às DCNs, envolvendo todos os participantes e o lançamento do Catálogo de Instrumentais, discutido na Reunião anterior. A 51ª Reunião ocorreu sob o tema: "Um olhar para a Graduação" e ocorreu de 20 a 22 de julho de 2016 na PUC - Curitiba - PR.

"Olhar para a graduação diz respeito ao entendimento docente do todo do seu papel e da proposta de ensino requerida. Olhar para a graduação diz respeito aos Projetos Pedagógicos, à adoção de currículos integrados, com eixos longitudinais e transversais claramente definidos, com estratégias de ensino e de aprendizagem condizentes com o que é almejado. Olhar para a graduação requer a proposição e adoção de caminhos que levem ao alcance de um futuro profissional com perfil generalista, humanista, crítico, reflexivo, apto a tomar as melhores decisões, condizentes com a realidade e as demandas advindas da sociedade. Ou seja, olhar para a graduação é um meio e fim para avanços no cuidado da população!" Este era o chamado da Reunião daquele ano e condizia totalmente com o que pensávamos à época.

O Curso de Odontologia apresentou seis resumos de ações que estavam sendo realizadas no Curso e um vídeo sobre a conscientização para

ações de controle do mosquito *Aedes Aegypt*. Estávamos em três professores e o que me chamou atenção foi que alguns colegas referiam nossas propostas apresentadas em Reuniões anteriores e identificavam que não estávamos presentes na reunião de 2015, demonstrando que nossa proposta começava a ser reconhecida. Esse fato talvez tenha sido um dos primeiros grandes sinais de que nossa proposta era, de fato, diferenciada e merecia atenção.

Chegamos no meio da manhã do primeiro dia e participamos de uma apresentação do grupo CREARE (Centro de Ensino e Aprendizagem da PUC) e expusemos os pôsteres. Durante a tarde o professor Léo Kriger fez a abertura com a palestra: "Estratégias de Trabalho Conjunto entre Ensino e Serviço". Três dos nossos pôsteres ficaram para serem expostos durante a tarde.

Na mesma Universidade, em 2016 participei de uma oficina apresentada no evento chamado Devising 21th onde o professor Fábio Vinícius Binder da PUC-PR apresentou o Challenge Based Learning (CBL) que era utilizado em um curso de extensão e que, no Curso de Odontologia, está sendo usado para trabalhar o tema "planejamento" com o quarto módulo.

No dia seguinte, foi apresentado o seminário "Ensinando e Aprendendo", tendo como coordenadoras as professoras Vânia Fontanella - UFRGS e Elaine Bauer Veeck - PUC-RS. Em outra sala era feito o lançamento do Catálogo de Instrumentais na Reunião dos Diretores e Coordenadores de Clínicas. Durante a tarde, a consulta pública sobre a atualização das DCNs para os Cursos de Odontologia, foi organizada com a divisão em grupos e posterior discussão, sobretudo, do direcionamento da formação para e no Sistema Único de Saúde (SUS). Não se conseguiu evoluir muito. Os discursos no final da tarde evidenciaram que esta era uma primeira conversa sobre as diretrizes e o que se observou foi uma certa frustração com o resultado dos grupos, esperava-se avançar mais na discussão das DCNs.

Durante a manhã do terceiro dia, foi realizada a Mostra de Vídeos e o Curso de Odontologia da Univates apresentou o vídeo de sensibilização quanto ao controle do mosquito transmissor da dengue. Entre as avaliações do vídeo, os retornos que tivemos foram sobre a originalidade de apresentar um tema que extrapola a Odontologia.

Dois professores e três estudantes do Curso estiveram apresentando 10 trabalhos referentes ao tema do encontro: "Dimensões do Aprendizado na Graduação em Odontologia". Essa foi a 52ª Reunião Anual e aconteceu de 5 a 7 de julho de 2017, em Juiz de Fora - MG.

Entre outras questões, foram discutidas avaliações práticas por meio de modelos exequíveis, estágios supervisionados em Odontologia, análises sobre o Exame Nacional de Desempenho de Estudantes (ENADE) - prova 2016 e perspectivas futuras, além da exposição sobre as expectativas

do Ensino a Distância (EAD) no Brasil. O tema central foi abordado pela secretária da Associação de Educação Dentária Europeia, de modo a ampliar nosso horizonte de reflexão. Além disso, de extrema importância para todos os envolvidos na educação odontológica, foram discutidas novamente as novas DCNs para os cursos da área da saúde, uma vez que a proposta de seu aperfeiçoamento, construída em encontros anteriores da Abeno, já se encontra protocolada no Conselho Nacional de Educação.

Um dos trabalhos do curso, intitulado "A Devolutiva como Parte Essencial do Processo de Avaliação do Curso de Odontologia da Univates" foi escolhido, entre 182 trabalhos, para ser apresentado no Seminário Ensinando e Aprendendo. Esse é um momento de encontro entre estudantes e professores de Odontologia, cujo objetivo é mostrar trabalhos inovadores no ensino da área. Além disso, o professor Marcus Conde apresentou um vídeo produzido por estudantes do terceiro semestre que versava sobre o estudo do processo saúde-doença na Mostra de Vídeos e Aplicativos. Ambos os trabalhos tiveram destaque, demonstrando o caráter inovador que o curso vinha apresentando.

Nesse ano de 2017, estudantes e professores elaboraram e publicaram um artigo na revista da Abeno relatando a experiência do Curso com a inserção dos estudantes na rede de serviços de saúde e da atuação em equipes multiprofissionais junto à Clínica Universitária de Educação em Saúde (Cures) no primeiro módulo do Curso.

Na Unieuro, em Brasília - DF tivemos a maior representação da Univates em todas as reuniões que participamos até hoje. A 53ª Reunião Anual, que teve como tema: "Qualidade na Formação e no Exercício Profissional", aconteceu de 11 a 13 de julho de 2018.

Essa foi a reunião onde menos pude participar da audiência das conferências. Tivemos 25 trabalhos aprovados e fomos representados por 10 estudantes e 7 professores. Passei muito tempo entre os pôsteres, seja assistindo aos colegas ou dando apoio aos estudantes que eram dos mais diversos módulos. Alguns deles eram inexperientes e muitos nunca haviam saído do Rio Grande do Sul, fato que aumentava minha responsabilidade. Em certos momentos, parecia que a Univates tinha mais estudantes representantes que a própria Universidade sede do evento devido à sua participação ativa.

Entre as atividades propostas, destaco a "Saúde Coletiva como tema transversal na formação em Odontologia: A produção de práticas de promoção de saúde e prevenção de doenças", coordenada pelas professoras Cristine Warmling, Daniela Carcereri e Efigênia Ferreira e Ferreira, e a "Avaliação de estudantes centrada em objetivos de aprendizagem: estruturação de questões e provas contextualizadas", que teve como palestrante o professor Fabrício de Melo Garcia.

Nesse ano ocorreu a mudança do instrumento de avaliação dos cursos e participar da Reunião "Avaliadores de Odontologia Basis" coordenada pela professora Elisa Tanaka Carloto foi muito importante, pois, pude observar a discussão entre eles e perceber a nova visão dos avaliadores, que iria perpassar a visita de reconhecimento, que tivemos no ano seguinte.

A Palestra – "Ética, Odontologia e Redes Sociais" ministrada pelo Prof. Leandro Brambilla Martorell continuou sendo comentada por um longo tempo pelos participantes do curso presentes em Brasília-DF, dada a relevância e atualidade do tema.

Na Assembléia Geral, a secretária financeira da Abeno apresentou a situação difícil pela qual a instituição estava passando devido a um processo judicial relacionado a associações antigas de cursos de especialização com o nome da instituição. Mesmo assim, coloquei a Univates à disposição para receber a edição da Reunião Anual de 2020 em Lajeado. Apresentamos uma pré-proposta que seria colocada em votação na 54ª Reunião que aconteceria no ano seguinte.

No final do evento fomos contemplados com uma menção honrosa para o trabalho intitulado "Atividades Diferenciadas no Curso de Odontologia da Univates-RS", que descreve as atividades diferenciadas que propomos durante a graduação e que têm o objetivo de desenvolver habilidades socioemocionais. No ano seguinte recebemos a visita de um professor da Universidade Católica de Brasília, que relatou sua admiração pela Univates e seu projeto pedagógico.

No mês de julho de 2019, a professora Vânia Fontanella, presidente da Abeno, visitou-nos e nos convidou para apresentar o processo de avaliação do curso em uma Oficina de Avaliação da Aprendizagem na 54ª Reunião que apresentou o Tema "Horizontes para a Educação Odontológica", ocorrendo de 01 a 03 de agosto em Recife - PE.

A Univates foi representada pelo coordenador do curso, Maurício Fernando Nunes Teixeira, pelo professor Luiz Alexandre Chisini e pela estudante do primeiro módulo, Eduarda Vargas. Na primeira manhã do evento (01/08) estava programada a oficina e o número máximo de participantes era para ser 20, porém tínhamos 120 inscritos. No decorrer da Reunião foi aventada a possibilidade de repetirmos a oficina devido ao interesse que ela provocara. O professor Rodrigo Guerra, coordenador do curso de Odontologia da Universidade Suprema (Juiz de Fora - MG) abriu a oficina e a professora Luciana Ramalho (UFBA) apresentou a sua experiência com elaboração de itens de avaliação, com dicas e análise de questões. Apresentei o processo de avaliação que é realizado no curso de Odontologia da Univates e o instrumento de avaliação proposto para a avaliação atitudinal. Os professores foram divididos em grupos para analisar e criticar o instrumento registrando suas considerações. Foi combinado que

enviaríamos um formulário para que fizessem críticas individuais e que esse processo faria parte de um estudo sobre a Validação do Instrumento de Avaliação Atitudinal no curso de Odontologia da Univates.

Em outra sala, a estudante Eduarda Vargas participou da reunião dos estudantes que teve a palestra "O Estudante do Bem", baseada em um programa denominado o "Dentista do Bem".

Durante a tarde, houve apresentação do painel intitulado "Plano Nacional de Educação e Qualidade na Formação Profissional - Reflexões para os Cursos de Odontologia", com muitas participações de professores falando de Metodologias Ativas. A professora Maria Celeste Morita (UEL e ex-presidente da ABENO) falou sobre o processo de construção das Diretrizes Curriculares Nacionais dos cursos de Odontologia e ressaltou o risco da não assinatura das novas DCNs pelo atual ministro. A professora portuguesa Maria Cristina Mazanares Céspedes (Universidade de Barcelona) apresentou um longo painel sobre "A Importância da Pesquisa no Ensino Odontológico".

No segundo dia ocorreu a reunião dos avaliadores e, diferentemente do ano anterior, onde eles conversaram muito sobre o novo instrumento, havia vários convidados apresentando uma série de visões sobre a graduação em Odontologia e muito pouca discussão.

Durante a tarde, Rui Barbosa de Brito Júnior (técnico do ME) falou sobre a "Situação Atual dos Cursos de Graduação em Odontologia na Perspectiva do SINAES – Desafios e Perspectivas da Avaliação da Qualidade do Ensino" e o professor Fábio Barbosa de Souza (UFPE) foi muito polêmico ao abordar a questão "Por Que a Modalidade EAD Não Atende aos Princípios de Qualidade para a Formação do Cirurgião-dentista? ", gerando muita discussão.

No dia seguinte, pelo terceiro ano consecutivo, um dos trabalhos que enviamos foi selecionado como um dos destaques a ser apresentado no seminário "Ensinando e Aprendendo", que discute a formação em Odontologia de forma mais aprofundada. Com o trabalho intitulado "Avaliação Tridimensional por Habilidades e Competências: Quebrando Paradigmas" o professor Alexandre Chisini foi muito elogiado na apresentação, com muitas possibilidades de conversas e parcerias no final da Reunião. Na plenária final, foi definido o tema do encontro do próximo ano, relacionado à Aprendizagem Significativa.

Apresentamos a candidatura para sediar a reunião de 2020 que veio como uma ideia da Abeno de interiorização e a possibilidade de escolha ficou entre a Univates e Unipar (norte do Paraná). A Universidade Positivo de Curitiba fez uma proposta de última hora, com a promessa de cobertura total dos custos, que foi desconsiderada.

Fiz uma apresentação a partir de nossas características: uma Universidade comunitária que se mantém com as mensalidades dos estudantes, curso novo que forma a primeira turma no ano de 2020 e estrutura impecável apresentada através de um vídeo institucional. A Unipar estava com os três coordenadores dos cursos de Odontologia e um representante da reitoria (que também era dentista) e referiram uma proposta de custos já construída e pactuada com alguns dirigentes da Abeno, anteriormente.

Foi feito um questionamento sobre a possibilidade de uma ajuda financeira da nossa instituição para o evento e respondi com a informação passada pelo Vice-reitor da Univates, professor Carlos Cyrne, que poderíamos buscar financiamento para passagens e hospedagem de palestrantes. O que poderíamos fazer, naquele momento, era nos comprometermos em ceder os espaços da Universidade e deslocamentos internos. As propostas foram para uma votação das instituições associadas, tendo vencido a da Unipar, por 22 a 20 votos. No final do encontro alguns professores me contataram para que pudéssemos fazer parcerias futuras, salientando nossa coragem por nos candidatarmos para sediar o próximo evento, apresentarmos o instrumento de avaliação para validação e, ao mesmo tempo, referindo generosidade em compartilhá-lo.

Ao analisar as participações do curso de Odontologia da Univates nas reuniões anuais da Abeno, podemos perceber a influência direta das ideias apresentadas pela Associação nos caminhos que o curso vem trilhando. Difundir e respeitar as DCNs para os cursos de Odontologia sempre foi uma marca de nosso curso.

A inserção dos estudantes, desde o início do curso na rede de saúde, o uso de metodologias ativas de ensino e de aprendizagem, a capacitação de professores para a aplicação, análise e avaliação destas metodologias e criação de novas metodologias se mostram como resultados diretos da participação de diversos atores do curso nas últimas edições do evento.

Hoje, posso afirmar que a participação do curso nessas reuniões forjou todos os atores que participaram desta história na busca incessante pela excelência no ensino e na aprendizagem da Odontologia de forma responsável e significativa.

Referências

47ª, 48ª, 49ª, 50ª, 51ª, 52ª, 53ª e 54ª REUNIÕES ANUAIS DA ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE ENSINO ODONTOLÓGICO. **Páginas Iniciais dos sites das Reuniões**.

REUNIÃO DE PROFESSORES COMO DISPOSITIVO DE MATERIALIZAÇÃO DO CURRÍCULO MODULAR INTEGRADO

Andreas Rucks Varvaki Rados
Magali Teresinha Quevedo Grave
Maurício Fernando Nunes Teixeira

O Curso de Odontologia da Univates propõe a articulação de diferentes saberes no decorrer da formação de seus estudantes, através de um currículo modular integrado. Dentre as diversas ações realizadas para conceber o currículo dessa forma, estão as reuniões que ocorrem, semanalmente, entre os professores do Curso, permitindo a gestão colegiada dos processos didático-pedagógicos, bem como oportunizando a constante discussão e avaliação desses processos. Estar semanalmente conversando com os colegas professores, articulando atividades, combinando falas e construindo avaliações coletivamente se constitui na materialização do currículo modular integrado.

Na fase de planejamento do Curso a Instituição contratou o professor Maurício Teixeira para estudar algumas propostas de cursos existentes pelo Brasil e essas reuniões tinham o objetivo de planejar as ações, informar os gestores sobre as atividades e construir as bases nas quais o Curso deveria ser elaborado. As reuniões iniciais contavam com a participação da diretora do Centro de Ciências Biológicas e da Saúde (CCBS), professora Magali Grave e da pró-reitora de ensino, Luciana Fernandes, sendo basicamente informativas, de prestação de contas de uma série de visitas que foram feitas e socialização das primeiras ideias do Curso.

A construção da proposta inicial do Curso teve uma influência importante da participação do professor Maurício, designado à coordenação do Curso, nas 47ª e 48ª Reuniões Anuais da Abeno, ocorridas nos anos de 2012 e 2013. Nesses eventos, a certeza da importância do respeito às Diretrizes Curriculares Nacionais (DCNs) e da execução das ideias nelas contidas foi consolidada e tem sido um dos esteios de ação do Curso.

Para construir o Projeto Pedagógico do Curso (PPC) foram convidados os professores Aline Blaya Martins, Otávio Pereira D´ávila e Luciane Maria Pilotto, que participavam de reuniões semanais e faziam pesquisas, consultas a literatura e a colegas tecendo pensamentos durante a semana, discutindo nas reuniões uma abordagem coletiva de estudo das possibilidades, repetição de experiências que julgamos exitosas e criação de novas propostas para a construção do projeto.

Como o Curso sempre teve um colegiado de professores enxuto, as primeiras reuniões acumulavam a reunião do Núcleo Docente Estruturante (NDE) e, assim que o Curso iniciou, em julho de 2015, as reuniões já vinham acontecendo nas quintas-feiras à tarde. O primeiro registro de "Reunião de Módulo" como está sendo chamada, é de 30/07/2015. Nessa reunião discutimos as primeiras impressões dos professores sobre o Curso que se iniciava. Falou-se sobre a avaliação e a necessidade de rever os pesos estabelecidos nas avaliações entre as dimensões cognitiva, procedimental e atitudinal, assunto que seria recorrente em reuniões subsequentes.

A organização e os temas abordados nas reuniões foram sendo modificados conforme as características de cada semestre. Com o apoio do NAP, a coordenação do Curso sempre teve liberdade para pautar a reunião conforme as necessidades do grupo de professores. No segundo semestre de 2015, as discussões estavam muito focadas nas percepções dos estudantes sobre as metodologias e nas dificuldades dos professores em colocar essas metodologias em prática. Foi muito discutido o fato da proibição do uso do celular em sala de aula; medida decidida pelo grupo de professores ao iniciar as aulas do Curso e isso nos consumia muito tempo de discussão. Ao final do semestre já havíamos revisto a posição e combinado que o celular deveria ser usado como fonte de pesquisa. Em análises posteriores, percebemos o equívoco que fora cometido.

Com apenas uma turma com 22 estudantes, a avaliação atitudinal era realizada através de um "conselho de classe". Após longas discussões, cada estudante recebia uma nota dos professores, que compunha, juntamente com os trabalhos cognitivos, a nota final.

No ano de 2016, as discussões giravam em torno de como fazer a integração de conteúdos de forma mais evidente e tornar os critérios de avaliação atitudinal mais claros. E, como tínhamos que chamar pelo menos um professor a cada semestre, era comum termos convidados nas reuniões; o professor indicado ou interessado na docência na Univates era convidado a participar das reuniões. Assim, tínhamos uma percepção de alguém de fora sobre o processo e o convidado podia ter noção do que acontecia nas reuniões e do desafio que se impunha.

Durante o ano, começaram a aparecer proximidades entre professores e estudantes e as discussões giravam muito em torno disso, isso nos permitiu

identificar problemas de exclusão de alguns estudantes por parte de seus colegas, de forma precoce. Debater esses casos facilitava sua resolução. Na verdade, estávamos e estamos todos aprendendo uns com os outros. Ainda é muito comum professores se emocionarem nas reuniões com as dificuldades apresentadas por alguns estudantes.

Tínhamos sempre o acompanhamento da professora Daiani Clesnei da Rosa, como coordenadora do Núcleo de Apoio Pedagógico (NAP). Ela fazia intervenções, nos lembrando que éramos professores e que as questões pedagógicas deveriam estar sempre em pauta nas nossas discussões. Como a equipe de docentes já contava com oito professores e mais alguns convidados, as reuniões com a coordenação do NAP serviam de Educação Permanente e a escolha das pautas estava baseada em questões pedagógicas que deveríamos desenvolver. As atividades diferenciadas previstas no início do Curso também rendiam muitas discussões, seja no seu planejamento, execução e avaliação.

Nas reuniões de 2016 discutimos, exaustivamente, a mudança da matriz curricular, que previa a diminuição do número de horas e alteração do turno do Curso para a noite. Essas ações foram determinantes para a manutenção das atividades do Curso, a baixa procura pelo curso era um fenômeno que acontecia na época e as alterações deram um ânimo, já que tínhamos inclusive a ideia de descontinuação do processo. Uma das questões muito discutidas foi sobre as formas como poder-se-ia aumentar o número de estudantes matriculados, sendo um Curso em formação.

Em 2017 mudou-se a estrutura da reunião e ela se tornou itinerante, isto é, acontecia em vários espaços da Univates para que os professores conhecessem as salas e com isso pudessem variar as atividades, utilizando espaços específicos e diferenciados. Nesse ano se aprofundou o acompanhamento pedagógico de estudantes que apresentavam dificuldades, sendo que, em algumas reuniões, estava presente a psicopedagoga da instituição. Foi montado um grupo de discussão sobre essas dificuldades entre os estudantes, que começou com boa participação e, com o tempo, foi perdendo força. Discussões sobre a utilização das Tecnologias de Informação e Comunicação (TICs) definindo o eixo de Saúde, Sociedade, Cidadania e Direitos Humanos (SSCDH), como um dos que seriam utilizados com atividades virtualizadas, foram aprofundadas.

Uma questão importante que aconteceu no segundo semestre de 2017 foi a oficialização de um fórum de discussão de professores que ocorria intercalado com as reuniões. Tinha como objetivo geral, discutir e aprofundar o estudo das metodologias inovadoras de ensino e de aprendizagem propostas pelo Projeto Pedagógico do Curso de Odontologia e iniciar a discussão de como os estudantes aprendem. Apresentava como objetivos específicos: - Reconhecer os aspectos que devem ser articulados ao trabalhar com os estudantes do Curso de Odontologia; - Capacitar os

docentes a abordarem temas necessários e relevantes ao perfil do egresso do Curso de Odontologia; - Discutir as metodologias inovadoras de ensino e de aprendizagem já utilizadas e propor inovações nas atividades pedagógicas realizadas no Curso e, por fim, - Avaliar as atividades realizadas durante o desenvolvimento do Curso e programar as avaliações nas dimensões propostas: cognitiva, atitudinal e procedimental.

Nesse ano, foi muito discutida a construção da Clínica Odontológica e as suas diversas possibilidades. No mês de março, foi definido o local de instalação, seria junto ao Estádio Olímpico da Univates. O planejamento de sua montagem rendia muitas discussões, sem falar sobre os descontentamentos de professores e estudantes em desenvolver as atividades práticas em clínica externa à Univates. Com as dúvidas sobre a viabilidade do curso, a decisão de construção de uma Clínica Odontológica foi protelada ao máximo. Isso resultou em uma adaptação: a realização das atividades clínicas em uma clínica da Associação Brasileira de Cirurgiões Dentistas (ABCD) emprestada gentilmente pelo seu diretor Luis Carlos Ávila.

O ano de 2018 traz o início da inserção dos estudantes do quinto módulo nos estágios nas Unidades Básica de Saúde, em um turno durante a semana. Isso exigiu de todos nós uma reorientação das práticas pedagógicas porque eles traziam suas experiências nos diversos serviços e começavam a ter um amadurecimento maior, trazendo a aprendizagem significativa para dentro da sala de aula. Ao final desse ano, a coordenadora da Atenção Básica do município de Lajeado afirmou que a grande surpresa do ano foi a qualidade dos estudantes do Curso que começavam sua vida profissional e qualificaram os serviços de saúde bucal do município.

A Clínica Odontológica, chamada Clínica de Odontologia Ampliada (COAm) rendeu a maior parte de nossas discussões desse período. Os especialistas tentaram reproduzir a clínica que a maioria tinha vivenciado em suas graduações. Outros tensionavam uma disrupção desse espaço, o que tem resultado em uma variação interessante ao que os cursos tradicionais apresentam. A Clínica Ampliada tem se apresentado como um dos pontos nevrálgicos da proposta pretendida pela Univates. A revisão do PPC ajudou-nos a entenderem a proposta inicial e discutir possibilidades de como materializá-la, mas ainda é um debate em aberto.

Os instrumentos de avaliação evoluíram bastante nesse ano, cada vez mais respeitando a Taxonomia de Bloom e os objetivos, habilidades e competências, descritos no Projeto Pedagógico do Curso (PPC). A repetição de atividades pedagógicas fez com que deslocássemos as discussões para uma modalização mais apurada das questões relacionadas à avaliação tridimensional do Curso e um entendimento cada vez maior dos atores sobre o processo.

O fórum de discussão, entre os professores do Curso, foi muito importante para perceber a importância, pesquisar, preocupar-se com, discutir, organizar e revisar as metodologias ativas de ensino e de aprendizagem. Estávamos com muitos professores novos e uma mescla entre professores e estudantes, menos e mais experientes com essas metodologias trouxe um ambiente muito profícuo de discussão. Durante esse ano passaram pelo Curso três professores que não conseguiram se adaptar à proposta do Curso, seja pela dificuldade com o uso de Metodologias Ativas ou não entendimento da proposta de Clínica Ampliada.

O ano de 2019 foi de reafirmações de uma série de vivências e que começavam a se consolidar. Foi o ano em que tivemos um número grande de professores e, em consequência, uma maior dificuldade na gestão. Era recorrente a discussão sobre o esforço de alguns professores na época das devolutivas e uma necessidade de mudança, com vistas a uma simplificação do processo. O ano foi pautado ainda, pela preparação dos atores do Curso para o recebimento da visita de reconhecimento do MEC, o que mobilizou a comunidade acadêmica do Curso, unindo os participantes na discussão e aprimoramento e controle dos processos. Com a mudança do instrumento de avaliação dos cursos, o Núcleo Docente Estruturante assume uma posição de destaque e as decisões, tomadas de forma colegiada, passam a ter muito mais importância e respaldo entre o grupo de professores.

Atualmente, as reuniões continuam acontecendo e, nesse tempo são discutidos assuntos pertinentes à gestão do Curso, levantamento de necessidades, desafios e êxitos presentes na prática docente, divisão de tarefas e acompanhamento dos discentes, sugestões e criações de propostas relacionadas aos processos avaliativos, sendo finalizada com a integração conjunta dos diferentes objetivos, habilidades e conteúdos trabalhados pelos professores do Curso.

Quinzenalmente, esse espaço também é utilizado para que os professores discutam atividades e vivências relacionadas à COAm. Mensalmente, em dias intercalados, são promovidos espaços para a formação continuada dos professores em estratégias ativas de ensino e de aprendizagem e oficinas de avaliação, além de termos um dia específico para a participação dos discentes, propiciando assim, um espaço democrático que favorece a cogestão do Curso.

Desde o início do Curso, esse espaço protegido se caracterizou como um componente de convergência dos desejos, possibilidades e inovações que se materializaram no decorrer do processo e como ferramenta imprescindível no desenvolvimento e efetivação do Currículo Modular Integrado. Visando a participação efetiva e o comprometimento dos professores, a Instituição de Ensino viabiliza a remuneração desses períodos como horas trabalhadas, além das demais previstas em seus planos de trabalho.

A realização de reuniões semanais de professores permite-nos inferir que esse espaço criado tem sido potente e imprescindível para o sucesso deste modelo curricular, desde o planejamento do PPC, favorecendo a definição das ações e institucionalizando a cogestão. Além disso, os conteúdos, as estratégias de ensino e de aprendizagem e a avaliação mostram-se tão integrados, a ponto de os estudantes perceberem quando os professores não discutem essas ações conjuntamente.

Outro resultado decorrente desse espaço foi a redução da carga horária total do Curso, na medida em que se percebeu que as atividades, quando realizadas integradas, desenvolvem as habilidades previstas em um período menor de tempo. Além disso, recentemente, o Curso recebeu a visita de reconhecimento do MEC, sendo contemplado com nota 5 e recebendo comentários diretamente relacionados à importância dessas reuniões e de seu êxito na integração que o currículo se propõe.

O esforço da Univates e da coordenação do Curso para a manutenção e efetivação semanal das reuniões de professores tem se caracterizado como o principal fator de garantia da ideia de integração de conteúdos por meio da quebra de barreiras impostas pelo sistema disciplinar. O reconhecimento dos esforços empreendidos tem sido apontado pela comunidade acadêmica do Curso, mostrando seus resultados nas avaliações realizadas, tanto interna como externamente.

Em datas especiais como inícios e finais de semestre, sempre procuramos fazer um encontro em um ambiente externo à Universidade. Em março de 2017, os professores visitaram a escola Ayni, em Guaporé, cidade próxima a Lajeado, que está baseada em uma proposta disruptiva e apresenta uma forte ligação com a natureza. A grande questão era: como conseguir trabalhar as questões de Educação Ambiental no Curso de Odontologia?

Realizamos alguns encontros no Convento São Boaventura localizado em Daltro Filho no município vizinho de Imigrante. "Espécie de santuário... lugar lavado e leve..." como diria Richard Serraria, onde chegávamos pela manhã e trabalhávamos durante o dia todo entrecortado por boa comida e muita paz e sossego. Próximo a esse local, o professor André Jasper desbrava a mata com nossos calouros.

No ano de 2020 iniciamos o semestre com uma reunião em um outro local muito interessante. O Refúgio Ecológico Pedra d'Mim é um paraíso localizado em Tamanduá no município vizinho de Marques de Souza. Também regados a muito boa culinária, fizemos uma trilha no meio da mata, invocando os chakras e vivenciando a educação ambiental, espiritual e mental proposta pela alquimista Marta Verena Lucian, guardiã do local.

Essas reuniões têm se caracterizado por serem um espaço com forte caráter dialógico e a gestão participativa presente tem trazido resultados

importantes para os atores que compõem o curso. Ela reflete e se reflete nas mudanças que os sujeitos que ajudam a construir a Instituição têm apresentado nesses últimos anos. Algumas vezes, nesses anos, ela foi prazerosa, tranquila e harmônica, assim como outras vezes foi tensa, nervosa e com muitas discordâncias. Provavelmente essas características a tornam tão interessante. Sem falar que juntar muitas pessoas com uma bagagem de estudo muito interessante, como sempre foi nosso grupo, é muito bonito de vivenciar.

PRIMEIRA SEMANA DOS ESTUDANTES NO CURSO

Alessandro Menna Alves
Maurício Fernando Nunes Teixeira

O Curso de Odontologia da Univates apresenta uma proposta pedagógica inovadora para um Curso de Odontologia no estado do RS conforme já descrito. Entretanto, esse processo de inovação gera algumas preocupações, tanto dos professores quanto da Instituição: Perguntas como: "Essa proposta diferenciada será aceita pelos estudantes?", "Os estudantes sabem o que isso significa?", "Os responsáveis, que na maioria dos casos pagam a mensalidade, entendem uma proposta inovadora e diferenciada?", "Os professores estão preparados para esse tipo de proposta?", "O custo de manutenção do curso é alta, será que uma proposta inovadora trará retorno financeiro ou será sustentável?", "Qual a experiência do corpo docente com as metodologias ativas?", eram muito comuns.

Pensando nisso, a coordenação do Curso junto com o Núcleo Docente Estruturante (NDE) e com o apoio do Núcleo de Apoio Pedagógico (NAP), tem proposto uma série de atividades para os professores, tais como cursos e fóruns de formação docente, abordando as metodologias ativas e o papel do docente na graduação e, para os estudantes, ações como recepção aos ingressantes e responsáveis, avaliação diagnóstica, técnicas e grupos de estudo. Neste texto abordamos as atividades de recepção aos ingressantes e responsáveis, uma preocupação no início do Curso, que com o decorrer das atividades, tem se mostrado um diferencial importante.

A primeira semana dos calouros no Curso envolve diversas atividades, para que possam conhecer à IES, seus regulamentos e sistemas e sejam apresentados ao corpo docente que irá desenvolver as atividades acadêmicas. As ações realizadas pelo Curso são: recepção aos estudantes com apresentação do Curso e da sua proposta; apresentação da Clínica Universitária Regional de Ensino e Saúde (Cures), primeiro local de prática dos estudantes; avaliação diagnóstica; apresentação pessoal através de um objeto; e recepção aos pais/responsáveis dos estudantes. Cada uma dessas

atividades tem duração média de 3 horas (1 turno) e são realizadas durante a primeira semana de aulas de cada turma que ingressa no Curso.

A primeira atividade de recepção realizada com os estudantes é a apresentação do Curso com ênfase na sua metodologia. O coordenador do Curso mostra aos estudantes que os conteúdos a serem trabalhados ao longo dos cinco anos estão organizados em eixos e não no formato de disciplinas, em uma matriz curricular modular integrada, voltada para o desenvolvimento de habilidades e competências. Também é explicado que a proposta principal do Curso é colocar o estudante como ator principal desse processo, assumindo o papel de construtor do próprio conhecimento, que as aulas serão desenvolvidas através de metodologias ativas de ensino e de aprendizagem e como funciona o processo de avaliação, dividido em três dimensões: cognitiva, procedimental e atitudinal. Nesse momento, os estudantes mostram bastante curiosidade sobre esses "termos novos" que irão fazer parte do seu dia-a-dia e como essas atividades irão se desenrolar.

Num segundo momento os estudantes são inseridos e apresentados ao ambiente virtual de aprendizagem e capacitados a usarem, minimamente, as ferramentas de TICs que terão contato durante a formação. Na biblioteca ocorre uma breve apresentação do espaço onde são repassadas as orientações para o registro de retirada e entrega de materiais bibliográficos, assim como pesquisas acadêmicas.

A segunda atividade consiste na apresentação da Cures aos novos estudantes. Essa clínica é um serviço-escola (SE) diferenciado da Instituição, focado no trabalho em equipes multidisciplinares, com estudantes de diferentes cursos da área da saúde e pedagogia, na escuta e acolhimento às equipes e aos usuários conveniados. Nesse momento, o professor supervisor e a coordenação da Cures explicam como funciona o serviço-escola e quais atividades os estudantes irão desenvolver ao longo do semestre. Também é um momento de muitas dúvidas e expectativas dos estudantes, pois alguns não imaginavam que poderiam participar de um momento de interação com usuários já no primeiro semestre. Em avaliações realizadas pelos professores, esse é o espaço de grande diferenciação da formação dos estudantes do curso. Percebemos que, ao final do primeiro módulo, os estudantes vivenciaram muitas situações nesse espaço que serão relembradas no decorrer do curso.

A terceira atividade é a avaliação diagnóstica. Nesse momento, participa, junto com o coordenador, uma psicopedagoga. Consiste em um teste que tem o objetivo de identificar o perfil dos estudantes, suas formas de estudar, anseios, capacidade de leitura e interpretação através da aplicação de um instrumento que elenca e interpreta algumas características dos estudantes e da turma a partir da teoria das Inteligências Múltiplas, de Gardner.

A quarta atividade é a apresentação pessoal através de um objeto, algo que seja importante para o estudante, independente de valor financeiro. Tanto professores quanto estudantes participam desse momento. Para a realização da atividade, os estudantes e professores sentam em uma grande roda, só com cadeiras (mesas são proibidas) e seu objeto, quando, aleatoriamente, as pessoas vão se apresentando a partir do objeto escolhido. Tem sido um momento ímpar nesse processo de entrada dos estudantes no Curso, pois tanto professores quanto estudantes conseguem se enxergar para além da sala de aula e perceber detalhes que nem sempre são possíveis de serem percebidos durante as aulas. Também é um momento de muita emoção, pois a apresentação, através dos objetos, remete ao passado, presente e futuro, coisas que já vivenciamos e ainda vamos vivenciar com aquele grupo. Estudantes e professores lembram esse dia durante a graduação toda.

A última atividade de recepção é focada nos pais ou responsáveis pelos estudantes e, em alguns casos, outros familiares, como marido/esposa e filhos. A apresentação feita pelo coordenador do Curso é muito parecida com a feita no primeiro dia. Porém, como ela é feita logo após a apresentação pelo objeto, se consegue demonstrar uma proximidade entre professores e estudantes, incomum para um início de formação. Os responsáveis, por geralmente terem uma caminhada maior, alguns inclusive serem formados na Univates, questionam mais e mostram confiança no processo, identificando o cuidado do Curso com seus filhos.

Essa sequência de atividades na recepção aos ingressantes, inicialmente, foi pensada para diminuir a ansiedade do corpo docente e da IES com a proposta inovadora e diferenciada, pois se entendia que, explicando aos participantes do processo como ele aconteceria, as insatisfações e dúvidas diminuiriam. Entretanto, hoje se entende que essas ações têm um potencial muito maior: o corpo docente e discente se conhece e estabelece uma relação mais próxima rapidamente, facilitando a comunicação. Além disso, conseguimos sensibilizar os estudantes para a criação de autonomia de forma precoce e isso interfere de forma positiva na construção do conhecimento. Quando envolvemos a família nessa caminhada, os responsáveis se tornam nossos aliados para o reconhecimento da importância do estudo e o aumento da intimidade entre os estudantes propiciando a formação de um espírito de turma, facilitando o acolhimento e o trabalho em equipe.

A CLÍNICA UNIVERSITÁRIA REGIONAL DE EDUCAÇÃO E SAÚDE E A ODONTOLOGIA: A FORMAÇÃO E AS POTENCIALIDADES DO TRABALHO INTERPROFISSIONAL

Andreas Rucks Varvaki Rados
Olinda Lechmann Saldanha

A Clínica Universitária Regional de Educação e Saúde (Cures) teve sua criação no ano de 2011, a partir da necessidade do curso de Psicologia da Univates de realizar estágios na rede de atenção à saúde. Trata-se de um serviço-escola (SE) idealizado por um grupo de professores de diversos cursos da área da saúde, com o objetivo de qualificar a formação dos profissionais dessa área, graduados pela Univates. Por meio da atuação multi/interdisciplinar e Inter profissional, comprometido com os princípios do Sistema Único de Saúde (SUS), especialmente o da integralidade da atenção e da humanização do cuidado, visava também a articulação com a rede de serviços e políticas públicas da região. Atualmente, os cursos de Biomedicina, Educação Física, Enfermagem, Farmácia, Fisioterapia, Nutrição, Odontologia, Pedagogia e Psicologia compõem a equipe ampliada deste SE através da atuação de supervisores, professores, estudantes e estagiários.

Mantendo o compromisso, a Cures compõe a rede de saúde do município de Lajeado/RS, assim como recebe encaminhamentos de todos os municípios vinculados ao CONSISA-VTR, consórcio intermunicipal da região próxima ao Vale do Taquari. Reuniões de equipe entre o SE e a equipe de referência precedem o início do atendimento do usuário e/ou de sua família, buscando entender seu contexto, além de sanar eventuais dúvidas que possam surgir neste primeiro contato. Esse acolhimento e reconhecimento das equipes está relacionado com outra das proposições da Cures: desenvolver práticas de cuidado em articulação com a rede e não sobrepor ou substituir as ações de cuidado, que poderiam ser desenvolvidas pelos profissionais que atuam no território de origem do usuário. Desta

forma busca-se fortalecer e apoiar o trabalho dos profissionais que atuam nos municípios, estimulando a cogestão dos Projetos Terapêuticos Singulares.

Aqui se faz necessário uma pausa no relato para apresentar os conceitos: a cogestão está vinculada a um dos fortes pilares da criação da Cures que é a implementação de uma clínica ampliada e compartilhada. Neste sentido, desde a construção do Projeto Terapêutico Singular dos usuários até o planejamento, execução e avaliação dos resultados das ações desenvolvidas no serviço-escola e também nos municípios buscava-se a coparticipação de atores com distintos interesses e diferentes inserções sociais. Esta proposta foi baseada na metodologia Paidéia, desenvolvida por Gastão Campos e colaboradores, que inclui também "a cogestão do atendimento, da assistência e do cuidado entre profissionais responsáveis e usuários" (CAMPOS; FIGUEIREDO; PEREIRA; CASTRO, 2014). Então, o serviço oportuniza vivências na atenção, educação, promoção e gestão de saúde, indo além da reabilitação dos indivíduos, estimulando o desenvolvimento da autonomia dos sujeitos. Estes compromissos e práticas evidenciam diferenças, estranhamentos, e também problematização dos modelos de formação e cuidado instituídos.

Os cursos da Univates preconizam inserções dos estudantes e estagiários na rede de serviços, em momentos distintos da graduação. Usualmente, os estudantes estão em meio ou final de curso. O Curso de Odontologia propõe uma primeira vivência logo no semestre inicial, a fim de sensibilizar os estudantes para a importância da escuta na produção do cuidado, além de oportunizar vivências na rede de serviços, de maneira ímpar. O início das atividades do Curso de Odontologia junto a Cures foi no ano de 2015.

A proposta e as práticas na Cures, em geral, geram um estranhamento inicial, entretanto, estudantes e supervisores das outras áreas do conhecimento já apresentaram bem mais resistência, quando comparados com o início das atividades do Curso de Odontologia. O tempo, o comprometimento dos atores e os resultados favoráveis do processo de formação implementado no SE fizeram com que esta desconfiança fosse gradativamente superada. Professores e estudantes do Curso de Odontologia se envolveram ativamente com as propostas do serviço, a exceção dos atendimentos específicos da Psicologia, produzindo resultados práticos no dia-a-dia, tais como: participando no planejamento e implementação de ações de cuidado nos diferentes ciclos de vida, reuniões de equipe, acolhimento de usuários, junto com estudantes de outros cursos, além da escrita de trabalhos apresentados em diversos congressos, inclusive de abrangência nacional.

As atividades desenvolvidas pelos estudantes, já neste início da trajetória acadêmica, apresentaram entre os desafios o reconhecimento e análise da rede de atenção, o estudo sobre as políticas públicas, aprender a colocar-se na posição de um ouvinte atento e implicado no acolhimento

dos usuários, de diferentes faixas etárias, que chegavam ao SE em busca de atendimento. Compreende-se a dimensão dos desafios que essas ações representavam se considerarmos que são jovens recém-chegados à universidade trazendo fortes expectativas por aprender as práticas tradicionais da Odontologia. Diante dos questionamentos que apresentavam aos docentes eram esclarecidos de que a formação não é apenas como cirurgiões-dentistas, mas especialmente profissionais de saúde, que irão cuidar de pessoas e não só de bocas. A inserção neste processo de trabalho, que busca superar o paradigma biomédico e oportunizar práticas sustentadas na Clínica Ampliada causa estranhamento e, às vezes, algumas resistências.

A clínica ampliada (Figueiredo, 2012) propõe desviar o foco de intervenção da doença, para recolocá-lo no sujeito, que tem doenças, mas também desejos, interesses e outras demandas e necessidades sociais. Além disso, pressupõe transformações quanto ao objeto de trabalho (as pessoas e os coletivos, respeitando singularidades); aos objetivos de trabalho (curar, reabilitar e prevenir, mas também apoiar o desenvolvimento da autonomia dos sujeitos) e aos meios de trabalho (diversificar as ações para lidar com problemas sociais e subjetivos, com famílias, grupos e comunidades; diálogo; compartilhamento de saberes e poderes, vínculo; responsabilização; trabalhar em equipe e em rede)

A escuta e a acolhida das angústias iniciais dos estudantes, pelos docentes e coordenação do SE mostraram a necessidade de respeito às diferenças e aos tempos de cada um, o que favoreceu o amadurecimento e o comprometimento dos mesmos com a proposta.

Outro ponto que contribuiu para a consolidação do curso junto ao serviço foi o fato de que com pouco mais de um ano de atuação na Cures, um dos professores do Curso assumiu a coordenação do respectivo serviço durante o período de dois semestres letivos, trazendo respaldo institucional ao Curso, em momentos de dificuldades.

Desde de 2015, diversas atividades contaram com o envolvimento de estudantes, supervisores e professores da Odontologia. Dentre as que merecem menção, estão os atendimentos em equipes multiprofissionais e práticas interprofissionais, como nos grupos de promoção à saúde, de apoio matricial e institucional e ações em sala de espera. O destaque para estas ações é necessário porque não são práticas comuns aos profissionais da odontologia e mais do que isso, envolvem o estudo e aprendizagem de estratégias de planejamento e gestão em saúde, que não integra os fazeres do cotidiano do seu campo de atuação. Outro desafio vivenciado pelos estudantes são as práticas interprofissionais que favorece, segundo Ceccim (2018) "as trocas de informação e conhecimento, a cooperação solidária nos fazeres, a atenção corresponsável às necessidades em saúde para a construção de projetos terapêuticos e de promoção da saúde, o agir coletivo

em território" além de fortalecer os vínculos afetivos e o pertencimento a uma equipe.

O envolvimento e compromisso dos estudantes de Odontologia têm outros destaques. Um grupo, em determinado momento, propôs uma atividade com escolares. Este projeto atingiu tal maturidade e articulação que se tornou parte constituinte do currículo obrigatório do Curso, envolvendo os graduandos diretamente com escolas da rede municipal de Lajeado, fazendo ações de promoção e educação em saúde para estes escolares. A maturidade e o compromisso com a própria formação permitiu a elaboração e publicação de artigo científico em revista de ensino odontológico. Também é importante ressaltar o envolvimento ativo dos estudantes nos seminários e simpósios realizados pelo SE, por meio da participação na organização dos eventos e na produção de trabalhos, visando a divulgação das práticas e aprendizados. Em 2020 está previsto para acontecer a décima edição do evento.

Atualmente, o Curso conta com mais de 100 estudantes e seis professores, que tiveram a oportunidade de atuarem junto à Cures. É inegável que os desafios de "fazer-acontecer" um serviço dessa magnitude estão presentes diariamente. A resiliência, a capacidade de escuta qualificada e a resistência frente aos desafios são algumas das fortalezas do serviço e de seus atores. No segundo semestre de 2020, acontecerá a formatura da primeira turma do Curso de Odontologia da Univates e, ao longo da formação destes estudantes, foi possível perceber que a inserção nesse serviço opera como disparador para uma série de inovações pedagógicas presentes no transcorrer do curso e que se materializam também no momento "dentista" de suas carreiras, principalmente no que tange ao olhar para a outra pessoa, o desenvolvimento da empatia e do cuidado humanizado.

Referências

CAMPOS, GWS, FIGUEIREDO MD, PEREIRA JÚNIOR N, CASTRO CP. A aplicação da metodologia Paideia no apoio institucional, no apoio matricial e na clínica ampliada. **Interface** (Botucatu). 2014; 18 Supl 1:983-95.

CECCIN, RB. Conexões e fronteiras da interprofissionalidade: forma e formação. **Interface** (Botucatu). 2018; 22(Supl. 2):1739-49.

FIGUEIREDO. Material construído em parceria com os alunos do "Curso de Especialização em Saúde da Família: Atenção e Gestão do Cuidado na Atenção Básica", oferecido entre 2008 e 2009 pela Faculdade de Ciências Médicas/ Unicamp para profissionais da rede SUS-Campinas. Parte da tese de doutorado "**A construção de práticas ampliadas e compartilhadas em saúde: Apoio Paidéia e formação**" (Figueiredo, 2012).

APRENDIZAGEM SIGNIFICATIVA MEDIANTE PARTICIPAÇÃO EM REUNIÕES DO CONSELHO MUNICIPAL DE SAÚDE: ENSINO EM ODONTOLOGIA

Luísa Quevedo Grave
Magali Quevedo Grave
Maurício Fernando Nunes Teixeira

Desde o primeiro semestre, o Curso de Odontologia tem como um dos pressupostos curriculares a inserção de seus estudantes nos diferentes ambientes de práticas em saúde, procurando o contato com contextos que discutam a saúde a partir de várias perspectivas, com atividades variadas, no decorrer dos semestres letivos. Nesse sentido, faz-se necessário que os estudantes e futuros profissionais da área da saúde conheçam os objetivos, as atribuições, o papel e o funcionamento do Conselho Municipal de Saúde (CMS), instância colegiada que atua na formulação de estratégias e no controle da execução da Política de Saúde do Sistema Único de Saúde (SUS) no âmbito municipal.

Os estudantes do terceiro módulo do Curso de Odontologia participam de, pelo menos, quatro reuniões do CMS e uma do Conselho Estadual de Saúde (CES), cujo objetivo é conhecer as formas de participação social na construção do SUS, estabelecendo novas relações com o contexto social e reconhecendo a estrutura e as formas de organização social, suas transformações e expressões. Este texto evidencia o depoimento da vivência de uma estudante cursando o sétimo módulo do Curso, no Eixo de Educação Permanente, no ano de 2018 e infere as perspectivas da experiência para a formação dos estudantes.

Segue o relato: ”minha turma cursava o terceiro módulo do Curso, quando participamos efetivamente das reuniões do CMS do município de Lajeado. As reuniões aconteciam uma vez por semana e a metodologia utilizada era a de observação com posterior registro de nossas percepções, através de um diário de campo. Diversos assuntos eram relatados durante as reuniões do CMS, tais como estratégias de gestão, promoção de saúde,

controle social e questões econômicas. É possível destacar a importância da relação entre a teoria e prática pois, o que até então era discutido teoricamente em sala de aula (desde o primeiro semestre, até hoje), passou a ter sentido com a participação nas reuniões do CMS, facilitando, dessa forma, o desenvolvimento de habilidades e competências descritas no eixo de Educação Permanente, referentes àquele módulo.

Essa experiência acadêmica teve forte influência na minha formação e, certamente será levada para a vida profissional. O conhecimento prático sobre o funcionamento do CMS, cujos encaminhamentos impactam diretamente no bom gerenciamento da saúde pública do município, é fundamental para um futuro cirurgião dentista. Aproxima-o do perfil do egresso e oportuniza o pensamento crítico, de modo a analisar os problemas da sociedade e de procurar soluções para os mesmos. Também foi possível entender as atribuições do CMS, as quais envolvem o controle do capital proveniente de repasses do SUS ou de programas federais e seu investimento, a fiscalização da execução das ações, a formulação de metas, entre outras. Tais atribuições são realizadas por meio de votação de pautas, nas quais os conselheiros podem se posicionar contra, a favor ou se absterem.

Essa experiência permitiu, não só a mim, mas, a todos os meus colegas, o desenvolvimento de autonomia, responsabilidade e compromisso com a sua educação que, por sinal, são diretrizes do nosso Curso. Acredito que**,** mediante participação *in loco,* além de ter ciência de como é conduzida a reunião, tivemos a chance de verificar onde são aplicados os recursos destinados à saúde no município sede de nossa Universidade. É importante destacar que a participação social transforma a realidade, possibilita construir os caminhos percorridos pela humanidade e dá sentido aos outros princípios como igualdade, liberdade, diversidade e solidariedade.

A estudante continua: "Assim, estar inserido em vivências do sistema de saúde local, desde os primeiros semestres do Curso, propicia aos estudantes uma aprendizagem muito mais significativa, bem como facilita a compreensão das novas informações, oportunizando o significado real ao conhecimento adquirido, além de tornar a sala de aula mais instigante e atrativa, despertando a curiosidade e mantendo a motivação dos estudantes. Para além da sala de aula, esta atividade estimula a participação e interesse do estudante como ator no processo de fiscalização dos recursos destinados à saúde e do andamento dos trabalhos realizados na administração do SUS, pelo município. Não foi fácil, no terceiro semestre, dar a devida importância à oportunidade desafiadora que tivemos. Afinal, escolhemos a Odontologia como opção para tratar "dentes" (doce ilusão). Então, por qual motivo teríamos que ficar um semestre inteiro participando de reuniões de um Conselho? "

Pela descrição da estudante podemos perceber a dificuldade de implementar ações que rompam com as já pré-estabelecidas e do quanto é

desafiador para o professor propor e desenvolver atividades de ensino e de aprendizagem inovadoras. O relato nos alerta para o quanto a insistência em atividades que, num primeiro momento, possam parecer dispensáveis, são capazes de produzir sentido e desenvolver a aprendizagem significativa.

A estudante traz ainda outras ponderações: "Também não foi muito fácil, inicialmente, nos adaptarmos à metodologia do Curso, onde teríamos que ser atores no nosso processo de formação: teríamos que pensar, refletir sobre a aprendizagem e propor soluções para a resolução dos problemas que se apresentavam. Rompíamos, desta forma, com um modelo tradicional de ensino ao qual estávamos acostumados. Eu, por exemplo, saí da escola com 17 anos e estava acostumada com um sistema onde a única coisa que importava, era o quanto se "tirava" na prova final.

É difícil ingressar em um sistema em que tu não és apenas uma nota, entender que existem outros critérios, tão ou mais importantes, quando, o que se experimentou a vida toda, foi isso: tirar tal nota para passar de ano. Agora, no sétimo módulo do Curso, posso dizer que estou 100% ciente da sua proposta, do que ela realmente significa e do seu impacto na minha formação enquanto ser humano e futura cirurgiã-dentista. E, com toda certeza, quando entendemos o real significado dos conceitos de protagonismo, aliados a outros como humanização, interdisciplinaridade e vamos para a prática no mundo profissional, seja na realização de atividades propostas nos diferentes módulos ou nas de estágio, principalmente em espaços externos à Univates, a proposta do Curso se materializa e faz todo o sentido.

Claro que ainda existem momentos de incertezas frente aos novos desafios, principalmente pelo fato de ser uma experiência diferente da qual estávamos acostumados, tanto no campo da Odontologia, quanto no uso de metodologias ativas de ensino e de aprendizagem. Através disso, agora, consigo perceber o quão importante foi a minha participação nas reuniões do CMS, já no início do Curso.

Ser dentista é muito mais do que cuidar e restaurar dentes: é ser humano, acolhedor, é ter conhecimento técnico, é ser colega, é entender a importância da interdisciplinaridade no cuidado em saúde e, também, é saber ser gestor, uma vez que se torna indispensável a administração de um serviço, seja ele público ou privado.

Sem autonomia, protagonismo, organização e conhecimento de estratégias que permitam o bom funcionamento de um serviço de saúde, que atenda às necessidades dos seus usuários da melhor forma possível, perde-se a essência do todo. Nesse sentido, a participação nas reuniões do CMS me fez ver a importância da formação generalista do futuro cirurgião-dentista. Nossa importância na equipe de saúde vai muito além de cuidar e restaurar dentes. Essa aprendizagem já está em mim. Escolhi fazer parte do

Curso de Odontologia da Univates e muito me orgulho disso. Espero colher muitos frutos desta formação na minha vida profissional.

A partir do relato da estudante, podemos refletir sobre os desafios que nos propusemos ao projetar o Curso no formato modular, utilizando de fato, metodologias ativas de ensino e de aprendizagem e propondo atividades disruptivas como essa, relacionada à participação dos estudantes nas reuniões dos CMS de seus municípios de origem. Nesses anos de execução da proposta, temos acompanhado o desenvolvimento de importantes habilidades por esses estudantes, tais como empoderá-los para o controle social.

Recentemente, o Curso passou por uma avaliação externa de reconhecimento e o Conselho Nacional de Saúde, no seu relatório do parecer da visita *in loco*, apresenta o esforço do Curso neste sentido descrevendo: "... demonstrações que o diálogo entre academia e sociedade está aberto, seja na forma de integração com a comunidade, através das atividades de extensão, outras formas de intervenção, atividades acadêmico-culturais envolvendo alunos e comunidade acadêmica, bem como participação da sociedade..." O referido relatório destaca que, "...no terceiro módulo, os estudantes precisam participar de pelo menos quatro reuniões do Conselho Municipal de Saúde e de uma reunião do Conselho Estadual de Saúde, estudando e exercitando a participação popular e desenvolvendo o pensamento crítico e a aproximação com a comunidade que o controle social proporciona. "

Referências

CURSO de Odontologia da UNIVATES. **Projeto Pedagógico do Curso de Odontologia da UNIVATES**, Lajeado, 2014.

BRASIL, **Lei 8.142, de 28 de dezembro de 1990.** Diário Oficial da União, Brasília, DF, 31 dez. 1990b. Seção 1.

A EXPERIÊNCIA DA CLÍNICA DE ODONTOLOGIA AMPLIADA

Andreas Rucks Varvaki Rados
Maurício Fernando Nunes Teixeira

As experiências envolvendo a temática da clínica ampliada são relativamente recentes. No Brasil, com a Política Nacional de Humanização (PNH), houve avanços importantes com perspectivas de mudança do olhar sobre os usuários dos serviços de saúde. Espaços de formação começaram a se articular e propor ações e serviços que tivessem afinidade com os ventos do momento. Na Univates, as primeiras experiências começaram a surgir na área da saúde, através do curso de Psicologia e, posteriormente, com a consolidação do Curso de Odontologia.

O Curso de Odontologia se pautou desde sua gênese pela utilização de metodologias ativas de ensino e de aprendizagem, para o desenvolvimento das habilidades e competências previstas no perfil do egresso. Essas metodologias pressupõem que o estudante também seja o protagonista do processo de ensino e de aprendizagem e não mais apenas o professor. Além disso, a característica do curso, com alta carga-horária de caráter técnico-prático exigia um *locus* de trabalho que permitisse a execução dessa proposta e que não repetisse o modelo de ensino fragmentado vivido em nossas formações.

Desde o primeiro semestre, os estudantes têm a experiência de compor equipes multiprofissionais desenvolvendo ações de saúde e de cuidado em diferentes locais da rede de serviços de saúde, começando pela Clínica Universitária Regional de Educação e Saúde (Cures), onde, juntamente com estudantes de outros cursos em estágios diferentes de formação, tem contato com as propostas da Clínica Ampliada e da Humanização do cuidado, desenvolvendo a habilidade de construção de vínculos, inicialmente num caráter multiprofissional, que ao longo do curso, adquire especificidades relativas à saúde bucal.

Do ponto de vista de estrutura física, a universidade nunca deixou a desejar. Um rápido passeio pelo *campus* permite perceber o que é relatado

em palavras escritas. Desde o começo das atividades nos seus cursos, os estudantes têm acesso e usufruem de uma estrutura comum. Dadas as características da profissão, havia a necessidade de construção de espaço físico que contemplasse as demandas técnicas e permitisse/facilitasse a execução de algumas das propostas, como as citadas anteriormente. Entre o primeiro projeto e o início da obra, inúmeras versões foram sendo propostas, até que se chegasse ao tamanho da clínica, local a ser utilizado e como seria seu funcionamento.

Junto com o começo das atividades, uma crise político-econômica se instalou no país, trazendo a necessidade de readaptação de algumas propostas. O projeto inicial da clínica odontológica previa um andar inteiro de um prédio que seria construído em um dos setores do *campus,* dividindo espaço com o curso de Medicina. Estavam previstos 60 módulos de pré-clínica, 96 cadeiras odontológicas, laboratório de prótese e de radiologia. A primeira turma teve 23 estudantes de 30 vagas disponibilizadas, na segunda turma houve procura de 11 vagas e no segundo semestre de 2016, não tivemos um número mínimo de estudantes interessados para montar uma turma.

O tempo e os semestres foram passando e professores e estudantes tinham muita preocupação com a falta de um espaço específico para o ensino das especificidades da profissão, muito em função de uma indefinição nas decisões sobre o tema. Durante esse período de baixa procura, cogitou-se cancelar as atividades do curso e devolver aos estudantes o valor investido. Frente a esse quadro de baixa procura, que só se reverteu parcialmente a partir de 2017, optou-se por adiar a construção em um ano. Durante esse período, as atividades práticas não poderiam ser realizadas em outro local que não fosse um laboratório de pré-clínica e uma clínica odontológica. Contamos com a ajuda da Associação Brasileira de cirurgiões-dentistas (ABCD) que cedeu sua clínica, onde ocorriam atividades de cursos de pós-graduação.

Esse período foi bastante conturbado. Dada a necessidade de deslocamento de pessoal e materiais, atrasos eram frequentes e o descontentamento geral entre professores e estudantes se acumulava a cada semana, mesmo que o espaço apresentasse as condições físicas e de recursos humanos mínimos para o desenvolvimento das atividades. As ideias de acolhimento e humanização do cuidado, apesar de serem posturas e não tecnologias duras, não foram possíveis de serem implementadas. Essa experiência limitava a plenitude de algumas propostas que vínhamos trabalhando na teoria com os estudantes, sobretudo àquelas relacionadas à construção de vínculo e desenvolver um olhar ampliado ao cuidado prestado aos usuários.

A reestruturação da matriz curricular e o ingresso de duas turmas no ano de 2017 fizeram com que houvesse uma mudança de perspectiva

institucional com relação ao Curso e o investimento físico finalmente ocorreu. A Clínica e os demais laboratórios do Curso seriam alocados junto ao Estádio Olímpico da Univates. Havia estruturas de sala de aula, ociosas que seriam adaptadas para uma estrutura condizente com a atual procura pelo curso. A estrutura atualmente conta com 20 consultórios com sala de raio-x, laboratório de prótese, central de esterilização, um laboratório de pré-clínica com 30 unidades de trabalho.

Com a clínica pronta foram intensificados outros processos que despenderam negociações, pactuações e reavaliações contínuas: convênios para determinar fluxos e atendimentos a usuários na clínica e o rompimento com o ensino por especialidades. Para o primeiro processo, o trabalho articulado com a 16ª Coordenadoria Regional de Saúde (CRS) foi fundamental para nos ajudar a implementar os projetos apresentados pela universidade.

Como ideia inicial, gostaríamos que a Clínica de Odontologia Ampliada (este nome tem uma razão de ser) fizesse parte da rede de saúde do município. As aproximações com a coordenação de saúde bucal do município e com a CRS era para atender os usuários adscritos aos bairros adjacentes à Univates, gerando uma responsabilização e construção de vínculo com o entorno, cada vez maior. Tivemos muitas reuniões com vários setores da prefeitura e a resposta foi de que poderíamos fazer parte da rede, porém sem repasse de recursos.

Essa posição nos levou a buscar e estabelecer um convênio com o Consórcio Intermunicipal do Vale do Taquari (Consisa-VTR), através da indicação de usuários dos municípios da região que necessitem de cuidados nas mais diversas especialidades. Esse convênio prevê o pagamento pelos serviços realizados, mas o usuário tem uma necessidade específica, fato que dificulta uma série de pressupostos que estávamos tentando implementar, como o cuidado longitudinal e integral. Paralelamente a esses convênios, fizemos uma proposta de montagem de um Centro de Especialidades Odontológicas (CEO) regional para o Vale do Taquari que, entre muitas idas e vindas, ainda segue no papel.

Desde a abertura da COAm foram realizados mais de 7 mil atendimentos de usuários de municípios diversos do Vale do Taquari e mesmo sem o repasse de recursos, continuamos atendendo usuários de Lajeado, referenciados pela Atenção Básica e que chegam até a COAm.

Baseados na experiência que tivemos em nossas formações e nessa da clínica gentilmente cedida, nossa expectativa era de propor um serviço-escola que pudesse ampliar o cuidado da população em saúde bucal, ao mesmo tempo em que a formação dos estudantes do curso pudesse ir além de um treinamento técnico que inicia em um simulador e se transmuta para pessoas.

Essa ampliação deveria começar em nós mesmos, professores e líderes do processo, pois a proposta de profissional generalista traz consigo o pressuposto de conseguir atuar em diversas frentes, sejam elas clínicas ou não. Houve resistências iniciais, pois a trajetória profissional dos envolvidos acaba por "cristalizar" determinadas posturas e atitudes. É digno de nota que a resiliência do grupo e sua capacidade generalista têm se mostrado presente, independente da especialidade de formação dos professores.

Com relação ao trabalho desenvolvido até o momento na atuação clínica, nota-se relevância no que diz respeito à humanização e à busca por continuidade e interdisciplinaridade nas abordagens, uma vez que se considera o usuário não como um fragmento, mas sim uma pessoa com atividades metabólicas e cognitivas que tem suas percepções e crenças atravessados por Determinantes Sociais em Saúde.

O respeito, a responsabilidade e a atuação ética são atributos desejáveis e almejados, além de considerar como um dos autores do cuidado sendo o próprio paciente, ou usuário, como referimos os indivíduos atendidos na clínica. Enfatiza-se assim, a educação em saúde, através de ações que se utilizem de saberes e práticas orientados para a prevenção de doenças e a promoção da saúde.

No quesito da clínica ampliada, toda ação desenvolvida é pautada em modelos que colocam o ser humano em inter-relação com sua realidade. Professores, estudantes e usuários interagem para constituir um profissional de saúde responsável por uma visão ampliada do processo saúde-doença e atento aos determinantes sociais de saúde que impactam nas vidas dos sujeitos.

Todas as colocações acima dizem respeito à tentativa dessa clínica odontológica fazer jus a seu nome: Clínica de Odontologia Ampliada (COAm) e ser parte da rede de atenção em saúde. Enquanto correspondente à articulação entre serviços de saúde, nos quais permite-se ofertar uma atenção contínua e integral a determinada população, coordenada pela atenção primária à saúde prestada no tempo, lugar, custo e qualidade certa, sempre de forma humanizada.

Essas definições transmitem aos futuros cirurgiões-dentistas um olhar ampliado, escuta qualificada, de modo a interpretar as colocações dos usuários e ter uma percepção de coerência no tratamento. Ao propor isso às pessoas, demonstra-se o papel importante dos cirurgiões-dentistas para com referências e contra referências construídas nos serviços, eis que essas influem no cuidado humanizado, o que é notável no trabalho da clínica.

A reprodução de uma clínica odontológica tradicional mostra-se, para professores, estudantes, funcionários e usuários, uma contradição ao que tem sido construído teoricamente e nas vivências. O desafio é levar os conceitos fundamentais da clínica ampliada para dentro de um espaço para

o qual, historicamente, a maioria dos dentistas produziram um modelo que não respondeu aos anseios e necessidades do Sistema Único de Saúde.

Evidente que o serviço e processos desenhados por nós, está sujeito a falhas e críticas como, de fato, as possui. A falta de referências, resultados comparáveis, necessidade de adaptação dos atores ao uso de prontuário eletrônico, além do apego e desejo pelo retorno à formação tradicional, seja por parte do imaginário de estudantes ou professores, são algumas das dificuldades que têm surgido ao longo do nosso processo de desenvolvimento e implantação.

A alocação dos laboratórios do curso, junto ao Estádio Olímpico da Univates, fruto de resistência inicial, têm sido bastantes aproveitado pela comunidade acadêmica através da prática de atividades físicas usando a pista atlética, bem como a confraternização nas suas arquibancadas durante intervalos das atividades diárias.

A insegurança inicial dos estudantes na execução da técnica durante a clínica eventualmente encontra eco nos professores durante a abordagem de determinadas situações, seja pela pouca experiência de vida, seja pelo pouco contato com a temática proposta por Gastão Wagner e Gustavo Tenório Cunha. As experiências com a Clínica Ampliada em Odontologia são muito restritas e já tivemos alguns resultados importantes, seja na manifestação dos usuários de um atendimento humanizado ou pelos textos construídos pelos estudantes para esta publicação.

Realizar mudanças de paradigma em uma profissão técnica e tradicional como a Odontologia não é nada simples de se executar. Por isso trabalhamos com a "mutabilidade" dos processos, buscando também a responsabilização dos atores envolvidos a reforçando sempre que possível. Enquanto gestores, sempre buscamos ouvir os envolvidos em todas as etapas, desde as pessoas envolvidas com a limpeza e organização do espaço, até os pró-reitores. É evidente que a acomodação de desejos e interesses de todos é uma utopia, todavia acreditamos ser possível ofertar cuidado de qualidade e manter o engajamento dos envolvidos, fazendo-os contribuir para a organização e planejamento das atividades e rotinas do serviço.

Referências

BRASIL. Ministério da Saúde (MS). Secretaria de Atenção à Saúde. **Política Nacional de Humanização da Saúde.** *Documento Base*. 4ª ed. Brasília: Ministério da Saúde (MS); 2007.

CUNHA, Gustavo Tenório. **A construção da clínica ampliada na atenção básica**. São Paulo: Editora Hucitec, 2005.

A REUNIÃO DE EQUIPE COMO PRÁTICA INTEGRATIVA NA CONSTRUÇÃO DA CLÍNICA AMPLIADA

Victório Poletto Neto
Rômulo Cantarelli
Andreas Rucks Varvaki Rados

Visando a integralidade na formação dos estudantes, diversas estratégias vêm sendo empregadas nos cursos de graduação em Odontologia, seja no ensino público ou privado. De modo geral, a construção do perfil do egresso, focada nas habilidades e competências necessárias a um cirurgião-dentista generalista, pode se dar de diversas formas dentro da instituição de ensino superior. Dentre elas, o currículo modular integrado surge como uma alternativa aos modelos de ensino tecnicistas já consolidados e enraizados no ensino superior odontológico, visto que a fragmentação de conteúdos tende a diminuir, buscando assim, aproximar os conteúdos curriculares dos objetivos de ensino e de aprendizagem necessários para a formação de profissionais capazes de atender às demandas populacionais (MORITA, 2004; TOASSI, 2012).

Na Univates, os estudantes da graduação em Odontologia, já no primeiro semestre, iniciam o Curso, sendo inseridos na Clínica Universitária Regional de Educação e Saúde (Cures), buscando desta forma, assim a vivência em um serviço multiprofissional de saúde, realizando ações em saúde. Posteriormente, quando estão na metade do Curso, os acadêmicos iniciam atendimentos clínicos na Clínica Odontológica Ampliada (COAm), onde conceitos como intersetorialidade e interdisciplinaridade tornam-se parte da rotina de cada um, aderindo principalmente aos preceitos da Política Nacional de Humanização (PNH) (BRASIL, 2009; HAYACIBARA, 2012).

Juntamente à inserção dos acadêmicos na Atenção Primária (AP) dos municípios da região e ao ensino de Práticas Integrativas e Complementares (PICs), as reuniões de equipe foram propostas como componentes indissociáveis das práticas clínicas integradas durante o Curso. Objetivando

a interação entre estudantes e professores, desenvolvimento das habilidades de comunicação e liderança, bem como o estímulo ao pensamento crítico e exercícios que abranjam do diagnóstico até a construção dos planos terapêuticos de tratamento, a reunião de equipe torna-se uma ferramenta de extrema importância na complementação de estratégias que buscam a formação integral dos acadêmicos de odontologia (GARCIA, 2007).

As reuniões ocorrem sempre ao final dos atendimentos clínicos, num espaço temporal de trinta a quarenta minutos, geralmente em sala de aula. Preconiza-se o posicionamento dos integrantes em um círculo, onde todos possam ser visualizados. Todos têm direito a palavra e são estimulados a participarem do debate. Dessa maneira, a troca de experiências, de dúvidas e de opiniões desencadeia reflexões do grande grupo a partir de temas trazidos por algum participante, individualmente. Esses debates englobam todas as nuances envolvidas no processo da clínica, que vão de aspectos técnicos a humanísticos, levando em conta todos os atores envolvidos e seus papéis no contexto da COAm.

Ao longo da construção das nossas reuniões de equipe, percebemos, através de demandas trazidas pelos próprios estudantes, que a reunião deve atender de maneira distinta, os diferentes momentos do curso. As reuniões com os estudantes do quinto módulo, por exemplo, especialmente nos primeiros encontros, são um momento para desabafo quanto a anseios e dificuldades encontradas nas primeiras aproximações com a clínica, haja vista que os estudantes estão sendo iniciados nestas atividades e isto pode, para alguns, tornar-se um fator ansiogênico.

Já no oitavo módulo, este tipo de ansiedade já não se faz mais tão presente e as reuniões priorizam o raciocínio clínico integrado através da apresentação e debate de casos, nos quais são trabalhadas as questões diagnósticas, preventivas e terapêuticas, buscando um olhar ampliado para o sujeito cuidado. Ainda no oitavo módulo, pactuamos junto aos estudantes que em uma das duas reuniões semanais, o momento de reflexão seja feito junto ao seu professor tutor acerca dos casos conduzidos em clínica ou questões diversas trazidas pelos estudantes. É uma proposta trabalhada em grupos menores, onde, através do *feedback* dos próprios estudantes, relatam perceber um maior aproveitamento das explicações e das trocas de conhecimento. Não há rigidez no desenho das reuniões ou dos temas abordados. As temáticas se constroem conforme demandas e necessidades, visando dessa forma, o melhor aproveitamento possível do tempo disponível.

Cabe ressaltar que a reunião de equipe carece de instrumentos avaliativos do real impacto e efetividade do ensino alcançado por ela. Até o presente momento temos usado o parecer dos próprios estudantes e as impressões do corpo docente como forma de avaliar o impacto das atividades propostas em reunião. Há de se ter em mente que o desfecho

obtido através dessa avaliação, um tanto subjetiva dos envolvidos, tem peso importante, porém, para a validação e aprimoramento dos momentos de reunião de equipe, certamente precisaremos de parâmetros mais claros e eventualmente objetivos, com o cuidado de não deixarmos de lado as opiniões do corpo discente e docente.

Mundo afora, diferentes estratégias de ensino, aprendizagem e avaliação têm sido propostas em cursos de Odontologia. Assim como no Brasil, países europeus apresentam diretrizes curriculares divididas em domínios, mas que também visam a formação do egresso, baseada em competências principais (FIELD et al., 2017). Quando analisamos o processo de construção da COAm, juntamente com as reuniões de equipe, dificilmente encontramos diretrizes e técnicas pedagógicas específicas que suportem a escolha desse modelo de prática. Entretanto, como apresentado no estudo de Field et al. (2017), o terceiro domínio, que trata do cuidado centrado no paciente, busca o desenvolvimento e aprimoramento de competências nas áreas de: 1) Aplicação das bases científicas do cuidado em saúde oral; 2) Obtenção de informação clínica e diagnóstico; 3) Planejamento; 4) Estabelecimento e manutenção da saúde oral. Dentre as metodologias propostas para avaliação deste domínio, a Discussão Baseada em Casos (CBD) é indicada como ferramenta avaliativa de caráter formativo, mas de forma individualizada. Do mesmo modo funcionam as reuniões de equipe, onde o processo de formação dos acadêmicos não só é avaliado pelos professores, mas também é compartilhado, discutido e aprimorado entre todos participantes através do compartilhamento de experiências e da problematização de casos clínicos.

Sendo assim, consideramos a reunião de equipe na COAm fundamental tanto do ponto de vista pedagógico como operacional, já que nela todos os assuntos pertinentes podem ser abertamente debatidos. Cremos que a pluralidade de sua estrutura e a execução, conforme demandas, contempla de forma satisfatória os objetivos do ensino modular baseado em competências e habilidades.

Referências

BRASIL. Ministério da Saúde. Secretaria de Atenção à Saúde. **Política Nacional de Humanização da Atenção e Gestão do SUS. Clínica ampliada e Compartilhada** / Ministério da Saúde, Secretaria de Atenção à Saúde, Política Nacional de Humanização da Atenção e Gestão do SUS. – Brasília: Ministério da Saúde, 2009.

FIELD, J. C. et al. The Graduating European Dentist: Contemporaneous Methods of Teaching, Learning and Assessment in Dental Undergraduate Education. **European Journal of Dental Education,** v. 21 Suppl 1, p. 28-35, 2017.

GARCIA, Maria Alice Amorim et al. A interdisciplinaridade necessária à educação médica. Revista Brasileira de Educação Médica, Rio de Janeiro, v. 31, n. 2, p. 147-155, Aug. 2007.

HAYACIBARA, Mitsue Fujimaki et al. Experiência de clínica ampliada em odontologia na Universidade Estadual de Maringá. Revista Brasileira de Educação Médica, Rio de Janeiro, v. 36, n. 1, supl. 2, p. 178-183, Mar, 2012.

MORITA, M.C.; KRIGER, L. Mudanças nos cursos de Odontologia e a interação com o SUS. **Revista da ABENO**, v.4, n.1, p.17-21, 2004.

TOASSI, Ramona Fernanda Ceriotti et al. Currículo integrado no ensino de Odontologia: novos sentidos para a formação na área da saúde. Interface, Botucatu, v. 16, n. 41, p. 529-544, jun, 2012.

A PSICOLOGIA EM INTERFACE COM A ODONTOLOGIA: O QUE É POSSÍVEL NESSE ENCONTRO?

Gisele Dhein

O cenário é de um Curso de graduação em Odontologia, com um currículo modular integrado (FONSECA et al., 2012). Não é o componente curricular de "Psicologia aplicada" que se apresenta. Apresenta-se uma proposta que transversaliza o eixo de Integralidade da Atenção à Saúde (IAS) do quarto ao oitavo módulos. Isto é, são cinco semestres de encontros onde as barreiras disciplinares se rompem e *outra coisa* é produzida. Metade da graduação dos (as) futuros (as) cirurgiões (ãs) dentistas é acompanhada por uma psicóloga.

A primeira proposta destes encontros - quando ainda da construção do projeto do Curso - direcionava para *entender o paciente/usuário*. Ou seja, quais ferramentas teórico-técnicas a Psicologia empresta ao profissional da saúde para que esta relação de cuidado possa ocorrer da melhor maneira? Esperava-se que a Psicologia pudesse trazer mais tranquilidade aos (às) estudantes às demandas dos (as) usuários (as) de saúde e, na proposta da clínica ampliada (BRASIL, 2009; CUNHA, 2005), ofertar a eles (as) tecnologias leves para a prática do cuidado (MERHY, 2002).

À medida que o Curso vai se integralizando, e o currículo *acontecendo*, vimos emergir aquilo que Sílvio Gallo (2007) nos alerta quando parte do princípio do currículo como rizoma (DELEUZE, 1992). Ao mesmo tempo em que o currículo disciplina, ele também produz diferença e, de certo modo, vamos *moldando-o* às necessidades que emergem, principalmente, talvez, quando saberes e práticas estão em jogo. Digo isso, pois, à medida que o Curso foi se construindo, o colegiado do foi entendendo - e os (as) estudantes também - que talvez antes de entendermos os(as) usuários(as) de saúde, algumas questões do *eu-profissional* deveriam ser olhadas.

Assim, este texto se propõe a apresentar algumas reflexões de uma psicóloga no encontro com [futuros (as)]-cirurgiões(ãs)-dentistas, naquilo

que consiste o comum entre estes saberes: a saúde sob a ótica da clínica ampliada.

O que uma professora de psicologia pode auxiliar vocês? O que vocês gostariam de trabalhar/estudar? Esta é a pergunta-de-boas-vindas aos(às) estudantes, quando do primeiro contato comigo, no quarto módulo, para sondar as expectativas para os próximos cinco semestres que passaremos juntos(as). São nove aulas pela frente, neste módulo. Nos demais, quatro aulas somente, divididas com um dentista, que trabalha, em paralelo, às Práticas Integrativas e Complementares (PICs).

Entendo o quarto módulo como a construção do vínculo. Desse modo, um cronograma já montado - típico de uma docente de currículos disciplinares -, onde o conceito de psicologia, as fases psicossexuais de Sigmund Freud, o nascimento da clínica e do hospital estão presentes, previamente pensadas e *amarradas* ao currículo modular integrado. Num primeiro momento, é isso que a psicologia *tem a oferecer*. Imaginei que fossem essas temáticas que viriam como vontades de ser estudadas (por experiências prévias). Ou ainda, as clássicas *saber da mente humana*, *entender o comportamento humano*. No entanto, a resposta que recebo é: *Tem certeza, profe?*

Esse *tem certeza, profe*? Me arrepia, me traz o desconhecido, pois vem com uma intensidade e potência, que titubeio e me pergunto se darei conta. No entanto, sigo o planejado e lanço a proposta de conhecer a turma. Peço que se apresentem criando uma rede social, em pequenos grupos. Para minha surpresa, o que aparece de comum é a necessidade de falar! São jovens entre 16 e 20 anos que suplicam por falar e ser escutados. Sinto que não querem respostas. Querem escuta. Que desejo é esse? Talvez, um desejo do contemporâneo, onde muita informação e relação circulam, mas pouca comunicação e vínculo.

Quando lançamos uma pergunta tão aberta, precisamos saber que as mais diversas demandas serão solicitadas. No entanto, não foi isso que ocorreu. Foi quase uma demanda unânime. Percebo aí uma entrada para aquilo que talvez a psicologia tem a compartilhar e que, conforme Dhein (2010), é o que a adjetivação ampliada traz à clínica: a escuta. Muito mais que os conteúdos, o que talvez seja (e hoje afirmo que é!) o foco da presença da psicologia no curso de Odontologia, seja o desenvolvimento da habilidade da escuta. E, desse modo, quando há desejo, há ensino e aprendizagem.

Os conteúdos como dispositivos para o desenvolvimento da escuta

> Escutar já foi pensado, nas antigas práticas gregas do cuidado de si (epiméleia heautoú), como o primeiro estágio na ascese (áskesis), que é o que permite ao sujeito adquirir e dizer o

> discurso verdadeiro. A verdade, escutada e recolhida, como se deve, entranha-se no sujeito, tornando-se regra de conduta. Assim como é necessário uma arte (tékhne) para falar, é necessário uma experiência e uma habilidade (empeiría e tribé) para escutar. **Para escutar, como se deve, para que a alma acolha a palavra que lhe é endereçada, é fundamental uma economia dos gestos e palavras, um silêncio ativo e um certo recolhimento, que se opõem à tagarelice** (ARANTES, 2012, p. 91-2 - grifos da autora).

É, assim, a partir do desejo de escuta, que vão se desenvolvendo as aulas. A partir de estratégias metodológicas das metodologias ativas de ensino e aprendizagem, como dramatizações, problematizações, sala de aula invertida, dentre outras, os conteúdos como mecanismos de defesa, comunicação de más notícias, teoria de técnica para manejo de grupos e os princípios (ética!) dos direitos humanos vão se concretizando e materializando a partir das experiências na clínica odontológica e nos estágios na atenção básica em saúde.

No quarto módulo - e não é à toa que a psicologia aí entra - é quando os(as) estudantes iniciam seus atendimentos com usuários(as) reais. Assim, discutir raça, gênero, trabalho em equipe, dentre outros assuntos, tornam-se muito mais interessantes do que falar sobre eles somente na teoria.

Desse modo, percebo que a capacidade de escuta do outro vai se qualificando à medida que o tempo e as experiências acontecem. *Muito mais que um dente*, os(as) estudantes vão desenvolvendo a capacidade de escutar o outro integralmente. A integralidade da atenção à saúde - fio condutor da formação desse currículo -, bem como o conceito ampliado de saúde, tornam-se possível somente quando o(a) [futuro(a)] profissional dentista permite-se a *escuta*. Escutar o outro para além do nosso saber, nos coloca o desafio do trabalho transdisciplinar muito mais que o disciplinar, como nos aponta Sílvio Gallo (2007):

> A questão de fundo é: a prática interdisciplinar dá conta de resgatar essa totalidade? Ou ela consegue apenas colocar remendos nos retalhos que a disciplinarização criou? Investindo nessa metáfora, a realidade seria uma imensa peça de tecido, recortada em inúmeros pedaços pelas tesouras da especialização; a interdisciplinaridade seria uma "costura" dos retalhos, resultando numa colcha que, no final das contas, nunca será novamente o mesmo tecido de outrora. Um dos principais críticos contemporâneos da interdisciplinaridade é Edgar Morin, com sua teoria da complexidade. Morin denuncia que a interdisciplinaridade não dá conta de rearticular os saberes fragmentados, que ela mais confirma as fronteiras entre os saberes do que as faz desaparecer.

> Para o pensador francês, é necessário algo mais forte que a interdisciplinaridade, que ele vê na transdisciplinaridade. Essa, sim, teria condições de quebrar as fronteiras rígidas entre as disciplinas, promovendo uma "religação dos saberes", rumo a uma visão da complexidade e da totalidade do mundo (GALLO, 2007, p. 4-5).

Assim, muito mais que *ensinar* psicologia, vejo que a entrada da psicologia no curso de Odontologia permite uma formação que seja coerente com as demandas sociais contemporâneas. Os problemas de saúde que hoje enfrentamos são complexos. Sendo complexos, nos exigem cada vez mais a articulação de conhecimentos e práticas e estas só serão possíveis se conseguirmos *nos escutar*, como os (as) estudantes já me anunciavam, no primeiro dia de aula.

Referências

ARANTES, Esther Maria de Magalhães. Escuta. In.: FONSECA, Tania Mara Galli; NASCIMENTO, Maria Lívia; MARASCHIN, Cleci. **Pesquisar na diferença:** um abecedário. Porto Alegre: Sulina, 2012.

BRASIL. Ministério da Saúde. Secretaria de Atenção à Saúde. Política Nacional de Humanização da Atenção e Gestão do SUS. **Clínica ampliada e compartilhada.** Brasília : Ministério da Saúde, 2009. 64 p. Série B. Textos Básicos de Saúde.

CUNHA, Gustavo Tenório. **A construção da clínica ampliada na atenção básica**. São Paulo: Editora Hucitec, 2005.

DELEUZE, Gilles. **O que é Filosofia?** Rio de Janeiro: Editora 34, 1992

DHEIN, Gisele. **Pausa!: Clínica. Clínica política. Clínica ampliada: a produção do sujeito autônomo.** 2010. 83 f. Dissertação (Mestrado em Psicologia. Área de concentração: Psicologia Social) – Pontifícia Universidade Católica de Porto Alegre, Porto Alegre, 2010.

GALLO, Sílvio. **Currículo (entre) imagens e saberes**. Disponível em http://www.grupodec.net.br/wp-content/uploads/2015/10/GalloEntreImagenseSaberes.pdf. Acesso em 03 mai 2020.

MERHY, Emerson E. **Saúde: a cartografia do trabalho vivo.** São Paulo: Hucitec, 2002.

PRÁTICAS INTEGRATIVAS E COMPLEMENTARES COMO DISPOSITIVO PARA INTEGRALIDADE EM UM CURRÍCULO MODULAR DE ODONTOLOGIA

Maurício Fernando Nunes Teixeira

Historicamente, a formação odontológica tem se pautado por um direcionamento para a técnica, dentro de um paradigma biomédico, onde o viés da clínica privada e do trabalho individual sempre dominou os currículos e as metodologias dos cursos. Desde 2002, as Diretrizes Curriculares Nacionais (DCNs) para os cursos de Odontologia apontam para a necessidade da formação de um egresso humanista e generalista, capaz de atuar nos diversos níveis de atenção à saúde, com ética e espírito crítico.

Neste contexto, a integralidade deve ser considerada na formação dos profissionais de saúde que se ocupam de seus dispositivos (acolhimento, vínculo, responsabilização), assim como o trabalho em equipe e a necessidade dos diferentes níveis de assistência. O objetivo deste texto é apresentar a concepção de integralidade à saúde, presente na construção da matriz curricular do Curso de Odontologia da Universidade do Vale do Taquari - Univates, através da inclusão do estudo, aplicação e análise das Práticas Integrativas e Complementares (PICs) na parte clínica do Curso.

Os conteúdos previstos no Curso estão dispostos dentro de uma matriz curricular, organizada de forma integrada, divididos por proximidade em quatro eixos: Saúde, Sociedade, Cidadania e Direitos Humanos (SSCDH); Organização do Processo de Trabalho em Saúde (OPTS), Integralidade da Atenção à Saúde (IAS) e Educação Permanente (EP).

As abordagens e o desenvolvimento dos conteúdos do eixo de IAS tomam por base a proposta que situa o exercício da Odontologia como um ponto de confluência de múltiplas ciências, componentes curriculares, teorias e técnicas. A partir da adoção dessa proposta, todas as atividades didático-pedagógicas desenvolvidas nesse eixo, do primeiro ao último módulo do Curso, estão organizadas nos subgrupos das Ciências Biológicas e da Saúde, que contemplam conteúdos teóricos e práticos aplicados às situações

decorrentes do processo saúde-doença e à identificação das necessidades em saúde, em que se incluem a propedêutica clínica e as práticas de cuidado relacionadas à clínica odontológica em todos os ciclos de vida.

Esse eixo concentra seus esforços no apoio às atividades acadêmicas relacionadas com a aquisição de habilidades e de competências específicas da clínica odontológica, por meio da transversalidade com outros componentes curriculares e no contexto da integralidade da atenção à saúde.

Do quinto ao oitavo módulos, concomitante ao início das atividades de atendimento a usuários na Clínica Odontológica Ampliada (COAm), os estudantes têm contato com as PICs, procurando respeitar a taxonomia de Bloom:

No quinto módulo, o objetivo é conhecer as diversas práticas existentes e entender, apoiar, incorporar e implementar experiências que já vêm sendo desenvolvidas na rede pública de muitos municípios onde os estudantes fazem estágio, entre as quais, destacam-se aquelas no âmbito da Medicina Tradicional Chinesa - Acupuntura, Homeopatia, Fitoterapia, Reiki, Auriculoterapia, Hipnose e Ventosa terapia.

Através do estudo das portarias que regulamentam as práticas integrativas no SUS, cada estudante escolhe uma entre as 29 autorizadas e aprofundam seus estudos através de pesquisas, conversas e entrevistas com profissionais que já utilizam as PICs, socializando com o restante da turma através de apresentações. Ainda, convidam profissionais que utilizam algumas dessas práticas e começam a perceber a possibilidade de uma atuação nessas áreas quando forem egressos. Nesse módulo é enfatizado o reconhecimento da importância da integração dos conteúdos das diversas áreas para as práticas tradicionais, integrativas e complementares em saúde, ampliando a percepção dos estudantes para novas abordagens.

No sexto módulo, buscando o reconhecimento das diferentes práticas integrativas e complementares, os estudos se aprofundam na homeopatia, abordando conceitos do vitalismo e o conhecimento de termos relacionados à filosofia homeopática. Através de um glossário, as bases da terapêutica Hahnemanniana são conhecidas e discutidas, reforçando a importância do entendimento do vocabulário específico da Homeopatia para o entendimento da filosofia homeopática e para a prática que se sucederá. Nesses momentos, uma série de dúvidas é colocada, ficando como questões a serem entendidas na próxima etapa.

No sétimo módulo, os estudantes começam a aplicação de PICs, mais especificamente, a homeopatia. Seleciona-se um usuário da COAm e uma consulta homeopática é realizada com o estudante que atende o caso, seguida da repertorização dos sintomas e a prescrição do medicamento, conforme a filosofia homeopática. Com o retorno do usuário, os estudantes

percebem o efeito da terapêutica e discutem a ampliação da clínica e as possíveis abordagens alternativas para o caso.

No oitavo módulo, com o objetivo de aprofundar o entendimento do uso das práticas integrativas e complementares, sobretudo a homeopatia, além de seguir algumas consultas homeopáticas, aprofunda-se o estudo da validade científica das PICs, assim como a discussão sobre a ciência e sua relação com a Odontologia. Através de um júri simulado, os estudantes problematizam a eficácia da homeopatia e os efeitos que ela apresentou nos casos selecionados, aprofundando o entendimento sobre o vitalismo.

São poucos os cursos de Odontologia que abordam as Práticas Integrativas e Complementares (PICs) como conteúdo incorporadas à sua matriz curricular. No Curso de Odontologia da Univates essa abordagem tem auxiliado no entendimento sobre a Clínica Ampliada, visto que a Homeopatia valoriza os sintomas referidos espontaneamente, o que desenvolve nos estudantes a escuta qualificada. Além disso, é importante respeitar as próprias palavras do usuário, tentando interpretar seu discurso, o que ajuda a desenvolver um senso ético e preocupado com o sofrimento do outro, desenvolvendo a empatia.

A escuta em homeopatia é uma observação atenta e acolhedora das singularidades dos sujeitos. Se os estudantes em sua formação conhecerem minimamente as Práticas Integrativas e Complementares (PICs), estamos nos aproximando mais de um profissional híbrido: capaz de colocar o projeto terapêutico do paciente em primeiro plano e ponderar junto com ele riscos e benefícios, escolhendo assim, o melhor caminho terapêutico em cada momento. Trata-se de uma postura muito diferente do especialista, que por princípio contratual vai atender somente os que aceitarem o seu referencial teórico e sua proposta terapêutica (CUNHA, 2004).

Desde o começo do Curso foi possível apresentar os princípios vitalistas presentes nas PICs e ampliar o entendimento dos estudantes sobre o desenvolvimento do processo saúde-doença. Os usuários atendidos demonstraram melhoras nos seus quadros patológicos e aderiram aos tratamentos de forma significativa. Os estudantes que fizeram os atendimentos criaram vínculos importantes com os usuários e suas histórias de vida, proporcionando vivências que desenvolvem habilidades para além do conhecimento técnico.

É perceptível nos usuários os efeitos dos medicamentos homeopáticos e os estudantes relacionam os conhecimentos de Clínica Ampliada adquiridos anteriormente, além de melhorar sensivelmente as anamneses realizadas após essas experiências, mostrando a valorização do conhecimento adquirido.

Outro importante resultado apresentado pelo estudo das PICs diz respeito ao olhar diferenciado para os sofrimentos dos sujeitos; os

estudantes, ao ampliarem a percepção para além do que o olhar biomédico representa, desenvolvem o espírito crítico a partir do entendimento de seus próprios sentimentos.

Todas essas considerações têm sido avaliadas como uma contribuição importante para o reconhecimento na prática dos serviços, considerando que cada pessoa é um todo indivisível e integrante de uma comunidade. As ações de promoção, proteção e recuperação da saúde formam também um todo indivisível e não podem ser compartimentalizadas e as unidades prestadoras de serviço, com seus diversos graus de complexidade, formam também um todo indivisível, configurando um sistema capaz de prestar assistência integral.

Enfim, "O homem é um ser integral, bio-psico-social, e deverá ser atendido com esta visão integral por um sistema de saúde também integral, voltado a promover, proteger e recuperar sua saúde" (RODRIGUES, 2016).

Ao buscar um perfil de egresso humanista, generalista, ético e com espírito crítico, o Curso de Odontologia da Univates tem trabalhado na perspectiva da integralidade da atenção à saúde. Estudar as PICs, na graduação, proporciona aos estudantes conhecimentos, atitudes e práticas capazes de ampliar o olhar biomédico e desenvolver o cuidado de forma a respeitar as subjetividades presentes nos atores desse processo. A discussão e observação da utilização da Homeopatia e outras Práticas Integrativas e Complementares, ajuda os estudantes a encararem os ataques que algumas delas têm sofrido por parte de grupos céticos com tais resultados, com um mínimo de conhecimento para tomar decisões mais seguras. Apesar de serem utilizadas largamente pela população, sua sobrevivência e desenvolvimento dependem de mais estudos.

Referências

MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO. Conselho Nacional de Educação. Câmara de Educação Superior (Brasil). Resolução n° 3, de 19 de fevereiro de 2002. **Diretrizes Curriculares Nacionais do Curso de graduação em Odontologia.**

CUNHA, Gustavo Tenório. **A construção da clínica ampliada na atenção básica**. São Paulo: Editora Hucitec, 2005.

RODRIGUES, TF. **Cidadania, Desigualdade Social e Política Sanitária no Brasil.** Curitiba, Appris, 2016.

ESTÁGIOS DO CURSO DE GRADUAÇÃO EM ODONTOLOGIA DA UNIVATES: PROPOSTA E DESAFIOS

Thaíse Gomes e Nóbrega
Maurício Fernando Nunes Teixeira

O Estágio Curricular Supervisionado é um momento educativo onde se oportuniza aos estudantes, professores e profissionais, novas vivências e experiências em campos de prática. É a aplicação e a complementação dos conhecimentos obtidos no ambiente da sala de aula com a experimentação durante a rotina da atuação profissional.

A formação profissional de nível superior não se limita apenas ao domínio de conhecimentos transmitidos em disciplinas, de forma isolada, como era feito tradicionalmente (OLIVEIRA, et al. 2019). A partir das novas Diretrizes Curriculares Nacionais para os Cursos de Odontologia, em 2002, a formação deve ser voltada às necessidades sociais da saúde (KLEBA, 2016). No entanto, é importante ressaltar que a área da saúde lida com complexas situações e necessidades que exigem do profissional o exercício de competências, cujo desenvolvimento possui ligação intrínseca com o processo educativo, o mundo do trabalho e a vida (BENITO, et al. 2012).

O estágio curricular supervisionado está definido pela Lei nº 11788, de 25 de setembro de 2008. Segundo ela, o estágio visa ao aprendizado de competências próprias da atividade profissional e à contextualização curricular. A realização das atividades deve ocorrer mediante o acompanhamento de um docente da instituição de ensino e um profissional integrante da parte concedente (BRASIL, 2005). Pela Resolução nº 63 do Conselho Federal de Odontologia (2005), a supervisão do estágio é realizada por um cirurgião-dentista, sendo o mesmo responsável pelas atividades realizadas.

O Curso de Odontologia da Univates tem os estágios curriculares inseridos no eixo de Educação Permanente, componente curricular responsável por introduzir os estudantes nos cenários de prática, ao longo dos dez semestres de formação. Essa proposta insere os estudantes desde

o primeiro módulo no atendimento a usuários da Clínica Universitária Regional de Educação em Saúde (Cures), seguindo pelos módulos seguintes com atividades junto a escolares, participações nas reuniões dos Conselhos Municipais e Estaduais e atividades na farmácia-escola do município. Sendo assim, todas as atividades desenvolvidas neste eixo têm a teoria norteando a presença dos estudantes nos campos de atividades práticas, com a finalidade de eles reconhecerem a importância da presença da Odontologia nas diversas instâncias de atenção à saúde. A partir do quinto módulo, o eixo fica relacionado aos estágios curriculares em unidades de saúde, mantendo uma continuação do desenvolvimento das habilidades e competências adquiridas nos semestres anteriores.

Segundo a Resolução nº 3, de 19 de fevereiro de 2020 do Ministério da Educação (MEC), a carga horária mínima do estágio curricular supervisionado deverá atingir 20% da carga horária total do Curso de graduação em Odontologia proposto. Na Univates, isto corresponde a 840 horas que estão distribuídas ao longo dos últimos seis semestres de formação, iniciando no quinto módulo.

Este texto descreve como estão organizados os estágios curriculares supervisionados do Curso de Odontologia da Univates, bem como, pontuam os resultados e obstáculos encontrados até o momento atual.

Organização dos Estágios Curriculares Supervisionados

As atividades dos estágios curriculares supervisionados do Curso de Graduação em Odontologia da Univates denominados Estágios de Vivências e Práticas em Saúde (Evips) iniciam nos serviços de Atenção Básica da Rede de Atenção à saúde (RAS) dos municípios do Vale do Taquari. A maioria dos estudantes é alocada no município de Lajeado, sede da Univates e maior município do Vale do Taquari, porém, mediante interesse do estudante e viabilidade, outro município pode ser o concedente do local de estágio. Esta política, quanto aos locais, enriquece o aprendizado dos estagiários, pois se percebe que cada Unidade de Saúde, mesmo tendo em comum o fato de prestarem um serviço público vinculado a rede de atenção, funcionam de forma peculiar.

Seguindo a recomendação do Conselho Federal de Odontologia (CFO) (Resolução 63), os estudantes ingressam como estagiários no quinto módulo, cumprindo uma carga horária semanal de 4 horas durante 15 semanas letivas. As atividades desenvolvidas neste período estão voltadas para a prevenção e promoção de saúde geral dos usuários com o intuito que os estudantes se posicionem como profissional de saúde, sem estar atrelado à especificidade da Odontologia. Ao final deste primeiro semestre de estágio, os estudantes apresentam para seus colegas de turma e professores orientadores a territorialização dos locais onde estagiam. Esta

prática desencadeia, ao longo das explanações, momentos de discussão que resgatam vários conceitos trabalhados em módulos anteriores, auxiliando no reconhecimento da importância do espaço de trabalho, desenvolvendo nos estudantes, o senso crítico.

Na medida do possível, durante os dois primeiros anos de estágio na Atenção Básica, os estudantes permanecem no mesmo local de estágio. O objetivo desta organização é tornar o estudante parte integrante daquela equipe de trabalho que está inserido. No segundo semestre de estágio as atividades desenvolvidas estão voltadas a elaboração de um projeto de intervenção a ser implementado no espaço, que esteja relacionado a alguma necessidade do serviço, buscando uma participação mais ativa dos estudantes nas equipes de saúde. Estes projetos são socializados no final do semestre para serem discutidos com os demais estudantes e professores.

O ano seguinte de estágio (sétimo e oitavo módulos do Curso) é marcado pela maior presença dos estudantes na realização de procedimentos de clínica odontológica. Este momento coincide com o aumento da autonomia dos estagiários na realização de procedimentos odontológicos desenvolvida em outro eixo do Curso, a Integralidade da Atenção à Saúde. É importante ressaltar que esta participação dos estudantes, além de respeitar sua curva de aprendizagem e sua segurança, requer a concordância e a segurança do supervisor local e do usuário que será atendido. O respeito aos tempos de cada serviço tem sido uma marca do Estágios de Vivências e Práticas em Saúde (Evips).

No quarto semestre de estágio (oitavo módulo do curso) há uma duplicação na carga horária de estágio. Além da Atenção Básica, o estudante inicia atendimentos na Clínica Odontológica Ampliada da Univates sob supervisão dos cirurgiões-dentistas atuantes no espaço. Estes atendimentos, além de aperfeiçoar a autonomia dos estudantes na realização dos procedimentos, desenvolvem a capacidade da tomada de decisão, gestão do tempo e o planejamento. Com a inserção na COAm, percebe-se que os estudantes se empoderam do espaço tornando-se mais responsáveis por ele e pelo cuidado prestado, seja durante o estágio ou em momentos de aula prática. Eles passam a questionar mais os procedimentos, relacionando com a teoria estudada em sala de aula e simulada em laboratório; percebe-se que a partir destas atividades eles passam a ser mais ativos.

O nono módulo do Curso ou quinto semestre de estágio é marcado pela mudança de Unidade de Saúde, trazendo um novo olhar sobre os serviços públicos de saúde pela experimentação das rotinas de outro espaço. A carga horária total de 180 horas é dividida entre uma nova Unidade de Saúde na Atenção Básica, COAm e serviços de Atenção Especializada, estagiando no Centro de Especialidades Odontológicas do Município de Lajeado (CEO) ou na Fundação de Reabilitação de Deformidades Crânio-faciais (Fundef). Estes novos espaços ampliam o conhecimento dos estudantes

acerca de algumas especialidades e permite que eles tenham contato com outros ambientes, nestes campos de estágio. Por se encontrarem em período final do Curso, as experiências vivenciadas nesses espaços conduzem os estagiários à percepção quanto às práticas que necessitam desenvolver mais, suas preferências dentro das especialidades na Odontologia e o rumo a ser tomado enquanto profissional formado.

No último módulo do Curso e de estágio, das 420 horas, 330 horas são em atividades nos locais de estágio. A carga horária na COAm aumenta para 240 horas, sendo 120 horas dedicadas à Odontopediatria e atendimento à adolescentes. Todos os estudantes realizam 60 horas na Fundef, acompanhando suas rotinas e participando dos procedimentos.

Outro local de estágio proposto neste módulo estaria vinculado à Odontologia Hospitalar, com o objetivo de conhecer a especialidade e vivenciar a rotina dentro do serviço de atenção terciária. Tínhamos convênios estabelecidos com três hospitais para desenvolver estas atividades na região: um deles é o Hospital Bruno Born, no município de Lajeado, onde os estudantes fariam o atendimento dos pacientes oncológicos, avaliando suas necessidades de saúde bucal e eventualmente encaminhando à COAm, como uma forma de minimizar os efeitos colaterais da radioterapia e quimioterapia. Os hospitais da Rede Divina Providência (Hospital de Estrela e de Arroio do Meio) também foram escolhidos como campo de estágio, numa proposta de realizar a adequação da saúde bucal dos pacientes hospitalizados, diminuindo o risco de infecção hospitalar e o tempo de internação.

Portanto, o objetivo dos estágios do último módulo é ampliar o leque de procedimentos e prepará-los para exercer suas funções sem supervisão. O quadro a seguir representa a distribuição dos estágios, o módulo que ele se encontra, o total da carga horária, local onde será realizado e seus objetivos:

Módulo	HS	Local	Objetivos
Quinto	60	Atenção Básica	• Procedimental - Construir o diagnóstico situacional dos locais de estágio; • Atitudinal - Respeitar preceitos éticos e bioéticos e a importância dos conhecimentos de saúde bucal no desempenho de suas funções • Atitudinal - Pesquisar a organização dos serviços de saúde e dos diferentes programas desenvolvidos.
Sexto	60	Atenção Básica	• Procedimental - Produzir projetos de intervenção nos locais de estágio, a partir do diagnóstico situacional realizado • Atitudinal - Respeitar os preceitos éticos e bioéticos e a importância dos conhecimentos de saúde bucal trabalhados nos módulos anteriores, no desempenho de suas funções; • Atitudinal - Reconhecer a importância de identificar as necessidades individuais e coletivas de saúde da população, seus condicionantes e determinantes.
Sétimo	60	Atenção Básica	• Procedimental - Aplicar o projeto de intervenção, a partir da análise situacional prévia; • Atitudinal- Ser consciente dos preceitos éticos e bioéticos e valorizar a importância dos conhecimentos de saúde bucal trabalhados nos módulos anteriores, no desempenho de suas funções • Atitudinal - Reconhecer a importância de identificar as necessidades individuais e coletivas de saúde da população, seus condicionantes e determinantes.
Oitavo	120	Atenção Básica e COAm	• Atitudinal - Preocupar-se com os diferentes processos de trabalho existentes nos locais de estágio; • Atitudinal - Ser consciente dos preceitos éticos e bioéticos e valorizar a importância dos conhecimentos de saúde bucal trabalhados nos módulos anteriores, no desempenho de suas funções; • Atitudinal - Valorizar a importância de identificar as necessidades individuais e coletivas de saúde da população, seus condicionantes e determinantes.

Módulo	HS	Local	Objetivos
Nono	180	Atenção Básica, COAm, Fundef e CEO	• Atitudinal - Preocupar-se com os diferentes processos de trabalho existentes nos locais de estágio; • Atitudinal - Praticar os preceitos éticos e bioéticos e valorizar a importância dos conhecimentos de saúde bucal trabalhados nos módulos anteriores, no desempenho de suas funções; • Atitudinal - Valorizar a importância de identificar as necessidades individuais e coletivas de saúde da população, seus condicionantes e determinantes.
Décimo	330	COAm e FUNDEF	• Atitudinal - Preocupar-se com os diferentes processos de trabalho existentes nos locais de estágio; • Atitudinal - Acreditar nos preceitos éticos e bioéticos e na importância dos conhecimentos de saúde bucal trabalhados nos módulos anteriores, para o desempenho de suas funções; • Atitudinal - Valorizar a importância de identificar as necessidades individuais e coletivas de saúde da população, seus condicionantes e determinantes.

Desafios dos estágios

Os estágios curriculares supervisionados do Curso de Odontologia encontram como desafio geral, manter sua proposta na diversificação dos locais de estágios e disponibilizar vagas disponíveis.

Os estágios propostos na Atenção Básica, mediante a diversidade de municípios conveniados, evitam a superlotação das Unidades de Saúde do Município de Lajeado. Todavia, além das dimensões dos serviços de saúde do Vale do Taquari não suportarem receber por tanto tempo, uma quantidade tão grande de estagiários, algumas Unidades de Saúde não estão aptas a receberem estagiários pelos mais variados motivos: carga horária dos supervisores locais, aceitação dos mesmos para atuarem como preceptores, demandas do serviço e variabilidade muito grande de usuários. Estes fatores impedem a realização das atividades necessárias ao alcance dos objetivos estipulados e a aprendizagem dos estudantes pode ser heterogênea.

Pelo PPC do Curso de Odontologia da Univates, os estágios curriculares supervisionados do nono e décimo semestre devem permitir a inserção dos mesmos em locais de atuação profissional como a Gestão, o Ambiente Hospitalar, e a Atenção Especializada. Na região, apesar da inserção dos estudantes no CEO e Fundef, a estrutura destes locais recebe

uma quantidade muito limitada de estagiários por semestre, mal alocando uma turma inteira. Desta forma, é difícil conseguir que todos tenham, ao fim da formação, vivenciado as práticas nestes locais, tendo que optar por um ou outro. Quanto à experiência na Gestão, houve algumas tentativas, porém, as Secretarias de Saúde não têm permitido esta inserção.

Atualmente, houve uma aproximação com os hospitais da região para a inserção dos estudantes. A dificuldade inicial encontrada na formalização dos convênios é uma resistência dos locais em receber estagiários de outras áreas, que não da Medicina e a ausência de um cirurgião-dentista, que possa ser o supervisor local. A possibilidade de se ter um professor do Curso como responsável pela supervisão direta dos alunos foi aventada. No entanto, alguns entraves burocráticos e estruturais impossibilitaram as atividades até o momento. As buscas por novos locais de estágio ainda persistem. Enquanto eles não surgem, a reorganização das atividades nos locais já pactuados é feita semestre a semestre de forma a garantir o aprendizado necessário dos estudantes.

O Evips deverá ser desenvolvido de forma articulada com os demais componentes curriculares e com complexidade crescente ao longo do processo de formação com uma carga horária mínima do estágio curricular supervisionado deverá atingir 20% da carga horária total do Curso de Graduação em Odontologia proposto.

O PPC do Curso de Odontologia da Univates possui as suas atividades de estágio planejadas segundo as recomendações das DCN para os cursos de Odontologia, respeitando os critérios da Lei dos Estágios e da Resolução 63/2005 do CFO.

As atividades desenvolvidas até o momento têm enriquecido a aprendizagem dos estudantes de forma significativa, principalmente, no que diz respeito à autonomia e senso crítico. Todavia, para uma melhor complementação dos objetivos estipulados para o eixo da Educação Permanente, necessita-se que os estagiários tenham mais vagas e possam atuar em outros espaços.

A experiência dos estágios tem se mostrado como uma grande fonte de vivências e experiências, nas quais os estudantes experimentam e enriquecem o debate em outros componentes curriculares do Curso. Percebe-se um incremento importante quando eles chegam ao quinto módulo e começam a fazer as relações do que vimos na teoria com a prática que se apresenta. No nono módulo este incremento dá mais um salto quando eles trocam de Unidade de Saúde e entram na atenção secundária.

Como um Curso comprometido com o desenvolvimento regional, temos preocupações em ajudar os serviços no desenvolvimento de suas atividades, tentando interferir minimamente no cotidiano das equipes,

porém, quem já recebeu estagiários, sabe o quanto isso é desafiador e nos tira da zona de conforto.

Referências

BRASIL. Lei no. 11.788, de 25 de setembro de 2008. **Dispõe sobre os estágios dos estudantes**. Diário Oficial: Brasília, DF, seção1, página 3, 26 set. 2008.

CONSELHO FEDERAL DE ODONTOLOGIA (Brasil). Resolução 63/2015, atualizada em julho de 2013. Consolidação das **Normas para Procedimentos nos Conselhos de Odontologia.** Diário Oficial da União 19 abr 2015; Seção I.

KLEBA, M.E. Reflexões sobre o processo de reorientação da formação dos profissionais de saúde. In: KLEBA, M.E.; PRADO, M.L.; REIBNITZ, K.S. **Diálogos sobre o ensino na saúde: vivência de reorientação na formação profissional em saúde.** Chapecó: Argos, 2016.

MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO. Conselho Nacional de Educação. Câmara de Educação Superior (Brasil). Resolução n° 3, de 19 de fevereiro de 2002. **Diretrizes Curriculares Nacionais do Curso de graduação em Odontologia**.

OLIVEIRA, L.M.L et al. Avaliação de matrizes curriculares frente às DCNs para os cursos de graduação em Odontologia. Porto Alegre: **Revista da ABENO**, v.19, n.1, p. 97-105. 2019.

SCAVUZZI, A.I.F. et al. Revisão das diretrizes da ABENO para a definição do estágio curricular supervisionado nos cursos de Odontologia. Porto Alegre: **Revista da ABENO**, v.15, n.3, p. 109-113.2015.

UNIVERSIDADE DO VALE DO TAQUARI (UNIVATES). **Projeto Pedagógico do Curso de Odontologia.** 2019.

COMPETÊNCIA DA GESTÃO EM SAÚDE NO CURSO DE ODONTOLOGIA DA UNIVATES

Rômulo Cantarelli
Cintia Agostini
Andreas Rucks Varvaki Rados

A proposta de Diretrizes Curriculares para os cursos de Odontologia, que aguarda homologação do Ministério da Educação, descreve no seu parágrafo 9º quanto à Gestão em Saúde, que a graduação em Odontologia deve buscar na formação do cirurgião-dentista para que seja capaz de:

> I - conhecer, compreender e participar de ações que visem à melhoria dos indicadores de qualidade de vida e de morbidade em saúde, passíveis de serem realizados por um profissional generalista, propositivo e resolutivo;
>
> II - aplicar os fundamentos da epidemiologia e do conhecimento da comunidade, como fatores fundamentais à gestão, ao planejamento e à avaliação das ações profissionais;
>
> III - desenvolver parcerias, organizar contratos e constituir redes que estimulem e ampliem a aproximação entre instituições, serviços e os outros setores envolvidos na atenção integral e promoção da saúde;
>
> IV - realizar a gestão do processo de trabalho da equipe de saúde em consonância com o conceito ampliado de saúde, com as políticas públicas e com os princípios e diretrizes do SUS;
>
> V - compreender o gerenciamento e administração da equipe de trabalho, da informação, dos recursos financeiros, humanos e materiais;
>
> VI - realizar a gestão estrutural, financeira, organizacional, tributária e dos processos de trabalho de consultórios, das clínicas e dos demais serviços de saúde;
>
> VII - gerir o cuidado à saúde, de forma efetiva e eficiente, utilizando conhecimentos e dispositivos de diferentes níveis tecnológicos, de modo a promover a organização dos sistemas

> integrados de saúde para a formulação e desenvolvimento de projetos terapêuticos individuais e coletivos;
>
> VIII - conhecer os movimentos sociais e as formas de participação da população no sistema de saúde;
>
> IX - contribuir para a promoção e o debate de políticas públicas de saúde em instâncias colegiadas, como Conselhos Distritais e Conferências de Saúde, visando à colaboração e à construção de programas e políticas justas e solidárias em defesa da vida.

O desenvolvimento destas competências, no Curso de Odontologia da Univates, tem sido previsto no eixo de Organização do Trabalho em Saúde. O objetivo deste texto é descrever como se dá o desenvolvimento dessas competências e da participação de uma professora economista do Centro de Gestão Organizacional (CGO) da Univates, que inicia sua participação no primeiro módulo, com uma aula expositiva dialogada, a fim de auxiliar os estudantes no conhecimento da região onde o Curso se encontra.

Esse encontro historiciza os ciclos e as principais dimensões macroeconômicas ao longo da história, para então, situar o território do Vale do Taquari em suas dimensões sociais, ambientais e econômicas.

No terceiro módulo, é feita a introdução ao planejamento, suas origens e importância para o desenvolvimento das ações relacionadas à profissão. Apresentamos o processo de planejamento do Curso e damos continuidade à leitura das Diretrizes Curriculares Nacionais para os Cursos de Odontologia (DCNs), Projeto de Desenvolvimento Institucional (PDI) e Projeto Pedagógico do Curso (PPC).

No quarto módulo, desenvolvemos uma experiência de aplicação do planejamento através do *Challenge Based Learning* (CBL). Este *framework* trabalha com o planejamento de uma solução local a partir de um problema global. O desenvolvimento do planejamento estratégico situacional ocorre a partir dos passos elencados pelo CBL, que procura, além da aprendizagem significativa, o engajamento dos estudantes. As soluções locais foram as mais variadas e estiveram, igualmente, nos mais variados estágios de execução. Alguns grupos de estudantes conseguem colocar em prática e, inclusive, avaliar os resultados; outros não saem do projeto escrito.

No quinto módulo, são abordados temas relacionados à gestão na esfera pública a partir da vivência dos estudantes nos seus campos de estágio. Os estudantes discutem nas aulas diferentes ferramentas de planejamento como o planejamento estratégico situacional, planejamento comunicativo, além de diversas formas de gestão e gerenciamento de serviços públicos, dando enfoque para a gestão participativa e colegiada. É notória a resistência que os estudantes têm, frente à temática, mesmo já tendo tido contato em períodos anteriores à caminhada. O senso *"macro"*

da atuação enquanto profissional de saúde ainda é incipiente, contudo, é possível perceber que, mesmo em estágios iniciais, os estudantes são capazes de perceber as questões relativas aos seus processos de trabalho e propor mudanças ou melhorias.

No sexto módulo, o pensamento é voltado para o mercado autônomo e privado, onde atuam grande parcela dos dentistas. Ao longo da história, muitos dentistas geriram ou gerem seus consultórios de forma totalmente amadora; isto pode ser atribuído ao pouco ou nenhum contato com conteúdos administrativos nas matrizes curriculares e a uma formação, majoritariamente, focada no fazer odontológico. Soma-se a isso a realidade de um passado onde havia um mercado com menor número de forças competitivas, que gerava poucas demandas estratégicas, onde um controle aproximado das contas era suficiente para prosperar.

Com o aumento da oferta odontológica vindo a alterar o contexto mercadológico, a dificuldade gerencial relacionada à temas diversos da administração de consultórios e clínicas na esfera privada, onde o cirurgião-dentista se vê gestor de uma "empresa" que têm que dar lucro, é apontada como o maior problema a ser enfrentado por boa parte dos dentistas alocados na iniciativa privada, sendo mais prevalente que problemas inerentes à prática clínica. Para superar essas dificuldades, demanda-se novos conhecimentos, habilidades e competências do campo administrativo, que são comuns também àqueles que assumem postos de gestor ou funcionário público, ou mesmo, colaboradores de empresas do ramo odontológico, que desempenham funções de liderança e gestão frente a essas instituições, cargos estes, também com maiores exigências (FERREIRA; FERREIRA; FREIRE, 2013).

Com isso tudo em mente, um professor cirurgião-dentista propõe a elaboração de um plano de negócio em odontologia à ser desenvolvido ao longo do semestre e, apresentado ao final deste. Na dinâmica de ensino, inicia-se junto aos alunos o reconhecimento de nomenclaturas e ferramentas de administração e gestão voltados à esfera privada, considerando diversas temáticas administrativas, à citar: empreendedorismo e plano de negócios, introdução a finanças e custos, orçamento e precificação no consultório odontológico e mercado, gestão de pessoal, gerenciamento de projetos, legislações trabalhistas, regras de conduta - feedbacks periódicos, noções básicas de marketing, código de ética da odontologia, documentação necessária para abertura e registro de consultório odontológico, gestão de materiais, estoque e processos.

Estes tópicos são abordados em momentos expositivos-dialogados que precedem debate dedicado aos trabalhos já em desenvolvimento. Conforme as aulas passam, os trabalhos ganham corpo e a percepção dos alunos sobre as proposições apresentadas adquire maior massa crítica. De forma colaborativa, há busca de dados pertinentes aos planos, análise

crítica contextualizada e discussão de pontos-chave que emergem neste processo. Dentro dessa dinâmica, exercita-se reflexão constante sobre o reconhecimento socioeconômico dos territórios, prerrogativas da montagem de um negócio (legais, operacionais, estruturais e financeiras), além de maneiras de se propor e entregar valor.

Este conteúdo é de extrema valia para os estudantes, já que, de forma geral, diferente do contexto histórico passado, atualmente, existe saturação do mercado odontológico, especialmente nas cidades maiores, onde a proporção dentista/habitantes, comumente, está muito acima do 1/1.500 preconizados pela Organização Mundial de Saúde (OMS). O município de Lajeado, onde está a Univates, apresenta uma relação de aproximadamente 1 dentista para 293 habitantes. O Vale do Taquari, com um total de 545 dentistas inscritos em seus 36 municípios, denota população aproximada de 319.604 habitantes e relação de 1 dentista para 586 habitantes. Estas taxas, sem dúvida, geram maiores exigências para o estabelecimento, consolidação e sobrevivência dos profissionais dentistas no mercado. Gestão eficaz e eficiente nos diversos modelos de negócio possíveis tornou-se aspecto fundamental.

Isto faz com que o cirurgião-dentista necessite mais do que apenas o desenvolvimento técnico de outrora, quando isto apenas, garantia sucesso e evolução profissional. No contexto atual, qualidade segue sendo fundamental, entretanto, não mais um diferencial. Para ganhar tempo, resultado, ou mesmo sobreviver no mercado, tornou-se indispensável a avaliação deste mercado e identificação de seus nichos. Formas de agregar valor aos serviços prestados e de fazer com que isto seja percebido pelos pacientes, agora clientes, dizem respeito ao reconhecimento do público alvo e de ferramentas de comunicação e *marketing*. Capacitar-se no campo da inovação, do empreendedorismo, da análise, do planejamento, do relacionamento e da gestão ganhou uma importância sem precedentes. Este não é um discurso e nem uma realidade exclusiva da odontologia. Boa parte das profissões encontra-se na mesma situação.

Considerando o descrito, podemos dizer que dentro das propostas trabalhados, os estudantes são chamados a confrontar a realidade do mercado, no intuito de reconhecê-la e avaliá-la; de planejar estratégias para enfrentá-la e também modificá-la, buscando sempre uma relação positiva para todos os envolvidos (profissionais, pacientes/clientes/usuários e sociedade). Vale citar que, como fruto disso, já foram desenvolvidos excelentes projetos, inclusive com um deles dando origem à um trabalho de conclusão de curso, tendo o estudante fortes intenções de implementação.

Para muitos dos estudantes, estes são contatos iniciais com as temáticas de análise de mercado consumidor, concorrentes, proposta de valor, controle financeiro, planejamento empresarial e suas ferramentas de

gestão. A partir daí eles ainda tem cerca de 2 anos de formação pela frente, onde os novos prismas apresentados proporcionam novos olhares.

No décimo módulo, agora já com maior bagagem de conhecimentos, compreensão e um horizonte iminente de inserção no mercado de trabalho, (re)iniciam as aulas com a professora economista. São nove encontros, de um turno de duração, para tratar das temáticas que permitem o aprofundamento nos temas da gestão de negócios e inovação. Para tanto, debate-se com os estudantes os conceitos e concepções de inovação, desde inovação tecnológica até a inovação social. Aprofunda-se a temática do empreendedorismo, destacando-se as características empreendedoras, que servem, tanto para a gestão dos negócios privados como a participação como intraempreendedores na gestão pública.

Os estudantes são instigados a planejar seus negócios, entendendo mercado, fornecedores, concorrentes. Pensar a dinâmica contratual, jurídica, contábil, administrativa, de infraestrutura e operação dos negócios que pretendem atuar. São desafiados a utilizar ferramentas colaborativas para processos de cocriação e coinovação. Entender os problemas e a partir destes propor soluções. Para além das ideias, são instigados a inovar no planejamento de seus negócios.

Terminam os encontros utilizando uma ferramenta de gestão chamada Canvas para modelar seus futuros negócios. Ferramenta esta que serve tanto para gestão de negócios privados como também, para os setores públicos.

Nos encontros, a professora traz para trabalhar com a turma diferentes profissionais, empreendedores, contador, consultores e assessores, especialistas nos temas tratados, para contribuir com a formação acadêmica e profissional dos estudantes. Por fim, os estudantes são incentivados a inovar e a planejar seus negócios, sejam estes negócios de impacto social e ambiental ou tecnológicos.

O desenvolvimento das habilidades e competências relativas à gestão em saúde é uma tarefa que exige tempo e a colocação do estudante em contato com a realidade do trabalho. Os primeiros contatos com a temática costumam gerar estranhamento, em função da distância aparente com a área da saúde. Suas vontades e desejos principais se concentram no contato com pessoas e técnicas odontológicas, muito diferentes do mundo tecnológico e analítico que auxilia no processo de tomada de decisão.

Neste momento a possibilidade de trabalho em equipe e apoio do CGO torna a proposta mais consistente. Há alinhamentos e conversas no sentido de aproximar a temática administrativa com o mundo odontológico. Capacita os estudantes para incluir o tema da gestão e da inovação no seu futuro profissional, seja este em negócios privados ou no setor público. Esse desenvolvimento contínuo e gradual acaba por despertar o interesse

de alguns, e o curso tem fomentado a aproximação com a Incubadora Tecnológica - Inovates e o Parque Científico e Tecnológico do Vale do Taquari - Tecnovates, possibilitando que, para aqueles que optarem por empreender, o façam com o apoio da Inovates e do Tecnovates.

Referências

FERREIRA, N. P.; FERREIRA, A. P.; FREIRE, M. C. M. **Mercado de trabalho na Odontologia: contextualização e perspectivas**. Rev. Odontol UNESP, Araraquara, v.42, n.4, p.304-309, jul-aug, 2013.

BARKI, E.; COMINI, G. M.; TORRES, H. da G. (orgs.). **Negócios de impacto socioambiental no Brasil : como empreender, financiar e apoiar.** Rio de Janeiro: FGV Editora, 2019.

AVALIAÇÃO TRIDIMENSIONAL NO CURSO DE ODONTOLOGIA DA UNIVATES

Maurício Fernando Nunes Teixeira

Ao consultarmos as origens da avaliação, veremos que suas definições começam fortemente ligadas aos objetivos da avaliação educacional. Ralph Tyler diz que "a avaliação é um processo para determinar até que ponto os objetivos educacionais foram realmente alcançados". Na visão dele, a avaliação está centrada em objetivos, partindo dos processos educacionais. Autores como Stake (1969), trazem a avaliação como a descoberta de algo, indicando o caminho, o que está bom e o que pode ser melhorado. Ele dizia que a avaliação é a descoberta da natureza e do valor de alguma coisa, onde seus propósitos poderiam ser muitos, porém, ela sempre tenta descrever algo e indicar os seus méritos e deméritos [...]. A avaliação é uma busca de causas e efeito, um inventário do estado presente, ou uma previsão de sucesso futuro, somente a partir do momento que consegue contribuir para a identificação da substância, função e valor.

Scriven (1967) escreve ainda que a "avaliação é o processo através do qual se determina o mérito, o valor de mercado e o valor das coisas", isto é, o processo avaliativo determina o valor ao invés de estudá-lo, como um *container* que determina o conteúdo. Em outras palavras, ele deixa explícita uma visão cuja valoração ocorre não a partir do que é encontrado, mas a partir do que se constrói sobre o encontrado, com a participação decisiva de uma carga valorativa já, a *priori,* incorporada às estruturas conceituais do avaliador, como se o processo avaliativo fosse como um copo que dá a forma a água que contém. Daí a sua insistência em distinguir avaliação de mensuração.

Conforme já descrito ao longo desta publicação, o Curso de Odontologia da Univates se caracteriza por uma estruturação que busca o desenvolvimento de habilidades com vistas a construção de um perfil de egresso que contemple as competências elencadas nas DCNs para os Cursos de Odontologia, adicionadas de outras descritas como necessárias aos profissionais do século XXI.

Esta organização demanda uma evolução no processo de avaliação, visto que o acompanhamento das atividades de ensino e de aprendizagem exigem um olhar sobre os domínios cognitivo, procedimental e atitudinal. Essa divisão tridimensional didática da avaliação, implementada no Curso, ocorreu por ele ser o mais jovem da Instituição e de uma inexperiência da Universidade, dos professores e dos estudantes na aplicação de uma avaliação por habilidades e competências. Este texto aborda alguns aspectos relevantes da experiência do Curso com este modelo que estamos chamando de avaliação tridimensional.

No passado, a metodologia empregada nas avaliações em educação era quase, exclusivamente científica, fundamentada ontologicamente na suposição positivista de que existe uma realidade objetiva governada por leis naturais imutáveis e, epistemologicamente na suposição de que há uma dualidade entre o avaliador e o avaliado que possibilita que um se posicione fora da esfera do outro (GUBA; LINCOLN, 2011).

Os quatro pilares da educação compõem-se dos seguintes saberes: aprender a conhecer, aprender a fazer, aprender a viver juntos e aprender a ser. A partir disto podemos fazer as seguintes perguntas: Aprender a conhecer o quê? Aprender a fazer o quê? Aprender a viver juntos para quê? Aprender a ser porquê? Todas elas são respondidas, respectivamente, com as dimensões: conceitual, procedimental e atitudinal (ZABALA, 2002).

Os conteúdos conceituais referem-se à construção ativa de capacidades intelectuais para operar símbolos, imagens, ideias e representações que permitam organizar as realidades. Todos os conteúdos necessitam de uma base teórica, denominados conceitos. Os conceitos nos transportam pela vida, sejam científicos, intelectuais, filosóficos, calculistas ou de outros parâmetros. Esses nos revelam a verdadeira base da descoberta do saber, estimulando a curiosidade de aprender. Os conceitos passam a desenvolver a parte cognitiva do ser, levando esse a desenvolver o intelecto, o raciocínio, a dedução e a memória, proporcionando a construção do conhecimento.

Os conteúdos procedimentais referem-se a fazer com que os estudantes construam instrumentos para analisar, por si mesmos, os resultados que obtém e os processos que os colocam em ação para atingir as metas que se propõem. Os conteúdos procedimentais também são de caráter profissionalizante; aqui espera-se que o estudante compreenda o ofício de determinadas profissões, auxiliando no processo da escolha profissional no futuro, desenvolvendo todas as habilidades necessárias, trabalhando a memória, o intelecto, a dedução, habilidades motoras e outras especificidades.

Os conteúdos atitudinais referem-se à formação de atitudes e valores em relação à informação recebida, visando a intervenção do aluno em sua realidade. Os conteúdos atitudinais são a vivência do ser com o mundo que

o rodeia. O aprendizado de normas e valores torna-se alvo principal para que este conteúdo seja adquirido por quem quer que seja e, na sua proporção e qualificação, só é desenvolvido na prática e em seu uso contínuo. O indivíduo é moldado de acordo com suas vivências, porém, não é escravo destas, podendo redimir-se ou simplesmente questionar-se.

No Curso, esses conteúdos são trabalhados todo o tempo, seja nos trabalhos individuais ou em grupos, sendo melhor trabalhado em grupos, que é o aprender a viver juntos, respeitando uns aos outros em suas opiniões, concordando ou discordando de determinadas atitudes que ferem as normas e os valores estabelecidos normalmente. Os conteúdos atitudinais "proporcionam ao aluno posicionar-se perante o que apreende. Detentor dos fatos e de como resolvê-los, é imprescindível que o estudante tenha uma postura perante eles".

Partindo da provocação de Perrenoud (1999) de que "(...) a avaliação tradicional é uma amarra importante, que impede ou atrasa todo tipo de outras mudanças" e, da feita por Vasconcellos (2002) de que "aplicar um instrumento, corrigir e atribuir um conceito ainda não é avaliação, pois ela sempre implica um posicionamento diante do que foi constatado", o Curso tem trabalhado para a mudança das práticas avaliativas no sentido de contemplar as dimensões anteriormente elencadas.

Um sistema de avaliação baseado em competências é parte do processo de ensino e de aprendizagem e deve valorizar a aplicação e a síntese do conhecimento, combinando a capacidade para a resolução de problemas, as habilidades técnicas, as atitudes e a ética. Portanto, a avaliação das competências deve ser entendida como momento de aprendizagem para todos os envolvidos: avaliados e avaliadores. Sua finalidade é orientar, transformar e aprimorar; por isso deve privilegiar o diálogo e a confrontação entre os diversos pontos de vista dos participantes do processo, objetivando suscitar o exame crítico desses resultados e das suas interpretações.

Competência, nesse contexto, é considerada como "a possibilidade, para um indivíduo, de mobilizar de maneira interiorizada, um conjunto integrado de recursos em vista de solucionar uma família de situações-problema (SCALLON, 2015).

Para construção do Projeto Pedagógico do Curso, partimos do perfil do egresso e elencamos as competências nas quais esse perfil deveria ser estruturado, descrevemos as habilidades que deveríamos desenvolver em cada uma dessas competências. Os conteúdos foram escolhidos a partir da matriz de objetivos e das habilidades descritas. A matriz de objetivos segue a taxonomia de Bloom, prevendo a espiral de complexidade que vais se desenhando durante o Curso e a avaliação é controlada em cada eixo e módulo para que contemple os objetivos elencados.

A figura a seguir representa a matriz curricular do curso onde o cone retrata a complexidade crescente das atividades e conteúdos assim como a incorporação gradual de objetivos e critérios de avaliação. Cada módulo tem o predomínio de um ou mais níveis propostos por Benjamim Bloom para os três domínios.

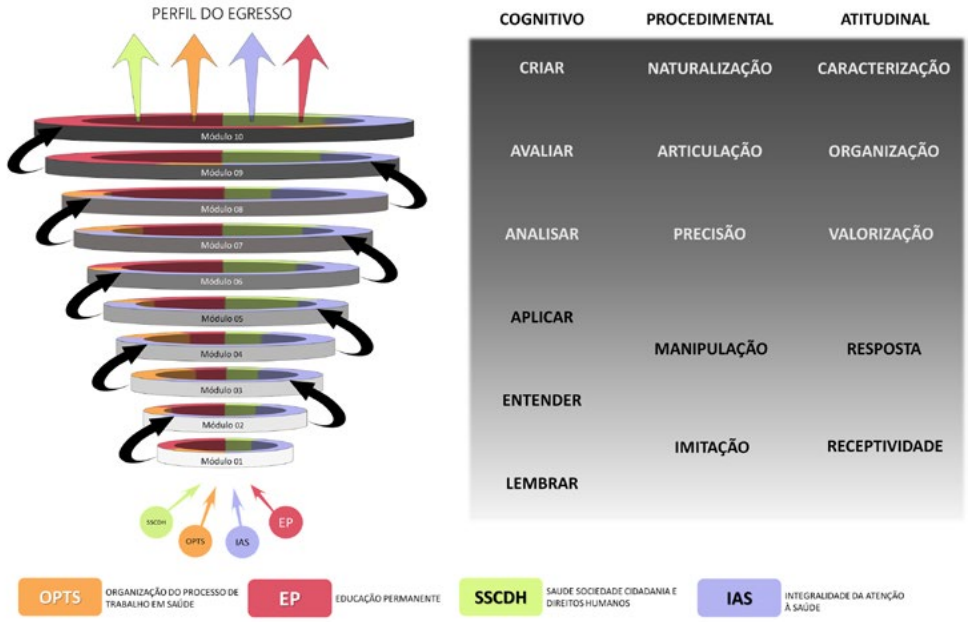


Figura 01

Representação da Matriz Curricular do curso com a distribuição dos objetivos de aprendizagem de forma gradual e cumulativa

A avaliação proposta no Curso tem um caráter predominantemente formativo e deve ser entendida como um processo de acompanhamento e compreensão dos avanços, dos limites e das dificuldades dos estudantes em atingir os objetivos das atividades de que participam. Para que ela transcenda as ações de medir e classificar, é preciso que seja contínua e diversificada (DANTE, 2004).

As práticas avaliativas têm feito parte do processo de ensino e de aprendizagem dos estudantes do curso e são ferramentas importantes para que professores retomem os conteúdos, promovam a criatividade, estimulem o desenvolvimento do livre pensamento, cultivem o raciocínio esquemático e expandam a sua capacidade de argumentação (CURY, 2003). Os pressupostos da avaliação proposta no Curso se aproximam daqueles propostos pela avaliação emancipatória, que tem como conceitos básicos a emancipação, a decisão democrática, a transformação e a crítica educativa (SAUL, 1994).

A avaliação é parte integrante do processo de planejamento curricular, estando presente em todos os estágios de seu desenvolvimento e não apenas confinada aos seus resultados finais, permitindo, dessa maneira, o acompanhamento passo a passo do avanço dos estudantes e a detecção de suas dificuldades. A partir disso, os docentes poderão ajustar e reajustar o ensino e suas características aos diferentes contextos, corrigir e reforçar o processo de aprendizagem (DAVINI, 1983).

Deve ser formativa e somativa, com enfoque para o desenvolvimento dos estudantes, dos docentes, do Curso e do sistema local e regional de saúde. A avaliação formativa é contínua e processual, pois apresenta mais possibilidades de detecção de dificuldades no caminho e correção de rumos. Está focada na regulação das aprendizagens e orienta o estudante para que ele próprio reconheça suas dificuldades, analisando-as e operacionalizando procedimentos que possibilitem seu progresso. O mais relevante da avaliação é a capacidade de poder considerar o aspecto progressivo da aquisição de aprendizado e a autonomia. Dessa forma, se o estudante que tinha deficiência em determinado procedimento buscou superá-lo, na avaliação é considerado esse aspecto e não a simples média de notas diárias.

Na avaliação somativa do estudante, busca-se avaliar os saberes e a prática profissional relacionados ao desenvolvimento de habilidades e competências propostas pelo curso. Essa avaliação auxilia na identificação dos estudantes que podem progredir para o próximo módulo e aqueles que precisam mais tempo e/ou apoio para alcançar o domínio e autonomia estabelecidos para os desempenhos no respectivo módulo. É importante observar que os docentes devem estar atentos para que, em cada módulo, a avaliação seja realizada à luz dos objetivos e habilidades descritos nas ementas.

A proposta da avaliação, seja formativa ou somativa, é essencial para o processo de ensino e de aprendizagem. Para que a avaliação de fato ocorra, é preciso discutir com os estudantes o plano de ensino e o processo de avaliação; utilizar o diálogo numa relação de respeito e compartilhamento; relacionar os conhecimentos entre a teoria e a prática e utilizar diversos instrumentos e procedimentos para o acompanhamento dos envolvidos (CHAVES, 2011).

Para a avaliação formativa é importante que o discente entenda o contexto do cuidado que o docente tem com ele e esteja disposto a realizar constante reflexão, que se formaliza por meio da auto avaliação. A avaliação dos pares (interpares) também é um mecanismo para estimular o estudante a ter responsabilidade sobre o aprendizado dos demais participantes do grupo, ou seja, os discentes avaliando os colegas e tutores e o docente avaliando seus discentes. Dessa forma, é introduzido o conceito democrático de avaliação. Com isso, a avaliação deve, sobretudo, representar o cuidado que o docente cultiva em relação ao direito de aprender do discente e passar

também a observar habilidades relacionais e de comunicação (OLIVEIRA, 2012).

O processo avaliativo necessita de vários instrumentos para coletar as informações e deve ter critérios claros e estabelecidos por todos os envolvidos com o processo da avaliação em si e com a construção do currículo. Além disso, deve possibilitar a todos os envolvidos a exposição de suas percepções sobre o processo de ensino e de aprendizagem e visualização dos aspectos considerados adequados e daqueles que precisam ser melhorados, reformulados ou substituídos.

A dimensão cognitiva da avaliação sempre foi considerada pelo Curso como aquela que, por conta das experiências pregressas dos professores, inferíamos que todos dominavam. Com a necessidade dos estudantes da primeira turma fazerem o Exame Nacional de Cursos, foi padronizado que as avaliações cognitivas seriam baseadas nos modelos desse exame e os professores foram capacitados a produzir questões que prevejam, em suas estruturas habilidades, níveis de dificuldade e conteúdos abordado. Essas questões estão reunidas em um banco de questões e juntamente com adaptações das questões de outros anos, compõem as avaliações cognitivas.

O Curso apresenta duas fases de avaliação dentro da dimensão procedimental: pré-clínico e clínico, também graduados conforme a taxonomia de Bloom. O pré-clínico é um instrumento "auto avaliativo reflexivo" onde os estudantes realizam uma autoavaliação quanto ao desenvolvimento dos objetivos pré-estabelecidos no início das atividades laboratoriais. O instrumento clínico envolve habilidades psicomotoras, assim como habilidades relativas ao acolhimento, humanização e trabalho em equipe. Os eixos desse instrumento englobam questões psicomotoras puras, assim como aplicação dos conhecimentos cognitivos e correto manuseio dos instrumentais. Em qualquer uma das dimensões, a avaliação do estudante é contrastada com a dos docentes e debatida, estimulando o processo de metacognição.

No componente atitudinal, os estudantes são avaliados através de instrumentos construídos a partir dos objetivos descritos nas ementas e nos critérios apresentados nos contratos pedagógicos, construídos coletivamente com professores e estudantes. Esses instrumentos são preenchidos conjuntamente entre os professores durante a reunião de conselho de classe gerando uma nota, que é um componente global que faz parte de todos os eixos. Juntamente com avaliações cognitivas e procedimentais, comporão as notas somativas dos eixos.

O caráter somativo da avaliação se consolida a partir da proposta institucional da instituição que prevê três notas numéricas de 0 a 10, onde os estudantes necessitam, para aprovação, a média 6.00. O acompanhamento dos estudantes prevê atividades avaliativas para o componente cognitivo da

nota. Entre as atividades, temos a construção de autoavaliação, relatórios, síntese individual, síntese coletiva, trabalhos avaliativos com consulta, provas individuais e em dupla.

Durante o semestre, os professores realizam uma conversa individual, que chamamos de "devolutivas", expondo o resultado das avaliações aos estudantes, destacando os pontos nos quais ele está alcançando os objetivos e os aspectos que deve melhorar. A partir disso, o professor realiza um *feedback* onde coloca abertamente as razões que estão facilitando ou dificultando o processo de ensino e de aprendizagem de cada um dos estudantes. O encontro da devolutiva tem sido muito potente para alavancar mudanças nas relações entre docentes e discentes do Curso. É um momento onde professores conhecem mais profundamente as subjetividades e as motivações de cada estudante e entendem melhor os motivos para os comportamentos demonstrados durante as atividades. Os estudantes, por sua vez, conseguem perceber a partir da conversa, aspectos de seu desenvolvimento que muitas vezes passariam despercebidos, ajudando na auto avaliação, aumentando sua responsabilização e desenvolvendo a autonomia.

Esta participação ativa do estudante é um dos aspectos mais relevantes na mudança do paradigma da avaliação no Curso, entretanto, demanda muita observação por parte dos professores. No segundo semestre de 2016, propusemos que não seriam mais feitas as devolutivas; os estudantes se mobilizaram e pediram a manutenção da prática, que é um diferencial muito importante do curso. Assim como, no primeiro semestre de 2018 o Diretório Acadêmico do Curso procurou a coordenação propondo uma contra devolutiva, onde os estudantes também davam retornos para os professores de como estavam percebendo o desenvolvimento das atividades.

Além disso, a Univates possui um sistema de avaliação institucional no qual os discentes e docentes avaliam aspectos relevantes sobre seus processos de ensino e de aprendizagem. Esta avaliação está alinhada com os indicadores de qualidade da educação superior propostos pelo Ministério da Educação e está estruturada em 5 eixos: Planejamento e Avaliação Institucional, Desenvolvimento Institucional, Políticas Acadêmicas, Políticas de Gestão e Infraestrutura Física que consideram as 10 Dimensões: Planejamento e Avaliação; Missão e Projeto de Desenvolvimento Institucional (PDI); Comunicação, Tríade ensino, pesquisa e extensão e Atendimento aos discentes; Políticas de pessoal, Organização e Gestão, Sustentabilidade Financeira e Infraestrutura.

No início do Curso, com poucas turmas, fazíamos conselhos de classe onde os professores conversavam sobre os conhecimentos, atitudes e práticas dos estudantes e determinavam a nota em conjunto. Com o aumento do número de estudantes montamos tabelas que são compartilhadas entre os professores e preenchidas pelos professores, sendo discutidas na "reunião

de módulo" até o dia da devolutiva. Esse instrumento já passou por diversas versões e se encontra em fase de validação.

A avaliação sempre é um fator do processo de ensino e de aprendizagem que vai gerar discussão e polêmica. Em nossas reuniões, sempre que tocamos neste assunto a reunião toma rumos que são imprevisíveis; as vivências e opiniões são muito discrepantes ao abordar o assunto. Parece que quando abordamos esse assunto as preocupações mais primitivas dos professores afloram.

Ao propor a avaliação com este formato temos nos aproximado muito do que os autores têm chamado de avaliação emancipatória e parece que isso tem facilitado a aquisição da metacognição pelos atores do Curso. A avaliação por competência deve romper com os pensamentos relacionados a medida e a testagem e se aproximar de um conceito mais relacionado ao *assesment.*

Os grandes aprendizados que os professores tiveram que adquirir durante nossa caminhada foram: o pertencimento da avaliação como parte do processo de ensino e de aprendizagem, os critérios de avaliação devem estar alinhados aos objetivos de aprendizagem e os achados da avaliação servem para rever os planejamentos e reiniciar tudo de novo, revendo ferramentas, técnicas e metodologias.

Para os estudantes, o processo de avaliação tridimensional causa um estranhamento inicial, mas com a repetição ocorre uma rápida adaptação e a percepção do que precisa ser modificado nos aspectos cognitivos, procedimentais e atitudinais ocorre mais cedo, tornando a autonomia uma realidade mais próxima.

Referências

SCRIVEN, M. S. "The Methodology of Educational Evaluation" in Robert E. Stake (Ed.), Curriculum Evaluation, **AERA Series on Evaluation**, no. 1, Chicago: Rand McNally Company, 1967.

BRASIL. Ministério da Educação. CNE Conselho Nacional de Educação. Câmara de Educação Superior. Resolução CNE-CES 3, de 19/02/2002 Institui as Diretrizes Curriculares Nacionais do Curso de Graduação em Odontologia. Diário Oficial da União. Brasília, 2002

ZABALA, A. **Enfoque Globalizador e Pensamento Complexo: uma proposta para o currículo escolar**. ARTMED Editora, 2002.

PERRENOUD, P. **Avaliação de Excelência e Regulação de Aprendizagens – Entre Duas Lógicas**. Porto Alegre: Artmed, 2001.

VASCONCELLOS, C. **Avaliação nos Ciclos de Formação.** Revista Prove. São Paulo: Projeto de Valorização do Educador e Melhoria da Qualidade do Ensino, n. 1, nov. 2002

SCALLON, G. **Avaliação da Aprendizagem numa abordagem por competências.** Curitiba, PR. PUCPress, 2015.

CHAVES, SM. Avaliação da aprendizagem no ensino superior: Realidade, complexidade e possibilidades. UFG: Didática/n.04. Disponível em: http://www.estef.edu.br/zugno/wp-content/uploads/2011/03/avaliacao1.pdf

DUQUE DE OLIVEIRA, VT; BATISTA, NA. **Avaliação formativa em sessão tutorial: concepções e dificuldades,** Revista Brasileira de Educação Médica, 36 (3) : 374 – 380 ; 2012.

DANTE, L. R. **Matemática: Livro do Professor**. São Paulo: Ática, 2004

CURY, A. J. **Pais Brilhantes, Professores Fascinantes.** Rio de Janeiro: Sextante, 2003.

SAUL, A. M. **Avaliação Emancipatória. Desafio à Teoria e à Prática da Avaliação e Reformulação de Currículo**. 2 ed. São Paulo: Cortez, 1994

DAVINI, MC. **Currículo Integrado.** Adaptação e resumo por José Paranaguá de Santana, do texto do mesmo título, elaborado mediante consultoria à OPAS, Brasília, 1983, para a Capacitação Pedagógica do Programa de Formação de Pessoal de Nível Médio em Saúde (Projeto Larga Escala).

A EXTENSÃO UNIVERSITÁRIA NO CURSO DE ODONTOLOGIA

Luana Compagnoni
Laura Faleiro Kirchheim
Marcus Cristian Muniz Conde
Magali Teresinha Quevedo Grave
Andreas Rucks Varvaki Rados

A extensão universitária convoca a universidade ao aprofundamento de seu papel como instituição comprometida com a transformação social e aproxima a produção de novo conhecimento de seus efetivos usuários. Teve sua gênese na Inglaterra, na segunda metade do século XlX, na Universidade de Cambrigde, se espalhou pela Bélgica, Alemanha e, em seguida, para todo o continente europeu. Nos Estados Unidos da América (EUA), a *American Society for the Extension of University Teaching* impulsionou as atividades de extensão para todo o país.

Nos primórdios da extensão, ela assume duas vertentes básicas: a primeira, que se originou na Inglaterra e se espalhou pela Europa, expressou o engajamento da Universidade em oferecer contrapontos ao capitalismo; a segunda, protagonizada pelos EUA, mobilizou a Universidade frente às questões da vida econômica, aproximando-a do setor empresarial.

No Brasil, desde 1911, atividades de extensão têm ocorrido em instituições de ensino superior (IES), primeiramente em São Paulo e logo após, no Rio de Janeiro. A extensão universitária está prevista desde a legislação de 1931, mediante o Decreto n° 19.851 (11/4/1931), o qual estabeleceu as bases do sistema universitário brasileiro, mas o processo de institucionalização da extensão universitária, nesta época, era incompleto. A extensão no Brasil teve um papel importante na transformação social, no âmbito das lutas pelas reformas estruturais nos anos de 1950 a 1964.

A luta pela Reforma Universitária aproximou as lutas estudantis e as lutas gerais por uma sociedade mais inclusiva e menos desigual. E, a partir do método de ensino desenvolvido pelo professor pernambucano, Paulo Freire, houve a mobilização de estudantes em campanhas para a

alfabetização de adultos. Foi na Universidade do Recife, através da extensão universitária, dirigido por Paulo Freire que se manifestou, com clareza, a efetiva integração da extensão com as comunidades. É com Paulo Freire que a Universidade descobre e desenvolve instrumentos que a aproximam dos setores populares.

A Extensão no Brasil, apesar das mudanças de concepção ocorridas ao longo dos anos, pode ser resumida em três etapas. A primeira, anterior ao ano de 1964, que, a partir da obra de Paulo Freire, teve como eixo central, a campanha pela escola pública e pela aproximação de movimentos das Reformas de Base. A segunda, que ocorreu durante o período da Ditadura Militar (1964 até 1985) e foi polarizada pelas emergências e demandas dos movimentos sociais urbanos. Por último, a terceira etapa caracterizou-se pelo período pós ditadura e, é identificada, principalmente, por três pautas: avanços dos movimentos sociais urbanos e rurais, emergência de novos sujeitos e direitos, ampliando o conceito de cidadania e, demandas nos setores produtivos, essencialmente os de tecnologia e prestação de serviços.

Em 1987 ocorreu o primeiro Fórum de Pró-Reitores da Extensão das Universidade Públicas Brasileiras (Forproex), decisivo na construção da política de extensão que vigora até hoje; este fórum marcou os avanços da Extensão Universitária no Brasil. É tarefa da Universidade dialogar com a sociedade, tentar responder suas demandas e expectativas, reconhecer sua a diversidade, valores e culturas, tão legítimos quanto o saber erudito. É tarefa da Extensão compartilhar o conhecimento científico e tecnológico produzido na Universidade e, a partir deste, (re) construir novos saberes advindos da comunidade.

A atuação da extensão foi organizada pelo Fórum em oito áreas temáticas: saúde, educação, trabalho, meio ambiente, comunicação, direitos humanos e justiça, tecnologia de produção e cultura. À extensão universitária compete articular essas áreas e mobilizá-las no sentido do enfrentamento das questões contemporâneas, tendo como premissas, a solidariedade e a transformação sustentável. Sendo assim, cabe aos sujeitos envolvidos, sejam eles professores, estudantes e comunidade, a relação dialógica a partir de diferentes olhares. Os princípios que regem a Extensão Universitária Brasileira são: a indissociabilidade entre ensino, pesquisa e extensão; a interação dialógica com a sociedade; a inter e a transdisciplinaridade como princípios organizadores de suas ações; a busca do maior impacto e maior eficácia social e, por fim, a afirmação dos compromissos éticos e sociais da Universidade.

Na Univates, as discussões sobre práticas extensionistas, têm sido formalizadas, ao longo do tempo e de diferentes formas. Em 1996 iniciou a oferta de cursos de extensão para a comunidade interna e externa. Nos anos seguintes, as atividades de extensão foram gradativamente aumentando e ampliaram o leque de participação dos estudantes e da comunidade.

Em 2000, foi criada na Univates, a Câmara de Extensão, com o intuito de debater e regulamentar outras modalidades de extensão, como prestação de serviços, oferta de palestras, cursos, oficinas, as quais trazem contribuições importantes para a consolidação da Extensão na IES.

Em 2005, grupos de estudos mediados por professores de diferentes áreas, juntamente com estudantes voluntários, discutiam as formas de aproximação das comunidades, com vistas ao desenvolvimento de projetos de pesquisa e de extensão que pudessem contribuir com as demandas das comunidades locais. Nesse mesmo ano, dois fatores importantes definiram os rumos da extensão na Univates: a necessidade de estabelecer um percentual da receita para financiamento dos projetos de extensão e as exigências legais de avaliação dos cursos (SINAES, 2004). Nesse processo, destaca-se a criação, em 2006, do Salão de Extensão da Univates e, em 2008, um provimento de bolsas de extensão foi destinada à professores e bolsistas.

A Univates entende por extensão o processo de relações diretas e recíprocas com a sociedade, e se propõe por meio dos Projetos de Extensão, a construção de conhecimentos e saberes provindos da relação dialógica entre universidade e comunidade. Entende-se que a extensão universitária estabelece fluxo de saberes sistematizados de natureza acadêmica e popular, em que, comunidade, estudantes e professores aprendem e se retroalimentam a partir dessa troca. Desta forma, a extensão impacta tanto na formação do estudante, quanto na transformação da comunidade parceira.

Para os estudantes, esses projetos permitem ressignificação do conhecimento obtido na Universidade, fora da sala de aula, o trabalho em equipes multiprofissionais em uma perspectiva interdisciplinar. Para a comunidade, os projetos colaboram para a transformação da sua realidade de forma significativa e positiva.

A história da Univates na extensão, na vertente social, é antiga. No ano de 2000 foi criado o Programa de Ações Comunitárias (PAC), que tinha como objetivo, a interação com uma comunidade em situação de vulnerabilidade social de um bairro da periferia da cidade de Lajeado, através de ações de saúde e educação. Em 2009 o PAC se transformou no Projeto de Extensão "Ações interdisciplinares de Cuidado em Saúde no Bairro Santo Antônio" (PI).

O PI desenvolve ações de prevenção, promoção e assistência em saúde em parceria com a equipe de Estratégia de Saúde da Família (ESF) do bairro Santo Antônio e de moradores da comunidade. Através dessas ações, estudantes de vários cursos de graduação da área da saúde têm a oportunidade de conhecer o contexto social no qual estão inseridos, discutir e desenvolver estratégias de cuidado integral à população do bairro Santo Antônio.

Em 2015 a Univates construiu a sua política de extensão e, a partir disto, a extensão vem passando por um processo de curricularização. No ano de 2018 foram criados 6 Programas de Extensão em diferentes áreas do saber; cada Programa conta com diferentes projetos. O Programa de Extensão Saúde e Qualidade de Vida, busca trabalhar com o conceito ampliado de saúde, considerando as questões sociais, culturais, ambientais e de qualidade de vida das comunidades atendidas, tendo como premissas a interdisciplinaridade e a multiprofissionalidade, a partir de uma abordagem dialógica e relacional. Atualmente, são sete os projetos vinculados: 1) A cultura de periferia para o empoderamento e autocuidado em saúde; 2) Ações interdisciplinares de cuidado em saúde na primeira infância; 3) Ações interdisciplinares de cuidado em saúde no bairro Santo Antônio, Lajeado, RS; 4) Ações interdisciplinares de cuidados em saúde do trabalhador e de capacitação de Agentes Comunitários de Saúde; 5) Cuidado, prevenção e promoção à saúde da criança (PIAS) ;6) Ações sociais e de saúde em gerontologia; 7) Clown - E seu Sorrir!?.

Destacamos aqui, o projeto "A Cultura de Periferia para o Empoderamento e Autocuidado em Saúde":

Sob a ótica do senso comum, a palavra periferia se refere a algo que rodeia (ocupa a região periférica de) um determinado centro; um contorno ou um perímetro. No contexto do presente projeto, "periferia" assume um sentido mais amplo, constituído de representações simbólicas que congregam aspectos relacionados à classe, à etnia, ao lugar de moradia e à condição de cidadania. O respectivo projeto desenvolve suas ações interdisciplinares de cuidado em saúde desde 2019, em uma escola de ensino fundamental localizada no bairro Santo Antônio, em Lajeado/RS. Visa promover ações de cuidados em saúde utilizando as manifestações culturais da comunidade como formas de empoderamento e desenvolvimento da autonomia dos sujeitos envolvidos. Além disso, almeja estimular ações interdisciplinares, por meio da integração dos cursos da área da saúde, vinculados ao Centro de Ciências Biológicas e da Saúde (CCBS).

O público alvo do projeto são os jovens do bairro Santo Antônio, que tem entre 13 e 18 anos, matriculados na Escola Estadual de Ensino Fundamental Santo Antônio. As ações são desenvolvidas por estudantes voluntários da Univates, de diferentes cursos de graduação. O projeto busca trabalhar com ações interdisciplinaridades, por meio da integração dos diversos cursos, ampliando a atuação multiprofissional nas ações de cuidado em saúde desenvolvidas na comunidade, tendo a arte e a cultura como principais motivadores nas ações. Objetiva promover ações de cuidado em saúde, utilizando as manifestações culturais da comunidade como linguagem para promoção do empoderamento e da autonomia dos jovens participantes do projeto, reconhecendo sua comunidade como porta-voz essencial em matéria de saúde e qualidade de vida. Além disso, visa

a construção de modos de cuidado com responsabilidades compartilhadas entre os diferentes atores. Por meio da indissociabilidade ensino-pesquisa-extensão, constitui um processo acadêmico em que o estudante é protagonista de sua formação e agente de transformação social, estimulando a formação de um profissional crítico, reflexivo e humanista, quanto às demandas da sociedade, na perspectiva da formação cidadã.

Se pensarmos, a saúde de cada indivíduo se dá, a partir de valores e concepções construídos culturalmente desde o seu nascimento, fica evidente o desafio imposto para implementação de modelos integrais de atenção à saúde. Por isso, a importância da atuação profissional nas ações que buscam desenvolver qualidade de vida, a qual articula o saber técnico aos desejos e interesses de cada sujeito, os quais são revelados pelos valores culturais de cada comunidade.

Referências

GRAVE, Magali Teresinha Quevedo et al. Ações interdisciplinares em saúde: vivências de integração ensino-serviço-comunidade. **Revista Caderno Pedagógico**, [S.l.], v. 12, n. 1, maio 2015. ISSN 1983-0882. Disponível em: <http://www.univates.br/revistas/index.php/cadped/article/view/947/935>. Acesso em: 07 abr. 2020.

PAULA, João Antônio. A extensão universitária: história, conceito e propostas. Interfaces - **Revista de Extensão**, v. 1, n. 1, p. 05-23, jul./nov. 2013. Disponível em: <https://www.ufmg.br/proex/revistainterfaces/index.php/IREXT/article/view/5/pdf>. Acesso em: 07 abr. 2020.

AS POSSIBILIDADES ENTRE A INDÚSTRIA E A UNIVERSIDADE

Andreas Rucks Varvaki Rados
César Augusto Olsen

A Odontologia, por milhares de anos, foi uma profissão quase-artesanal. A limitação dos equipamentos e instrumentais disponíveis, até as revoluções industriais, não permitia grandes possibilidades de tratamento além das extrações dentárias e próteses removíveis, ou fixadas por fios e arames. Com o avanço tecnológico, os primeiros dispositivos rotatórios começaram a ser desenvolvidos. Até meados do século XX, ainda era possível encontrar profissionais que trabalhavam "pedalando", para que as brocas pudessem fazer o preparo dentário. Não são poucos os relatos e dados comprovando o quão mutiladora essa prática foi, além de seus efeitos nas bocas e nas lembranças das pessoas com a profissão.

Nos últimos anos, a indústria odontológica avançou de tal maneira, ao ponto de todas as especialidades existentes e as que estão surgindo, terem um envolvimento bastante próximo com a fabricação de insumos e equipamentos. Há exemplos que vão da cirurgia com os implantes, placas e parafusos, até a saúde coletiva, com *softwares* de gerenciamento e análise.

As faculdades de Odontologia e cursos de pós-graduação sempre foram locais de aproximação entre os atores, por razões óbvias; a abordagem entre eles é que costuma variar sobremaneira. Existem locais com políticas de acesso e contato bastante restritos por motivos de conflito de interesse em eventuais trabalhos científicos. Também existem escolas onde há uma inter-relação beirando a simbiose, abrindo brechas para eventuais direcionamentos de marca, nem sempre benéfico aos estudantes.

Durante o processo de criação e consolidação do Curso, diversas indústrias de insumos e equipamentos odontológicos entraram em contato, oferecendo possibilidades de parcerias e fornecimento de material de consumo. A política institucional é restritiva a esse tipo de envolvimento, sem a ciência e aval das instâncias institucionais superiores (Direção de Centro e Reitoria). Entretanto, a aquisição das cadeiras odontológicas para

a clínica de odontologia da Univates, necessitou uma avaliação criteriosa dos possíveis fornecedores; foram feitas visitas *in loco* de algumas fábricas e indústrias. Esta oportunidade serviu para que outras possibilidades fossem pensadas, para além da simples compra dos equipamentos.

Entre as indústrias que demonstraram interesse, percebemos que algumas realizavam a montagem das cadeiras, a partir do recebimento das peças de fornecedores variados. A empresa Olsen, não. Com exceção do motor, que é padrão para a maioria das marcas e das placas eletrônicas, todas as peças e partes dos equipamentos odontológico são produzidos na sua fábrica, em Palhoça/SC.

O setor de compras da Instituição tem uma atuação de destaque no contato com prestadores de serviço; o coordenador e uma das arquitetas do setor de engenharia e manutenção foram até a sede da empresa, em Palhoça-SC, para verificação das condições em que o equipamento era produzido. Essa aproximação permitiu que o fundador e presidente da empresa, César Olsen, trouxesse uma contribuição para este livro, conforme relato a seguir:

"A Olsen SA é genuinamente nacional, com 42 anos de atividade e, na condição de sócio fundador e presidente, participo, diariamente, de todas as atividades, envolvendo fornecedores, clientes, clínicas, universidades, mercado interno e externo, onde a marca já ultrapassou 100 fronteiras internacionais.

Essa visão de futuro permitiu à empresa atuar nos Estados Unidos, com a Olsen USA LLC®, dando os primeiros passos comerciais com produtos brasileiros registrados no Food and Drugs Administration (FDA), tendo a marca Olsen, liberação para iniciar uma longa e profícua jornada na terra do TIO SAM, sabendo das exigências e responsabilidades deste estupendo mercado.

O sucesso da empresa nestes últimos anos tem se fortalecido pela atenção e acompanhamento dos produtos à todos os clientes, sejam eles corporativos ou não; o atendimento e fornecimento de partes e peças de recâmbio para equipamentos com até 10 anos da data de fabricação, pelo departamento de "Pós Venda" da fábrica, garante agilidade no fornecimento e a não ocorrência de sobre preço e morosidade na operação.

As oportunidades e necessidades do setor da saúde que poderiam ser também atendidos pela empresa, culminaram numa extensão de produtos para o setor médico e veterinário com o mesmo sucesso alcançado nos mercados que participamos. Com a Univates esta relação é extremamente forte, respaldada pela oferta de equipamentos para as clínicas que depois de algum tempo, foi percebido que havíamos prometido e cumprido o compromisso de fornecimento de equipamentos duráveis, custo compatível com o orçamento da Escola e principalmente de baixíssimo custo de manutenção, o que demonstra que além da aquisição econômica, está garantido por longo tempo o funcionamento das clínicas sem paradas e prejuízos para o aprendizado dos acadêmicos de odontologia, valorizando então o investimento inicial e a valorização do fornecedor.

Não obstante, os equipamentos são modernos, inovadores e de design agradável e ergonômico, tanto para o profissional quanto ao paciente; são projetados e produzidos com vistas ao melhor rendimento do trabalho do profissional e também, ao conforto do paciente, para que ele passe a valorizar o seu dentista pelo que ele oferece, além do tratamento clínico.

Estamos à frente do nosso tempo, nossos produtos contemplam nanopartículas de prata e zinco, tanto nas carenagens como na pintura, proporcionando ao ambiente uma não proliferação da grande maioria das bactérias existentes; temos esterilizadores da água do equipamento com alta eficiência, carregador de celular, entre outras ideias que aumentam a relação paciente/profissional.

Os laços fortes da relação da Olsen com a Univates foram construíram-se nas reuniões e encontros, onde as necessidades apresentadas pelos profissionais envolvidos, foram entendidas pela nossa empresa e, quando nos foi encaminhado o pedido, junto com ele estava contida uma relação de confiança inequívoca, relação esta que nos permitiu atender este cliente corporativo dentro da filosofia da empresa, de oferecer equipamentos feitos para durar.

Esta relação comercial e pessoal com todo o corpo administrativo da Escola extrapola o convencional, estamos unidos por um só propósito, o de formar uma geração profissional, calcada em tecnologias do ensino, oferecida por um corpo docente altamente qualificado, com ambientes de atendimento moderno e equipamentos que permitem ao aluno adentrar à oferta de serviços da saúde sem qualquer deficiência clínica científica.

Podemos afirmar que a infraestrutura da Univates, não só no campo científico como no cultural, nos causou impressionante surpresa; no interior do estado do Rio Grande do Sul temos um pólo similar aos grandes centros de países desenvolvidos que fazem dos gestores, mestres, funcionários e auxiliares um expoente que temos imenso orgulho de tê-los como parceiros, pois comungamos de uma mesma filosofia de visão de futuro. "

A compra de equipamentos para os laboratórios permitiu que a IES indicasse um técnico para realizar o treinamento que a empresa fornece aos interessados em se tornarem assistentes-técnicos da empresa. Tal movimento permite à universidade uma maior autonomia e rigor com relação à manutenção periódica-preventiva.

Sob o ponto de vista acadêmico, quatro turmas do Curso já visitaram a fábrica e acompanharam todo o processo de fabricação e montagem das cadeiras. As visitas técnicas estavam vinculadas aos conteúdos de planejamento e gestão, do ponto de vista privado, particular. O objetivo é que os estudantes possam conhecer uma das indústrias odontológicas de maior relevância nacional. Nestes encontros, há uma evidente integração entre estudantes e professores, decorrente desta experiência significativa. A vivência em ambiente distinto da sala de aula, com equipamentos tão caros

à nossa profissão, faz com que todos possam conhecer o que há de mais moderno e avançado em relação aos equipamentos odontológicos.

O tempo de uso, normalmente é curto, quando pensamos em durabilidade destes equipamentos. A Clínica de Odontologia Ampliada e a pré-clínica têm pouco mais de dois anos. Evidente que manutenções foram necessárias ao longo deste período. O uso, ainda mais por pessoas com pouca experiência, faz com que haja um desgaste natural dos equipamentos. O trabalho articulado com o técnico responsável, além da equipe de pós-venda faz com que a percepção de estudantes, professores e usuários sobre os equipamentos seja bastante positiva, sendo fundamental para uma avaliação otimista dos serviços prestados pela instituição.

A Univates oferece aos cursos, ótimas condições para a realização de atividades de ensino e de aprendizagem, contudo, mantém um controle exemplar sobre o seu patrimônio e as alterações no mesmo estão de acordo com a realidade da Instituição e das avaliações de várias instâncias. Este fato corrobora com o sucesso que a Univates tem apresentado nas avaliações externas realizadas.

A INTERNACIONALIZAÇÃO NO CURSO DE ODONTOLOGIA

Augusto Ely Johann
Camila Troian
Edlise Leal Gonçalves
João Pedro da Silveira
Seminvo Gloria Mirabelle Denami
Andreas Rucks Varvaki Rados

A criação da Universidade de Bolonha, na Itália, no ano de 1088, pode ser considerada um dos primeiros passos para começarmos a deixar a Idade Média para trás. Em seus primórdios, o acesso a esses espaços era bastante restrito. Com o passar do tempo, o acesso foi sendo facilitado, seja pelo número de universidades, seja pela procura dos indivíduos por uma melhor condição de vida. A globalização e o advento da internet foram fundamentais para que, cada vez mais, pessoas pudessem acessar o conhecimento, antes acessível a poucos.

Essas mudanças na sociedade moderna serviram de estímulo para que as instituições de ensino superior (IES) também entendessem a importância em ter práticas que pudessem ser entendidas e aplicadas em diferentes universidades. Convênios são a forma preferencial que universidades estabelecem cooperação, seja através do intercâmbio de estudantes e professores, seja mediante propostas pedagógicas ou institucionais.

Na Univates, a internacionalização tem como principal agente difusor a Diretoria de Relações Internacionais (DRI), a qual busca disseminar a cultura global, estimulando relações de cooperação nacional e internacional seja no ensino, pesquisa e/ou extensão universitária. Essas parcerias podem ser com IES, empresas e órgãos governamentais.

O Curso de Odontologia iniciou suas atividades de ensino no ano de 2015. Já em suas primeiras turmas havia estudantes interessados em ter a oportunidade de vivenciar a experiência do intercâmbio, muito estimulados pelas falas e divulgações realizadas pela Diretoria de Relações Internacionais

(DRI) e seu pessoal. No ano de 2018, um estudante da primeira turma do Curso teve o aceite para cursar um semestre na Universidade do Porto, em Portugal. No ano seguinte, outros dois estudantes foram contemplados com vagas para um semestre de estudos nesta mesma universidade. Fato também repetido no primeiro semestre de 2020.

O ano de 2020 nos trouxe a grata surpresa de recebermos duas estudantes intercambistas da África. Uma oriunda do Benin e outra de Cabo Verde. A previsão é que ambas cursem toda sua graduação na Univates.

Para ilustrar as vivências convidamos os próprios atores para relatar suas experiências e sentimentos relacionados ao processo de intercâmbio que apresentamos a seguir:

Seminvo Gloria Mirabelle Denami: Estudante do Benin, graduanda do Curso de Odontologia na Univates.

Meu nome é Gloria Denami. Eu sou do Benin, um país da África Oeste. Eu sempre sonhei em viajar após o ensino médio para fazer a faculdade por vários motivos. Eu gosto de viajar, descobrir novas culturas, novos idiomas, novas maneiras de conviver com as pessoas e, sobretudo eu gostaria de estudar fora do país, não porque minha disciplina não existe no Benin, mas porque eu gostaria de estudá-la de uma forma diferente.

Então eu cheguei no Brasil no dia 28 de janeiro de 2019 pelo programa PEC-G. O PEC-G é o Programa de Estudantes-Convênio de Graduação, administrado pelo Ministério da Educação e pelo Ministério das Relações Exteriores; constitui um instrumento de cooperação educacional que o governo brasileiro oferece a países em desenvolvimento, especialmente da África e da América Latina, com o objetivo de formar recursos humanos para promover o desenvolvimento desses países. Minha língua nativa é o francês então eu tive que aprender a língua portuguesa em primeiro lugar antes de poder entrar na faculdade. Eu fiz 9 meses de aula de língua em Porto Alegre na UFRGS com vários outros estudantes PEC-G e em outubro do ano passado eu passei a prova de proficiência em língua portuguesa e felizmente eu consegui.

No dia 5 de fevereiro de 2020 eu cheguei em Lajeado e alguns dias depois eu fui para a Diretoria de Relações Internacionais (DRI) da Univates. O pessoal da DRI foi bem acolhedor comigo e eu não me senti muito estranha. Eu encontrei a Edlise Gonçalves (a outra estudante do PEC-G da Univates) no mesmo dia. Depois nós (Edlise e eu) encontramos o professor Maurício (o coordenador do curso de Odontologia) para esclarecer algumas dúvidas e para entender melhor como vão acontecer as aulas e foi bem interessante. Ele nos falou o quanto ele era feliz de nos receber aqui e especificamente no curso de Odontologia.

No dia 13 de fevereiro as aulas começaram. Na verdade, eu queria fazer a medicina aqui no Brasil mas infelizmente eu não consegui uma vaga, então minha segunda opção foi a Odontologia. Naquele dia, o professor Maurício pediu para cada um de nós de se apresentar e explicou como as aulas vão acontecer e quais são as matérias que temos. E o que chamou minha atenção foi o fato de que o curso seja modular. Eu achei muito diferente da minha antiga maneira de fazer aulas. Eu não sabia como seria essa experiência muito diferente daquela que eu esperava, mas eu gostei mesmo assim porque eu gosto de coisas novas.

Logo depois, as aulas começaram de verdade e os professores são muito compreensíveis. Eles me tratam do mesmo jeito que tratam todos os outros e eu me sinto bem acolhida. Eu já fui até jantar na casa da professora Magali e do professor Fábio e foi muito legal. Também, a TV Univates fez uma entrevista com a Edlise e eu porque a maioria quer saber como nós viemos parar aqui. Além disso, a Univates tem várias infraestruturas únicas, e, sobretudo uma biblioteca bem rica que realmente atrai e dá vontade de estudar. Eu amo a biblioteca. Infelizmente, devido à pandemia, estamos fazendo desde o dia 13 de março as aulas *online.* Mas mesmo assim os professores continuam sendo os mesmos que em sala de aula (compreensíveis, gentis, perguntam como estamos lidando com essa situação, etc.) e para mim isso não tem preço.

Minha maior expectativa é conseguir minha graduação da melhor maneira possível para poder ajudar a comunidade (não só do meu País, mas do mundo) com o conhecimento que eu vou adquirir e assim ser orgulhosa de mim mesma. Eu tenho a absoluta certeza de que a minha experiência de intercambista será muito enriquecedora tanto para minha futura vida profissional, quanto em outros aspectos mais pessoais.

Edlise Leal Gonçalves: Estudante de Cabo Verde, graduanda do curso de Odontologia na Univates.

Sou Edlise, tenho 18 anos e esta é minha primeira experiência internacional. Venho de Cabo Verde, um arquipélago formado por 10 ilhas vulcânicas na região central do Oceano Atlântico, a cerca de 570 quilômetros da costa da África Ocidental. Eu decidi estudar Odontologia no Brasil porque no meu país há apenas o mestrado na área, recebi bons *feedbacks* do curso através meus amigos que estudaram no Brasil. E eu sempre quis estudar fora por influência das minhas irmãs mais velhas que estudaram em Portugal.

Fiz todo o processo de candidatura e pedido de visto na Embaixada Brasileira em Cabo Verde sem sobressaltos. Estava muito entusiasmada para ingressar no ensino superior, porém triste porque teria de deixar para trás minha família, amigos toda minha realidade por um período de 5 anos.

O fato de passar 5 anos num país diferente, numa cidade que eu nunca tinha ouvido falar para realizar um curso de graduação estava deixando-me muito receosa, por não saber o que iria encontrar. Tenho certeza que vai ser uma experiência inesquecível. Saí de casa determinada para viver esta experiência e voltar com meu diploma.

Cheguei na cidade há três meses, e as primeiras impressões foram as melhores, pois fui bem acolhida pelas pessoas e pela universidade. Estava com dúvidas sobre o formato modular do curso e o prof. Maurício reuniu comigo e com a Glória e esclareceu tudo. Estava muito ansiosa para as aulas e sempre me senti bem acolhida pelos colegas e principalmente pelos professores que sempre se mostraram muito atenciosos e amigáveis.

As aulas foram enriquecedoras e cativantes. Nesse período de tempo pude fazer um *tour* pela cidade, tive aulas de cultura brasileira, visitei um Centro de Tradições Gaúchas entre outras várias atividades promovidas pela DRI da Univates. Foram experiências legais, fomos a jantar em casa dos professores Magali e Fábio, demos entrevista na TV Univates, fomos bem acolhidas. Me surpreendi positivamente porque estava receosa em morar numa cidade onde não há cabo-verdianos e aproveitei para fazer amizades com meus outros colegas intercambistas.

Agora, quase dois meses, estudando virtualmente, as aulas estão sendo proveitosas, mas sinto falta das aulas presenciais do convívio com os colegas e professores. Porém acredito que a situação vai melhorar e vou poder aprender e aproveitar mais esta oportunidade. O intercâmbio ainda está no começo, mas está sendo uma experiência diferente de tudo que já tinha vivido. O país, a cultura, o sotaque, as amizades com pessoas novas e de outros países, foram momentos únicos e ficarão guardados para sempre. Espero que com esse tempo aqui eu me torne uma boa profissional e um ser humano melhor. Quero atuar na área que eu sempre sonhei, desde criança, ser responsável por vários sorrisos e inspirar outras pessoas a seguir seus sonhos.

João Pedro da Silveira: Estudou um semestre na Universidade do Porto - Portugal

Desde o início do curso, uma das minhas maiores vontades sempre foi a internacionalização, porém uma das grandes barreiras era a situação financeira. Passados alguns anos, no meu sétimo semestre, as coisas começaram a melhorar e resolvi tentar candidatura para o intercâmbio do 8º semestre.

Mesmo que muito nervoso, fui aprovado na candidatura e, por se tratar do primeiro estudante de Odontologia da Univates a realizar internacionalização, dei início ao processo de contato com diversas

universidades da Europa. A universidade possuía a matriz curricular que mais se parecia em proposta com o curso, o qual apresenta uma dinâmica de metodologias ativas, era a Faculdade de Medicina Dentária do Porto (FMDUP). Assim, juntamente com o professor Andreas Rados, montei a grade de estudos que realizaria, resultando em um total de 480h no semestre.

Na época, pareceu-me um enorme desafio, mas hoje vejo que o quanto pude evoluir nessa experiência - não só profissionalmente, mas também como pessoa - tornou o desafio mais fácil e extremamente proveitoso. Após tudo isso, comecei a "correr" atrás das questões burocráticas de visto (quase que literalmente "correr", pois os prazos para o mesmo não eram muito animadores). Assim, o sonho começou a se tornar cada vez mais real, com a realização do primeiro passaporte, a compra de passagens, a primeira vez morando fora de casa...

Com a data de início de semestre já definida, realizei a compra das passagens e troquei todo o dinheiro que tinha juntado trabalhando durante a faculdade, entre trabalhos de copa e com a iniciação científica em projetos da Univates, por euros. Estava quase tudo praticamente organizado, exceto o visto, que mesmo comigo adiando a data das passagens de ida, não tinha previsão de chegada. Na véspera da data da passagem de ida e início do semestre letivo no Porto, com um turbilhão de pensamentos, decidi por ir mesmo apenas com visto de turista, para posteriormente regularizar minha situação no Porto, pois não poderia desistir do tão desejado sonho antes mesmo de começá-lo.

Chegando ao Porto, após alguns perrengues entre semanas dormindo em hostel e pegando direções erradas no metrô, finalmente consegui alugar um apartamento com amigos. Todos se impressionaram com o ótimo apartamento, bem localizado e com um preço muito baixo, porém, para conseguir alugá-lo não foi fácil. Seguindo os conselhos do professor Andreas, que por experiência própria, afirmou que eu conheceria pessoas incríveis, tentava me lembrar de que o mais importante era a experiência toda que eu estava passando e assim, saia todo o dia do hostel em que estava hospedado, pegava o metrô para o bairro da faculdade (que era onde eu pensava em morar durante estes meses) e conversava com todas as pessoas que encontrava em bares, cafés ou mesmo pela rua. Em uma dessas conversas de padaria, de propriedade de um senhor, também chamado João, ele me indicou o número de um amigo que estava terminando obras num apartamento próximo. Após conhecer o local, resolvi ficar com ele, mesmo sabendo do sacrifício por alguns dias, pois ainda estavam fazendo as conexões para ligar luz e água quente. Passar alguns dias sem luz e banho quente na Europa valeu à pena, pois, era finalmente o meu apartamento, a cerca de 10 minutos a pé da Faculdade de Medicina Dentária da Universidade do Porto (FMDUP) e, podendo compartilhá-lo com um amigo.

Já me habituando a cidade, surgiu um novo desafio: o início das aulas. A transição de uma faculdade de uma cidade pequena para uma das principais faculdades de Medicina Dentária de Portugal foi incrível, pois mesmo chegando com um milhão de dúvidas quanto ao funcionamento da faculdade, fui recebido muito bem por meus colegas portugueses, de quem guardo carinhosas lembranças até hoje. Lá, vivi diversos desafios, como a difícil tarefa de entender que existiam disciplinas nas quais era realizada apenas uma avaliação, ou também adaptar-me às aulas totalmente expositivas, após anos experienciando metodologias ativas de ensino. Tive de me adaptar a avaliações com mais de cem questões para serem respondidas em cerca de 50 minutos. Pude aprender muito com meus colegas portugueses, desde a orientação por quais materiais didáticos estudar para as matérias, como trocar informações e experiências durante a prática clínica. Também participei de festividades sociais, festas de turma regadas a muita *pizza* e *sangria*, a famosa festa de queima das fitas, serenatas pela Tuna da FMDUP para colegas durante seu jantar de aniversário ou os ensinamentos de costumes portugueses e seus jantares tradicionais.

A maior dificuldade enquanto estudante intercambista foi certamente não ter a mesma abertura que eu tinha na Univates para conversar com os professores; europeus normalmente são mais fechados, menos acolhedores. Após as aulas expositivas dificilmente permaneciam na sala e, por muitas vezes nas atividades clínicas, saíam antes dos estudantes acabarem os atendimentos. Além disso, geralmente eram apenas dois professores supervisores para quatro turmas em atividade clínica, resultando em mais de 30 alunos para 1 professor. Porém, como em toda regra há uma exceção, a professora Maria F. Lobo, da disciplina de "Medicina Dentária, Preventiva e Saúde Oral Comunitária" foi muito atenciosa durante todo o período. Curiosamente, quando mais senti afinidade e também me diverti, pois fomos às escolas municipais do Porto e realizamos diversas atividades com as crianças, como palestras, jogos de educação em saúde, *quizzes* e atividades lúdicas. Todas as atividades desenvolvidas por nós tiveram ótimo *feedback* dos pequeninos, que gostaram muito da presença de um "médico dentista do Brasil", pois até futebol tive que jogar com eles no intervalo das aulas.

Quando eu me sentia um pouco deslocado por estar longe de casa (por mais que isso não tenha acontecido muitas vezes), eu tinha um grupo de amigos brasileiros, com quem assistia ao indescritível pôr do sol no Rio D'Ouro, do Jardim no Morro, no Parque das Virtudes ou até mesmo na praia de Matosinhos, entre um vinho tradicional português ou mesmo um chimarrão (lembro que as senhoras das vendas de bebidas ao lado dos parques ficaram curiosas para saber o porquê de pedirmos tanta água quente). Conheci pessoas incríveis de Goiás, Rio de Janeiro, São Paulo, Brasília, Santa Catarina e Minas Gerais, conseguimos conversar toda a semana e para sempre vou guardar essas amizades com carinho.

Pude crescer muito como profissional durante os atendimentos clínicos, entre pacientes portugueses, brasileiros, africanos ou franceses, tive diversos desafios quanto aos diferentes conteúdos que estudamos, abrangendo também a área médica, além de dificuldades quanto às avaliações que, também foram superadas (ufa!). Mas certamente o que mais me tocou foi a experiência interpessoal que tive com as pessoas, fazendo amigos de todos os lugares, não só do Brasil como também Portugal, Colômbia, Romênia e Azerbaijão, com os quais mantenho contato frequentemente.

Por fim, queria agradecer a todos que estiveram envolvidos para que essa experiência tenha se tornado realidade, seja direta ou indiretamente. Obrigado primeiramente ao professor Andreas, me orientando do começo ao fim, e fazendo muitas vezes o papel de "paizão", sendo a pessoa de referência para todos meus desabafos e também exclamações de vitória que tive durante esta trajetória. Vem me ajudando muito a me desenvolver, não só como profissional, mas principalmente como um cidadão. Segundamente, agradeço ao meu irmão Bruno, que me ajudou com todo o planejamento e burocracia necessária para que isso se tornasse realidade. E, por último, mas não menos importante, agradeço a todos os amigos que fiz, seja na clínica, onde conheci o Pedro Desport, Ana Rita Cardoso e o Marco Ferreira, amigos portugueses incríveis, tanto por suas personalidades como pelos profissionais que são. Também cito Eloi Dias ou Lucas Souza, que sempre estiveram por qualquer canto do Porto "batendo pernas" comigo. Lucas Ceccato e Antônio Meira, com quem dividi apartamento e vivenciaram muitas dificuldades juntos comigo, mas também muitas alegrias.

Augusto Ely Johann: Estudou um semestre na Universidade do Porto - Portugal

No começo, a ideia de realizar um intercâmbio acadêmico era similar a de realizar um sonho distante, algo que ainda estava longe de acontecer. Eu queria conhecer novas pessoas, novas culturas e novos meios de enxergar o mesmo objeto, no caso, a Odontologia.

Com o passar do tempo e das burocracias (necessárias para isso se tornar possível), tive cada vez mais a sensação de estar me aproximando do momento, quando na verdade isso já fazia parte do montante de aprendizado que esse período da minha vida me proporcionou. Aconteceram alguns empecilhos no processo do encaminhamento do visto, algo de que já havíamos sido alertados, porém, com algumas mudanças no processo que acabaram nos pegando de surpresa.

Com tudo resolvido, finalmente, fomos para Portugal. Já no avião conhecemos um brasileiro que mora em Portugal e nos contou algumas histórias durante o voo sobre a cidade do Porto, que seria minha nova casa por aproximadamente cinco meses. A expectativa e a empolgação estavam

nas alturas neste momento, e se acentuaram no momento em que foi possível ver a cidade através da janela do avião.

No início tudo era bagunçado. Não sabíamos muito bem como nos orientar no transporte público, não sabíamos onde ficavam os lugares que gostaríamos de ir, nenhum conhecido, a cidade com um visual totalmente diferente do que estou habituado no Brasil, uma atmosfera interpessoal diferenciada, pessoas com uma paciência oposta à afobação do brasileiro, sucintos e diretos, beirando a grosseria caso não esteja acostumado a ouvir essa entonação de voz, mas na verdade, é apenas outro jeito de se comunicar. Tudo era deslumbrante. Apesar de ser considerada a mesma língua, existem palavras-chave que alteram todo o contexto e o sotaque é tão diferente que tive mais dificuldade em falar português de Portugal do que tenho para falar em inglês.

Além da zona de conforto não existir no dia-a-dia, quando chegamos na Faculdade de Medicina Dentária da Universidade do Porto (FMDUP), houve um choque de realidades. Uma maneira totalmente diferente de se organizar (pra não dizer desorganizar), estrutura física, apresentação e avaliação de conteúdos trabalhados, método de ensino e aprendizagem; além do conteúdo propriamente estudado. Nada era como estávamos habituados, e era exatamente esse desconforto que eu buscava.

Com o passar do tempo, a faculdade foi se tornando algo mais habitual, como se fossemos nos acostumando com o estilo diferente de levar as coisas; junto disso, foram surgindo amizades, momentos bons e ruins, dentro e fora de casa. Houve muitos momentos de diálogo com as pessoas com quem eu morava, pois como dizem, um intercambista está sempre com o coração dividido: quer estar aqui, sem deixar de estar lá. Muitas vezes as lembranças dos amigos e da família invadiam a mente e o coração com força, a saudade era enorme e a vida no Brasil continuava. Eu sabia que esse sentimento tinha prazo de validade. Tentava ignorá-lo, mesmo que às vezes fosse quase impossível, para focar no momento da vida que estava vivendo.

Acho que o mais difícil era colocar na balança a vontade de fazer tudo, o que incluía a vontade de conhecer tudo o que fosse possível: pessoas, amigos, lugares, momentos, sem esquecer também o compromisso com a faculdade, afinal, esse era o motivo de eu estar lá, onde inclusive conheci a maioria das pessoas com quem convivi neste tempo.

Tentei sempre aproveitar o que podia dos momentos vividos, fossem eles sérios ou descontraídos, felizes ou tristes. Pude conhecer outros países durante as férias, bem como conhecer e poder surfar ao longo da costa portuguesa, conhecida mundialmente pelas praias, ondas e pontos turísticos. E estes momentos foram os melhores da minha vida, até então; fazem parte do arcabouço de sensações que são impossíveis de explicar, daquelas que fazem os olhos brilharem quando viram assunto, portanto,

não vou tentar explicar aqui. A quem estiver lendo, instigo a experimentar. Também tive muitos empecilhos nestas viagens, afinal, todo lugar era novo, com estruturas, pessoas e línguas diferentes. Dar-me conta de que consegui viver tudo isso e, aproveitar de modo a não guardar arrependimentos, não tem preço.

Voltando à faculdade, no momento em que fiquei sabendo que fui aprovado foi a gota d'água de alegria. Era a única coisa que eu ainda não tinha concluído com sucesso no intercâmbio, pois ainda não havia passado o tempo necessário. As demais vontades pessoais, todas foram realizadas. Ao receber essa notícia tive a sensação de missão cumprida.

Para mim o intercâmbio passa a sensação de ter vivido a chance de iniciar uma vida nova, mas já com o conhecimento de vida que carrego comigo das experiências passadas. Diferente de uma vida literalmente nova, em que a pessoa vai se conhecendo ao longo do tempo e a partir disso, forma seus princípios e valores, ali eu iniciei uma vida do zero, já da maneira que acho correta com minhas experiências como guia, tanto no âmbito acadêmico quanto no pessoal. Como dito anteriormente, não há palavras que expliquem o sentimento que isso proporciona. Lá fiz amigos verdadeiros, outros nem tanto, conheci diversas pessoas, lugares e vivi momentos inesquecíveis. Sei que meu relato é extremamente superficial quando comparado às sensações que eu gostaria de conseguir repassar, mas para ter total transparência e entendimento do que quero dizer, só passando por isso também.

Camila Troian: Estudou um semestre na Universidade do Porto - Portugal

Desde o momento que decidi fazer intercâmbio, antes mesmo de saber se eu realmente seria aprovada, surgiu em mim uma grande empolgação. No momento que recebi a aprovação, tal empolgação se multiplicou por mil. Era um misto de alegria com ansiedade. Ansiedade porque faltava muito tempo para a ida, ansiedade porque havia vários preparativos e inúmeras burocracias para resolver, ansiedade porque eu não iniciaria o semestre seguinte na faculdade onde faço isso desde o começo da graduação. Ansiedade porque toda e qualquer mudança gera certo desconforto.

Na tentativa de deixar de lado um pouco dessa ansiedade toda, diversos empecilhos ocorreram no meio do percurso, trazendo de volta a ansiedade multiplicada por dois. Diversos pensamentos como "por que comigo?" "por que justo na minha vez?" "será que vai dar certo?" "será que não é pra ser?" "que azar", entre outras angústias inevitáveis nesse momento. Mas com certeza a maior de todas era que quando um problema era resolvido, aparecia outro. A famosa "maré de azar". Quando tudo finalmente se solucionou - e isso nem parecia mais ser real - tentei tirar uma lição de tudo de ruim que aconteceu.

Chegou o dia de embarcar. Coração apertado positivamente e negativamente. Triste por se despedir das pessoas que mais amo no mundo, feliz por imaginar o que estava por vir. Acho que esse é o resumo perfeito de um intercâmbio em poucas palavras: um misto de emoções. É assim do início ao fim. Para cada momento bom, passamos um ruim, e vice-versa. Mas quando tudo termina é possível compreender que os momentos negativos também fazem parte do processo e são tão importantes quanto.

Viagens, festas, bares, culturas novas, línguas novas, hábitos novos, amigos novos, faculdade diferente, educação em outro país, maneiras diferentes de viver. Tudo isso compõe a bagagem final que se leva de um intercâmbio. Entre tropeços e acertos, sorrisos e choros, alegrias e decepções, muita experiência adquirida. Experiência essa que acima de tudo é pessoal. O intercâmbio me fez crescer muito como ser humano, me fez refletir sobre a pessoa que eu era atualmente, sobre a que eu já fui e sobre a que eu queria ser. Afinal a vida é feita de mudanças e recomeços. Para mim o intercâmbio foi isso, um recomeço. Recomeço de uma nova vida que eu passaria a ter e de uma nova Camila que eu gostaria de ser.

Ao retornar me fiz o seguinte questionamento "será que aproveitei tudo que podia ter aproveitado? ", porque uma coisa sempre esteve clara na minha mente: eu gostaria de ter viajado dentro da Europa muito mais do que viajei. No entanto não foi possível conciliar com a faculdade. E apesar de todos os lazeres, sabia que estava em Portugal, antes de tudo, pela vida acadêmica. Mas no final pude concluir que mesmo com esse sentimento de pendência que ficou em relação às viagens, eu aproveitei sim tudo que podia. Dentro do que era possível, conheci lugares que sonhava conhecer, me entreguei de cabeça a toda e qualquer experiência; não deixei de viver nada que senti vontade de viver, e principalmente – o que, a meu ver, hoje passados alguns meses, foi o mais importante - evoluí muito como ser humano. E ter essa certeza é gratificante.

Agora, passados exatos dois meses do meu retorno, ficaram três sentimentos: gratidão, saudade e desejo. Desejo de viajar mais, de conhecer mais, de fazer mais, de sonhar mais, de viver mais.

"Sonhar é acordar-se para dentro" - Mário Quintana.

O TRABALHO EM EQUIPE COMO ESTRATÉGIA PEDAGÓGICA PARA OS NÍVEIS SUPERIOR E TÉCNICO

Andreas Rucks Varvaki Rados
Maurício Fernando Nunes Teixeira

A formação em Odontologia no Brasil pressupõe o desenvolvimento de habilidades específicas e competências gerais para a atuação profissional. Dentre estas habilidades e competências, observa-se a capacidade de atuação em equipes multiprofissionais e a liderança (BRASIL, 2002). Na Universidade do Vale do Taquari - Univates, os estudantes do curso de Odontologia atuam em diversos serviços da rede de saúde regional, buscando o desenvolvimento dessas e de outras competências previstas nas diretrizes curriculares nacionais (BRASIL, 2002).

A lógica de formação do curso obedece uma complexidade crescente nas atividades propostas, seguindo a taxonomia proposta por Bloom em 1956 (Gil, 2018) e revisada anos depois, com essa evolução sendo acompanhada nos domínios cognitivo, atitudinal e procedimental. Pela natureza da profissão de cirurgião-dentista, grande parte dessa carga horária tem caráter prático e é vivenciada junto à Clínica de Odontologia Ampliada (COAm), serviço-escola vinculado ao curso de Odontologia.

Além do curso de graduação, este espaço também se tornou referência para o curso Técnico em Saúde Bucal. Esse curso também é oferecido pela Univates e diversos estudantes acabam por cursar Odontologia após a conclusão do técnico, seja por influência do contato com o local de trabalho, sejam as propostas pedagógicas do curso de graduação.

As estudantes do curso técnico realizam suas atividades de estágio junto à COAm e acompanham as rotinas dos estudantes da graduação, funcionários e professores, tendo a possibilidade de vivenciarem atividades nas mais diversas especialidades, além de conhecer e desenvolver as habilidades técnicas específicas de maneira mais intensa, dada a natureza e magnitude do serviço. Desde o início da aproximação em 2018, 6 estudantes do curso técnico já tiveram oportunidade de trabalhar em parceria com mais

de 70 estudantes da graduação nos mais diversos cenários, estando alguns no início da prática odontológica, outros no estágio final de formação.

O Curso Técnico em Saúde Bucal do Centro de Educação Profissional da Univates, no seu Plano de Curso, aponta o desafio de aproximação com o Curso de Odontologia como oportunidade de experiências e aprendizados diferenciados, visando a otimização dos serviços odontológicos.

A possibilidade de trabalho em equipe tem permitido aos envolvidos o desenvolvimento das habilidades socioemocionais como a comunicação interpessoal, empatia, confiança e uma responsabilização compartilhada, desenvolvendo um espírito ético aguçado. Há um fluxo intenso de pessoas, o que acaba exigindo um cuidado e organização do espaço de maneira bastante criteriosa. Habilidades relacionadas ao planejamento e à organização do espaço de trabalho também são desenvolvidas, visto que o funcionamento da clínica ocupa todos os dias, nos turnos da manhã, tarde e noite.

Prevemos com o desenvolvimento do curso de Odontologia a inserção do estudante do curso técnico em saúde bucal (TSB/ASB) diretamente com os estudantes da graduação e a discussão já iniciada traz alguns elementos importantes não só de ordem pedagógica, mas de ordem administrativa, por exemplo: os professores da graduação serão responsáveis pela supervisão dos estudantes do curso técnico? Os estudantes da graduação ainda aparentam estranhamento com a presença do Auxiliar de Saúde Bucal durante seu processo de formação, pois não raro, ainda apresentam dificuldades que são inerentes ao seu desenvolvimento pedagógico dentro do curso

Percebe-se no relato de professores do curso técnico o quanto essa aproximação entre os cursos têm sido profícua. As estudantes apresentam um maior domínio dos assuntos apresentados em sala de aula, conseguem trazer experiências vivenciadas na instituição e já criam vínculos profissionais que podem auxiliar em oportunidades profissionais futuras.

O perfil profissional descrito pelo Catálogo Nacional de Cursos (2014) prevê que após a conclusão do curso de TSB esse profissional promova a prevenção e o controle de doenças bucais. Além de desenvolver programas educativos e de saúde e estudos epidemiológicos em saúde bucal. Deve desenvolver atividades clínicas voltadas para o restabelecimento da saúde, estética e função mastigatória do indivíduo, assim como realizar, sob supervisão do Cirurgião-Dentista, tomadas radiográficas de uso odontológico e controle de estoques, bem como a instrumentalização no trabalho a quatro mãos. Os estudantes do curso técnico tem desenvolvido todas essas atividades junto à graduação na Univates.

A aproximação entre os cursos demanda contato frequente, pois trâmites burocráticos e ajustes nas pactuações feitas são sempre necessários,

dada a periodicidade dos estágios. O trabalho em equipe é exercido e exercitado por todos os atores envolvidos no processo, com ganhos mútuos.

Os estudantes de Odontologia têm se mostrado mais receptivos ao trabalho em equipe, pois possibilita a discussão sobre a liderança, uma das competências previstas para o perfil do egresso. Para o futuro, pretende-se consolidar a parceria, fomentando o estágio do curso TSB na COAm, atuando juntamente com os estudantes de graduação em Odontologia, bem como levar adiante a proposta interdisciplinar do curso, para as outras formações em saúde como a Fisioterapia, abordando conteúdos como Ergonomia e como a Nutrição sobretudo nos conteúdos de Cariologia e Educação em Saúde.

Referências

GIL, AC. Didática do ensino Superior. 2ª edição, São Paulo, Atlas. 2018.

MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO. Conselho Nacional de Educação. Câmara de Educação Superior (Brasil). Resolução n° 3, de 19 de fevereiro de 2002. Diretrizes Curriculares Nacionais do Curso de graduação em Odontologia.

MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO. Catálogo Nacional dos Cursos Técnicos. Brasília, 2014.



Maurício Teixeira, Coordenador de curso, Ney Lazzari, Reitor da Univates, Oto Moerschbaecher, Pró-reitor Administrativo, Andreas Rados, Coordenador da Clínica e Júlio Lopes, Presidente do Diretório Acadêmico no dia da inauguração da Clínica de Odontologia Ampliada, em 2018

Foto: Artur Dullius



Professores e estudantes durante turno de atendimento na Clínica de Odontologia Ampliada

Foto: Tuane Eggers



Glória e Edlise, intercambistas do curso de Odontologia Univates
Foto: Júlia Amaral

Parte III - Dispositivos para o Fazer

"Não é no silêncio que os homens se fazem,
mas na palavra, no trabalho, na ação-reflexão."
Paulo Freire

Os textos que compõem esta parte do livro buscam descrever atividades, técnicas, estratégias e metodologias de ensino e de aprendizagem utilizadas no Curso. Boa parte deles guardam certa semelhança na estrutura porque foram produzidos na mesma época. Tem um enfoque mais pedagógico e servem de guia para escolha de situações de ensino e de aprendizagem mais pontuais no ensino da Odontologia. A ordem dos textos procura respeitar a mesma cronologia, costumeiramente utilizada no Curso e foram escritos pelos professores que as utilizam em seus encontros com os estudantes.

No primeiro, Maurício Teixeira fala sobre uma atividade utilizada para introduzir a história da Odontologia, onde, através de recursos lúdicos, os estudantes têm contato com o desenvolvimento cronológico da arte dentária. O professor Sandro Frölich (Filosofia) assina o segundo texto, dando um enfoque relacionado a posição dos estudantes no mundo e a capacidade de se colocar no lugar do outro.

No primeiro módulo, o conteúdo referente à anatomia tem usado diversas ferramentas que se relacionam com as metodologias ativas; essas práticas são abordadas no texto escrito pela professora fisioterapeuta Magali Quevedo Grave.

O Estudo Dirigido tem sido bastante utilizado e está descrito pelos professores dentistas Marcus Conde, Maurício Teixeira e Alessandro Menna, sendo o recurso que mais se aproxima das abordagens tradicionais, auxiliando na adaptação dos estudantes. Ainda, a avaliação através do portfólio, utilizada na Cures, é analisada em outro texto escrito pela professora dentista Paula de Bearzi.

Os professores Alessandro Menna e Maurício Teixeira descrevem a oficina de cerâmica que ocorre na Casa do Museu em Arroio do Meio, como a primeira experiência para o estudo de prótese dentária que terá continuidade no sexto módulo.

Ainda no primeiro módulo, o professor André Jasper, estudioso da Paleontologia, acompanha a turma em uma saída de campo, a fim de que os estudantes possam conhecer o processo de formação geológica do Vale do Taquari e despertar o interesse pela educação ambiental. Quando os estudantes iniciam as atividades na Clínica Odontológica (quarto módulo), a professora Cátia Gonçalves, bióloga, os acompanha em uma visita ao aterro sanitário para perceberem a importância da separação do lixo na preservação do meio ambiente. Essas experiências estão descritas no texto seguinte pelos dois professores.

Outra atividade descrita é a simulação e dramatização na abordagem da higiene bucal onde o professor João Peixoto, periodontista, se transforma no sr. Adalbertino e interage com os estudantes para o estudo da prevenção de doenças bucais e promoção de saúde.

Para a abordagem do estudo do planejamento, o Curso utiliza um *framework* denominado *Challenge Based Learning* onde os estudantes, a partir de um problema global, criam uma solução local. Nesse texto, os professores Maurício Teixeira e Luiz Alexandre Chisini descrevem algumas situações onde essa metodologia é utilizada.

Nos próximos textos descrevemos metodologias já consagradas como *Peer Instruction (Maurício e Chisini), Problem Based Learning* (PBL) (Maurício e Alessandro), Grupo de Verbalização - Grupo de Observação (GV-GO) (Chisini, Renan da Costa e Bianca Reis) e Sala de Aula Invertida (Chisini e Francine).

Para finalizar esta parte, temos o texto que descreve o estudo, a aplicação e a avaliação na Odontopediatria. Relata, brevemente, o histórico da especialidade no ensino da Odontologia e fala dos desafios de integrar a especialidade na clínica ampliada. Foi escrito pelos professores Francine Costa e Luiz Alexandre Chisini

Nomeamos esta parte do livro de Dispositivos para o Fazer, visto que os textos podem auxiliar professores da área da saúde que pensam em utilizar as metodologias ativas e não sabem por onde começar. Os exemplos elencados trazem uma ideia geral de como estamos discutindo e aplicando essas metodologias propostas pelo Curso.

"Uma câmera na mão e uma ideia na cabeça"
Glauber Rocha

CONSTRUÇÃO DA LINHA DO TEMPO DA ODONTOLOGIA

Maurício Fernando Nunes Teixeira

Na Univates, os currículos da área da saúde se organizam por divisões disciplinares e, um dos componentes curriculares que se tem muito cuidado, no primeiro semestre, é o que faz a Introdução às Profissões. A maioria dos coordenadores de curso, que têm essa disciplina no currículo, se preocupa bastante com o seu desenvolvimento e, na maior parte das vezes, os próprios coordenadores são os professores responsáveis por ela.

No Curso de Odontologia, estes conteúdos referentes à apresentação da profissão aos estudantes divide a carga horária com os fundamentos de Filosofia e Ética. Com o objetivo de conhecer o pensar filosófico e os diferentes modos de conhecimento: ciência, mito, arte, senso-comum e religião e desenvolver o pensamento crítico e reflexivo, por meio do estudo da filosofia e da ética, um professor de Filosofia desenvolve atividades no eixo de Organização do Trabalho em Saúde, juntamente com o coordenador do Curso.

O uso de metodologias de ensino e de aprendizagem, pelo Curso, facilita esses movimentos e busca desenvolver as competências descritas nas Diretrizes Curriculares Nacionais (DCNs) para os Cursos de Odontologia, bem como as previstas para os profissionais do século XXI, tais como o pensamento crítico, a responsabilidade, a criatividade e a colaboração. Nesse eixo, com o intuito de que os estudantes conheçam a história da Universidade, da Odontologia, e do ensino odontológico por competências e da formação para o trabalho, utiliza-se de aulas expositivas dialogadas para abordar a história da Universidade e apresenta-se o Projeto Pedagógico do Curso para aprofundar o conhecimento do ensino odontológico por competências e discutir a formação para o trabalho.

O objetivo deste texto é apresentar a atividade específica relacionada à história da Odontologia. Os estudantes são convidados a construir uma linha do tempo, com datas e fatos previamente selecionados que, de alguma forma, influenciaram a Odontologia como estamos vivenciando atualmente.

Após conhecerem o histórico das universidades através de uma aula expositiva dialogada e como o Curso se estrutura através da discussão do seu PPC, os estudantes são provocados a pensar na origem da Odontologia, refletir sobre seu surgimento e desenvolvimento no decorrer do tempo, dos primeiros registros até os tempos atuais.

Para a atividade são selecionadas dias, anos ou períodos de tempo em que aconteceram fatos importantes relacionados à Odontologia e que influenciaram seu desenvolvimento. Por exemplo: Quem é considerado o primeiro cirurgião dentista que se tem notícia? Quem patenteou a primeira cadeira odontológica que se tem registro oficial? Em que ano aconteceu o famoso estudo de *Vipeholm*? Cada um dos estudantes recebe uma data e, com a instigação a pesquisar esses acontecimentos, nas mais variadas fontes, tem um tempo determinado para realizar a pesquisa.

Nessa parte da atividade é possível observar a autonomia que alguns estudantes já apresentam; a preocupação em achar uma relação entre a data e o fato e se está correto. Podemos, a partir disso, discutir a qualidade das pesquisas realizadas e já relacionar com a validade científica das fontes.

Num segundo momento eles devem retratar o que pesquisaram de maneira livre, em um pedaço de papel pardo em ordem cronológica, sendo estimulados a criarem representações lúdicas destes fatos. Para isso, são disponibilizados os mais variados materiais para facilitar a criatividade como lápis de cor, imagens impressas, tintas guache, canetas hidrocor, colas coloridas, etc.

Aqui podemos perceber os estudantes que têm iniciativa, dominam o grupo com suas ideias ou tentam impor sua opinião sobre a dos outros, assim como os que se retraem e tem dificuldade de expor seu pensamento. Procura-se também identificar habilidades motoras finas e a exposição de posturas através da criação de representações individuais que se relacionam com o grupo.

O estudante tem um tempo determinado onde deve apresentar os resultados de sua pesquisa e registrar na linha do tempo a sua representação negociando com os colegas o local, o tamanho da sua parte, as relações com outros fatos, etc. Através da representação individual que vai formando uma representação coletiva, os estudantes vão percebendo as diferenças entre o que é necessário, possível e imprescindível no fazer coletivo.

Os resultados têm sido bem interessantes. Por estarem no primeiro módulo, nos conhecemos um pouco mais e essa atividade nos aproxima, no sentido que os estudantes mostram sua capacidade de pesquisa, expressão e negociação com o grupo. Aqueles que têm pouca resiliência ao contraditório, muitas vezes se mostram para o grupo. Por ser uma atividade diferenciada, eles lembram nos semestres posteriores, falas, desenhos e interpretações

que colegas, ou eles mesmos fizeram de datas que compõem a história da Odontologia.

Ao final da construção da linha do tempo, o material é fixado na parede da sala de aula, ficando exposto até o final do semestre. Como, na Universidade, não temos salas de aulas específicas para o Curso, é comum professores e coordenadores de outros cursos comentarem conosco a produção realizada pelo grupo.

Com o desenvolvimento das atividades, percebemos o quanto a história da Odontologia tem muito pouca produção científica de qualidade, tanto que as fontes são sempre muito discutidas pela dificuldade que eles apresentam em encontrar referências mais robustas. Um dos poucos livros que encontramos e apresenta uma série de imagens nas quais distribuímos aos estudantes está fora de catálogo, o que caracteriza uma dificuldade para a execução da atividade.

O uso de estratégias relacionadas às metodologias ativas no início do Curso era um desafio para professores que não haviam tido a experiência em suas graduações e a expectativa de como estas vivências poderiam repercutir no desenvolvimento dos processos de ensino e de aprendizagem propostos. Com o passar do tempo e as experimentações com as turmas, estamos todos mais empoderados e a fluidez dos processos se manifesta mais intensamente.

Perceber a curiosidade de estudantes ingressantes por saber um pouco mais sobre o He-Sire como o grande especialista da arte dentária na corte do faraó Zoser, considerado o primeiro cirurgião-dentista; o interesse em construir uma maquete da cadeira odontológica patenteada por *Josiah Flagg* nos EUA entre 1790 e 1812 ou a propriedade que os estudantes discutem a importância e as questões éticas envolvidas no estudo de *Vipeholm* de 1954; nos motiva e, ao mesmo tempo, nos faz mais responsáveis por manter o desenvolvimento de aprendizagens significativas e essa busca pela autonomia do conhecimento durante o restante do Curso.

Referências

BRASIL. Ministério da Educação. CNE Conselho Nacional de Educação. **Diretrizes Curriculares Nacionais do Curso de Graduação em Odontologia**. Diário Oficial da União. Brasília, 2002

SOFFNER, R. K. Competências do século 21. **Pesquisa e Debate em Educação**, v. 4, p. 10, 2014.

RING, M. E. 1985 **Dentistry: an illustrated history**. New York: Abradale Books.

DESPERTAR SENTIDOS

Sandro Fröhlich

No Curso de Odontologia da Univates, no segundo módulo, através do eixo de Organização do Processo de Trabalho em Saúde II (OPTS II) são trabalhados diferentes conteúdos a partir das grandes áreas da Antropologia e Sociologia. Dentre eles, as questões vinculadas às relações de poder entre os indivíduos e as comunidades, a percepção do corpo e corporalidade ao longo da história e no contexto presente e, como essas questões impactam na vida e na instauração de políticas públicas de saúde.

Buscando a integração dos estudos, análise e discussão de tais temas, foi proposta uma dinâmica para fomentar relações e percepções entre os estudantes. Embora simples e já conhecida, percebeu-se que a mesma teve grande potencial para fazer brotar questões e aspectos importantes para o debate. Foi uma dinâmica disparadora de reflexões e diálogos interessantes e intensos.

Foram formadas duas filas com os estudantes de frente uns para os outros. Para uma das filas foi distribuído um material que possibilitasse vendar os olhos (lenço, bandana, etc.). Uma vez vendados os olhos, cada um dos estudantes era conduzido ou orientado por um dos pares, numa dinâmica que é por muitos, denominada como 'guia e cego'. Foi estipulado tempo aproximado entre 20 e 30 minutos para que cada estudante 'guia' orientasse e conduzisse seu par pelas diferentes dependências da universidade ou arredores. A regra também consistia em 'conduzir' o estudante vendado apenas através da voz, não podendo tocar ou permitir que o outro visualizasse o trajeto a percorrer.

Quando do retorno de todos à sala, foi feita a troca de papéis entre os estudantes: quem era o condutor na primeira parte, seria agora conduzido por seu par, obedecendo às mesmas regras orientativas. Foi incentivada a criatividade para que percorressem trajetos e locais que não eram habituados a frequentar. Ainda, manter o mínimo de comunicação entre a dupla (apenas as orientações básicas para seguir o trajeto) para que a pessoa conduzida pudesse perceber suas sensações, sentimentos, dificuldades, angústias, etc.

Uma vez concluída a segunda rodada da dinâmica, foi formado um círculo em sala de aula para relatos da atividade e percepções. Já então foi possível perceber o silêncio e a atitude introspectiva por parte de alguns estudantes. Foi aberto o espaço para manifestações livres sobre as sensações e percepções, observando-se certa 'ânsia' por parte de alguns para falar e partilhar com os demais. Múltiplos elementos, emoções e conteúdos foram relatados pela grande maioria da turma, apresentando diferentes elementos e enfoques, bem como aspectos curiosos poucas vezes percebidos por vários.

Após o momento espontâneo de manifestação foi proposta a reflexão sobre e a partir de alguns conteúdos e aspectos abordados ao longo do semestre para análise e reflexão no grande grupo: Como é ficar em silêncio e sem contato com os recursos tecnológicos por esse tempo (considerando a faixa etária dos estudantes e o hábito de permanecerem conectados por muito tempo aos recursos tecnológicos)? Qual a sensação de estar impossibilitado de ver? Como me sinto ao depender e precisar ser conduzido por outro? Qual a sensação ou responsabilidade de conduzir e como me sinto ao ser líder? Foi possível perceber a 'dependência' que temos do sentido da visão e o quanto 'negligenciamos' os demais sentidos no dia a dia? Como percebe o(s) outro(s) no cotidiano e qual a mudança ao estar vendado? Consigo confiar nas orientações de outros e sou confiável quando tenho que ser líder e conduzir a outros? Como essa experiência auxilia a pensar e estruturar as relações entre dentista e usuário? Como melhor acessar e atender aqueles que são diferentes ou possuem algum tipo de dificuldade ou deficiência? Uma vez que não se pode fazer uso de um dos sentidos, que outras habilidades são necessárias a desenvolver?

A partir dessa reflexão também foi possível problematizar e discutir a importante questão da integração dos conteúdos, a necessidade de transformar conhecimentos e informações em habilidades, a correlação do trabalho entre os diferentes eixos do Curso, etc. Na sequência foi proposta a reflexão e manifestação a partir de questionamentos, como: qual o valor e sentido da empatia na formação universitária e no trabalho com os usuários ou pacientes? Como transformar conteúdos apreendidos no espaço acadêmico em atendimento qualificado? Quais foram as habilidades necessários para os serviços de atendimento realizados ao longo do presente semestre? Qual a visão de profissional que pretendo ser e quais habilidades preciso desenvolver? O que é realmente necessário para ser um cirurgião dentista e como posso alcançar tais requisitos? Etc.

Diferentes relatos - e vários deles marcantes – são possibilitados. Entre os aspectos que podem ser destacados é a pouca percepção atenta dos espaços e coisas que estão ao nosso redor. Como exemplo, merece ser destacado o relato de um estudante que mencionou que nunca 'havia se dado conta' da existência dos 'trilhos' e marcas que auxiliam na condução das pessoas cegas. A partir disso, também outros manifestaram que não

haviam dado importância para isso e o quanto essa questão pode facilitar a vida de diversas pessoas ou, o quanto, pequenos gestos ou políticas públicas podem ser importantes para qualificar a vida de muitos.

Como processo pedagógico, a experiência também auxiliou em grande medida pelo fato de compreender que de pouco serve o domínio de diferentes conteúdos se os mesmos não se transformam em habilidades e competências para trabalhar com os usuários, pacientes e demais pessoas. Igualmente, com a dinâmica também se tornou possível perceber os processos de aprendizagem e a 'dependência' do modelo visual ou professoral. O aprender pode ocorrer através do estímulo dos diferentes sentidos e isso nem sempre é trabalhado e consciente no mundo atual.

O convite à educação - também no nível universitário - é o de estarmos abertos a novas possibilidades, novos horizontes e perspectivas não comumente seguidas ou aceitas. Lancemo-nos ao desafio!

Referências

GHIRALDELLI JUNIOR, Paulo. **As lições de Paulo Freire.** Barueri, SP: Manole, 2012.

SCHNEIDER, Laíno A. **Filosofia da educação.** Curitiba, InterSaberes, 2013.

CONHECIMENTO DA ANATOMIA DA FACE E DA CABEÇA A PARTIR DE METODOLOGIAS ATIVAS DE ENSINO E DE APRENDIZAGEM

Magali Teresinha Quevedo Grave

A Anatomia é uma das ciências mais antigas da área da saúde. Dedica-se ao estudo das estruturas e organização geral dos seres vivos. O estudo anatômico, normalmente, é realizado por meio de uma combinação de aulas teóricas, estudos autodirigidos com livros didáticos e aulas práticas em laboratório (NETO, FERREIRA, 2011). Esses métodos "tradicionais" de ensino nas disciplinas de anatomia, ainda muito utilizados, por terem como característica a memorização breve, dificultam a aprendizagem significativa e, talvez por isso, os estudantes refiram a anatomia básica como uma matéria difícil de aprender (MASINI; MOREIRA, 2016;). Por outro lado, é de fundamental importância o conhecimento da anatomia, em especial dos ossos e músculos da face e da cabeça, pelos futuros cirurgiões dentistas, desde o início da formação acadêmica.

As Diretrizes Curriculares Nacionais (DCN) da Graduação em Odontologia preconizam o perfil do cirurgião-dentista baseado em uma formação generalista, humanista, crítica e reflexiva, para atuar em todos os níveis de atenção à saúde, com base no rigor técnico e científico. Além disso, o profissional deve estar capacitado ao exercício de atividades referentes à saúde bucal da população, pautado em princípios éticos, legais e na compreensão da realidade social, cultural e econômica do seu meio, dirigindo sua atuação para a transformação da realidade, em benefício da sociedade. Deste modo, fica clara a necessidade de modelos pedagógicos que possibilitem a construção ativa do conhecimento, que deverá prolongar-se por toda a vida profissional. Assim, a utilização de metodologias ativas de ensino e de aprendizagem são apontadas como estratégias para a formação de profissionais qualificados, voltados para o mundo do trabalho e para as necessidades da população (OLIVEIRA et al., 2019).

Nesse sentido, as transformações ocorridas na sociedade contemporânea têm permitido a discussão sobre o processo de ensino e de aprendizagem necessário à formação de novos profissionais da saúde. As

universidades têm discutido a necessidade de mudanças nos currículos, visando a integração de conteúdos, a interdisciplinaridade e a integralidade da atenção à saúde. O Centro de Ciências Biológicas e da Saúde (CCBS) da Universidade do Vale do Taquari - Univates, no qual o Curso de Odontologia está inserido, tem promovido desde 2014 espaços coletivos de discussão, reflexão e novas aprendizagens, através de fóruns de qualificação docente, nos quais, um dos temas abordados foi a necessidade de uma formação acadêmica que rompa com este modelo de ensino tradicional, no qual os estudantes possam ser protagonistas do seu processo de formação. Por isto, o tema das metodologias ativas foi amplamente debatido nestes fóruns; os docentes estudaram, se experimentaram, socializaram suas práticas com o grupo de professores e refletiram coletivamente sobre suas impressões, relatando pontos positivos e negativos destas vivências.

Nesse contexto, surge, em 2015, o Curso de Odontologia da Univates, com seu projeto pedagógico (PPC) modular integrado e inovador, prevendo o uso de metodologias ativas de ensino e de aprendizagem como método de ensino. Diante deste pressuposto, em seu segundo semestre, no eixo de Integralidade da Atenção à Saúde (IAS II) são desenvolvidas atividades relacionados ao conhecimento da anatomia básica, onde os estudantes aprendem a identificar os ossos e músculos da face e da cabeça, de forma lúdica, divertida e prazerosa, com grande envolvimento. Considerando as metodologias de ensino previstas no PPC do Curso de Odontologia e os diversos recursos didáticos que podem ser utilizados para o ensino da anatomia, para além do ensino tradicional, o objetivo deste estudo é descrever algumas das atividades desenvolvidas pelos estudantes durante a construção deste conhecimento.

Inicialmente, a professora apresentou aos estudantes as habilidades a serem desenvolvidas no decorrer deste assunto, tomando como referência, a taxonomia de Bloom, ou seja, os estudantes deveriam, ao final do processo, identificar os ossos e músculos da face e da cabeça e descrever suas respectivas funções. Após explicação inicial dos objetivos desta e das três próximas aulas, os vinte estudantes do módulo, divididos em 4 grupos, foram instigados a pesquisarem nos atlas de anatomia, que já estavam a disposição (um por grupo), os ossos da face e do crânio; deveriam, ao final da aula, apresentar um "produto" que era um quadro com a montagem de uma cabeça humana, em visão frontal e lateral, com seus respectivos ossos legendados. A atividade envolveu pesquisa, habilidades manuais, atenção, ações individuais e coletivas; cada um dos integrantes de cada grupo ficou responsável por uma determinada ação, que variava desde a cópia da imagem do atlas, transferência para o papel, pintura, recorte e colagem em material de E.V.A. Depois de prontos, os quadros foram disponibilizados no mural do Curso, junto à Clínica de Odontologia, ficando visível aos demais estudantes, o que, para auto-estima de estudantes recém ingressantes no

Curso também foi positiva, visto que receberam muitos elogios de colegas e professores. Nas duas aulas seguintes, o tema abordado foi "músculos da face e cabeça e suas respectivas funções". Os estudantes reproduziram os músculos em desenhos, pintaram, recortaram e fizeram um jogo de quebra-cabeças, montando-o em seus cadernos e nomeando-os. Após, em seminário, cada grupo apresentou os músculos da cabeça e da face, descrevendo a origem e inserção de cada músculo e suas funções. Cada integrante do grupo, ao apresentar o seminário deveria fazer uma mímica facial, demonstrando a ação de um determinado músculo, gerando muita diversão e risadas entre os colegas de turma, que deveriam identificar o músculo. Finalizando a aprendizagem deste tema, na terceira aula, os estudantes foram instigados a utilizarem a pintura facial como recurso de aprendizagem; para tal, formaram duplas e cada um pintava no colega diferentes grupos musculares. Na avaliação das atividades, ao término deste estudo, mediante preenchimento de um questionário com 10 perguntas estruturadas, foi possível verificar a satisfação dos estudantes com o uso de metodologias alternativas, com vistas a superar as limitações do ensino tradicional com aulas expositivas, onde o professor é o centro do processo, uma vez que, a inclusão do estudante, ativamente, durante todas as etapas de construção do conhecimento, permitem o protagonismo no processo de aprendizagem e, por conseguinte, uma aprendizagem mais significativa e duradoura.

Referências

MOREIRA, M. A.; MASINI, E. F. M. **Aprendizagem significativa**: a teoria de David Ausubel. – 2.ed. São Paulo: Centauro, 2016.

NETO, E. G. B. S.; FERREIRA, J. R. O ensino de anatomia humana no curso de medicina da Universidade Federal de Goiás: avaliação e perspectivas. **Arq. Cien. Saúde Unipar** (5):1 jan/abri 2016.

OLIVEIRA, L. M. L.; BARBOSA, L. M.; RABELO, H.L.; COELHO, T.; GODOY, G. P. Avaliação de matrizes curriculares frente às DCN para os cursos de graduação em odontologia. **Revista da ABENO** (19):1, 2019.

ESTUDO DIRIGIDO - POTENTE FERRAMENTA PARA DESENVOLVER AUTONOMIA E INTRODUZIR ASSUNTOS NOVOS

Alessandro Menna Alves
Maurício Fernando Nunes Teixeira
Marcus Cristian Muniz Conde

Desde o início da elaboração do Curso de Odontologia da Univates, uma das preocupações do corpo docente foi propiciar ao estudante o desenvolvimento de sua autonomia para a construção do conhecimento, entendendo a necessidade de aprender a estudar. Baseado nisso, as habilidades e competências vêm sendo desenvolvidas através de metodologias ativas de ensino e aprendizagem, tendo como princípio norteador a aprendizagem significativa. Esse processo se mostra mais desafiador com estudantes de semestres iniciais do Curso, uma vez que, devido às experiências anteriores, não se sentem seguros com o processo de aprendizagem fundamentado na busca/construção do conhecimento. Sendo assim, uma das soluções encontradas pelos docentes do Curso foi a utilização de estudos dirigidos (ED) com as turmas dos iniciantes.

O ED é uma estratégia de metodologia ativa, na qual o estudante tem contato com um determinado assunto, sob a orientação e diretividade do professor, ressaltando o seu papel de facilitador da construção do conhecimento, e não de transmissor. Essa técnica auxilia o estudante a desenvolver habilidades e hábitos de trabalho independente e criativo, além de sistematizar e consolidar conhecimentos.

Para o planejamento e construção de ED são preconizadas 5 etapas: definição dos objetivos; seleção do texto; análise do texto; elaboração das questões; análise do ED pelo professor, antes de aplicar (resolver as questões elaboradas). No Curso de Odontologia da Univates, os professores têm utilizado o ED de maneira constante, principalmente nos semestres iniciais e para a introdução de assuntos novos. Têm-se adotado o tempo de uma semana para a realização do ED e a sua montagem tem sido feita a partir das cinco etapas citadas.

O ED tem sido utilizado para a construção de conhecimentos básicos de um determinado assunto, permitindo aos estudantes compilar um texto ou capítulo de livro a partir dos pontos mais importantes (terminologia, fatos, conceitos, classificações). Os objetivos são definidos através do plano de aula e procuram respeitar o plano de ensino de cada eixo.

Sobre a seleção e análise do texto, os docentes procuram escolher aqueles que estejam adequados ao momento do estudante, considerando sua caminhada na construção do conhecimento e, que estejam de acordo com as complexidades diferentes entre os módulos. Além disso, textos que contenham os tópicos mais importantes para o desenvolvimento de cada assunto, são selecionados conforme a caminhada de cada turma no Curso.

Sobre a elaboração das questões, como tem sido utilizado mais para a introdução de assuntos novos, normalmente, estão no primeiro e segundo nível da taxonomia de *Bloom.* Sendo assim, começam com as seguintes palavras e expressões: "Qual…", "Cite…", "Descreva…", "O que…" que remetem aos domínios da lembrança ou entendimento.

A análise do ED é imprescindível para que o professor possa resolver as questões elaboradas, a fim de verificar a clareza e facilidade de compreensão, além do tempo gasto para realização da tarefa. Por último, de maneira geral, os professores corrigem os ED em sala de aula com os estudantes, estimulando a troca de informações e discussões entre eles. Estimula-se assim, a aprendizagem por pares, auxiliando na memorização de conteúdos que pertencem ao conhecimento factual e conceitual. Ainda, são propostas atividades/exercícios para os discentes realizarem, utilizando o ED.

Segundo os professores, o ED tem se mostrado uma potente estratégia para a introdução de assuntos novos aos estudantes, auxiliando na leitura prévia e organização do conhecimento, que, por sua vez, resulta em uma melhor organização do processo de ensino e de aprendizagem. Além disso, o ED auxilia os estudantes na aquisição do hábito da leitura para se tornar cada vez mais independente, primeiro passo para ser criativo e capaz de trabalhar de forma autônoma.

A adoção dessa estratégia tem possibilitado maior discussão em sala de aula, uma vez que os estudantes vêm para a aula mais preparados, tendo consciência dos tópicos principais do assunto. As turmas iniciais, normalmente, apresentam pouca participação e essas estratégias amenizam isso.

Os estudantes avaliam que o ED auxilia na leitura dos textos e compilação das informações. Além disso, conseguem prestar mais atenção na aula e participar mais das discussões. A adaptação para um modelo que prevê um estudo individual prévio e que as habilidades socioemocionais

serão desenvolvidas através da relação em sala de aula deve ser feita de modo gradual e o ED tem se mostrado eficaz neste processo.

Referências

UNIVERSIDADE DO VALE DO TAQUARI (UNIVATES). **Projeto Pedagógico do Curso de Odontologia.** 2019.

BERBEL, N.A.N. As metodologias ativas e a promoção da autonomia dos estudantes. **Semina: Ciências Sociais e Humanas**, Londrina, v. 32, n. 1, p. 25-40, jan./jun. 2011

MOREIRA, M. A.; MASINI, E. F. M. **Aprendizagem significativa**: a teoria de David Ausubel. – 2.ed. São Paulo: Centauro, 2016.

NORO LRA, FARIAS-SANTOS C DE S, SETTE-DE-SOUZA PH, PINHEIRO IAG, BORGES REA, NUNES LMF, ET al. O professor (ainda) no centro do processo ensino-aprendizagem em Odontologia. **Revista da ABENO**. 2015;15(1):2-11.

ANASTASIOU, L. G. C.; ALVES, L. P. (Org.). **Processos de ensinagem na universidade: pressupostos para as estratégias de trabalho em aula**. 5. ed. Joinville, SC: UNIVILLE, 2005.

VIVÊNCIA AMBIENTAL E A COMPREENSÃO DO TERRITÓRIO NO ÂMBITO DO CURSO DE ODONTOLOGIA DA UNIVATES

André Jasper
Cátia Viviane Gonçalves

A concepção de noosfera proposta por *Wernadsky* (1926), defende que a adequada compreensão da 'esfera' antrópica depende da compreensão do meio e da análise das variáveis que o constituem. Além disso, a abordagem ecocêntrica dos estudos ambientais, defendida por Leopold (1949), coloca a espécie humana como sendo 'apenas mais um elemento' (não necessariamente dominante) dos sistemas, estando ela sujeita às pressões impostas pelo Sistema Terra.

Além disso, quando associadas a discussões acerca da Filosofia, da Ética e do Desenvolvimento Humano, essa abordagem possibilita a construção gradativa e interligada das bases para uma formação profissional cuja atuação segue os princípios da análise do todo e não pontual. Uma vez inserido em um contexto (ambiental - *lato sensu*), o indivíduo ao mesmo tempo em que reflete, é reflexo do meio em que está inserido, tornando-se, portanto, parte dele.

Esse princípio tem respaldo tanto na definição de saúde da OMS quanto no conceito ampliado de saúde brasileiro. Considerando que a noosfera de Wernadsky (1926) engloba todas as esferas do Sistema Terra (= ambiente), as condições antrópicas, incluindo a saúde, passam a ser parte do todo e não um fim por si só.

Um exemplo prático dessa lógica é a estreita relação entre os conhecimentos ambientais e o estudo de eventos pandêmicos globais de doenças emergentes como a Covid-19, causada pelo coronavírus Sars-CoV-2 (OMS, 2020). O patógeno, provavelmente inicialmente restrito a um ciclo enzoótico silvestre em sua área de origem, pode ter rompido a barreira específica com o avanço antrópico sobre reservas originais da biodiversidade (GUTH et al., 2020). Uma vez infectado o primeiro grupo de indivíduos da

espécie humana, a viabilização da transmissão entre humanos fez com que a abrangência geográfica das infecções fosse ampliada (ROTHE et al., 2020).

O estudo da origem e da evolução dos ciclos de transmissão do patógeno são, portanto, imprescindíveis para a adequada compreensão do seu funcionamento e impacto. Assim, o conhecimento básico do Sistema Terra (=ambiente =noosfera), é elemento que deve fazer parte do processo de análise, dependendo dele o avanço científico necessário para a entendimento de doenças infecto-contagiosas emergentes na esfera global.

Consequentemente, a construção de um conhecimento ambiental individual e coletivo se torna fundamental para a formação de profissionais da saúde qualificados. A visão integrada permite uma abordagem 'noosférica' (*sensu Wernadsky,* 1926), que depende do diálogo entre os conhecimentos acerca dos sistemas 'Natural' (Geosfera, Hidrosfera, Biosfera e Atmosfera) e 'Antrópico' (Urbesfera/Antroposfera).

Isso não significa que profissionais da área da saúde devem ser especialistas em ciências ambientais. Como estabelece a própria área do conhecimento, o objeto 'ambiente' é naturalmente multidisciplinar e depende da convergência de saberes para concretizar a sua abordagem (SAMPAIO et al., 2016). Todavia, o contato dos profissionais da área da saúde com os conhecimentos básicos acerca do Sistema Terra é uma ferramenta importante no processo de ensino-aprendizagem e de formação.

No âmbito do curso de Odontologia da Univates, essa abordagem é transversal e envolve 'vivências ambientais' inseridas em diferentes módulos da estrutura curricular do curso. Por proporcionarem o contato com áreas básicas do conhecimento ambiental (*e.g.* Ciências da Terra, Evolução da Vida, Tratamento e Destinação de Resíduos e Efluentes), esses processos contribuem, também, para a ressignificação do conceito de território, conforme defendido por Haesbaert (2004).

Por outro lado, a utilização de processos e espaços não formais de aprendizagem para a interpretação do ambiente em que se está inserido educação é inovadora e permite a imersão individual e coletiva nas questões abordadas. A realização de vivências em que os futuros profissionais são confrontados com os diferentes elementos do meio, portanto, é uma ferramenta de significativa importância para a consolidação do processo de ensino-aprendizagem.

Além da transversalidade do tema, são realizadas visitas a campo que buscam a aproximação com a realidade regional. Na primeira são abordados os elementos básicos que constituem o território, como a história evolutiva da paisagem regional, o contexto ambiental original, a dinâmica hídrica e os processos de ocupação antrópica. Na segunda, as variáveis ambientais são contextualizadas e problematizadas, abordando-se a geração e disposição

final dos resíduos domiciliares e daqueles advindos da prática profissional do odontólogo.

Em ambos os casos, inicia-se o processo com discussões teóricas que são seguidas de ações de campo para a visualização e vivência dos conceitos envolvidos. Para tanto, o grupo de estudantes, acompanhado do corpo docente do curso que inclui especialistas da área ambiental, percorre o território regional realizando paradas e caminhadas orientadas que demonstram aspectos específicos da temática.

Como procedimento de análise, os estudantes realizam anotações em suas 'cadernetas de campo', expondo os pontos que julgam pertinentes no processo. A construção do conhecimento se dá individual e coletivamente, tendo em vista que o contato entre os participantes das atividades propicia a ampla problematização e discussão.

Com base nos resultados obtidos até o momento e em relatos individuais e coletivos, foi possível confirmar o impacto do processo na formação profissional dos estudantes e na consolidação da proposta do curso de Odontologia Bacharelado da Univates. A concepção integrada de ambiente, sendo a saúde humana um dos elementos que o compõem, tem se demonstrado fundamental para a construção de um conceito ampliado de saúde, conforme estabelecido nas diretrizes nacionais e internacionais.

Referências

GUTH S., HANKEY K., ALTHOUSE B.M., BOOTS M. 2020. Ecological processes underlying the emergence of novel enzootic cycles—arboviruses in the neotropics as a case study. BioRxiv Preprint. DOI: http://www.biorxiv.org/content/10.1101/2020.04.24.057430v1

HAESBAERT, R. 2004. O mito da desterritorialização: do "fim dos territórios" à multiterritorialidade. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil.

LEOPOLD, A. 1949. **A sand county almanac**. Oxford University Press. New York. 226 pág.

OMS (Organização Mundial da Saúde). Novel Coronavirus (2019-nCoV) Situation Report – 22. World Health Organization. Situation Report 22, 7 pág.

ROTHE, C., et al. Transmission of 2019-nCoV Infection from an Asymptomatic Contact in Germany. **The New England Journal of Medicine**. 2020:382, 10. DOI: http://www.biorxiv.org/content/10.1056/NEJMc2001468

SAMPAIO, C.A.C, CORTEZ, J.S.A., SCHMITT, J.L. 2016. Documento de Área: Ciências Ambientais. CAPES/Brasil 43 pág.

WERNADSKY, V. 1926. The Biosphere. Berlin Heidelberg New York: Springer; dtsch: Der Mensch in der Biosphäre. Zur Naturgeschichte der Vernunft. Hrsg. Hofkirchner, W., Frankfurt: Lang.

USO DO PORTFÓLIO REFLEXIVO NA CLÍNICA UNIVERSITÁRIA REGIONAL DE EDUCAÇÃO EM SAÚDE

Paula Suséli Silva de Bearzi

A inserção dos estudantes de Odontologia na Clínica Universitária Regional de Educação e Saúde - Cures, acontece no primeiro módulo - Eixo Educação Permanente I, momento em que os estudantes têm seus primeiros contatos com a Universidade. Essa vivência inicial traz muitas potencialidades para o aprendizado em saúde, mas também muitos desafios, uma vez que é o primeiro contato com os(as) usuários(as) e com a Rede de Atenção à Saúde. Nesse contexto, o Portfólio Reflexivo tem sido um instrumento/ferramenta e uma estratégia para avaliação e potencialização da aprendizagem a fim de possibilitar uma aprendizagem significativa.

O Portfólio Reflexivo pode ser entendido como um método didático de ensino, aprendizagem e avaliação que permite a aquisição e exercício de competências podendo ser estruturado de diferentes maneiras e composto por diversos materiais, como anotações e reflexões pessoais, relatórios, pesquisas, fotografias, músicas, reportagens, conexões com outros temas, representações visuais, entre outros documentos que evidenciem como o conhecimento está sendo construído e as estratégias utilizadas na busca desse conhecimento (COTTA; COSTA, 2016). É constituído por um processo de descrição-narração-reflexão das vivências, relacionadas com a teoria, que ajuda a construir e reelaborar o processo de ensino, de acordo com as singularidades e necessidades de cada estudante, incluindo este como responsável por seu processo de aprendizagem e permitindo que o professor possa trabalhar de forma processual e colaborativa. Não há um modelo a ser seguido, cada estudante vai expressar-se de forma particular e é importante que as características individuais estejam presentes, no entanto, esse processo precisa ser direcionado a partir do estabelecimento dos objetivos a serem alcançados (GONÇALVES; PACHECO; BITTENCOURT, 2018).

Num primeiro momento são apresentados aos estudantes as habilidades que devem desenvolver por meio dos objetivos de aprendizagem do Eixo Educação Permanente I que são: 1) Conhecer da importância

do acolhimento e do vínculo na interação com o usuário dos serviços; 2) Identificar as necessidades individuais e coletivas de saúde da população, seus condicionantes e determinantes; 3) Estabelecer relações com o contexto social, reconhecendo a estrutura e as formas de organização social, suas transformações e expressões; 4) Identificar a Odontologia como parte integrante do cuidado em saúde; 5) Utilizar a comunicação com a equipe, os usuários, os trabalhadores da área da saúde, os grupos e as organizações; 6) Colaborar para a construção de um bom ambiente de trabalho e 7) Entender a importância da humanização do cuidado, identificando seus mecanismos de desenvolvimento. Além destes, são apresentados objetivos a serem alcançados a partir da elaboração do Portfólio Reflexivo: 1) Aprender a fazer buscas bibliográficas e desenvolver autonomia na busca de referencial teórico; 2) Produzir textos reflexivos sobre a prática na Cures; 3) Integrar os conteúdos trabalhados em todos os eixos ao longo do semestre; 4) Desenvolver a criatividade e 5) Exercitar o processo de autoavaliação e identificação de pontos fortes e frágeis.

A fim de dar um maior suporte para a construção dos Portfólios, sugere-se que os estudantes sigam algumas etapas, iniciando com a apresentação do pacto de trabalho, da trajetória individual e construção do conceito de Portfólio a partir da busca de referencial teórico e discussão no grupo. O processo de aprendizagem deve ser evidenciado a partir de resumos e relatos de prática sobre os atendimentos, espaço conviver, grupos e atividades de educação permanente, acompanhados de reflexões e busca de referenciais. Posteriormente, podem ampliar o olhar sobre os temas no espaço criatividade através de poemas, músicas, desenhos, charges ou outras manifestações artísticas, pessoais ou não, que se articulem com a vivência na Cures. Por último, devem realizar a autoavaliação para expor as reflexões sobre o seu processo de aprendizagem e analisar seus pontos fortes e frágeis.

Essa metodologia tem permitido uma aproximação entre teoria e prática, a partir da reflexão sobre os atos cuidadores que ocorrem no encontro entre estudantes e usuários (as). Muitas vezes o que é planejado não pode ser executado ou os (as) usuários (as) não apresentam as respostas esperadas, trazendo angústias e questionamentos que são expressados no Portfólio. A vivência está sempre em mudança, e esta é uma experiência do que é o trabalho vivo em ato, em que o (a) profissional de saúde utiliza sua "caixa de ferramentas" para ampliar a escuta, construir vínculos e criar novas alternativas de intervenção (MERHY, 2014). Muitas são as expectativas em relação ao "ser dentista", assim como quanto ao ensino universitário, e esse processo de reflexão na Cures, por vezes, gera dúvidas e desconforto quanto aos temas abordados. No entanto, também constrói possibilidades para ver e atuar em equipe a partir da integralidade e intersetorialidade, constituindo redes de cuidado humanizado e rompendo com a formação tecnicista e isolada (MAFI et al., 2017).

Os atendimentos são realizados a partir dos referenciais da interdisciplinaridade, integralidade e intersetorialidade, mobilizando experiências prévias e construção de autonomia na busca de referencial teórico relativo às demandas e necessidade envolvidas nos atendimentos. Os estudantes têm oportunidade de interagir com os (as) profissionais da rede de serviços (Unidades Básicas de Saúde, APAE, Escola, CRAS, entre outros) e estas articulações favorecem o reconhecimento dos conceitos de saúde e assistência à saúde, de coordenação do cuidado, além de fortalecer a comunicação entre os pontos da rede na busca da implementação do princípio da integralidade (MAFI et al., 2017).

Os critérios de avaliação foram baseados nos apontamentos trazidos por Cotta e Costa (2016) e levam em conta: 1) a comunicação escrita e oral; 2) a gestão da informação quanto à busca/pesquisa de conhecimento em diferentes âmbitos de estudo e fontes; 3) as reflexões sobre o conteúdo pesquisado e as conexões entre o conhecimento adquirido e suas vivências; 4) o trabalho de forma autônoma, criativa e com iniciativa, avaliando diferentes pontos de vista e possibilidades e 5) autoavaliação com identificação de pontos fortes e frágeis com propostas de superação das dificuldades.

Os limites no uso da ferramenta referem-se aos estudantes estarem mais acostumados com a avaliação que categoriza em "certo" e "errado", frequentemente comparando-se aos colegas e questionando as notas apresentadas. O entendimento do que deveria ser feito também foi diferente entre os estudantes, alguns têm mais facilidade na escrita para expressar-se, outros construíram o Portfólio como um diário, trazendo relatos de forma protocolar, e alguns não trouxeram referenciais teóricos. A maioria apresentou dificuldades em fazer a autoavaliação e reconhecer quais eram os pontos frágeis, o que está sendo constantemente trabalhado e revisto com eles. O critério que avalia criatividade foi o menos desenvolvido pela turma e aponta para a necessidade de pensar estratégias para desenvolver essa habilidade. Outra dificuldade foi a escala de notas, que categoriza em: Claramente contemplado (10), Geralmente contemplado (7), Geralmente não contemplado (3,5) e Claramente não contemplado (0), possuindo uma margem muito grande entre um conceito e outro, o que possivelmente terá que ser revisto.

O Portfólio Reflexivo é dinâmico e está em constante construção, sendo muito potente para que o estudante possa refletir sobre o seu progresso na compreensão do conteúdo e da realidade, mostrando-se um instrumento relevante para utilização na Cures. Através dele é possível perceber a trajetória e a transformação de cada um apropriando-se de sua autonomia na aprendizagem, possibilitando uma avaliação capaz de captar esse desenvolvimento.

Referências

GONÇALVES, F. N.; PACHECO, D. F.; BITTENCOURT, R. L. Uso do portfólio como instrumento de avaliação na educação superior. **Rev. Int. de Form. de Professores (RIFP)**, Itapetininga, v. 3, n.4, p. 209-221, out./dez., 2018.

COTTA, R. M. M.; COSTA, G. D. **Portfólio Reflexivo**: método de ensino, aprendizagem e avaliação. Viçosa (MG): Ed. UFV, 2016.

MAFI, A.; MORETTO, C.; TEIXEIRA, M. F. N.; SALDANHA, O. M. F. L.; RADOS, A. R. V. A interdisciplinaridade e seus reflexos na formação do cirurgião-dentista. **Revista da ABENO**. V.17, n. 1, p. 62-73, 2017.

MERHY, E. E. **Saúde**: a cartografia do trabalho vivo. 4ª ed. São Paulo: Hucitec, 2014.

ODONTOLOGIA DA UNIVATES E ARTE: DESENVOLVENDO HABILIDADES EM UMA OFICINA DE CERÂMICA

Alessandro Menna Alves
Luiz Alexandre Chisini
Maurício Fernando Nunes Teixeira

"Tenho 19 anos e moro em um pequeno município de menos de cinco mil habitantes, próximo de Lajeado. Meu sonho sempre foi ser dentista. Desde criança, acompanho meu tio que mora em uma cidade próxima e eu ficava fascinado com as histórias que ele contava sobre a faculdade em Porto Alegre e seu trabalho. No começo do ano passei no vestibular na Universidade Federal do Rio Grande do Sul (mesma de meu tio) e na Univates. Meu pai fez as contas e viu que, por uma série de fatores, ficar em casa e cursar Odontologia na Univates seria mais vantajoso do que enfrentar a perigosa cidade grande.

No primeiro dia de aula já fiquei surpreso, o Coordenador do Curso não conseguiu me dizer quantos cadernos deveria comprar para cada matéria, além disto, chegamos na sala e as cadeiras estavam colocadas em círculo, sem as classes. Fiquei até envergonhado de mexer no celular; estavam em três professores e nos explicaram como seria o Curso e não acreditei muito nas diferenças com a escola, ali apresentadas e fiquei me perguntando: Como algo poderia ser muito diferente do que eu já havia vivenciado? Inclusive, fiquei meio assustado com o tanto de informações.

No dia seguinte, a cena se repetiu, tivemos que nos apresentar a partir de um objeto, pelo qual temos apreço. Queria ter trazido meu campo de futebol de botão, mas como era muito grande e não consegui carregar, me apresentei através do cordão de ouro com a santinha que a vó me deu antes de falecer. Fiquei muito emocionado, lembrar dela me trouxe muita saudade e ela não pode me ver entrando na faculdade. Vários colegas choraram e pude conhecer um pouco mais de cada um.

No terceiro dia, meus pais foram convidados para conhecer a Univates e o Curso. Gostaram muito, principalmente da biblioteca que 'parece saída da

televisão', como disse minha mãe. Nos disseram que as atividades, ouvindo o professor e seguidas com provas ao final, como tínhamos no ensino médio, não se repetiriam e que deveríamos ser os "condutores/construtores" do conhecimento. De fato, as aulas que se seguiram eram muito diferentes do que eu estava acostumado na escola.

Durante o semestre, em dois turnos da semana tivemos atividades na Cures, onde, além de preencher muitos documentos no computador, tive meus primeiros atendimentos a pessoas. Sou muito envergonhado e fiquei muito nervoso, foi um desastre. Os colegas que já estavam a mais tempo no local não gostaram muito da minha atuação, mas conheci um usuário que precisava muito de ajuda. O professor que nos acompanhava, no final do turno, conversou com a gente e falou sobre o início dos atendimentos ser bastante complicado.

Um certo dia, no primeiro semestre, um professor da Biologia nos levou para o meio do mato e explicou como é a formação da terra onde meu pai planta, do rio que ele tira a água para irrigar a lavoura e das pedras que vemos pelas estradas. Além disso, ele fez uma série de relações entre a saúde das pessoas e a formação das pedras e plantas de um local e, como a nossa interferência no meio ambiente altera isso. Meus colegas mais adiantados disseram que ele voltará a nos levar no lixão para explicar o caminho que o lixo faz depois que o produzimos. Foi muito legal porque ele deu uma aula antes e tudo o que vimos na aula ele mostrou na natureza. Teve até banho de cachoeira...

Sobre essa questão de conversar com colegas de outros semestres, fomos bem recepcionados e todos sabiam nossos nomes na primeira semana. Além disso, nos contaram um pouco das suas experiências no Curso. Alguns falaram de uma aula com uma economista, que explicou sobre a atividade econômica no Vale do Taquari e como a economia pode afetar a oferta e o acesso aos serviços de saúde. Outros disseram que essa mesma professora ajudava a "elaborar um plano de negócio" no final do Curso (nem ideia sobre o que seja um plano de negócio). Outros contaram da experiência de ir visitar uma fábrica de equipamentos odontológicos e de uma aula com um professor de história sobre conflitos e diplomacia. Achei interessante e confusa essa conversa com os colegas.

No meio do semestre, um professor nos acompanhou numa pequena viagem para a Casa de Cultura de Arroio do Meio para fazermos uma atividade que gostei muito, mas entendi pouco. A moça nos explicou que faríamos uma oficina de manipulação de cerâmica, onde, a partir da argila, iríamos construir plaquinhas, moldes de folhas e vasilhas. Fomos três vezes ao local, em semanas diferentes, e produzimos os materiais. O professor que nos acompanhou também falou algumas coisas sobre próteses nos dentes e as semelhanças com a argila. Foi muito interessante ver alguns colegas que

tinham muita habilidade e facilidade e outros que nem conseguiam começar a atividade, parecia que tinham medo da argila.

Ao final do semestre, visitei meu tio e contei a ele tudo isso. Ele me disse que no seu tempo de graduação, eles ficavam em sala de aula várias horas com o professor falando e passando muitos carrosséis de slides. Me aconselhou a namorar bastante e a estudar muito porque é isso que vai fazer diferença na minha formação."

Esse pode ser o relato de algum estudante do Curso de Odontologia da Univates. Os estudantes são, em sua maioria, jovens, que moram em Lajeado e cidades do entorno e que mantém uma ligação muito forte com a casa dos pais. Essa surpresa que eles têm com as atividades desenvolvidas é corriqueira, muitos sofrem com a adaptação, mas temos relatos de alguns que não demoram a aprender a estudar sozinhos e desenvolverem autonomia suficiente para "aprender a aprender".

Para exercitar as habilidades necessárias para desenvolver as competências previstas no perfil do egresso, utilizamos atividades não tradicionais em um Curso de Odontologia, que acontecem em espaços diferenciados. Este texto tem o objetivo de descrever as habilidades previstas, atividades desenvolvidas e locais onde são realizadas as Oficinas de Cerâmica.

Na cidade de Arroio do Meio, vizinha de Lajeado, existe um Museu Municipal chamado de Casa do Museu. Este local é administrado pela prefeitura e, além de ter exposições, oferece diferentes atividades para a comunidade, entre elas as Oficinas de Cerâmica. Uma das atividades que os estudantes realizam na Cures é visitar os municípios que encaminham usuários ao serviço-escola e, no primeiro semestre do Curso de Odontologia na Cures, visitamos a Casa do Museu; surgiu, então, a ideia de realizarmos atividades conjuntas com o Curso, uma vez que, através do manuseio da argila, poderíamos desenvolver habilidades de motricidade fina dos estudantes. Além disso, poderíamos apresentar, durante a prática, alguns conceitos cognitivos a respeito das cerâmicas odontológicas, os quais seriam resgatados mais adiante e utilizados como subsunçores (fomentando uma aprendizagem significativa) em atividades sobre a aplicação das cerâmicas na Odontologia.

A organização e realização da oficina é feita por uma ceramista que também apontou o desenvolvimento de outras habilidades como a paciência, imaginação, transformação do pensamento em algo "palpável" e entendimento da importância dos processos na realização de uma tarefa. Essa fala apresenta uma grande relação com a teoria de aprendizagem de *John Dewey*, que incorpora a experimentação no processo de aprendizagem, uma vez que a experiência é um processo principalmente ativo, que nos exige a percepção e o estabelecimento de relações dos conhecimentos atuais para

predizer o resultado futuro do processo de experimentação: um exercício da aprendizagem significativa. Ainda, aproximando-se com domínios afetivos, a ceramista ressaltou que o manuseio da argila pode ativar memórias importantes, sendo também um momento de encontro consigo mesmo e a (re) descoberta de aspectos da sua personalidade.

A partir de diversas reuniões e combinações, começou a fase de planejamento da atividade e ficou estipulado o que segue:

- para manuseio e confecção das peças em argila, os estudantes, conforme sugerido pela ceramista, trabalhariam em grupos de 10;
- os estudantes que não estivessem na oficina propriamente dita, iriam realizar outra atividade. Entre os professores, foi sugerido a leitura e discussão de material sobre cerâmicas odontológicas, para que, durante as explicações da ceramista sobre a argila, os professores pudessem fazer relações e apontar semelhanças entre as cerâmicas. Além disso, também foram utilizados vídeos com casos clínicos e a aplicação da cerâmica odontológica em reabilitações orais;
- seriam realizados três turnos de atividades, onde os estudantes desenvolveriam, em cada etapa, uma técnica diferente de manuseio da argila e um passo do processo;
- por se tratar de uma aula prática, fora da sede, os estudantes deveriam se encontrar na Univates e ir, em transporte locado pela instituição, independente da cidade onde moravam;
- cada turno de atividade teria duração de 3h;
- em contrapartida, o Curso disponibilizaria a argila utilizada nas oficinas.

No primeiro dia de atividade, fomos recebidos pela coordenação da Casa do Museu e pela ceramista. Foi apresentado aos estudantes o local e como se desenvolveriam as atividades naquele turno. Os estudantes foram divididos em grupos de 10 e, um grupo por vez, se dirigiu à oficina. Antes de começar a atividade, a ceramista explicou que para trabalhar naquele espaço, todos deveriam usar avental, apontando para alguns pendurados na parede da oficina. Esses aventais foram feitos pelos indivíduos que participam das oficinas, tendo características muito individuais (todos diferentes um do outro). E, antes de começar a atividade propriamente dita, a oficineira solicitou que todos dessem as mãos e fizessem uma fala inicial, fazendo que os estudantes e professores se conectassem com a atividade. Passado esse momento inicial, foram apresentados os instrumentos utilizados para o manuseio da argila, muito semelhantes aos utilizados na Odontologia.

Ainda, foi explicado a necessidade de bater a argila contra a mesa para que o ar presente no seu interior pudesse sair; isso se faz necessário,

uma vez que a presença de ar no interior da argila, durante o processo de queima, pode levar à quebra da cerâmica. Nas cerâmicas odontológicas ocorre um processo semelhante em relação à presença de ar no seu interior, desencadeando microtrincas, que com o tempo, se propagam e resultam na fratura do material.

Embora os mecanismos para redução de bolhas sejam diferentes, os estudantes conseguem transpor elementos importantes desenvolvidos nesta atividade quando o tópico é retomado em semestres mais avançados; servindo assim, como ponto de ancoragem na estrutura cognitiva dos estudantes que aprofundam esses conhecimentos em módulos seguintes do Curso. Os materiais produzidos com argila foram estruturas planas, como folhas ou placas. Os demais estudantes que não estavam participando da oficina, ficaram em outra sala realizando a leitura de artigos científicos sobre cerâmicas odontológicas, os quais foram discutidos na sequência.

Na segunda visita, novamente fomos recepcionados pelo pessoal da Casa do Museu e conduzidos às respectivas atividades. Neste dia, a atividade começou da mesma forma, sendo solicitado pela ceramista que colocássemos os aventais e déssemos as mãos para troca de energia antes de começar o manuseio da argila. A atividade envolvia construir, com a argila, estruturas ocas. Primeiro formava-se a estrutura de forma sólida, depois ia-se removendo a argila do interior da peça até que as paredes ficassem com uma espessura de aproximadamente 1 centímetro. Esta atividade exige uma maior atenção e cuidado dos estudantes, uma vez que o grau de dificuldade é superior e exige o refinamento de habilidade psicomotoras finas. Os demais estudantes estavam em outra sala discutindo, com um dos professores, os textos lidos na semana anterior, relacionando a cerâmica obtida da argila e aquelas utilizadas na Odontologia.

Na terceira visita, seguimos o mesmo ritual de início da atividade ocorrido nos dois dias anteriores. A atividade prevista para o terceiro dia era menos estruturada, onde os estudantes puderam manusear a argila de maneira mais livre, desde que, respeitado a questão da correta manipulação. Nesse dia, a imaginação foi colocada à prova. Além disso, foi explicado aos estudantes, pela ceramista, como se dá o processo de sinterização da cerâmica. Em paralelo, os professores presentes articulavam as diferenças e semelhanças com os diversos mecanismos de processamento das cerâmicas odontológicas, despertando a atenção e curiosidade dos estudantes. Os demais estudantes assistiram vídeos de casos clínicos de reabilitação oral utilizando restaurações cerâmicas e de preparo das cerâmicas nos laboratórios de prótese. Ao final desse turno, fez-se a discussão e avaliação da atividade, considerando os aspectos desenvolvidos durante aqueles dias, agradecemos a recepção da equipe da Casa do Museu.

A partir dessa atividade da oficina de cerâmica, podemos desenvolver diferentes habilidades com os estudantes, as quais são importantes para

a prática odontológica: ter paciência para dar forma ao que foi pedido ou imaginado com detalhamentos; conseguir imaginar alguma forma e transpor isso para a argila; entender, de maneira básica, propriedades e características de uma cerâmica; usar de maneira adequada os instrumentais; lidar com frustrações. Também foi possível observar as diferentes características dos estudantes neste espaço, as quais foram importantes para acompanhamento ao longo dos módulos.

Referências

BERBEL, N.A.N. As metodologias ativas e a promoção da autonomia dos estudantes. **Semina: Ciências Sociais e Humanas**, Londrina, v. 32, n. 1, p. 25-40, jan./jun. 2011

MOREIRA, M. A.; MASINI, E. F. M. **Aprendizagem significativa**: a teoria de David Ausubel. – 2.ed. São Paulo: Centauro, 2016.

NORO LRA, FARIAS-SANTOS C DE S, SETTE-DE-SOUZA PH, PINHEIRO IAG, BORGES REA, NUNES LMF, ET al. O professor (ainda) no centro do processo ensino-aprendizagem em Odontologia. **Revista da ABENO**. 2015;15(1):2-11.

ANASTASIOU, L. G. C.; ALVES, L. P. (Org.). **Processos de ensinagem na universidade: pressupostos para as estratégias de trabalho em aula**. 5. ed. Joinville, SC: UNIVILLE, 2005.

PEER INSTRUCTION: A APRENDIZAGEM COLABORATIVA PELA INSTRUÇÃO POR PARES

Luiz Alexandre Chisini
Maurício Fernando Nunes Teixeira

O método *Peer Instruction* (Instrução aos Pares, numa tradução literal) foi elaborado pelo professor de física, Eric Mazur, da Universidade de Harvard e tem alcançado grande sucesso nas universidades norte-americanas (MAZUR, 2015; VICKREY, 2015). Com o *Peer Instruction* busca-se tirar o foco do momento da aprendizagem da "transferência de informação", fazendo com que o estudante busque informações primárias direto da fonte (leitura) e depois, no encontro presencial, em aula, discuta com seus colegas.

A Univates tem desenvolvido, nos últimos anos, uma ideia de capacitação de professores para a utilização do que tem sido chamado de metodologias ativas de ensino e de aprendizagem. A mudança do alunado e do acesso às tecnologias de informação e comunicação resultou em uma mudança nas formas de pensar as atividades acadêmicas. Os cursos da saúde têm feito um esforço para modificar o que tem sido denominado de ensino tradicional. Um problema com este modelo de ensino encontra-se na apresentação do material, que frequentemente é realizada direto de livros didáticos e/ou notas de aula, dando aos alunos pouco incentivo para frequentá-las.

A apresentação tradicional é quase sempre como um monólogo em frente a uma audiência passiva do problema. Somente professores excepcionais são capazes de prender a atenção dos alunos por um período letivo inteiro. É ainda mais difícil proporcionar a oportunidade para os estudantes de pensar criticamente através dos argumentos que estão sendo desenvolvidos. Consequentemente, palestras simplesmente reforçam os sentimentos dos alunos, de que o passo mais importante para dominar o material é memorizar um zoológico de exemplos aparentemente não relacionados. Desta forma, o presente texto tem o objetivo de relatar a experiência de um professor utilizando a técnica descrita e os resultados observado.

A fim de resolver esses equívocos sobre a aprendizagem, o *Peer Instruction* envolve os estudantes em sua aprendizagem durante a aula e foca sua atenção nos conceitos subjacentes. As "palestras" são intercaladas com questões conceituais, chamados *ConcepTests*, destinadas a expor as dificuldades comuns na compreensão do material [a boa questão deve promover a dúvida no estudante, a fim de propiciar a posterior discussão entre os estudantes]. Os alunos recebem um ou dois minutos para pensar sobre a questão e formular suas próprias respostas, pois eles, em seguida, irão passar de dois a três minutos a discutir suas respostas em grupos de 3 ou 4 alunos, tentando chegar a um consenso sobre a resposta correta. Este processo obriga os alunos a pensar por meio dos argumentos a serem desenvolvidos e permite a eles (assim como ao instrutor), avaliar a sua compreensão dos conceitos antes mesmo de deixar a sala de aula.

Desta forma, percebemos que alguns dos principais ingredientes do método são:

- Estudo prévio realizado antes da atividade presencial. Isto permite que o estudante percorra os primeiros passos da taxonomia de Bloom (lembrar e entender) (FERRAZ; BELHOT 2010) de forma autônoma, permitindo que, em sala de aula, exista espaço – e tempo - para o aprofundamento dos conhecimentos, ou seja, aplicação e análise.

- *Feedback* constante estudante-professor. Uma vez que os testes conceituais são realizados constantemente durante a atividade, o professor consegue identificar possíveis pontos de confusão, rapidamente. Em turmas pequenas, o professor pode acompanhar as discussões dos estudantes e observar as lacunas que ainda estão presentes no conhecimento dos estudantes.

- Interação constante. Os estudantes devem interagir com seus pares e persuadi-los quanto à resposta dos testes conceituais. Isto exige o desenvolvimento de capacidade argumentativa e reflexiva que envolve o desenvolvimento da competência de comunicação. Tal abordagem pedagógica pode ser suportada pela teoria de desenvolvimento proximal, que pode ser definida como a diferença entre o que o estudante é capaz de fazer por si só e o que ele pode fazer com a ajuda de outra pessoa. Então, a discussão por pares proporciona a condição para o desenvolvimento da aprendizagem em um contexto de interação social constante.

- O aluno é instigado a participar. A estratégia é focada principalmente nestes momentos de reflexão onde os estudantes necessitam discutir entre seus pares. Uma vez que os estudantes devem debater em pequenos grupos (e não diante de toda a turma) a não participação dos estudantes não costuma ser um problema, mesmo entre os mais tímidos.

Como já mencionado anteriormente, a estratégia pedagógica inicia com a disponibilização de materiais de estudo antes da atividade presencial.

Nosso grupo de professores costuma disponibilizar as leituras com pelo menos sete dias de antecedência. Professores que estão acostumados a trabalhar com exposições formais podem disponibilizar suas apresentações/notas/*slides* em conjunto com outros materiais de estudo. O uso do estudo dirigido neste estágio tem sido frequentemente a nossa escolha. Muitas vezes, o *Peer Instruction,* é utilizado de forma complementar a estratégia de sala de aula invertida (para maiores detalhes, capítulo XXX : Sala de Aula invertida) (BERGMANN; SAMS 2016). De fato, o *Peer Instruction* pode ser considerado também uma estratégia de ensino de sala de aula invertida, uma vez que o primeiro contato com o material instrucional é realizado em casa e o seu aprofundamento é realizado na sala de aula (TALBERT, 2019). Assim, o aluno precisa ter estudado o conteúdo proposto antes de vir para a aula que irá focar (também) no desenvolvimento de outras habilidades e competências.

Na aula, o professor faz uma rápida exposição do tema (já estudado em casa), com duração de 7 a 10 minutos e aplica as questões conceituais (*Concept Test*). Como o primeiro contato com o material instrucional é realizado em casa, os estudantes podem ser motivados a anotarem as dúvidas potenciais e apresentá-las no início de cada tópico. Desta forma, ao contrário de Mazur que propõe a realização de uma breve "palestra" de apresentação do conteúdo, nós temos modificado esta parte da estratégia substituindo a palestra por uma discussão. Assim, o professor apresenta o tópico e os estudantes apresentam as dúvidas que tiveram. Nesse momento, pode-se instigar os estudantes que compreenderam os conceitos a explicá-los aos estudantes em dúvida, ampliando assim o momento de instrução por pares, que é complementada pelo professor, caso haja a necessidade.

Na sequência da breve palestra ou da discussão, é realizada a aplicação de uma questão conceitual onde os estudantes devem responder de forma rápida e individual. Recomenda-se poucos minutos para esta etapa. Após, eles devem discutir sua resposta com seus colegas apresentando os elementos principais que o levaram a tal escolha e apresentar argumentos para convencer os colegas da sua resposta. Mazur observou que estudantes que respondem as questões, individualmente, de forma correta, tendem a convencer seus colegas da resposta certa pelas apresentações dos argumentos de forma mais convicta e mais coerente (MAZUR, 2015; VICKREY, 2015).

Assim, é realizada a votação que pode ser feita com o uso de *Clickers* para coletar as respostas, ou formulários como os do *Google Forms* ou *Lime Survey*, ou até mesmo cartões com as respostas – *Flash Cards*. O importante é que no primeiro momento os colegas não saibam as respostas uns dos outros para não serem mutuamente influenciados.

A partir do nível de acertos e erros dos alunos, a aula tomaria então diferentes rumos:

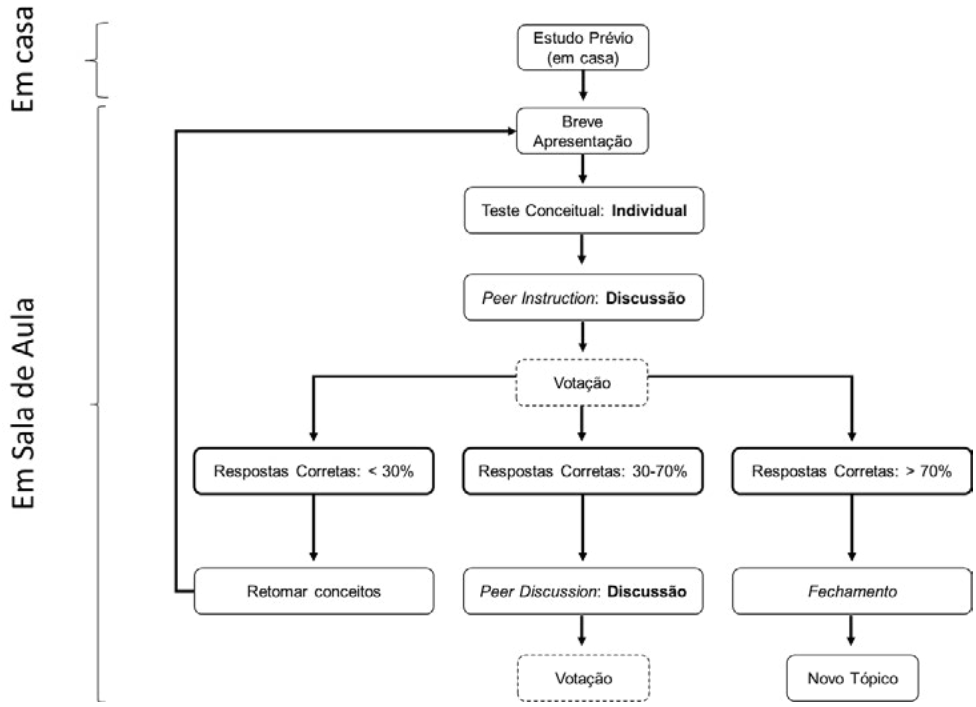
- Abaixo de 30% de acertos: o professor repete a exposição, obviamente com algumas diferenças;

- Entre 30% e 70% de acertos: formam-se grupos de alunos que discutem os temas expostos novamente;

- Acima de 70% de acertos: o professor dá uma breve explicação sobre o tema e passa para outro.

Esta sequência é conduzida até que todos os pontos de discussão sejam abordados. Um esquema detalhado da dinâmica do *Peer Instruction* pode ser observado na figura 1.

Figura 1 – Diagrama esquemático da estrutura do *Peer Instruction*



Fonte: Autoria própria (2020).

Durante o módulo de Integralidade da Atenção à Saúde VII do ano de 2019, diversas estratégias de ensino e de aprendizagens ativas foram realizadas, dentre elas, o *Peer Instruction*. Formulários realizados pelo *Google Docs* (*Google* corp.) - que são frequentemente empregados pelos professores para obter um *feedback* das atividades – foram formulados e enviados eletronicamente aos estudantes. Eles puderam apresentar, desta maneira, suas percepções relacionadas com as estratégias de ensino e de aprendizagem de forma anônima com objetivo de colher informações e qualificar o andamento das atividades. Assim, o formulário foi construído

com questões i) abertas - com finalidade de analisar reflexivamente o discurso dos estudantes; ii) questões de múltipla escolha - em escala *Likert*.

Todos os estudantes da turma (n=15) responderam ao formulário. Todos apontam que estão gostando da condução das atividades e percebem estar conseguindo aprender com a estratégia utilizada. No entanto, uma pequena parcela (14%), relatou preferir apenas a metodologia de exposição dialogada.

Em relação à metodologia *Peer Instruction* favorecer o processo de aprendizagem, 35,7% dos estudantes relataram que ela "facilita muito" o processo de aprendizagem, enquanto 57,1% afirmou que "facilita". O ponto que menos favoreceu a estratégia abordada foi em relação ao auxílio na capacidade de resolução de problemas: enquanto 50% respondeu que a estratégia "facilita" este processo, 21,4% responderam que "facilita de forma intermediária" e 7,1% responderam que "não percebem a técnica como facilitadora no processo de desenvolver habilidades de resolução de problemas". No entanto, uma grande parte dos estudantes apontou o *Peer Instruction* como importante auxiliar na retenção do conhecimento (64,3% sim; e 28,6% muito). Ainda, pode-se observar que os estudantes percebem a estratégia, principalmente favorecendo a atenção em aula e como auxiliar no entendimento dos conceitos trabalhados. É importante ressaltar que todos os estudantes recomendam que o *Peer Instruction* continue sendo utilizado como estratégia no processo de ensino e de aprendizado.

Os estudantes também foram questionados de forma aberta sobre os pontos positivos e negativos relativos à estratégia. Observou-se que os estudantes percebem uma possibilidade grande de fomento da discussão na sala de aula: "Nos faz parar e refletir". Além disso, diversas argumentações foram tecidas em relação a uma melhora no entendimento dos conceitos trabalhados podendo ser representado pela sentença ""... possibilitando um entendimento maior sobre os conceitos"". Dinamicidade, atenção e *feedback* instantâneo foram outros pontos positivos apontados; por outro lado, alguns estudantes relataram que ainda preferem o método de exposição tradicional. Argumentação sobre menor conteúdo abordado durante a aula também foi descrito pelos estudantes "... nós deveríamos discutir mais sobre os livros, abranger mais o conhecimento" assim como uma possível ruptura do ritmo da aula "... em algumas situações podem 'quebrar' o ritmo da aula".

Uma das explicações possíveis para os resultados positivos seria o ambiente colaborativo criado quando os alunos estudam em grupo, discutem diversos temas e assumem inclusive funções de professores. Além disso, depois de responder uma questão (e errar), o aluno estaria mais aberto para ouvir tanto o professor quanto seus colegas. O desafio e o propósito do *Peer Instruction*, portanto, seria mobilizar o aluno a estudar. Em relação aos pontos negativos apresentados, pudemos observar que estão

ligados principalmente a uma pequena parcela dos estudantes que ainda apresentam resistências no modelo de ensino com estratégias ativas.

A possibilidade do *feedback* constante, a participação ativa e a grande interação social na construção do conhecimento, tem sido os principais pontos positivos da estratégia pedagógica norteada por essa filosofia de ensino ativa. As principais dificuldades costumam estar relacionadas a não realização do estudo previamente à aula presencial, a qual pode ser contornada com a criação de uma cultura de estudos. Após alguns módulos utilizando uma filosofia ativa de ensino, tal cultura de estudos acaba sendo adquirida pela maior parte dos estudantes. Segundo seu relato, o *Peer Instruction* deve ser utilizado como estratégia de ensino e aprendizagem ativa nos cursos de Odontologia pois favorece principalmente à atenção, à discussão e o entendimento de conceitos.

Referências

BERGMANN, J.; SAMS, A. **Sala de Aula Invertida**: uma metodologia de aprendizagem. Rio de janeiro: LTC, 2016.

FERRAZ, A. P. C. M., BELHOT, R. V. **Taxonomia de Bloom:** revisão teórica e apresentação das adequações do instrumento para definição de objetivos instrucionais. Gest. Prod., São Carlos, v. 17, n. 2, p. 421-431, 2010

MAZUR, E. **Peer Instruction**: a revolução da aprendizagem ativa. v. Porto Alegre: Penso, 2015.

VICKREY, T. et al. **Research-Based Implementation of Peer Instruction**: A Literature Review. CBE Life Sci Educ, v. 14, p. 1-11, 2015.

TALBERT, R. **Guia para a utilização da aprendizagem invertida no ensino superior.** Porto Alegre: Penso, 2019.

SIMULAÇÃO E DRAMATIZAÇÃO DE PROCEDIMENTOS DE INSTRUÇÃO DE HIGIENE BUCAL

João Augusto Peixoto de Oliveira

O Curso de Odontologia da Univates tem como filosofia, a prática de uma clínica odontológica mais ampliada e humanizada. Ao encontro do desenvolvimento destas competências, estão as dinâmicas que envolvem metodologias ativas de ensino e de aprendizagem, que também são norteadoras para o desenvolvimento de uma aprendizagem significativa e para o processo de metacognição dos estudantes. Em corroboração com esta filosofia, é sabido que questões afetivas, como a construção de vínculo entre o paciente e o profissional, devem ser consideradas para um desenvolvimento da autonomia dos indivíduos, no sentido de promover a conscientização e a motivação para atingir um resultado favorável à sua saúde e bem-estar. Assim, o controle mecânico do biofilme dental realizado pelo paciente é parte fundamental do autocuidado necessário à prevenção e tratamento das doenças cárie e periodontal, bem como na manutenção da saúde bucal.

Com o objetivo de conhecer os instrumentos e técnicas de higiene bucal, o conteúdo de Instrução de Higiene Bucal (IHB) foi utilizado para a criação de uma atividade um tanto quanto inusitada para os estudantes que estão cursando o quarto módulo do Curso de Odontologia da Univates. No eixo temático da Integralidade da Atenção à Saúde (IAS), os estudantes recebem três capítulos de livros para leitura (ROSING; OPPERMANN, 2001; KRIGER, 2003; BRUNETTI *et al.*, 2007), que versam sobre o controle mecânico do biofilme e perfil bio emocional dos pacientes. A leitura destes capítulos é solicitada com duas semanas de antecedência, almejando uma atividade que não é revelada aos estudantes, mas que servirá como avaliação somativa. Neste momento, já é possível perceber uma certa tensão entre os estudantes, pelo fato de a atividade programada não ser explicitada.

No dia agendado para a realização da atividade, os estudantes recebem uma evolução do prontuário da clínica odontológica em conjunto com exames clínicos de sangramento gengival e distribuição de placa bacteriana de um usuário que foi supostamente atendido na clínica

odontológica da Univates, e que apresenta necessidade de IHB. A tarefa solicitada é a seguinte: os estudantes devem se dividir em duplas, e têm uma hora para planejar suas abordagens para, em 20 minutos, realizar a IHB deste usuário. Além disso, instrumentos de higiene bucal, um espelho e um manequim odontológico estarão à espera na sala onde se desenvolverá a dinâmica. Isso mesmo, o usuário virá até a universidade, entrará em uma sala de aula específica, onde dois estudantes por vez vão desempenhar a IHB, observados pelo professor, que irá avaliar a estratégia.

É notável a ansiedade e a tensão dos estudantes neste momento. Frases como "eu nunca atendi ninguém na vida" e "é sério isso?" são bem comuns neste momento, pelo fato de os estudantes nunca terem atendido uma pessoa e terem apenas lido sobre o conteúdo. Há uma revolta por parte dos estudantes, o que está absolutamente dentro do esperado.

Durante a hora reservada para o preparo da abordagem, o professor está presente para esclarecer dúvidas. Quando este planejamento se aproxima do final, o professor sai da sala, estrategicamente, vai até a sala de aula vizinha, troca de roupa, coloca uma peruca, barba postiça e óculos para caracterizar o personagem que representa o paciente fictício em questão. Ou seja, o que seria um usuário da clínica odontológica é nada mais nada menos do que o próprio professor disfarçado.

É importante relatar que essa atividade é realizada com a ajuda de um auxiliar, o qual conduz os estudantes, da sala onde estão até o local onde o suposto paciente estará aguardando. Além disso, o auxiliar também assume a função de *cameraman* no momento em que os estudantes entram na sala. Então, imaginem o semblante destes estudantes quando, ao entrar na sala da dinâmica, se deparam com "alguém" que é o próprio professor que criou a dinâmica, e uma filmadora em cima de um tripé, apontando para o local onde terão que desempenhar uma abordagem de IHB...tenso!!!

Em duplas, os acadêmicos são conduzidos até a sala vizinha para interagir com o "usuário" e colocar em prática as abordagens planejadas. Em uma primeira impressão, a tensão dos estudantes parece diminuir quando percebem que o usuário é fictício. Muitos estudantes começam a rir já na entrada e alguns não conseguem se controlar, mesmo durante a dinâmica, e riem o tempo todo. Mas nem tudo são flores! Outros estudantes relatam que há uma tensão maior em interagir frente a frente com o professor e também que a tensão aumenta em virtude da presença de uma filmadora. Como se não bastasse, o personagem é extremamente difícil! Adalbertino (como se denomina) é idoso, viúvo, aposentado, mora sozinho em área rural, está com depressão e não dá muito valor para sua saúde.

O personagem é caricato, quase arrebenta a gengiva quando é solicitado a mostrar como escova seus dentes, duvida de tudo que os estudantes falam e, para piorar, Adalbertino se esvai em lágrimas quando

relata a morte de sua ex-companheira, que foi "levada" pelo câncer. Neste momento, é possível notar que alguns estudantes se emocionam. Alguns emudecem, outros levantam da cadeira para abraçar o personagem e confortá-lo. Durante o decorrer da dinâmica, os estudantes têm liberdade para mostrar para o Adalbertino os instrumentos de higiene bucal, desempenhar técnicas e também avaliar aspectos cognitivos e psicomotores do "usuário da clínica".

Na aula seguinte, os vídeos obtidos são exibidos para todo o grupo de estudantes com a intenção de discutir aspectos relevantes de uma estratégia de IHB. Os estudantes são avaliados criteriosamente com relação à linguagem utilizada, o tipo de abordagem, e a interação com o personagem. A análise posterior dos vídeos permite uma auto avaliação e o desenvolvimento de espírito crítico reflexivo por parte dos estudantes, que podem refletir sobre sua atuação, e, o melhor, em meio a muitas risadas! Questões relativas à formação de vínculo, empatia e humanização são debatidas, assim como a escolha de instrumentos de higiene bucal, suas indicações e formas de utilização.

Os estudantes aderem muito bem à dinâmica, participando ativamente do processo. Esta prática pedagógica demonstra que o processo de ensino e de aprendizagem não pode se restringir a uma atitude passiva e receptiva dos discentes. O trabalho em saúde deve permitir a indissociabilidade entre teoria e prática, havendo a necessidade do desenvolvimento de uma visão integral dos indivíduos e a ampliação da concepção de cuidado. A ética e sensibilidade na assistência são características fundamentais a serem desenvolvidas no perfil do futuro profissional de saúde e o conhecimento deve ser produzido a partir da interação entre sujeito e mundo, permitindo uma aproximação da realidade social.

Adalbertino se tornou um personagem famoso no Curso de Odontologia da Univates, entre os estudantes que tiveram este contato, porém permanece anônimo para os estudantes que ainda não chegaram no quarto módulo do Curso, em respeito ao pedido do professor, para que a atividade ficasse em sigilo. Comentários como "você deveria estar na Rede Globo" por parte dos estudantes são frequentes, o que me dá estímulo e motivação para manter a atividade no cronograma, embora demande um esforço enorme em termos de tempo e de performance artística, principalmente em turmas com muitos estudantes. Porém, o esforço parece estar sendo recompensado, pois não é fácil focar a atenção dos estudantes e motivá-los em tempos em que as mídias sociais e *smartphones* roubam toda esta atenção.

Referências

BRUNETTI, M. C.; FERNANDES, M. I.; MORAES, R. G. B. D. **Fundamentos da periodontia: teoria e prática.** São Paulo-SP, 2007.

KRIGER, L. **Promoção de saúde bucal–paradigma, ciência e humanização.** Edited by: Artes M, p. 9-92, 2003.

ROSING, C.; OPPERMANN, R. **Periodontia: ciência e clínica**: São Paulo: Artes Médicas 2001.

FOMENTANDO A COMUNICAÇÃO E A LIDERANÇA POR MEIO DA METODOLOGIA GRUPO DE VERBALIZAÇÃO - GRUPO DE OBSERVAÇÃO

Luiz Alexandre Chisini
Bianca Soares Reis
Renan Roberto da Costa
Maurício Fernando Nunes Teixeira

O Curso de Odontologia da Univates apresenta um currículo modular integrado que tem instigado em seu corpo discente e docente, o desenvolvimento de habilidades e competências que estão em consonância com as Diretrizes Curriculares Nacionais para os cursos de Odontologia (DCNs) (Brasil, 2002). Desta forma, as práticas pedagógicas do curso têm pautado a implementação de metodologias ativas e inovadoras que visam proporcionar situações de ensino e de aprendizagem (UNIVATES, 2014). Estas metodologias objetivam substituir o método tradicional de ensino, baseados na transferência de conhecimento, que valoriza a memorização de conteúdos. Tais abordagens pedagógicas facilitam também a realização de discussões, estimulando o pensamento crítico e reflexivo, assim como podem (e devem) proporcionar uma aprendizagem significativa, em contraponto à aprendizagem mecânica (AUSUBEL, 2000).

Desta forma, métodos ativos de ensino proporcionam o desenvolvimento de habilidades, por meio de experiências de aprendizagem, onde o conteúdo torna-se um veículo para o desenvolvimento deste conjunto de habilidades que irão se transformar em competências (SCALLON, 2015). As DCNs têm induzido à mudança do paradigma pedagógico e apresentaram avanços consideráveis nesta direção. Para os cursos de Odontologia, seis grandes competências são esperadas para o egresso: atenção à saúde; tomada de decisões; comunicação; liderança; administração e gerenciamento; e educação permanente.

Assim, a utilização da estratégia pedagógica conhecida como Grupo de Verbalização – Grupo de Observação (GV-GO) representa uma abordagem interessante no desenvolvimento de competências de comunicação e liderança. Diante disto, o objetivo do presente relato de experiência, busca reportar abordagens de aprendizagem ativa utilizando o método GV-GO com estudantes do Curso, visando aplicá-lo ao estudo da atenção à saúde em duas diferentes turmas do Curso.

O GV-GO e sua aplicação

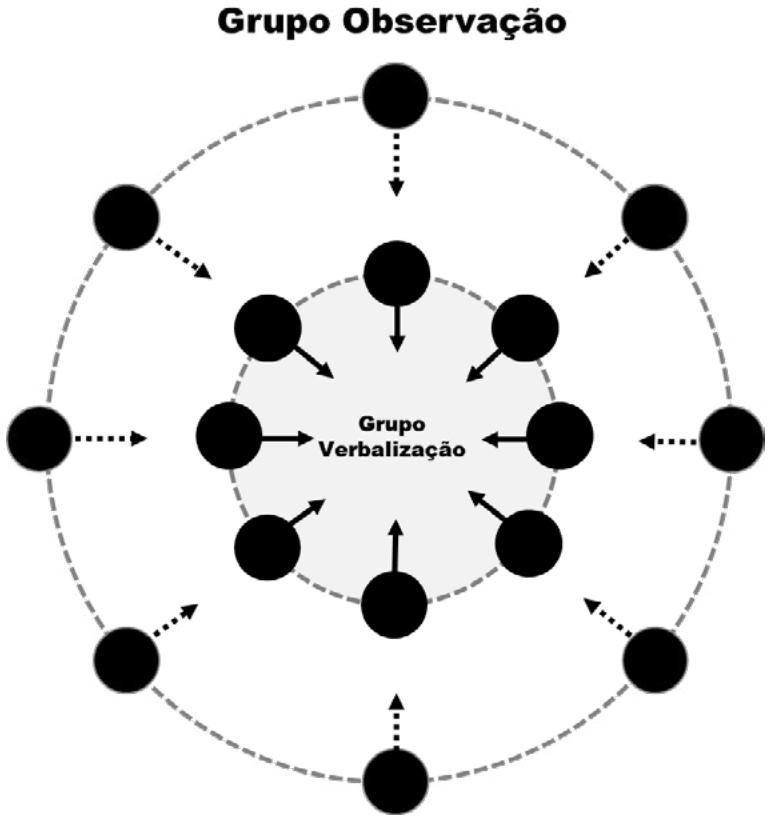
O eixo de Integralidade da Atenção à Saúde (IAS) percorre todos os dez módulos do Curso de Odontologia, contemplando o desenvolvimento de habilidades, majoritariamente, ligadas aos componentes clínicos e pré-clínicos do Curso. No entanto, o desenvolvimento da comunicação e da liderança também são trabalhados nesse eixo durante todos os módulos e a dinâmica GV-GO tem sido frequentemente empregada pelos docentes por estimular essas competências.

A estratégia de ensino consiste basicamente na divisão dos estudantes em dois grupos, onde um grupo fica colocado em um círculo interno e outro em um círculo externo. O grupo interno é o grupo de verbalização (GV); enquanto o grupo externo é de observação (GO). Desta forma, os estudantes estarão dispostos em dois círculos, onde o central corresponde ao grupo de verbalização e o periférico ao grupo de observação (ANASTASIOU; ALVES 2003). Uma ilustração esquemática da divisão dos grupos pode ser observada na figura 1.

Uma das dificuldades da presente técnica pode ser enfrentada em turmas com grande número de estudantes. Assim, se sugere a divisão em mais grupos, por exemplo, 3 grupos, nos quais 2 destes, sempre estarão no grupo observação e 1 no grupo verbalização. Neste contexto, é importante que o educador responsável organize os grupos da forma mais adequada para a execução da dinâmica. Assim, em um momento inicial, o grupo interno verbaliza, isto é: discute, analisa, relaciona (de acordo com o grau de complexidade cognitiva proposta para a atividade – recomenda-se o uso da taxonomia revisada de Bloom para tal finalidade). Neste momento, é importante que o grupo verbalização aprenda a cooperar e trabalhar em equipe, estipulando papéis distintos entre os sujeitos dos grupos, tais como, por exemplo, um líder que organizará a dinâmica. Além disso, o papel do professor deve se dar apenas como mediador da atividade, frequentemente, lançando o tema ou assunto problema a ser discutido, sinalizando os objetivos da discussão. Enquanto isso, o grupo de observação registra suas percepções, assim como as lacunas do conhecimento que o GV não tenha conseguido alcançar ou aprofundar durante a discussão. Além disso, em turmas com número de estudantes muito elevado, o docente pode indicar

tarefas diferentes para os diversos grupos do GO para que depois possa ser utilizado no fechamento da atividade. Em turmas pequenas, recomenda-se a inversão dos papéis entre GV e GO.

Figura 1 – Representação esquemática da divisão dos grupos na estratégia de ensino GV-GO



Fonte: Autoria própria (2020).

O fechamento da atividade deve ser o momento em que o docente mais atua ativamente do processo, salientando objetivos alcançados ou não e realizando inter-relações finais dos temas abordados. Ainda, recomenda-se que a avaliação seja feita por meio das habilidades desenvolvidas, as quais devem ser realizadas tanto pelos docentes envolvidos, como pelos estudantes que se auto-avaliam e avaliarão seus colegas (clareza e coerência na argumentação, domínio da problemática, participação durante o GV, capacidade de escuta durante o GO e relação crítica da realidade podem ser utilizados como parâmetros) (ANASTASIOU; ALVES 2003).

Durante a atividade, em uma das turmas em que desenvolvemos a estratégia, já havíamos identificado que alguns estudantes caracterizam-

se por participar muito das atividades de discussão enquanto outros apresentavam pouca participação. Desta forma, em uma das atividades, objetivou-se evidenciar esta diferença entre os grupos e, demonstrar de forma prática, o quão difícil é promover discussões quando poucos estudantes participam. Assim, os docentes envolvidos dividiram a turma em dois grupos, um deles com estudantes altamente participativos e outro com estudantes introvertidos e pouco participativos. Optou-se por iniciar a dinâmica com o grupo pouco participativo no GV. Pouco conseguiu se aprofundar neste grupo e difíceis conexões e interrelações foram desenvolvidas. Outra observação interessante deste grupo, que alguns estudantes pouco participativos no contexto da turma, desempenharam papéis de líderes desse grupo, algo não observado quando os grupos eram homogêneos entre o GV e o GO.

Em outros momentos, a realização da atividade em um módulo mais avançados demonstrou comportamento diferente aos encontrados em módulos mais iniciais. Naquela turma com maior bagagem teórica, a estruturação da dinâmica em sala de aula surgiu com mais naturalidade, quase inexistindo diferenças entre alunos participativos, verbalizando, e alunos retraídos, ficando resguardados. As discussões e o desenvolvimento de raciocínio coletivo ocorrem com maior facilidade, dispensando mediação docente em muitos momentos e gerando desfechos que superaram o esperado. Por outro lado, a utilização da técnica em grupos menos experientes pode conduzir a resultados aquém do esperado. A execução da dinâmica deve ser estimulada pelo mediador que passa a atuar mais ativamente, os alunos têm de ser convidados a verbalizar e, nesse momento, podem apresentar medo de se expressar, gerando episódios de silêncio ou de fuga do assunto pretendido. Observou-se também, que mesmo no grupo de menor experiência, aqueles estudantes que já possuem comunicação mais ativa não apresentam dificuldade e tendem a comandar os momentos de fala, obrigando o educador a pulverizar as discussões entre os demais componentes do grupo.

Os resultados encontrados a partir das experiências em sala de aula não indicam que a dinâmica deva ser refutada em momentos iniciais do curso, mas alertam o educador ao planejamento da atividade. Algumas dificuldades podem estar relacionadas ao tema escolhido para discussão. Assuntos familiarizados tornam a atividade espontânea e favorecem a troca de experiências. As características da turma também são determinantes e, naqueles grupos em que se observa comportamento pró-ativo de poucos estudantes, a discussão se concentra neles e caberá ao docente estimular a participação dos demais. Por último, aqueles estudantes que já cursaram outros períodos, sob metodologias ativas, têm a consciência de que sua participação é fundamental no sucesso da metodologia, fato que por ora pode estar ainda em desenvolvimento nos grupos iniciais.

Observa-se, que a utilização desta dinâmica em grupos pequenos, com bom relacionamento e comunicação entre seus membros, torna a atividade mais rica, criando uma atmosfera de discussão e estimulando raciocínio. Para isso, a exposição de imagens, vídeos e ilustrações, bem como a apresentação dos objetivos pretendidos com o grupo, são manobras que não devem ser esquecidas. A escolha de assuntos mais familiarizados ou a introdução do tema previamente a cada grupo gera segurança ao estudante e garante participações mais ativas.

A dinâmica do GV-GO possui boa aplicação a grupos não muito extensos, com participação máxima de quinze estudantes. A utilização da técnica é facilitada em temas que dão margem a pontos de vista diferentes, em assuntos que devem ser retomados após estudo prévio ou ainda em situações problematizadas na busca por análise e resolução de problemas.

Referências

ANASTASIOU, LGF; ALVES, LP. **Processos de ensinagem na Universidade: Pressupostos para as estratégias de trabalho em aula**. Editora Univille. 2003

AUSUBEL, D.P. **The acquisition and retention of knowledge: A cognitive view. Dordrecht**, Kluwer Academic Publishers. 2000

BRASIL. Ministério da Educação. **Secretaria do Ensino Superior. Diretrizes Curriculares Nacionais dos Curso de Graduação em Odontologia**. Parecer CNE/CES 003/2002, publicado no Diário Oficial da União em 19/02/2002.

CURSO de Odontologia da UNIVATES. **Projeto Pedagógico do Curso de Odontologia da UNIVATES**, Lajeado, 2014.

SCALLON, G. **Avaliação da Aprendizagem numa abordagem por competências. Curitiba**, PR. PUCPress, 2015.

CHALLENGE BASED LEARNING (CBL) COMO METODOLOGIA DE APRENDIZAGEM ATIVA NO CURSO DE ODONTOLOGIA DA UNIVATES

Maurício Fernando Nunes Teixeira
Luiz Alexandre Chisini

O *Challenge Based Learning* (CBL) - Aprendizagem Baseada em Desafios, em tradução livre - está entre as ferramentas utilizadas dentro das metodologias ativas de ensino e de aprendizagem. Esse é um *framework* pensado a partir de uma necessidade de mudança no papel de docentes e discentes e que propõe, por meio do engajamento de todos, aproximar o mundo real da sala de aula através do planejamento de uma solução local partindo de um problema global que seja significativo para o estudante.

A sistematização do CBL prevê a elaboração de um desafio e uma solução local para um problema de nível global organizado através de um plano de ação; ainda, objetiva a realização de uma publicização dos resultados através do uso de diversas tecnologias. Assim, o presente relato de experiência tem o objetivo de descrever a utilização do CBL como uma ferramenta de aprendizagem desenvolvida no quarto módulo do curso visando aplicá-lo ao estudo do planejamento.

O CBL é uma modelagem de ensino que incorpora os melhores aspectos dos métodos para resolução de situações-problema, ao mesmo tempo em que se concentra em problemas enfrentados no mundo real. Envolve a curiosidade dos sujeitos e desperta o desejo de aprender. Isso torna a resolução de problemas reais o centro do currículo, dando aos estudantes acesso às ferramentas do século XXI, assim como exige que trabalhem de forma colaborativa gerenciando seu próprio tempo.

No curso, a aprendizagem baseada em desafios é um modelo que se aplica ao estudo do planejamento. No eixo de Organização do Processo de Trabalho (OPTS) do quarto módulo, os estudantes devem ser capazes de conhecer e aplicar diferentes métodos e técnicas para o planejamento em saúde (UNIVATES, 2014). Sua aplicação traz relevância ao trabalho de classe na medida que dá aos estudantes a oportunidade de se concentrar em um

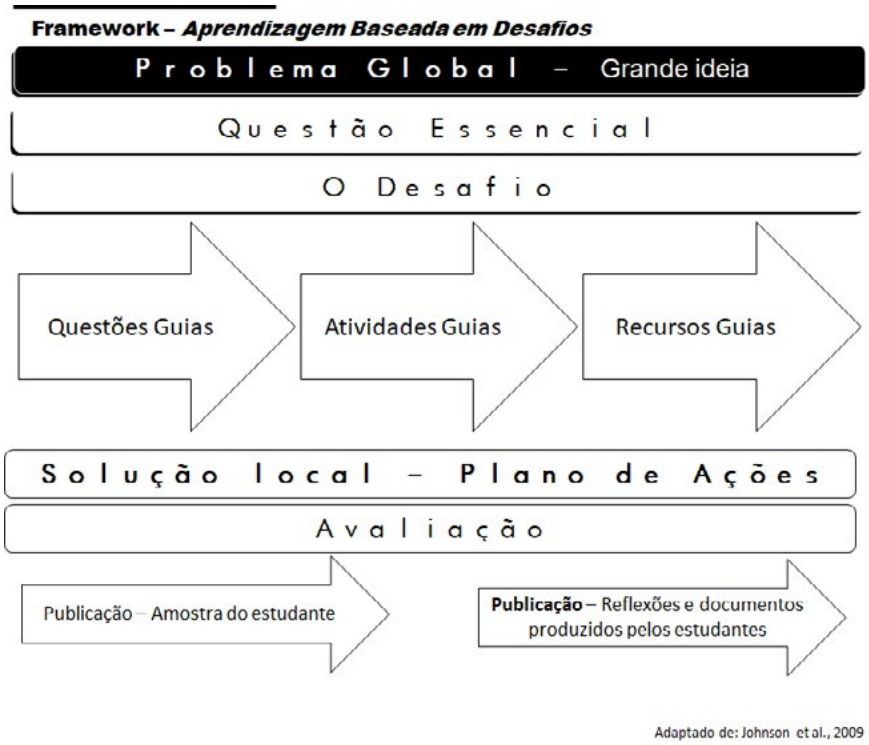
desafio de significado global, assim como exige o engajamento colaborativo para desenvolver soluções locais. A aprendizagem baseada em desafios cria um espaço onde os estudantes direcionam suas próprias pesquisas em questões do mundo real e pensam criticamente sobre como aplicar aquilo que aprendem (JONHSON, 2009).

A primeira etapa, após a retomada da teoria sobre o planejamento e revisão dos desafios para 2030 propostos pela Cepal (Comissão Econômica para América Latina e Caribe), os estudantes são estimulados a construírem um texto de uma lauda que exponha as razões da escolha por um grande problema global (*Big Idea*) e que lhes afetam de maneira profunda. Ao trocar o texto com o colega buscamos aproximações e a formação, neste caso, de duplas para o desenvolvimento do trabalho.

Na aula seguinte os estudantes montaram perguntas (*Essencial Questions*) relacionadas às *Big Ideas* elencadas no encontro anterior. Durante a discussão das perguntas, os professores retomaram a teoria do planejamento e a necessidade de pensar as hipóteses de solução para o problema, sempre remetendo ao passo anterior, para não desviar do problema global escolhido. As perguntas essenciais construídas são discutidas com a turma inteira e retomadas quanto ao seu sentido e delimitação do tema global da qual foi oriunda. Durante o decorrer da semana a tarefa dos estudantes é o estudo de questões relacionadas a esta grande pergunta.

Após o estudo eles estão aptos a construir um desafio (*Challenge*) que será o objetivo geral da solução (*Solution - Action*) proposta. A discussão sobre qual desafio vai propor, é fundamental, uma vez que este passo do *framework* influenciará diretamente as perguntas (*Guiding Questions*) para continuar elencando hipóteses. Além disso, ela influenciará também na elaboração das atividades propostas (*Guiding Activites*) para alcançar a solução, assim como nos recursos necessários (*Guiding Resoucers*) para materialização do processo como um todo. A figura 1 ilustra os principais passos do *framework* do CBL.

Figura 1 – Principais passos do *framework* do *Challenge Based Learning*



Fonte: Adaptado de Johnson (2009).

A avaliação do processo pressupõe uma outra abordagem diferente da avaliação tradicional: o *Assesment* - um leque de procedimentos que englobaria a medida, abrigando o sentido da quantificação; o *testing*, compreendido como a realização de testes padronizados; assim como outros procedimentos de observação dita qualitativa - consistindo, por exemplo, em apreciar produções complexas ou em observar comportamentos indicadores de características associadas às atitudes ou à motivação (SCALLON, 2015).

Após estas etapas os estudantes são estimulados a publicarem (*Publishing - Student Samples*) suas soluções nas redes sociais, sendo este fato uma aproximação importante com as Tecnologias de Informação e Comunicação, visto que induz os formatos das soluções propostas para facilitar sua divulgação. Além desta publicação, os estudantes produzem um texto (*Publishing - Student Reflection/Documentation*) descrevendo os passos e fazendo suas considerações sobre o processo.

A estrutura do Curso e a escolha pelo uso de metodologias inovadoras de ensino e de aprendizagem proporcionam a pesquisa e tentativa de utilização das mais diversas ferramentas, técnicas e metodologias. A

utilização do CBL tem sido atrelada a uma mudança de paradigma da educação que o curso tem buscado desde o seu início.

Ao aplicar o *framework* com estudantes de quarto módulo, as potencialidades estão nas possibilidades de percepção dos mais diversos encaminhamentos que as escolhas de uma solução local para um problema global podem trazer. O principal desafio é o foco nas etapas do *framework* para o entendimento da importância do planejamento e percepção da necessidade de desprendimento do pensamento utilitarista e da necessidade de aprofundamento na busca de conhecimento para a resolução de problemas.

Essa é a quarta vez que este *framework* está sendo aplicado no Curso e o que percebemos, anteriormente, é a satisfação dos estudantes ao final do processo. Ao concluírem o processo, eles perceberem que o foco em cada etapa potencializa o resultado final e o estudo do planejamento através da aplicação deste instrumento elucida o seu desenvolvimento.

Referências

BRASIL. Ministério da Educação. **Secretaria do Ensino Superior. Diretrizes Curriculares Nacionais dos Curso de Graduação em Odontologia**. Parecer CNE/CES 003/2002, publicado no Diário Oficial da União em 19/02/2002.

CURSO de Odontologia da UNIVATES. **Projeto Pedagógico do Curso de Odontologia da UNIVATES**, Lajeado, 2014.

JOHNSON, L. F.; SMITH, R. S.; SMYTHE, J. T; VARON, R. K. **Challenge-Based Learning: An Approach for Our Time**. Austin, Texas: The New Media Consortium. 2009.

SCALLON, G. **Avaliação da Aprendizagem numa abordagem por competências. Curitiba**, PR. PUCPress, 2015.

USO DO PBL - *PROBLEM BASED LEARNING* - NO CURSO DE ODONTOLOGIA NA UNIVATES

Alessandro Menna Alves
Maurício Fernando Nunes Teixeira
Marcus Cristian Muniz Conde

O PBL é uma técnica de metodologia ativa na qual o professor (ou um grupo de professores), a partir de uma ementa, criam uma situação-problema (SP) para desencadear um processo sistematizado de construção do conhecimento pelos estudantes. Nessa metodologia, o papel do discente é fundamental, uma vez que ele identifica o problema, elabora questões de aprendizagem, faz a busca do referencial bibliográfico para responder à questão e compartilha essa informação com os demais. Além disso, o PBL permite acompanhar não só o resultado final, ou a "resposta" da questão, mas perceber como o estudante trabalha a construção de uma pergunta e como realiza a busca e a compilação de informações.

Tendo a SP montada, a atividade se realiza em sete passos: 1) Leitura da SP e esclarecimento de termos pouco conhecidos ou dúvidas sobre a situação; a leitura pode ser feita individualmente, pelo professor ou por alguma estudante em voz alta. Usamos também distribuir uma folha com a SP impressa, marcando cada frase com o ponto final destacado onde cada estudante deve iniciar a leitura. Os estudantes são orientados a sublinhar os termos que não conhecem e através de explicações pelo professor ou mesmo discussões os termos pouco conhecidos ou as dúvidas sobre o entendimento da situação são sanadas; 2) Síntese com identificação de áreas ou pontos relevantes; 3) Análise do problema utilizando conhecimentos prévios; 4) Desenvolver hipóteses para explicar o problema e identificar as lacunas de conhecimento; 5) Definição das questões de aprendizagem, utilizando a taxonomia de Bloom, e identificação dos recursos de aprendizagem adequados na busca; 6) Busca da informação e estudo individual; 7) Compartilhamento da informação com apontamentos sobre o problema (revisão das hipóteses) e avaliação.

No Curso, o PBL tem sido utilizado ao menos uma vez por semestre, e a escolha do melhor momento para sua utilização é feita de maneira coletiva, entre os professores que trabalham com a turma naquele período. Por isso, esta técnica já foi utilizada em diferentes momentos do semestre com as mais diferentes turmas: - abertura do semestre, trazendo na ementa assuntos totalmente novos aos estudantes retratados na SP, os quais seriam trabalhados ao longo do semestre; - no meio do semestre, trazendo assunto que os estudantes já tinham conhecimento (aprofundamento e identificação de lacunas na aprendizagem) e assuntos novos; - e no final do semestre, com assuntos que os estudantes já tinham trabalhado (aprofundamento e identificação de lacunas na aprendizagem).

Para a realização do PBL em sala de aula, os dois primeiros passos que o corpo docente tem executado são: construção da ementa, a qual irá determinar os assuntos/tópicos que irão estar presentes na SP; e a construção da SP, de maneira coletiva, pelos professores que irão trabalhar com os estudantes naquele semestre. Temos optado pela abertura da atividade e apresentação da SP no turno da segunda-feira pela manhã e o encerramento na sexta-feira (o turno muda conforme a disponibilidade dos professores e os turnos de aula dos estudantes), tendo duração de uma semana. Além disso, são definidos os professores tutores dos grupos: a opção adotada no curso é de um professor-tutor para cada 8 estudantes.

Outro ponto importante da atividade é a construção das estações de aprendizagem. Essas estações são organizadas entre os professores que construíram a SP e montadas com base nas perguntas de aprendizagem que os estudantes construíram. Nessa parte do PBL, os professores ajudam com a temática das questões, tanto no entendimento do assunto quanto na busca de referencial teórico. Nessas atividades, os tutores também auxiliam.

De maneira resumida, o PBL durante a semana se desenvolve da seguinte maneira: A) Abertura da atividade e apresentação da SP, chegando até a construção das questões de aprendizagem; B) Durante a semana, com a ajuda dos tutores e dos professores das estações de aprendizagem, busca de referencial teórico para responder as questões de aprendizagem; C) Encerramento da atividade, com o compartilhamento das informações encontradas, síntese coletiva e avaliação do processo.

Para os professores, o PBL é um potente instrumento de construção do conhecimento, uma vez que possibilita aos estudantes a se debruçar sobre as diferentes temáticas a partir do seu ponto de vista, tornando a aprendizagem muito mais significativa. Além disso, entende-se também que o PBL mostra maior potencial de utilização com estudantes a partir do 4º semestre, os quais já apresentam maior autonomia no estudo e na busca dos referenciais teóricos adequados.

Dentre os estudantes, a avaliação é de que a atividade é muito enriquecedora, entretanto desgastante. Na opinião deles, esse tipo de atividade deveria ocorrer apenas no início ou metade do semestre, quando estão menos cansados.

Por fim, a construção dessas SP tem nos motivado para a construção de uma cidade virtual, na qual estariam as já utilizadas em sala de aula e as novas que seriam construídas, estando inseridas no contexto de uma cidade. Essa é uma proposta antiga do curso e talvez no futuro possa se concretizar.

Referências

ANASTASIOU, L. G. C.; ALVES, L. P. (Org.). **Processos de ensinagem na universidade: pressupostos para as estratégias de trabalho em aula**. 5. ed. Joinville, SC: UNIVILLE, 2005.

BERBEL, N.A.N. **As metodologias ativas e a promoção da autonomia dos estudantes.** Semina, Londrina, v. 32, n. 1, p. 25-40, jan./jun. 2011

MOREIRA, M. A.; MASINI, E. F. M. **Aprendizagem significativa**: a teoria de David Ausubel. – 2.ed. São Paulo: Centauro, 2016.

NORO LRA, FARIAS-SANTOS C DE S, SETTE-DE-SOUZA PH, PINHEIRO IAG, BORGES REA, NUNES LMF, et al. O professor (ainda) no centro do processo ensino-aprendizagem em Odontologia. **Revista da ABENO**. 2015;15(1):2-11.

ROCHA, J.S.; DIAS, G.F.; CAMPANHA, N.H.; BALDANI, M.H. O uso da aprendizagem baseada em problemas na Odontologia: uma revisão crítica da literatura. **Revista da ABENO**. 2016; 16 (1): 25-38.

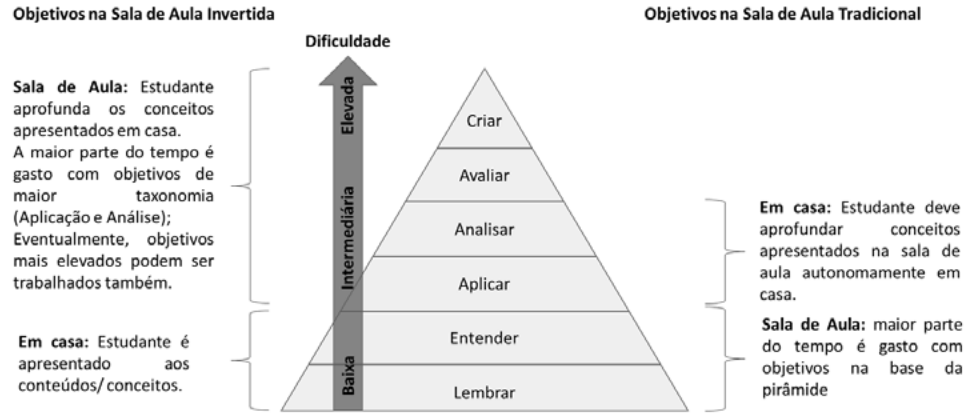
FLIPPED CLASSROOM: A INVERSÃO DA SALA DE AULA

Luiz Alexandre Chisini
Victório Poletto Neto
Marcus Cristian Muniz Conde
Francine dos Santos Costa

A estratégia de ensino sala de aula invertida, também conhecida como *Flipped Classroom*, caracteriza-se, principalmente, por inverter o primeiro contato do estudante com o material de estudo. No modelo tradicional de ensino, o tempo em sala de aula é utilizado, basicamente, para apresentar o novo material/conteúdo e distribuir material complementar para os estudantes (BERGMANN, 2016). Tradicionalmente, esta abordagem é realizada com aulas expositivas. Assim, considerando o gradiente de complexidade desta abordagem, seguindo a taxonomia modificada de Bloom (FERRAZ, 2010), poderíamos inferir que o trabalho cognitivo de menor dificuldade é realizado em sala de aula (por exemplo, lembrar e entender os conteúdos durante a apresentação do Professor), enquanto que o trabalho de maior exigência e dificuldade cognitiva é realizado em casa, pelo estudante (aprofundamento dos conteúdos apresentados pela análise e aplicação dos mesmos), onde ele não pode ter o auxílio do professor caso enfrente dificuldades (**Figura 1**).

Na sala de aula invertida, os primeiros passos cognitivos, referem-se ao primeiro contato com o novo material de estudo; é realizado fora da sala de aula. Assim, os estudantes não têm um tempo pré-determinado para estar em contato com o material novo e desenvolver os objetivos pedagógicos iniciais propostos pelo professor. Eles podem se beneficiar desta abordagem uma vez que podem seguir o material estruturado no seu ritmo, pausando e pesquisando durante o tempo que for necessário (algo que não acontece na sala de aula tradicional). Além disso, tratando-se de tarefas de baixa demanda cognitiva, o auxílio de um professor se faz menos necessária e eventuais dúvidas podem ser anotadas e sanadas em encontros presenciais (BERGMANN 2016).

Figura 1 – Objetivos pedagógicos da sala de aula invertida e da sala de aula tradicional com base na taxonomia de Bloom.



Fonte: Autoria própria (2020).

Uma vez que o estudante realiza o contato inicial com o material de estudo previamente à aula presencial, todo tempo reservado aos encontros presenciais fica disponível para realização de perguntas específicas e para tarefas de complexidade superior (TALBERT, 2019). Nesta etapa de aprofundamento dos assuntos estudados em casa os alunos podem ser beneficiados pelo contato social proporcionado pelos demais colegas e com o auxílio/tutoria do professor.

Resumidamente podemos dizer que na sala de aula invertida os estudantes:

1- Estão no centro do processo de aprendizagem;

2- Podem desempenhar as atividades cognitivas iniciais no seu próprio ritmo; ademais, as videoaulas podem ser assistidas mais de uma vez. Nosso grupo tem recomendado que os estudantes revejam as videoaulas após as atividades de sala de aula;

3- São favorecidos pela autorregulação. Eles devem apresentar diariamente comportamentos de aprendizagem autorregulada (o professor pode auxiliar os estudantes na formulação de planos de estudos personalizados);

4- Usam o tempo de aula para tarefas cognitivas de nível superior;

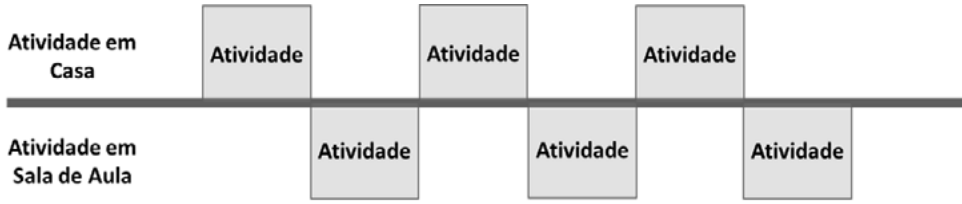
5- Se beneficiam da interação social (estudante-estudante e estudante-professor) durante o processo de aprendizagem superior, amplamente suportado por diversas teorias de aprendizado (VYGOTSKY, 1988; AUSUBEL, 2000);

6- Tem o tempo de aula aberto para atividades mais envolventes e dinâmicas que necessitem a aplicação e análise dos conteúdos (eventualmente avaliação e criação);
7- O professor deixa o papel de transmissor do conhecimento e passa a assumir um papel de auxiliar nos momentos de dificuldades;

O que é e o que não é sala de aula invertida:

A sala de aula invertida ou aprendizagem invertida pode ser definida como "uma abordagem pedagógica na qual a instrução direta se desloca do espaço de aprendizagem grupal [sala de aula] para o espaço de aprendizagem individual, e o espaço grupal resultante é transformado em um ambiente de aprendizagem interativo e dinâmico em que o educador guia os estudantes enquanto eles aplicam os conceitos e se engajam criativamente no assunto" (TALBERT, 2019). (**Figura 2**)

Figura 2 – Representação da organização temporal de uma sala de aula invertida.



Fonte: Adaptado de Tarbert (2019).

Assim, na aprendizagem invertida temos um ambiente flexível, onde os estudantes podem aprender em ritmos personalizados. Promovemos uma cultura de aprendizagem, uma vez que o estudo prévio é valorizado, assim como as dificuldades e estratégias desenvolvidas para a sua superação. Além disso, o material utilizado na aprendizagem invertida deve ser desenvolvido detalhadamente com relação explícita com os objetivos pedagógicos.

Este ponto é extremamente importante considerando a teoria da aprendizagem significativa (AUSUBEL, 2000), pois esta ocorre quando a nova informação se ancora em conceitos relevantes (i.e. os subsunçores) já existentes na estrutura cognitiva dos estudantes. Desta forma, visando favorecer uma aprendizagem significativa, em detrimento de uma aprendizagem mecânica, devem ser elaborados materiais que estejam relacionados com os conceitos já conhecidos pelos estudantes. Este pode ser um dos problemas ao se utilizar materiais produzidos por outros professores. Abordaremos isso com maiores detalhes mais adiante.

Por outro lado, aprendizagem invertida não é apenas a simples colocação de aulas expositivas em formato de vídeo e realizar "o dever de casa" em sala de aula. Embora seja este o entendimento de muitas pessoas sobre a sala de aula invertida, essa abordagem é considerada, demasiadamente, limitada para a complexidade real de uma sala de aula invertida; nessa abordagem pedagógica se desloca a instrução direta da sala de aula para um ambiente individual, onde o estudante possa trabalhar no seu tempo. Além disso, atividades extraclasse devem ser planejadas de modo a articularem-se com as estratégias que serão utilizadas na aula presencial e com os conceitos preexistentes na estrutura cognitiva do estudante. Assim, a instrução direta (realizada em casa) deve ser utilizada para preparar os estudantes para participarem de forma ativa no espaço coletivo da sala de aula. Atividades desafiadoras e criativas (que exigem elevado grau de preparo pelo professor) devem ser pensadas para envolver toda a turma considerando a diversidade de tarefas cognitivas possíveis.

A inversão da sala de aula só pode ser realizada com videoaulas?

Não. A sala pode ser invertida de outras formas, a utilização da videoaulas não é mandatória e tem sido amplamente utilizada por ser um recurso audiovisual de grande impacto. Ademais, não é necessário que todas as aulas sejam disponibilizadas em formato de vídeo para proporcionar um ambiente de aprendizagem invertida. Existem diversas abordagens que podem ser realizadas previamente à aula presencial que não requerem vídeos, embora, pela nossa experiência, a utilização de videoaulas pareça aumentar a motivação/engajamento e posterior participação dos estudantes nas atividades de grupo.

Uma estratégia que nosso grupo de professores tem utilizado (eventualmente) para substituir videoaulas é a realização de estudos dirigidos com objetivos pedagógicos simples (**Figura 1**). Esta estratégia é muito interessante, uma vez que guia a leitura de textos escolhidos com muita cautela. Nossos estudos dirigidos são apresentados aos estudantes juntamente dos objetivos pedagógicos, visando auxiliá-los na autorregulação da aprendizagem, assim como os objetivos pedagógicos que são disponibilizados com os vídeos. Outras estratégias como o uso de *podcasts*, por exemplo, podem ser pensadas, desde que sigam os pressupostos discutidos anteriormente.

Posso utilizar material de outro professor?

Sim; porém, observamos principalmente dois problemas ligados a esta abordagem. O primeiro: o material utilizado deve ser trabalhado detalhadamente e apresentar uma relação explícita com os objetivos

pedagógicos que se pretende atingir. A dificuldade de encontrar materiais de qualidade e, mais do que isso, materiais que se adequem aos objetivos pedagógicos propostos antes da aula presencial são pontos que dificultam a utilização de materiais de outrem. O segundo ponto é encontrar materiais que se articulem com os conhecimentos prévios dos estudantes e, desta forma, possam favorecer a aprendizagem significativa (AUSUBEL, 2000).

No entanto, com a expansão das plataformas *online* como *youtube*, tem ocorrido uma crescente disponibilização de conteúdos livres e de qualidade. Assim, é necessário que o professor realize uma curadoria e filtragem muito aguçada do material para sua utilização, o que também pode consumir um tempo considerável do professor.

Com base na nossa experiência, observamos que o uso de materiais (videoaulas e/ou textos e estudos dirigidos) produzidos pelo próprio docente pode potencializar as atividades, promovendo um maior grau de dedicação e empenho nas atividades por parte dos estudantes.

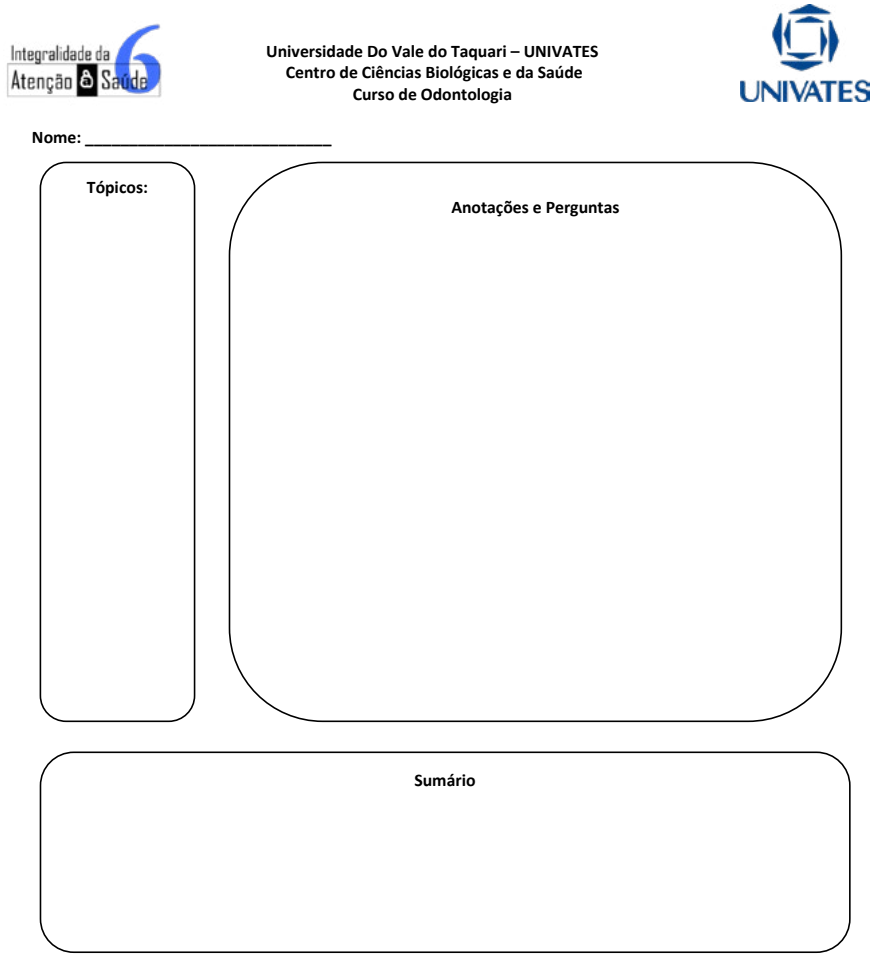
Ensinando o estudante a assistir às aulas

Os estudantes devem ser ensinados a estudar com uma estratégia de sala de aula invertida. Muitas vezes, este ponto é menosprezado quando (e nós também já fizemos isso) acreditamos que os estudantes (nascidos na era das tecnologias da informação) possuem um bom domínio das ferramentas digitais e sabem estudar com vídeos. Após diversos erros (e foram vários!) e alguns acertos, percebemos que o tempo gasto nesta etapa pode ser fundamental para um bom andamento das atividades de sala de aula invertida.

Inicialmente, é importante ressaltar a possibilidade de pausar e voltar o vídeo; A visualização do mesmo em um ambiente tranquilo e longe de outras distrações é fundamental. Além disso, ressaltar a importância de se tomar notas durante a visualização do material é outro ponto crucial. Explicar que somente a visualização da videoaula não será suficiente é fundamental. Eventualmente, pode-se apresentar uma videoaula e demonstrar como ela pode ser estudada. Bergmann (2016) recomenda a utilização do método da Universidade Cornell para tomar notas (**Figura 3**). Embora nosso grupo apresente tal instrumento, os estudantes acabam criando suas próprias estratégias de estudo.

Alguns dos nossos estudantes relatam que, inicialmente, fazem uma visualização completa do vídeo (às vezes, acelerando a velocidade) para ter uma ideia do todo e posteriormente realizam uma visualização pausando e realizando as anotações; outros relatam ir diretamente para o vídeo e a cada ponto param para buscar informações adicionais em outras fontes de informação.

Figura 3 – Método da Universidade de Cornell para tomar notas durante as atividades em casa



Fonte: Adaptado de Bergmann (2016).

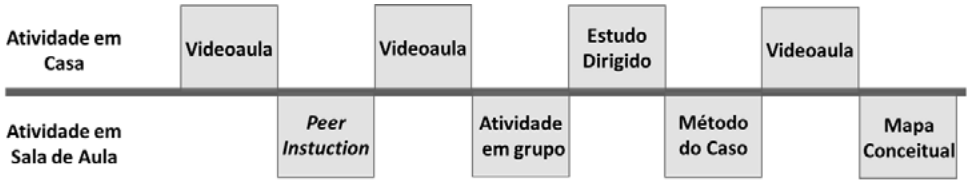
E o que eu faço na sala de aula agora?

Essa é a pergunta que frequentemente vem em mente dos professores que estão começando a inverter suas salas de aula (frequentemente está na nossa também). De forma geral, não existe uma regra, sempre formulamos as atividades baseados nos objetivos pedagógicos e nas competências gerais dos cursos de odontologia (BRASIL, 2002), tais como educação permanente, comunicação e liderança, por exemplo. A interação social proporcionada fomenta o desenvolvimento de habilidades afetivas.

Costumamos iniciar a atividade de sala de aula discutindo as dúvidas dos estudantes. Preferencialmente, incentivamos que outros estudantes respondam às dúvidas dos colegas, enquanto realizamos a mediação e (quando necessária) complementação. A maiêutica socrática, que é descrita como "um método ou técnica que pressupõe que a verdade está latente em todo ser humano, podendo aflorar aos poucos na medida em que se responde a uma série de perguntas simples, quase ingênuas, porém perspicazes" é comumente utilizada no momento inicial de aula, que pode variar bastante dependendo do perfil da turma. Outra estratégia de ensino que, normalmente, utilizamos é o *Peer instruction* (MAZUR, 2015; VICKREY, 2015), o método do caso, construção de mapas conceituais, grupo-verbalização grupo-observação (GV-GO) e estudo dirigido (em nível de aplicação e análise). Trabalhos em grupo sobre aplicação do conteúdo básico estudado em casa são frequentemente utilizados. Estas estratégias são discutidas em maiores detalhes nos demais capítulos do presente livro.

Desta forma, a utilização da sala de aula invertida libera um tempo precioso de contato estudante-professor que pode ser utilizado para o desenvolvimento de outras habilidades e competências que a sala de aula tradicional não proporciona. Uma representação de possível organização de uma sala de sala invertida é apresentada na figura 4.

Figura 4 – Representação da organização temporal de uma sala de aula invertida utilizando a combinação de diversas estratégias pedagógicas



Fonte: Autoria própria (2020).

Os benefícios da estratégia são diversos, principalmente quando mesclamos outras estratégias de ensino ativo em conjunto. O ganho de tempo em sala de aula, e consequente aumento do contato estudante-estudante e estudante-professor é um ponto positivo. Nossos estudantes relatam que estudam em média 4 a 5 horas para vídeo-aulas de 30 min. Alguns relatam estudar menos, mas o aumento do estudo pelos estudantes costuma ser facilmente observado. Normalmente os professores apresentam receio em trabalhar com estratégias ativas de ensino, pois, afirmam que "menos conteúdo é trabalhado" desta forma. Embora saibamos que trabalhar diversos conteúdos não signifique maior e melhor aprendizado por parte dos estudantes (não vamos entrar nessa discussão aqui), poderíamos concordar que geralmente se aborda "menos conteúdo" com a maioria das estratégias ativas (embora em profundidade diferente). A sala de aula invertida permite

que diversos "conteúdos" sejam deslocados para o ambiente extraclasse de instrução direta e a sala de aula seja utilizada para aplicar e analisar os conceitos principais (assim nada é "perdido"). Além disso, os estudantes que desejam instrução direta por aulas expositivas podem tê-las quando se utiliza videoaulas, e eles podem assisti-las quantas vezes acharem necessário. Desta forma, a inversão da sala de aula e utilização de outras estratégias ativas de ensino em sala de aula podem lidar com esse "problema".

De fato, em nossa experiência, observamos um aumento nos "conteúdos" abordados após a inversão da sala de aula. Mais do que isso, os objetivos pedagógicos avançaram na taxonomia de Bloom consideravelmente (FERRAZ, 2010). O aprofundamento teórico é um dos pontos que mais nos motiva a continuar utilizando esta estratégia pedagógica. Em aulas expositivas, os estudantes observam a "palestra" do professor e tomam nota de tudo o que é apresentando. Nenhum momento é cedido para a reflexão do que o professor apresenta. Além disso, em diversas circunstâncias, o estudante não tem nenhum conhecimento prévio para ancorar o que o professor apresenta. Neste modelo tradicional, dificilmente escutamos os alunos dizerem: "ah, então é por isso que [...]"; "hum... agora entendi isso [...]", pois, eles gastam toda a energia e atenção tomando nota de tudo o que o professor fala, com medo de perder algo. Por outro lado, durante as atividades de sala de aula invertida o estudante pode pausar a aula, refletir, anotar a dúvida e pesquisá-la; ainda, há momento para reflexão, para articular os conhecimentos novos com os conhecimentos prévios.

O fomento à discussão e o desenvolvimento da comunicação também parecem ser beneficiados. Frequentemente incentivamos os estudantes a explicarem para seus pares os conceitos que algum grupo não entendeu.

Quando se utiliza algum ambiente virtual ou vídeos, é necessário que os estudantes tenham acesso à internet de alta velocidade. Em algumas situações, este pode ser um fator que dificulte a implementação de uma sala de aula invertida. No entanto, estratégias têm sido relatadas para contornar tal situação. Por exemplo, é possível disponibilizar CD-ROM ou *Pen Drive* com as vídeo-aulas para os estudantes com dificuldade de acesso à internet. Em algumas localidades, as instituições têm laboratórios de informática, e estes espaços poderiam ser utilizados com os estudantes que não tem acesso a computadores, por exemplo.

Para os professores que produzem videoaulas existe uma curva de aprendizado no que tange a gravação e edição de vídeos. É necessário ter algum equipamento para realizar a gravação, embora os smartphones atuais tenham câmeras capazes de proporcionar excelentes gravações; a edição do vídeo pode ser outro aspecto que um bom tempo deve ser investido no aprendizado com *softwares* de edição.

Um ponto negativo é o tempo gasto pelo professor para toda a produção de um vídeo. Somando-se tempo de organização de material e do roteiro, preparo da apresentação e das imagens utilizadas durante a apresentação, gravação do vídeo, sincronização e edição, um tempo muito grande é despendido.

A resistência de alguns estudantes eventualmente pode ser um problema que desmotive o professor e até mesmo o faça abandonar esta estratégia. Nosso grupo de professores enfrentou uma resistência por parte de alguns estudantes nos primeiros semestres de utilização. Nas turmas subsequentes, despendemos um tempo maior na apresentação da estratégia e na forma de estudo com esta estratégia pedagógica e tal resistência não ficou mais evidente.

Outro ponto que pode apresentar dificuldade é a mudança na forma de estudar dos estudantes: uma verdadeira quebra de paradigma. Neste formato, os estudantes devem estudar previamente a aula para que a mesma possa ser realizada de forma adequada. No geral, este não é um problema muito recorrente uma vez que os estudantes estão em contato com estratégias ativas de ensino desde o primeiro dia de aula. Isso cria uma cultura de estudo que realmente acontece. Eventualmente algum estudante não realiza o estudo de casa e durante a atividade presencial isso se torna gritante aos olhos dos demais estudantes. Isso não costuma acontecer duas vezes.

Embora os primeiros relatos da utilização da sala de aula invertida datem do final da década de 90, poucas experiências utilizando esta estratégia de ensino têm sido relatadas no ensino de odontologia. Esta seção pretende relatar e discutir brevemente as percepções de estudantes do Curso de Odontologia da Univates, frente à sala de aula invertida, a qual foi a principal estratégia pedagógica durante um semestre. Um questionário (*Google* formulários) contendo questões abertas e fechadas foi encaminhado via e-mail para todos os estudantes (n=20) do módulo que responderam anonimamente suas percepções frente à estratégia pedagógica.

Cerca de 80% dos estudantes relataram que perceberam que aprenderam ou aprenderam muito com a estratégia utilizada; 85% apontaram que a estratégia tem favorecido o aprendizado e 50% descreveram que ela facilita a habilidade de resolver problemas. Estudantes perceberam uma participação mais ativa dos colegas, o que favoreceu um melhor entendimento dos conceitos discutidos. Também relataram que a sala de aula invertida auxiliou a atenção e a motivação em sala de aula. Considerando as competências gerais para a área da saúde, todas (atenção à saúde, tomada de decisão, gestão em saúde, comunicação e educação permanente), exceto a liderança, foram favorecidas com a estratégia. Embora 85% dos estudantes tenham relatado que gostariam de continuar com essa metodologia, 15% reportaram que preferem aula expositiva tradicional.

A inversão da sala de aula é uma estratégia pedagógica que pode promover um ganho no aprofundamento cognitivo, assim como permitir que atividades que exercitem habilidades afetivas sejam realizadas no momento presencial. A utilização da sala de aula invertida aliada a outras estratégias ativas de ensino no ambiente presencial parece potencializar seus benefícios. Apesar de observadas barreiras para o seu emprego, os benefícios pedagógicos superam as dificuldades. As metodologias ativ estão cada vez mais difundidas no ensino superior, porém, ainda há a necessidade de desconstrução de paradigmas. Desta forma, é importante que os colegiados de curso e instituições possibilitem a formação de docentes em estratégias ativas de ensino e aprendizagem e estimulem a aplicação destas estratégias com seus alunos. Reitera-se que, a desconstrução dos modelos tradicionais de transmissão de conhecimento ocorre gradualmente e de maneiras diferentes, dependendo de diversos fatores como o perfil docente, o perfil discente, estímulo e suporte institucional, além de fatores socioeconômicos que podem facilitar ou dificultar o acesso à um computador pessoal e uma internet de qualidade.

Para aqueles que sentirem-se aptos e dispostos a utilizar tal estratégia, fica a sugestão de investirem tempo adequado para explicação e treinamento da técnica com seus estudantes, pois o processo construído em conjunto, de forma transparente e democrática, apresenta resultados próximos daqueles almejados nas competências gerais para os cursos da área da saúde.

Referências

AUSUBEL, D.P. **The acquisition and retention of knowledge: A cognitive view. Dordrecht**, Kluwer Academic Publishers. 2000

BERGMANN, J.; SAMS, A. **Sala de Aula Invertida**: uma metodologia de aprendizagem. Rio de janeiro: LTC, 2016.

FERRAZ, A. P. C. M., BELHOT, R. V. **Taxonomia de Bloom:** revisão teórica e apresentação das adequações do instrumento para definição de objetivos instrucionais. Gest. Prod., São Carlos, v. 17, n. 2, p. 421-431, 2010

MAZUR, E. **Peer Instruction**: a revolução da aprendizagem ativa. v. Porto Alegre: Penso, 2015.

VICKREY, T. et al. **Research-Based Implementation of Peer Instruction**: A Literature Review. CBE Life Sci Educ, v. 14, p. 1-11, 2015.

TALBERT, R. **Guia para a utilização da aprendizagem invertida no ensino superior.** Porto Alegre: Penso, 2019

VYGOTSKY, L. S. **A formação social da mente.** 2. Ed. Brasileira. São Paulo: Martins fontes, 1988.

ENSINO E APRENDIZAGEM NO CONTEXTO DA ODONTOPEDIATRIA

Francine dos Santos Costa
Luiz Alexandre Chisini

A Odontopediatria encontrou, ao longo de décadas, barreiras tanto no ensino, quanto na prática clínica; porém, evoluiu expressivamente até a contemporaneidade tanto no que se refere à técnica, quanto ao entendimento da criança como um ser biopsicossocial singular (GUEDES-PINTO, 2014). Apesar de tantos avanços terem sido observados na atenção odontológica voltada à criança, existem, ainda hoje, desigualdades marcantes em relação ao acesso desta população aos serviços de saúde bucal, especialmente nos primeiros anos de vida (ESSVEIN; BAUMGARTEN, 2019), e principalmente em países como o Brasil, com populações em situação de grande vulnerabilidade social.

A atenção à saúde nos primeiros anos de vida da criança é fundamental para seu crescimento e desenvolvimento e a saúde bucal tem um papel importante neste processo. A cárie dentária, uma das doenças bucais mais prevalentes na infância (KASSEBAUM et al., 2017) podendo impactar negativamente na qualidade de vida da criança e de sua família (CHAFFEE et al., 2017). Esta doença distribui-se de forma desigual na população, acometendo com mais frequência e de forma mais severa crianças pertencentes a famílias socioeconomicamente desfavorecidas (PERES et al., 2019). A atenção à saúde da criança, incluindo a saúde bucal, é uma estratégia fundamental para redução de sequelas de doenças ao longo da vida. O caminho para a melhora da condição de saúde bucal e geral está em estratégias de prevenção na primeira infância.

A Odontopediatria no ensino de graduação

O ensino da Odontopediatria no Brasil teve início, ainda que de forma incipiente, na década de 30 e a melhora na qualidade do ensino foi possível a partir da criação, com o passar das décadas, de cursos de pós-graduação e formação de recursos humanos (GUEDES-PINTO, 2014). Atualmente, um

dos principais desafios no ensino da especialidade na graduação, em uma perspectiva mais geral, é a sensibilização dos estudantes para a importância que terão na vida de muitas crianças, ao passo que a grande maioria não terá acesso a serviços especializados. Ainda que a(o) Odontopediatra seja uma(um) profissional qualificado para o atendimento de crianças e adolescentes, tendo escolhido como foco de sua formação a atenção voltada à estes grupos, e que seja capacitado para oferecer os melhores cuidados, em um país tão desigual como o Brasil, é imprescindível que sejam formados profissionais generalistas, cientes de sua responsabilidade social e compromisso com a defesa da cidadania a partir de princípios humanistas e com base na ética, preservando a dignidade humana e a saúde integral do ser humano (LEMOS, 2001).

A desconstrução de algumas percepções sobre o atendimento da criança, principalmente daquelas mais jovens, é essencial no ensino da especialidade. A introdução à Odontopediatria deve ser voltada para compreensão das percepções dos estudantes sobre o que será a prática da odontologia neste contexto. Quando questionados sobre as suas percepções sobre a Odontopediatria, não é incomum que os estudantes mencionem palavras que dão a ideia de aversão, como *gritos* e *medo*. Por não compreenderem ainda o universo da criança ou os meios de aproximação com seu universo, os estudantes sentem-se inseguros e expressam essa insegurança no cotidiano, portanto dessensibilizar os estudantes através de abordagens relacionadas ao manejo da criança, é essencial. É preciso que os estudantes sejam estimulados a pensar o mundo sob a perspectiva da criança, identificando e assumindo todas as suas especificidades, além de considerarem as características do núcleo familiar ao qual essa criança pertence.

Odontopediatria e metodologias ativas

O ensino da Odontopediatria no Curso de Odontologia da Univates acontece de forma mais direcionada nos módulos finais. Nesta fase já identificamos estudantes com um perfil mais crítico e com melhor entendimento do ganho em aprendizagem que as metodologias ativas proporcionam e, portanto, mais engajados para que as mesmas aconteçam. É importante destacar, que o sentido dado à aprendizagem é mais significativo quando os estudantes estão motivados e esta aprendizagem depende das atividades geradas pelo ensino (PAIVA et al., 2016). Para ser significativa, é fundamental uma aproximação ao universo dos estudantes e aos seus conhecimentos prévios, estabelecendo um ponto de partida até a ampliação dos pontos de vista em relação aos aspectos que estão sendo trabalhados em sala de aula. No contexto da Odontopediatria, é importante estabelecer uma

conexão entre conhecimentos e experiências prévias e novos conhecimentos a respeito da atenção à criança e ao adolescente.

Entre as estratégias pedagógicas utilizadas para o ensino de Odontopediatria na Instituição está o método de caso, que consiste na apresentação de um caso aos estudantes, que têm como base um contexto real ou uma situação elaborada especificamente para fins pedagógicos, mantendo o aspecto realista (MATTAR; AGUIAR, 2018). A estratégia permite que os estudantes vivenciem uma situação prática, apliquem e relacionem conceitos, façam análises e busquem soluções para os problemas implicitamente relacionados ao caso. O método de caso difere do estudo de caso, sendo este último uma metodologia da pesquisa científica e não uma metodologia de ensino. De acordo com (IIZUKA, 2008), alguns aspectos são fundamentais no método de caso:

1. O professor deve elaborar casos relevantes, consistentes e com maior detalhamento possível, além de atuar como um facilitador, estimulando a participação ativa dos estudantes e analisando argumentos e sugestões que possam satisfazer os aspectos relacionados ao caso;
2. Os estudantes devem se preparar por meio de leituras aprofundadas e pesquisas de informações adicionais, em busca de alternativas que possam ser adotadas para a solução de um problema ou na tomada de decisão. Não há respostas corretas, mas os argumentos devem ser avaliados e debatidos até que se identifique uma abordagem mais adequada;
3. No caso apresentado, o problema não é explicitado, assim como não os são em contextos reais.

A Figura 1 apresenta uma representação esquemática de como o método de caso pode ser conduzido pelo professor.

Figura 1 - Representação esquemática da aplicação do método de caso, com base nos passos apresentados por Iizuka (2008).



Fonte: Autoria própria (2020), adaptado de Iizuka (2008).

O resultado da personalização do ensino superior na Instituição e o emprego de metodologias que estimulam a autonomia do estudante tem contribuído para a formação de futuros profissionais com senso crítico, engajados em questões referentes à promoção de saúde. Os estudantes demonstram um olhar ampliado para questões relacionadas à saúde e reconhecem a importância do vínculo e do atendimento humanizado. De forma gradual, as barreiras inicialmente identificadas pelos estudantes no atendimento à criança são superadas, uma vez que os medos e inseguranças dão lugar aos vínculos estabelecidos dia após dia e à noção de estarem contribuindo para melhora na condição de saúde bucal e de vida de muitas crianças e famílias.

Referências

CHAFFEE, B. W.; RODRIGUES, P. H.; KRAMER, P. F.; VITOLO, M. R.; FELDENS, C. A. **Oral health-related quality-of-life scores differ by socioeconomic status and caries experience**. Community Dent Oral Epidemiol, v. 45, p. 216-224, 2017.

ESSVEIN, G.; BAUMGARTEN, A. **Dental care for early childhood in Brazil: from the public policy to evidence**. Rev. Saúde Pública, v. 53, p. 15-18, 2019.

GUEDES-PINTO, A. A. **A história do ensino da odontopediatria no Brasil**, GEN-GRUPO EDITORIAL, 2014.

IIZUKA, E. S. **O método do caso de Harvard: Reflexões sobre sua pertinência ao contexto brasileiro**. Anais do Encontro da Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Administração, 2008.

KASSEBAUM, N. J.; SMITH, A. G. C.; BERNABE, E.; FLEMING, T. D.; REYNOLDS, A. E.; MURRAY, C. J. L. et al. **Global, Regional, and National Prevalence, Incidence, and Disability-Adjusted Life Years for Oral Conditions for 195 Countries, 1990-2015: A Systematic Analysis for the Global Burden of Diseases, Injuries, and Risk Factors.** J Dent Res, v.96, p. 380-387, 2017.

LEMOS, C. L. S. **A implantação das Diretrizes Curriculares dos Cursos de Graduação em Odontologia no Brasil: algumas reflexões**. Revista da ABENO, p. 80-85, 2001.

MATTAR, J.; AGUIAR, A. P. S. **Metodologias Ativas: Aprendizagem Baseada Em Problemas, Problematização e Método Do Caso**. Brazilian Journal of Education, Technology and Society, v.11, p. 404-415, 2018.

PAIVA, M. R. F.; PARENTE, J. R. F.; BRANDÃO, I. R.; QUEIROZ, A. H. B. **Metodologias ativas de ensino-aprendizagem: revisão integrativa**. SANARE-Revista de Políticas Públicas, v.15, 2016.

PERES, M. A.; MACPHERSON, L. M. D.; WEYANT, R. J.; DALY, B.; VENTURELLI, R.; MATHUR, M. R. S. et al. **Oral diseases: a global public health challenge**. Lancet, v.394, p. 249-260, 2019.



Sala de empreendedorismo da Univates

Foto: Ana Amélia Ritt



Saída de campo com o Prof. André Jasper

Foto: acervo pessoal



Professor João Peixoto encenando seu personagem Adalbertino.

Foto: acervo pessoal



Atividade de estudos em anatomia de cabeça e pescoço conduzida pela professora Magali Quevedo Grave

Foto: acervo pessoal

Parte IV - Dialogando com os resultados

"Toda experiência de aprendizagem se inicia com uma experiência afetiva"
Rubem Alves

Quando começamos a pensar na concepção do livro, logo nos perguntamos: como seria possível incluir os atuais estudantes e os professores que haviam participado do processo? Muitas das produções do Curso, no decorrer destes anos, já tinham a parceria entre professores e estudantes, sendo essa uma característica importante do Curso.

No começo do primeiro semestre de 2020 fizemos o convite aos estudantes, num primeiro momento, para a primeira turma do Curso e a provocação foi: construir um texto livre de duas a quatro páginas sobre a sua passagem no Curso. Depois, incluímos mais três turmas no convite. A seguir, convidamos alguns professores que estiveram ou ainda estão envolvidos com o Curso e por último os cirurgiões-dentistas que trabalham na Clínica Odontológica Ampliada (COAm).

Compõem esta parte do livro todos os textos que recebemos. Eles dialogam com o perfil de egresso que estamos buscando e reafirmam a ideia de que o Curso ocupa uma posição bem importante na vida de muitos estudantes, assim como na de professores e profissionais. Os resultados foram bastante agradáveis e reforçam a ideia de um profissional preocupado com a vida, humanista e capaz de utilizar a educação permanente como instrumento de possibilidade de mudança do mundo ao seu redor.

O primeiro texto é escrito pela professora Daiani Clesnei da Rosa, pedagoga, coordenadora do NAP quando o curso iniciou suas atividades de planejamento que, num relato entrecortado com falas de Paulo Freire, nos apresenta sua versão sobre diversos fatos relatados anteriormente.

No texto seguinte a professora Aline Blaya Martins Santa Helena discorre sobre a importância de nunca pararmos de sonhar e semear sonhos expondo sua impressão sobre os primeiros passos que o curso dava, na ocasião de sua participação.

Depois a professora Olinda Lechmann fala sobre a aproximação que a Psicologia vem procurando fazer com os estudantes e professores do curso. O texto está em uma linguagem simples, mas cheio de significados.

A professora Luciane Maria Pilotto relata seu início na docência e seu esforço em acompanhar o coordenador do curso desde o início da ideia, através de exemplos de atividades vivenciadas no longo tempo que esteve conosco.

O texto seguinte é escrito pela professora Aline Macarevich Condessa que ficou pouco tempo no Curso, mas com uma participação muito intensa na sua primeira experiência na docência.

O professor Renan Roberto da Costa relata sua experiência como estudante de um curso modular que agora se torna professor de outro curso modular integrado.

Finalizando os textos dos professores desta parte, Leonardo Villar Filgueiras escreve sobre sua recente experiência na docência do Curso e suas percepções sobre a organização e as atividades propostas.

Seguem-se os textos do quinto (1 estudante), sexto (1 estudante), sétimo (3 estudantes) e décimo (8 estudantes) módulos que contribuem com esta parte do livro trazendo suas vivências, evoluções e interpretações sobre os fatos que relatamos.

Para finalizar, os dois cirurgiões-dentistas que trabalham na COAm escrevem suas percepções sobre o processo de acompanhamento do estágio.

As produções trazem uma faceta do trabalho que estamos realizando e apresentam um retorno importante para a nossa avaliação e com isso, aprofundar as atividades que tenham ou têm sido exitosas e, também, possa promover modificações naquelas que não obtiveram êxito. Esta relação dialógica com as percepções que as pessoas têm e sentem, inspirou o título desta parte do livro: Dialogando com os Resultados.

"Que eu não perca a vontade de ter grandes amigos,
mesmo sabendo que, com as voltas do mundo,
eles acabam indo embora de nossas vidas."
Ariano Suassuna

UMA PEDAGOGA NO CURSO DE ODONTOLOGIA: INCERTEZAS, DESCONSTRUÇÕES E DESAFIOS

Daiani Clesnei da Rosa

PERCEPÇÕES INICIAIS - INCERTEZAS

Uma pedagoga no curso de Odontologia relata a experiência de criação e organização deste curso de graduação, por meio das percepções e orientações do profissional que auxiliou o colegiado de professores na concretização do Projeto Pedagógico do Curso (PPC). A profissional pedagoga atuava no Núcleo de Apoio Pedagógico (NAP), na Universidade do Vale do Taquari - UNIVATES, situada na cidade de Lajeado -RS/Brasil.

Como todos os cursos de graduação, desta instituição, a criação surge na reunião do Conselho Universitário por meio de decreto Institucional, com a indicação de um coordenador, que é um profissional da área do curso. A partir desse momento o coordenador passa a assumir a responsabilidade de organizar o Projeto Pedagógico do Curso, convidando profissionais da área e montando um colegiado.

O coordenador do curso agendou um encontro com a pedagoga institucional para mostrar que a matriz curricular estava organizada, após diversas reuniões do colegiado. Neste momento, se apresentam as *incertezas,* pois são realizados diversos questionamento iniciais sobre: a) qual a relação dessa matriz com os objetivos do curso? b) de que forma ela permite uma metodologia mais ativa por parte dos estudantes? c) como essa matriz permite o acompanhamento contínuo do desempenho dos estudantes? d) como possibilitar o desenvolvimento de habilidades e competências por parte dos estudantes por meio dessa matriz curricular?

A partir desse momento o coordenador percebe que esses questionamentos geram incertezas quanto a forma de organização de um curso de graduação que precisa considerar diversos aspectos da legislação educacional vigente e a necessidade de orientações didático pedagógicas.

Dessa forma, ele organiza uma agenda de reuniões com o colegiado, considerando a participação da pedagoga como orientadora das discussões nesses encontros. Assim se iniciam as reflexões a cerca de uma proposta pedagógica diferenciada, num curso mais humanizado e humanizador, por meio da "relação dialógica [...] um dos eixos fundamentais sobre as quais deve se apoiar a prática pedagógica" (FREIRE, 1995, p. 82).

PERCURSO I - DESCONSTRUÇÕES

O colegiado do curso de Odontologia era formado por um grupo de profissionais jovens e ávidos para organizar uma proposta pedagógica diferente de suas formações iniciais. Era interessante ouvi-los apresentando suas experiências profissionais, relatando aspectos que sentiram falta em suas formações iniciais. No entanto, estavam presos em ideias muito tradicionais de ensino, com um foco muito grande ainda no ensino como aspecto mais importante do processo pedagógico, lembrando que, ensinar exige pesquisa, criticidade e curiosidade (FREIRE, 2010).

Uma das principais desconstruções do grupo de docentes esteve relacionada a mudança de postura acerca da função do professor, ou seja, "o professor deve ensinar. É preciso fazê-lo. Só que *ensinar* não é *transmitir* conhecimento. Para que o ato de ensinar se constitua como tal, é preciso que o ato de *aprender* seja precedido [...]" (FREIRE, 1995b, p. 118). Os encontros fizeram com que o grupo, antes de formatar o curso, refletisse sobre o processo de aprendizagem. Como você aprende? Que estratégias você utiliza para aprender? O que facilita sua aprendizagem? O que dificulta? E assim por diante foram sendo levantados diversos aspectos didáticos pedagógicos que compõem os processos de ensino e de aprendizagem.

Durante os encontros foi possível perceber os conflitos e incertezas que surgiam no grupo de professores, em relação as suas "verdades" que iam se desconstruindo conforme os questionamentos apresentados. As reuniões se tornaram momentos riquíssimos de reflexão. Alguns dos docentes já atuavam como professores em outras instituições de ensino superior, isso desencadeou discussões acerca da relação entre teoria e prática, em que emergiram diversas incertezas. Para Freire (1995a, p. 106) "teoria e prática, em suas relações, se precisam e se complementam. [...] há sempre embutida na prática, uma certa teoria escondida, como há, num projeto teórico nascendo não de uma prática concreta, a prática futura que avaliará a prática teórica".

Assim foram se consolidando os processos reflexivos acerca da construção de um Projeto de Curso de graduação realmente pedagógico, em que foi possível vivenciar atividades práticas em locais diferenciados, fora dos muros do espaço acadêmico. Nesse processo de desconstrução ocorreram momentos doloridos de embates de ideias com o intuito de

trazer "a consciência do inacabamento" (FREIRE, 1995c, p. 75). As incertezas perpassaram por todos os encontros como mola propulsora de diálogos complexos e disruptivos, que possibilitaram organizar uma proposta pedagógica mais humanizada.

PERCURSO II – DESAFIOS

Ao refletir acerca dos desafios, promovidos nas reuniões em que ocorreram estudos teóricos acerca: a) dos processos de aprendizagem e de ensino; b) do desenvolvimento de habilidades e competências humanas e profissionais por parte dos estudantes; c) da compreensão e diferenciação de critérios, procedimentos e instrumentos no processo de avaliação de desempenho dos estudantes e dos docentes, que necessita ser contínua e cumulativa, foi constatado a necessidade de ampliação das reuniões. Antes do início do curso com os estudantes ocorreu uma ampliação do número de professores nas reuniões enriquecendo as discussões, porém causando uma certa sensação de interrupção no processo que se encontrava em ebulição crescente, pois diversos professores já tinham experiências docentes em cursos de graduação numa modalidade mais tradicional.

Com o aumento do grupo de professores, foram sendo realizados ajustes nos encontros, dificultando assim a participação contínua de todos. Essa situação foi um desafio para a pedagoga que promovia as discussões em parceria com o coordenador do curso. No entanto. esse descompasso de conhecimentos, ideias e concepções pedagógicas auxiliou na compreensão da realidade conflituosa e pulsante que os professores iriam encontrar nos estudantes ingressantes no curso.

No início das aulas de Odontologia a pedagoga fez inferências nas turmas de estudantes, abordando aspectos em relação: a) a diferença entre alunos (da educação básica) e estudantes (no ensino superior) no que diz respeito ao desenvolvimento de habilidades de autonomia, responsabilidade e comprometimento com a vida acadêmica; b) a desconstrução nos estudantes da compreensão dos processos de ensino e de aprendizagem que constituíram suas formações iniciais; c) a necessidade de construção de habilidades de colaboração coletiva, respeito às diferenças e mudança de paradigma da competição individual excludente para o desenvolvimento de habilidades de cooperação e inclusão.

PERCEPÇÕES FINAIS – REALIZAÇÕES

Após o período de implantação do curso de Odontologia é possível afirmar que muitas foram as realizações como pedagoga atuando na função de promover reflexões críticas-didático-pedagógicas com o colegiado de professores e os estudantes deste curso. Os encontros foram marcantes,

em que se percebeu o comprometimento dos professores em criar uma proposta pedagógica voltada para a aprendizagem significativa, por meio de estratégias metodológicas ativas, com o acompanhamento contínuo do desempenho dos estudantes, realizando um diálogo reflexivo e contínuo.

A participação da pedagoga na construção desse Projeto Pedagógico de Curso trouxe à tona a importância do olhar sensível, coerente e questionador para auxiliar as pessoas que desenvolvem os processos de ensino e de aprendizagem. Os encontros foram acolhedores e abertos à pedagoga que pode realizar sua função de suscitar discussões que visavam o aprimoramento da relação necessária entre teoria e prática pedagógica.

O agradecimento por participar de uma experiência tão gratificante precisa ficar registrada neste texto, por acreditar que a educação necessita de docentes corajosos e dispostos a enfrentar os desafios e as incertezas da mudança, desencadeando formas de intervenção no mundo. A realização está na convicção que a mudança é possível com competência profissional e generosidade.

Referências

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da Autonomia**: saberes necessários à prática educativa. 41ª ed. São Paulo: Paz e Terra, 2010.

FREIRE, Paulo. **A educação na cidade**. 2ª ed. São Paulo: Cortez, 1995a.

FREIRE, Paulo. **Professora sim, tia não**: cartas a quem ousa ensinar. 7ª ed. São Paulo: Olho d'água. 1995b.

FREIRE, Paulo. À sombra desta mangueira. São Paulo: olho d'água, 1995c.

SEMEADORES DE SONHOS

Aline Blaya Martins Santa Helena

É que lido com gente. Lido por isso mesmo, independentemente do discurso ideológico negador de sonhos e das utopias, com os sonhos e as esperanças tímidas, às vezes, mas às vezes, fortes, dos educandos. Se não posso de um lado estimular sonhos impossíveis, não devo de outro, negar a quem sonha o direito de sonhar. Lido com gente e não com coisas. Paulo Freire, pág 53, 1996.

O ofício de professor sempre me pareceu um grande desafio, e, na maioria dos casos, um grande suplício. Em muitos anos dedicados a minha escolarização, mais do que a minha emancipação, e a aprendizagem de conhecimentos, construí uma certeza de que Rubem Alves estava certo quando dizia que bastava olhar para os olhos amedrontados das crianças e os seus rostos cheios de ansiedade para compreender que a escola lhes trazia sofrimento (ALVES, 1994). O palpite do grande mestre era que, se se fizesse uma pesquisa entre as crianças e os adolescentes sobre as suas experiências de alegria na escola, eles teriam muito a dizer sobre a amizade e o companheirismo entre eles, mas pouquíssimas seriam as referências à alegria de estudar, compreender e aprender. Acredito que se questionarmos hoje, a estudantes e professores, nas escolas, talvez possamos ter relatos não muito diferentes. Seria a escola um espaço que captura a alegria em troca de um suposto conhecimento?

Difícil entender como um lugar que deveria ajudar seres humanos a reconhecerem as asas que tem e que os permite alçar voos em busca do conhecimento pode se tornar um grande podador de asas, um espaço que ceifa alegria e a produção de singularidade e de vida. Nesta perspectiva, terminar a escola foi sim um momento de grande alegria para mim, assim como acredito ter sido para grande parte dos estudantes no mundo. A possibilidade de ingressar em uma Universidade, onde supostamente estariam os maiores pensadores, intelectuais e até certo ponto os docentes

mais "qualificados" da sociedade brasileira, me parecia um desafio que valia a pena ser vivido... Finalmente seria possível estudar com prazer coisas que seriam úteis para o resto da minha vida.

Ledo engano, a Universidade, como bem descrita por Darcy Ribeiro, é uma instituição histórica e ideologicamente em crise uma vez que, apesar de possuir um potencial de mudança da sociedade global, costuma erguer-se como uma fortaleza defensiva do *status-quo* (RIBEIRO, 1975). Na Universidade, enquanto aluna, observei que aquele lugar que deveria ter um papel singular de enamorar e emancipar pessoas no que tange seus futuros ofícios e que deveria ser formador de consciência crítica, muitas vezes não passava de mais um espaço bancário, punitivo, classista, sexista, excludente, hostil e raso.

Foram anos de um questionamento constante sobre quais poderiam ser os prazeres de uma vida adulta e profissional exitosa se os espaços e os atores responsáveis por me conduzir na dita construção de conhecimento viviam focados em exibir suas qualidades, seus títulos e predicados. Preocupados em comercializar seus conhecimentos e em se valer do espaço acadêmico com plataforma de marketing pessoal, ou como opressores que regozijam diante do sofrimento e da fragilidade de educandos que não se adaptam a estrutura universitária, ou ainda que não conseguem lidar com o formato compartimentalizado e com a transmissão vertical de conhecimentos, que tantas vezes são rasos e nem um pouco aplicáveis às vicissitudes do mundo real e as necessidades da população. Foram anos decorando protocolos de excelência em Odontologia, com alta tecnologia dura agregada e custos altíssimos despendidos em uma formação que progressivamente me fazia questionar quem um dia poderia pagá-la e a serviço de quem estaria aquele trabalho, sendo que a dor de origem odontogênica causada pela miséria, pelo descaso e pela desigualdade sempre foram pouco exploradas.

Contudo, foi ali, em mais um ambiente inóspito, hostil e desestimulante que encontrei o primeiro semeador de sonhos que passou em meu caminho, Edson Mesquita. Um educador implicado e comprometido, comprometido em devolver a autoestima através da Odontologia feita com o cuidado e o amor que um artista dedica a sua obra, bem como comprometido com o despertar da alegria e da implicação com arte da Odontologia por parte de todos os educandos que o cercavam. Com ele também me vi educadora/educanda e aprendi que grandes mestres não têm dificuldade alguma em se colocar também como aprendizes.

É neste contexto que podemos evocar a necessidade da alegria no espaço de aprendizagem como potência de vida fazendo-se mister pensar em Paulo Freire e em Rubem Alves posto que, enquanto brasileiros, deveríamos ter aprendido e incorporado o que os nossos grandes educadores apontaram e que vem sendo amplamente e ideologicamente questionado e perseguido (FREIRE, 1996; ALVES, 1994). Ambos nos ensinam que precisamos ser

capazes de semear sonhos, de transformar a prática pedagógica em tomada de consciência, em troca e em emancipação. De maneira crítica, radical, ética e comprometida devemos dialeticamente ensinar e aprender entendendo as dificuldades enfrentadas pelos estudantes tantas vezes oprimidos em suas trajetórias de vida como incapazes, não os olhando de uma forma complacente, mas sim como um ato de humanidade, de potência para a insurgência, como força motriz para a tomada de consciência. Os autores nesse processo reforçam a importância do fazer pedagógico ser tomado de bem querer pelos educandos sendo a amorosidade e a alegria uma necessidade e não um argumento para subestimar a nenhum educando.

Bell Hooks, professora universitária insurgente, negra e norte americana, foi seguidora de Freire e de sua obra. Aqui me permito uma digressão para explicar que o nome da autora deve ser redigido com letras minúsculas mesmo, porque ela, assim como Clarice Lispector, nunca se deixou enquadrar por normas técnicas ou pelas capturas do basismo que impõem que façamos a vida toda tudo igual única e exclusivamente porque assim deve ser. Em sua obra magistral *Ensinando a Transgredir,* a autora fala do quanto o espaço acadêmico espera que professores universitários publiquem trabalhos científicos, mas, como ninguém espera ou exige deles que realmente se dediquem ao ensino de maneira apaixonada. É fato, a paixão e a amorosidade não constam de forma alguma em qualquer processo seletivo para docente (HOOKS, 2017). Mas, por ironia, foi em uma universidade privada, elitista, classista e sexista... Que eu fui esbarrar com o Professor Edson, o primeiro semeador de sonhos que tive no meu itinerário pedagógico vivido até ali.

> "Os professores que amam os alunos e são amados por eles ainda são "suspeitos" na academia. Parte dessa suspeita se deve à ideia de que a presença de sentimentos, de paixões, pode impedir a consideração objetiva dos méritos de cada aluno. Mas essa noção se baseia no pressuposto falso de que a educação é neutra, de que existe um terreno emocional "plano" no qual podemos nos situar para tratar a todos de maneira igualmente desapaixonada" (HOOKS, 2017).

A vida, todavia, não é neutra, não é plana e não pode ser indiferente. Deve e precisa ser correta e ética, mas, jamais indiferente. Aprendi isso observando o primeiro semeador de sonhos que passou no meu caminho. A matéria prima que constitui um semeador de sonhos é a clareza do quanto o aprender e o ensinar são indissociáveis e do quanto este processo dialético precisa de materialidade, para ensinar é preciso ser, é preciso constituir-se em exemplo vivo de humildade, não de basismo. Com este professor/semeador aprendi a amar a aprendizagem, a ciência e a pesquisa, aprendi que também podia "ensinar" algo a ele única e exclusivamente por ser

ouvida com paciência e sensibilidade, também com ele aprendi o impacto que é ouvir de um semeador de sonhos, de alguém que você admira: "Vá em frente, você pode, você precisa crescer, vá além…" O semeador de sonhos rega as sementes que já existem, aduba, protege e ao final apenas observa e dá espaço para que os brotos nasçam e para que a vida floresça. Ali nascem os brotos que irão gerar vida, que produzirão oxigênio, alimento e frutos.

Ao terminar a graduação, sonhei pelos olhos do mestre com as áreas mais duras da odontologia e carreguei comigo uma certeza, que em algum lugar, em algum momento, o desejo de semear sonhos iria ocupar um espaço privilegiado na minha existência. Contudo tal certeza era uma convicção meramente intuitiva e, naquele momento, eu não tinha clareza do que era necessário para que alguém se tornasse um semeador de sonhos e não mais um professor como a grande maioria.

A Odontologia estética ocupou um tempo da minha vida, todavia, sempre parecia não preencher inquietações e perguntas construídas ao longo do tempo. E quem não tem como pagar? E quem tem tantas sequelas que não há recurso para resolver? Por que as pessoas mais pobres perdem seus dentes e não se incomodam com isso?...Como uma criança curiosa, adentrei o mundo do trabalho. E, em meio a reabilitações orais complexas, crédito educativo e muitas incertezas, foi uma amiga, daquelas que estão entre as melhores memórias do espaço acadêmico, quem me ofereceu uma oportunidade de trabalhar no Sistema Único de Saúde, me levou à Saúde Coletiva e ao contato direto com populações vulneráveis; tudo muito distante do que me foi ensinado nos bancos da Universidade. E foi ali que todas as minhas concepções se modificaram, ali entendi uma frase atribuída a Cora Coralina que li dia desses em algum lugar "O saber a gente aprende com os mestres e os livros. A sabedoria se aprende é com a vida e com os humildes.". Sim, ali no mundo do trabalho minha concepção de construção de conhecimento se rompeu de uma forma violenta e definitiva, e o tempo todo passei a repetir uma frase que a vida inteira escutei do meu pai "quem sabe faz, quem não sabe, ensina"... Que injusto, que lamentável, que perverso... Até hoje me questiono, porque passar por certos processos pedagógicos e por tanto tempo de forma(ta)ção, que em nada ajudam e que muitas vezes apenas evocam as trevas do egoísmo, da indiferença e da insensibilidade que existem em todos nós, se para sermos bons profissionais e pessoas precisamos mesmo é sair de nossas bolhas sociais e passar pela escola da vida? Ah, a escola da vida... A escola da vida sim é repleta de semeadores de sonhos, pena que muitos deles ou não tiveram oportunidade ou desacreditaram da escola e da academia como possibilidade de potência e como espaço possível de se reinventar.

Entendi ali que o mundo era distópico, que havia uma pane no sistema e que era preciso reiniciar tudo, que os semeadores de sonhos, aqueles dos territórios da vida, precisavam ser levados ao espaço acadêmico

e que jovens como eu precisavam saber disso antes que suas almas e suas pulsões vitais fossem roubadas pela máquina de moer gente, que é como hoje defino a universidade muitas vezes quando vejo inúmeros educandos apáticos, indiferentes, tristes... A Universidade precisa ser mais. Quem sabe, pode e deve ensinar. Se não sabe, que se coloque como aprendiz, o que não se pode aceitar é a perpetuação do *status quo*.

Voltei à academia determinada a ser uma semeadora de sonhos, de sonhos relacionados com a produção de autonomia, com a construção de conhecimentos e agora, movida pelos humildes que tantos sonhos semearam em mim. Determinada a semear a necessidade de ruptura com a desigualdade, com a indiferença e com a injustiça social que são chagas históricas que estruturam a sociedade brasileira.

Fiz mestrado e doutorado, carregando o sentimento de que a academia seguia roubando a minha alma, mas que ela era pouco a pouco devolvida e reconstituída pelos semeadores de sonhos que seguiram operando nos territórios da vida, eram eles, o povo das comunidades por onde andei, os trabalhadores das unidades básicas por onde passei, meus colegas de residência multiprofissional, meus preceptores que há décadas se dedicavam com comprometimento e respeito ao atendimento ao povo da periferia da mesma forma que atendiam aos seus pacientes abastados em hospitais e consultórios privados. Ali nada me remetia as narrativas depreciativas que tantas vezes eu tinha escutado na mídia, nas aulas ou nos corredores da universidade. Ali havia terra árida sim, havia pobreza, havia indignação, havia indiferença, mas, também havia uma sabedoria infinita, havia afeto, havia implicação, havia comprometimento, havia luta e aprendizagem.

Na academia, fui infinitas vezes convidada a escrever muitos artigos, a aprender estatísticas robustas e a processar dados que são capazes de nos mostrar exatamente o que queremos ver, mas, corriqueiramente declinei, não havia porque estudar a prevalência de cárie em raízes de dentes de idosos, se ao final da vida a maioria dos brasileiros pouco sabe como chegou até ali depois de passar fome, frio e um punhado de opressões e violências que, em sua maioria, não preservaram dentes e os poucos preservados não representam quase nada em suas vidas. Em anos dedicados a pesquisas sobre condições de saúde bucal de idosos, visitei centenas de domicílios junto com outros colegas. Nestas visitas os convidamos a responder um enorme questionário e a fazer exames visuais em suas bocas. O que observamos nos chamou a atenção, mesmo que chegássemos inesperadamente e que pedíssemos para ocupar o seu tempo, muitos idosos gostavam de receber nossas visitas, parecia que nossa presença fazia com que se sentissem valorizados por receberem jovens pesquisadores dispostos a dedicar um tempo considerável apenas para escutá-los. Com eles aprendi que ao final da vida, a maioria pouco se importa com seus dentes, mas, quase todos se

importam muito com gente. Independentemente do que perguntávamos, se preocupavam com as respostas e pareciam se importar muito apenas pelo tempo dedicado a escutá-los. Este tempo sim, valeu cada segundo. Os encontros semearam meus sonhos e mais uma vez senti que precisava semear na juventude o (re) conhecimento aqueles que já passaram por tantos caminhos na vida.

Obtive o título de doutora, apesar de pouco apreço nutrido por ele devido a toda a carga negativa que representa para mim, graças a mais de 1000 encontros que tive com idosos em diversos cantos. Por eles guardo um afeto e um orgulho infinitos. Mas, além de ter oportunidade de obter um título, a Universidade, assim como contei lá no início deste capítulo através das memórias dos meninos reconstituídas por Rubem Alves, também me deu a alegria de conhecer grandes camaradas, que se tornaram companheiros de luta e de indignação a respeito da paralisia, da apatia e até mesmo da criminosa negligência com que o ensino e a saúde da população são tratados na maioria das vezes neste país.

Foi pela mão destes companheiros que cheguei a Universidade do Vale do Taquari (Univates), especialmente pela irmandade construída com o Professor Maurício Teixeira, um verdadeiro semeador de sonhos, contra hegemônico e transbordante de afeto e da potência vital constituída pelos territórios da vida que vão muito para além do espaço acadêmico. Éramos inicialmente ele, a professora e amiga Luciane Pilotto e eu, três sonhadores insurgentes dispostos a, junto com experientes professores da Univates, construir um curso de Odontologia completamente singular. O desafio de estar formalmente em uma Universidade e de semear sonhos ao invés de capturar almas estava posto e não sabíamos por onde começar, só sabíamos que, mais do mesmo, estava fora de cogitação.

As primeiras reuniões para a construção do Projeto Pedagógico do Curso foram uma gigantesca ruptura, um curso de pedagogia avançada, um tremer de terras e uma perspectiva de (re) significações sem precedentes. Nas primeiras reuniões vi que estávamos, nós, três dissidentes da cátedra tradicional, alegremente emancipados pelos territórios da vida. Constituídos por saberes trazidos de muitas outras escolas que estavam além do espaço acadêmico, prontos para o desafio. Finalmente em casa, estávamos entre gigantes, gigantes semeadores de sonhos.

De cara fomos recebidos por uma das pedagogas mais incríveis com quem já tive oportunidade de aprender. A professora, Daiani Clesnei da Rosa, entre cafés e olhares desconfiados (todos os semeadores de sonhos têm medo de falsos semeadores de sonhos que na realidade são raptores de almas lapidados pelo ego e pelo marketing pessoal) disse:

"É bom que saibam, aqui pouco nos interessa se são excelentes dentistas, médicos, contadores... Nesta escola, primeiro é preciso ser um bom

professor. Ser um grande cirurgião plástico não dá a ninguém a capacidade de mediar a construção de conhecimento e nem de emancipar estudantes em sua construção de autonomia e de consciência crítica. Buscamos educadores e não currículos e títulos."

Nessa casa, aprendi que liderança não é uma característica individual, que é passível de ser ensinado/aprendido. Aprendi que consciência crítica não nasce conosco, aprendi que as epistemologias do território precisam ser valorizadas na busca pela descolonização do pensamento e que precisam ser introduzidas ao espaço universitário seja através da extensão, seja através da inserção precoce dos estudantes na comunidade, seja pelo fato da Universidade ser da/na comunidade (SANTOS, 2009). Ali descobri *A escola que sempre sonhei, sem imaginar que pudesse existir* (ALVES, 2000), descobri José Pacheco e vi a Escola da Ponte materializada através da visita de autoridades à Universidade guiadas com muita propriedade e pertencimento por uma acadêmica de graduação do curso de Farmácia. Lá aprendi que a interdisciplinaridade precisa ser construída e oportunizada desde o início dos cursos como estratégia de ruptura da segregação e da hierarquização dos conhecimentos/saberes socialmente validados e legitimados. Na Univates conheci gigantes semeadores de sonhos da área da saúde coletiva e da vida que tinham sofrido epistemicídio em todas as escolas por onde eu havia passado e sem os quais eu jamais poderia entender que, como dizia Darcy Ribeiro, "a crise da educação no Brasil não é um acidente, é um projeto."

Agora imagino que o leitor esteja se perguntando se eu acho que a Univates, e o curso de Odontologia que este ano formará sua primeira turma através de um curso modular desenvolvido de forma ética e comprometida com o pensamento descolonial, é um paraíso do pensamento crítico ou um jardim onde não há parasitas e onde todas as flores e frutas semeadas crescem de vento em popa como se a sociedade lá fora não estivesse sendo derrotada pela ganância, pela indiferença e pelas múltiplas formas de opressão a um povo colonizado, historicamente explorado, violentado e invisibilizado em suas legítimas demandas? Não, não acho.

Acho apenas que é um lugar implicado em semear um mundo melhor, um lugar que não é lugar, é um não-lugar, é um estar-sentir-pensar onde um coletivo de educadores semeadores de sonhos faz o seu melhor para formar pessoas conscientes do tamanho do privilégio que é poder cursar um curso superior, e que é poder ser dentista em um país de desdentados com tantas necessidades e com uma demanda urgente de enfrentamento às múltiplas opressões e violências que fazem deste povo um povo tão sem... sem comida... sem emprego... sem casa... sem dinheiro... Que chega a ser até sem dentes...

Não é possível seguirmos formando recursos humanos, humanos não são recursos, são vidas, são perspectivas, são sonhos... Vidas, pessoas, a não ser que se sintam sujeitos e não sujeitados, seguirão tapando buracos de

cárie sem se questionar sobre como uma sociedade de desnutridos e famintos pode ter cáries, sobre como um país de dimensões continentais, com um dos maiores produtos internos brutos do mundo, não consegue proporcionar proteção social a sua população, nem mesmo segurança alimentar e acesso à saúde.

A Odontologia pode e deve entender que onde há muita cárie e doença periodontal, há também depressão, hipertensão arterial, violência doméstica.... Há miséria, há fome, há desigualdade social... E que apenas os semeadores de sonhos e os sonhadores poderão encarar que seu papel **precisa** ir muito além do céu da boca, do buraco de cárie ou do dente perdido.

Quem só enxerga seu papel a partir do ofício construído através do adestramento técnico não saberá o que fazer diante de uma crise sanitária, não saberá trabalhar solidária e coletivamente para e com a população, paralisar-se-á diante das adversidades impostas pela vida ou pelo mundo, tais como as vividas atualmente. Todavia, aqueles que passaram pela Univates, possivelmente não fugirão à luta. As exceções terão que se segurar nas próprias trevas da indiferença e do egoísmo porque a política desta escola é sim um convite a alegria de aprender, a transformação do mundo, de si mesmo, e ao pensamento crítico e solidário.

Aprender por meio da alegria, da amorosidade e da pedagogia da autonomia não pode ser um mero detalhe quando estamos pensando em romper sofrimentos cristalizados. É urgente, é a ordem do dia em um mundo onde muitos precisam morrer pelas próprias mãos de um estado que deveria cuidar dos seus, mas que faz morrer, que opera a necropolítica para que o medo e apatia sigam alimentando a dialética da nossa dependência daqueles que em nada se importam e que precisam manter o *status quo*, o poder e o capital como forma de fazer viver a um parco grupo de privilegiados e herdeiros de uma pseudo burguesia.

Neste cenário, semear sonhos é ser resistência, alegria, paixão e coragem. É ser revolução diante da indiferença. Por isso, torço para que os semeadores desta escola sigam seu caminho, sendo resistência, refúgio e perspectiva de um mundo mais justo e mais sensível, assim como foram e são ainda hoje para mim.

Hoje semeio sonhos em outros jardins e quem me fez pensar sobre tudo isso foi uma colega que um dia tive oportunidade de guiar em seu processo pedagógico, que também é autora deste livro, Paula Suzeli de Bearzi. Ela escreveu na minha mesa, no dia em que a primeira turma do curso de Odontologia Noturno da Universidade Federal do Rio Grande do Sul se formou e me escolheu como paraninfa: Semeadora de Sonhos. Naquele dia uma educadora da Univates, na prática da alteridade me oportunizou ressignificar o caminho, ela era a materialidade resultante deste longo caminho, era fruto, e os novos bacharéis também. Entendi então que

afortunadamente tinha me tornado uma semeadora de sonhos. Os encontros tinham me tornado uma semeadora de sonhos.

Todavia, olhando para a Paula percebi que nunca estive só nesta caminhada. Não é possível semear sonhos sozinho, não é possível sequer sonhar sozinho. E foi bonito pensar em como a Univates plantou sementes em mim que agora seguem com ela e com os outros colegas. Têm sorte os que construíram o Curso de Odontologia da Univates, os que seguem a frente deste lindo projeto (nada pode ser considerado pronto ou tende a se encerrar em si mesmo), os que ali fazem a sua formação e esta comunidade que tanto ensina, aprende, semeia e colhe.

Vida longa a essa escola. Ao coordenador do curso Maurício Teixeira, ao coordenador da Clínica de Odontologia Ampliada, Andreas Rucks Varvaki Rados, amigos e irmãos de luta, e a todos os colegas que têm a sorte de trabalhar em uma escola que inclui a capacidade de semear sonhos em seus processos seletivos. Desejo a alegria como força motriz para que sigam mostrando aos que chegam que a aprendizagem e a construção de consciência crítica são pequenos brotos de esperança em mundo melhor, que os sonhos movem o mundo, que a Odontologia pode e deve ir muito além da boca, e que isso não é apenas retórica.

Referências

ALVES, R. (1994). *A alegria de ensinar.* São Paulo: ARS Poética Editora LTDA.

ALVES, R. (2000). *A escola que sempre sonhei sem saber que existia.* Campinas, SP: Papirus.

FREIRE, P. (1996). *Pedagogia da Autonomia: Saberes necessários à prática educativa.* São Paulo: Paz e Terra.

HOOKS, B. (2017). *Ensinando a transgredir: a educação como prática da liberdade. 2ª Ed.* São Paulo: Editora WMF Martins Fontes.

RIBEIRO, D. (1975). *A universidade necessária.* Rio de Janeiro: Paz e Terra.

SANTOS, B. d. (2009). *Epistemologias do Sul.* Coimbra: Editora Almedina SA.

OS APRENDIZADOS E OS DESAFIOS NO ENCONTRO ENTRE PSICOLOGIA E ODONTOLOGIA: ALGUNS RECORTES

Olinda Lechmann Saldanha

Ao longo da minha trajetória como profissional de saúde, psicóloga e militante na defesa do SUS, da Reforma Psiquiátrica e da cidadania, entre outras bandeiras de luta, dediquei especial atenção ao processo de formação de novos profissionais de saúde. Acredito que ele deve promover embasamento e práticas marcadas pela transversalidade de saberes, com vivências em equipes multidisciplinares e ações interprofissionais, que instiguem a escuta, o olhar atento e ampliado, a contextualização das demandas e a promoção da vida, práticas de cuidado que respeitem singularidades. E este não é um processo fácil e nem possível de ser desenvolvido de maneira isolada ou descontextualizada.

Encontrei ressonância em relação a estas preocupações em diversos serviços e equipes por onde atuei. Ou seriam utopias? Como diz o texto "El derecho al delirio", de Galeano (1994, p. 310), "a utopia serve para isso: para que eu não deixe de caminhar." Quanto à proposta do Projeto Pedagógico do Curso (PPC) de Odontologia da Univates – que durante a sua construção acompanhei apenas em alguns debates, mais à distância –, fui surpreendida positivamente. Isso porque naquele momento eu ainda não integrava o grupo que estava construindo a proposta e que posteriormente teria a responsabilidade de fazer o Curso acontecer.

Agora, passados alguns anos, convidada a contribuir na produção do registro de recortes desta história, resgato alguns dos aprendizados e estranhamentos experimentados naquele período. Iniciado o Curso, o primeiro desafio: acolher junto com a equipe da Clínica Universitária Regional de Educação e Saúde – Cures, os estudantes do primeiro semestre do Curso de Odontologia.

Antes de explicar o tamanho do desafio, é necessário explicar que a Cures é um serviço-escola que também causava estranhamentos, no sentido de se diferenciar dos modelos e práticas tradicionais. Constituído para atuar

de maneira articulada com a rede de atenção à saúde de Lajeado e outros municípios da região, a equipe era constituída por docentes e estudantes de diferentes cursos da área da saúde, que ali desenvolviam atividades práticas de aulas e estágios. Os estudantes encontravam-se em diferentes semestres dos respectivos cursos e constituíam equipes multiprofissionais para acolher, avaliar, planejar e implementar cuidados aos usuários, sob a orientação dos docentes. A Cures tinha como orientação a formação de profissionais da saúde comprometidos com os princípios do SUS, com o cuidado humanizado, na perspectiva da Clínica Ampliada. Sobre esta, resumindo a proposição de Cunha (2005) podemos afirmar que visava contribuir para uma abordagem do adoecimento e do sofrimento, que considere a singularidade do sujeito, a complexidade do processo saúde-doença e com a percepção e manejo da dimensão política e afetiva na clínica.

Neste cenário, recebemos a primeira turma do primeiro semestre do Curso de Odontologia. O processo de acolhida representou um desafio para toda a equipe e para os novos integrantes também. Foram muitas conversas apresentando os objetivos e propostas do serviço-escola, os fluxos e o processo de acolhida dos usuários, as atividades que estavam em andamento, e as concepções teóricas que embasavam as práticas. Uma enxurrada de informações e orientações que os deixavam em alguns momentos estagnados, ou como dizem em algumas regiões de Minas Gerais: "Oncotô? Oncovô? (Onde estou? Para onde vou?). A proposta quebrava com qualquer paradigma tradicional de formação na odontologia. E não era diferente do PPC, que tem currículo modular integrado, rompendo com a tradicional oferta disciplinar e fragmentada e apoiado em metodologias ativas de ensino.

Mas também fomos surpreendidos pela capacidade de enfrentar as dificuldades e a diversidade de situações novas demonstradas pelos estudantes com o apoio e acolhida dos docentes. À medida que foram sendo apresentados às demandas foram assumindo desafios e novas atividades junto aos demais estudantes, compondo equipes com colegas de outras áreas para planejar e desenvolver ações de cuidado. E os efeitos destas vivências? Certamente estarão nas "valises" ou "caixas de ferramentas tecnológicas", conforme as concepções de Merhy (2000), constituídas por saberes e seus desdobramentos materiais e não-materiais e que serão utilizadas de acordo com as demandas e necessidades identificadas em cada encontro, promovendo intervenções que deem espaço não apenas às tecnologias-duras e aos conhecimentos teóricos, mas também às tecnologias leves implementadas no encontro entre profissional e usuário, por meio da escuta, do diálogo e do cuidado em ato.

No quarto módulo da primeira turma fui convidada para integrar o corpo docente, para trabalhar no eixo Integralidade da Atenção à Saúde (IAS) IV. O primeiro dos cinco módulos que insere a psicologia nas

atividades curriculares. Nas ementas dos módulos constavam conteúdos específicos e a saúde mental, tais como fundamentos de Estomatologia e Patologia Oral; Imaginologia aplicada à Odontologia, Dentística Restauradora, Anestesiologia, Cirurgia Bucomaxilofacial, Periodontia, Farmacologia e Saúde Mental, o que denota a proposta de uma formação marcada pela transversalidade e horizontalidade de saberes. Por que o tema da saúde mental neste momento do Curso? Porque também iniciavam as práticas específicas dos estudantes nos serviços e por isso, o PPC já previa a necessidade de incluir o "estudo do desenvolvimento humano e dos ciclos da vida, a partir de teorias psicológicas", conforme constava na ementa. Não somente as aulas, mas já estava prevista também a participação de uma psicóloga na orientação dos estudantes nos espaços da clínica. São duas formas de inserção da psicologia que diferem dos modelos tradicionais na formação de dentistas.

Naquele momento o maior desafio era por onde começar. Quais conteúdos fariam mais sentido para os estudantes? E a estratégia foi abrir o diálogo perguntando: o que vocês já conhecem sobre a psicologia? E como acreditam que os conhecimentos sobre estas teorias podem contribuir com a formação e o trabalho?

E eles sabiam muitas coisas e tinham várias expectativas em relação aos conteúdos, mas também muitas incertezas e necessidades, como a de ser escutados e apoiados neste processo de participação na construção de um Curso novo (ainda não reconhecido), com uma proposta curricular e metodológica inovadora, que os instigava o tempo todo a "sair da caixa", investigar, construir projetos, conhecer novos territórios de práticas, refletir, produzir sínteses, se re-conhecer neste novo cenário.

Diante destas expectativas e considerando que ocorreriam naquele semestre apenas nove encontros semanais, combinamos que as aulas seriam também espaços de fala e de escuta, de compartilhamento de aprendizados, de propostas, de bons encontros e também de incertezas e desafios. Em relação aos conteúdos, iniciamos estudando o tema da subjetividade e dos processos de subjetivação, que foi evidenciando que nunca estamos prontos, ou seja, vamos nos constituindo a partir das afetações e pelos encontros com o outro. Ou, como uma "produção incessante que acontece a partir dos encontros que vivemos com o outro" (GUATTARI; ROLNIK, 1996, p. 31). Neste sentido, o "outro" é compreendido como o outro social, como a natureza, os acontecimentos, as invenções, ou seja, aquilo que impacta os corpos e as maneiras de viver.

As práticas estavam iniciando e os desafios de cada campo de intervenção instigavam problematizações que, como parte das metodologias ativas promoviam a aprendizagem significativa, a autonomia, o protagonismo e a corresponsabilidade do estudante com o seu processo de aprendizagem. A aprendizagem significativa é baseada na apreensão do

conhecimento a partir de vivências que favoreçam a articulação entre teoria e prática e poderá produzir um novo conhecimento (SILVA et.al, 2014).

Entre os temas propostos também abordamos a saúde mental, problematizando as concepções de normal e patológico e do sofrimento psíquico, a partir das situações e demandas vivenciadas nos serviços de saúde e diante das quais sentiam-se inseguros. Junto à questão da normalidade também estudamos as implicações do biopoder, a partir das concepções de Michel Foucault. O autor aponta a emergência, no final do século XVII, de uma medicina que tem por "função maior a higiene pública, com organismos de coordenação dos tratamentos médicos, de centralização da informação, de normalização do saber, e que adquire também o aspecto de campanha de aprendizado da higiene e de medicalização da população" (FOUCAULT, 2000, p. 291). Estes conceitos embasaram o debate sobre o poder da ciência e conferido por ela para que os profissionais de saúde decidam o destino de uma pessoa rotulada como "doente" ou "anormal", ou ainda sobre qual tratamento ou procedimento deve ser feito sem ouvir o usuário e avaliar o seu contexto e os seus desejos. Os temas estavam muito relacionados às atividades que estavam desenvolvendo junto aos usuários de alguns serviços especializados.

Na continuidade da experiência passamos para o módulo seguinte, com encontros intercalados com um docente dentista, que abordava as Práticas Integrativas e Complementares (PICs). E nas aulas de saúde mental seguimos abordando temas articulados com as práticas. O tema do desenvolvimento infantil, por exemplo envolveu uma visita à brinquedoteca da instituição, onde os estudantes foram convidados a reconhecer o local e seus recursos e, na sequência, a escolher um brinquedo que fosse significativo na sua história. E a partir destes relatos, em que cada um pode resgatar um pouco das suas experiências da infância, também abordamos a importância do brinquedo e das histórias infantis no processo de subjetivação dos sujeitos. E, portanto, como o brinquedo pode ser um dispositivo potente na construção de vínculos e relações de confiança para a promoção do cuidado.

Estes meus relatos de agora são apenas alguns recortes de um período muito enriquecedor. Certamente não estou expressando, aqui, toda a dimensão e os efeitos que fizeram parte da construção do Curso de Odontologia da Univates. Por questões pessoais minha participação finalizou em 2017, mas os aprendizados e vivências integram uma rede potente de afetos, trabalho, dedicação, estudo e conhecimentos de muitas pessoas que acreditam na educação e na formação de profissionais comprometidos com o cuidado integral em saúde, com o respeito à diversidade, com a promoção e a defesa da vida de todos.

Referências

CUNHA, G.T. A **Construção da Clínica Ampliada na Atenção Básica**. São Paulo: Hucitec, 2005.

FOUCAULT, M. **Em defesa da sociedade**. São Paulo: Martins Fontes, 2000.

GALEANO, E. **As palavras andantes**. 4.ed. Trad. Eric Nepomuceno. Porto Alegre: L&PM, 1994. p. 310.

MERHY, E. E. **Um ensaio sobre o médico e suas valises tecnológicas: contribuições para compreender as reestruturações produtivas do setor saúde.** Interface, Botucatu, v. 4, n.6, p.109-116, Feb. 2000.

SILVA LS, et al. **Formação de profissionais críticos-reflexivos: o potencial das metodologias ativas de ensino aprendizagem e avaliação na aprendizagem significativa.** Rev. CIDUI. 2014;(2):1-16.

RELEMBRAR É APRENDER

Luciane Maria Pilotto

Quando recebi o convite para escrever sobre minhas percepções e experiências durante a construção do curso de Odontologia da Univates e, também, nos seus primeiros anos de vida, rapidamente muitas lembranças inundaram minha mente. Revivi, por instantes, muitos momentos da etapa de construção e dos dias em sala de aula. Estas cenas pareceram se concretizar novamente na minha frente. Ao mesmo tempo, deparei-me com a dificuldade de colocar estas lembranças no papel. Tentei organizar mentalmente as ideias e decidi registrar e contar sobre algumas destas cenas, nem sempre as mais marcantes, mas aquelas que melhor ajudam a contar sobre o desafio e os aprendizados que tive nessa minha passagem pelo curso de Odontologia da Univates e que sou muito grata.

Cena 1: *Havia um grupo de pessoas debruçado ao redor de um grande cartaz, uma pessoa registrando as ideias, outra pessoa puxando setas como se arrastassem a escrita para outro lugar (às vezes a escrita não queria ir!), depois olhavam novamente o cartaz de outro ângulo, sinalizavam, conversavam, mudavam novamente... E assim se passaram muitos dias de estudos e aprendizados coletivos e individuais.*

Eu era uma destas pessoas ao redor do cartaz. Tive a oportunidade de trabalhar junto a um grupo potente de "cirurgiões-dentistas" para a construção de um curso de Odontologia inovador. Chamamos de inovador porque acreditávamos que era preciso ir além da excelência técnica e científica que a maioria dos cursos oferecia. Assim, com base nas Diretrizes Curriculares Nacionais para os cursos de Odontologia, que apesar de serem de 2002 (iniciamos esta construção em 2013), traziam avanços importantes para a formação do cirurgião-dentista, como o cuidado à saúde integral e humanizado, o trabalho em equipe e a liderança. Tendo isto em mente, entendemos que o curso de Odontologia da Univates deveria ter, como ponto de partida, um currículo modular integrado, metodologias de ensino e de aprendizagem tendo o estudante como centro das ações e o aluno deveria conhecer e estar na rede regional de atenção à saúde desde o início do curso. Isso tudo seria necessário para formar profissionais competentes,

capazes de atuar em qualquer nível de atenção à saúde, mas também para formar cidadãos capazes de analisar e transformar a realidade.

Um currículo modular e integrado tem o desafio de trabalhar os conteúdos de forma contínua, sem fragmentação e aumentando a complexidade ao longo dos semestres. Para propor este modelo de currículo foram necessários muitos estudos, muitos encontros e desconstruções, como contei na descrição da cena. Estudamos sobre os diferentes tipos de currículo e analisamos algumas estruturas curriculares de outros cursos existentes e, por fim, desenhamos o currículo modular. Porém, para dar conta de um currículo desse tipo, as tradicionais metodologias de ensino, onde o professor transfere seu conhecimento, não seria suficiente. Era necessário utilizar metodologias de ensino para tirar o estudante da passividade de receber informações e atuar na busca e construção do conhecimento. Este Curso inovador precisava de metodologias de ensino e aprendizagem, onde o estudante deveria estar no centro das ações, para favorecer a aprendizagem significativa e desenvolver autonomia. Autonomia fundamental para a vida e para a sociedade.

Definido isto, era necessário capacitar os professores. A Instituição promoveu cursos de formação de docentes para estimular novas práticas pedagógicas com abordagens construtivistas da educação. Participei de alguns cursos que foram importantes para minha formação docente, aprendi técnicas pedagógicas diversas e também tive oportunidade de compartilhar estes aprendizados com outros professores em atividades de capacitação pedagógica entre os pares.

Essas práticas pedagógicas foram utilizadas em sala de aula com os estudantes quando o curso iniciou e ainda as utilizo na minha prática docente atualmente. Essas estratégias pedagógicas, para estimular a participação dos acadêmicos, não são fáceis de realizar, mas são os momentos de maior crescimento e satisfação, pois tanto o professor quanto os alunos, aprendem e ensinam ao mesmo tempo, e são fundamentais para alcançar a autonomia tão desejada na educação.

Participar e contribuir, mesmo que por pouco tempo, com a construção desse curso inovador de Odontologia foi desafiador e árduo, mas propiciou um crescimento enorme para mim como pessoa e profissional. Oportunizou muitos aprendizados e amizades que são para a vida. Ainda, é importante registrar que, para esse curso ser consolidado e iniciado, outras tantas pessoas, com diferentes formações e qualificações, e diversos setores foram fundamentais.

Cena 2: *Há um grupo de pessoas em uma sala de atendimentos na Cures, todos muito atentos e sentados em roda. Conversavam, escutavam atentos, anotavam algumas informações em papel, observavam os gestos e movimentos ("as falas dos*

corpos")... Alguém olhou para o relógio e foi conduzindo para finalizar aquele momento de acolhimento.

Não poderia deixar de lembrar e registrar sobre a Cures, a Clínica Universitária Regional de Educação em Saúde, um espaço único e muito potente, que foi pensada e criada para a educação e o cuidado interprofissional em saúde. É uma clínica escola diferenciada, pois possibilita o encontro dos cursos e qualifica a formação de diferentes profissionais da área da saúde a partir do conceito ampliado da saúde e da clínica e do trabalho colaborativo e humanizado. Tive o privilégio de acompanhar os acadêmicos do primeiro semestre do curso de Odontologia neste espaço e viver com eles as boas experiências e, também, enfrentar os desafios desta inserção. A Cures era voltada à atenção, promoção e educação em saúde e atendia usuários e familiares da rede regional de saúde e educação. Organizávamos equipes multiprofissionais para acolher estes usuários e escutar suas demandas, priorizando as necessidades sociais e planejando o cuidado em conjunto, onde os estudantes e seus tutores conversavam com os usuários/famílias e com a equipe de saúde local para planejar o atendimento e permitir que este tivesse continuidade e retornasse para a equipe de referência quando possível. Nas equipes que eu fiz tutoria, nem sempre tinha acadêmico do meu curso. E lembro que este fato, do professor do curso não acompanhar seus estudantes gerava bastante conflito no início dos semestres. Porém, no decorrer das vivências, os estudantes tinham a oportunidade de participar dos atendimentos dos usuários, de realizar oficinas, seminários, avaliarem projetos terapêuticos singulares e muitas outras atividades e, aos poucos, percebiam a importância do olhar das outras profissões que complementavam seu núcleo.

Esses momentos que tive na Cures foram de muita construção e trabalho penoso, mas propiciaram muito aprendizado e conhecimento. Todos os cursos deveriam ter em seu currículo espaço para a educação interprofissional em saúde. Tema bastante debatido na atualidade, mas que ainda a maioria das instituições de ensino tem dificuldades em pôr em prática. A Cures certamente é um modelo para a formação interprofissional no ensino superior brasileiro. Os educadores, assim como os educandos, deveriam ter a oportunidade de vivências desta natureza, para reconhecer o papel do outro, compreender a necessidade do trabalho colaborativo e interprofissional, e treinar a comunicação e a solução dos conflitos entre os diferentes.

Cena 3: *Uma grande roda composta por muitos estudantes e dois professores num importante debate (para vários, um embate!) sobre a avaliação atitudinal. No início foi difícil, muitas falas ao mesmo tempo, alguns demonstravam satisfação e outros nem tanto, outros colocavam à prova os critérios utilizados...*

Propor um curso com o uso de metodologias de ensino e aprendizagem que exigem a participação ativa dos estudantes é também

entender que as formas de avaliação precisam contemplar esta mudança. Não é possível fazer as avaliações de desempenho dos estudantes tendo o conhecimento cognitivo como único ou mais importante tópico. Já estava dado que a avaliação deveria contemplar também quesitos de ordem procedimental e atitudinal. Tanto para alunos quanto para professores foi difícil construir esta etapa. A cena registrada reflete uma discussão ocorrida após uma avaliação atitudinal, certamente o componente da avaliação mais difícil de realizar. Talvez por isso poucos cursos utilizem este critério em seus processos avaliativos ainda hoje. Aqui (e em todo o texto) tomei a liberdade de não registrar nenhum referencial teórico ao contar as lembranças, mas foi a partir de muitas leituras e debates que construímos esta forma de avaliação. Realizar a avaliação é muito difícil, estabelecer os critérios de acordo com os objetivos da aprendizagem é complexo. Por mais claro ou definido que esteja o processo avaliativo, este sempre será difícil e complexo, e nem sempre justo, mas necessário. Essa cena que contei se repetiu muitas vezes durante minha trajetória pela Univates e acredito que ainda se repete ainda nos dias de hoje, em outro cenário, com outros atores, mas com a mesma complexidade.

Muitas outras cenas poderiam ser contadas, mas estas três resumem a grandeza deste curso de Odontologia e de sua equipe, desde a construção até o momento que se encontra hoje e que tive a oportunidade de fazer parte. Uma equipe que acreditou e acredita que é necessário criar alternativas para inovar na educação superior brasileira. As cenas compartilhadas mostram um pouco desta inovação e comprovam que é possível mudar quando acreditamos e desejamos. Atuamos dentro das nossas possibilidades e dos nossos espaços, com muito trabalho e dedicação, experimentando e nem sempre acertando, mas nunca desistindo. Esta inovação foi (está sendo) um processo árduo, de muito comprometimento dos professores e estudantes, pois as propostas precisavam ser repensadas e reavaliadas constantemente. Esta é a educação que desejo e acredito. Uma educação humanizada, que tem no estudante seu maior motivo de existência, respeitando seus conhecimentos prévios e guiando-o para aprofundar e ampliar os saberes, para promover a autonomia necessária para uma educação libertadora, necessária e possível. Especialmente na formação em saúde e, neste caso específico, na formação em Odontologia. Ao humanizar a prática educativa se espera formar profissionais competentes para realizar o cuidado humanizado e centrado no usuário e na comunidade. Também se deseja formar cidadãos, conhecedores da realidade social e capazes de atuar e transformar o sistema de saúde brasileiro para enfrentar as iniquidades persistentes em nosso País. O caminho é longo e espinhoso, mas vale a pena cada pequeno passo para uma educação superior inovadora.

"VOCÊ NÃO SERÁ A MELHOR PROFESSORA NA SUA PRIMEIRA TURMA"

Aline Macarevich Condessa

Como uma boa perfeccionista, ao me tornar parte do seleto grupo de docentes do Curso de Odontologia da Univates, fui em busca de conhecimento teórico e de conselhos de profissionais mais experientes. Comprei livros sobre didática e metodologias de ensino, conversei com professores que já atuavam no Curso e com os meus mestres da graduação e pós-graduação. Mas foi a frase de uma prima, que atua no apoio pedagógico de uma instituição de ensino fundamental, a que mais me marcou. Ela me disse, com todo carinho e gentileza que *eu não seria a melhor professora na minha primeira turma*. Fiquei surpresa e sem reação, pois não era o conselho que esperava.

No entanto, quando as palavras conseguem ultrapassar a mente e as nossas defesas, elas alcançam o coração. Ao refletir sobre aquela conversa, entendi que se tornar professor também exige um longo processo de aprendizagem. E ele nem sempre é fácil (penso que na grande maioria das vezes ele é bem difícil!). O empenho que almejamos na aprendizagem de nossos estudantes é o mesmo com que devemos nos envolver no ensino. E o processo é tão importante quanto o resultado. Aqui, os fins não justificam os meios, porque a forma com que os docentes atuam influenciará sobremaneira a postura profissional dos futuros cirurgiões-dentistas.

Ter a oportunidade de participar da construção do Curso foi emocionante e aterrorizante ao mesmo tempo. Lembro da primeira reunião de professores, onde o Coordenador do Curso, professor Maurício Teixeira, me apresentou a disposição dos módulos e conteúdos. Me apaixonei pela forma como a Saúde Coletiva, tão menosprezada em diversas instituições, conduzia o desenvolvimento dos estudantes. O nome dos módulos já foi o bastante para perceber que esse Curso tem um diferencial que poucos têm. A forma como o currículo foi pensado e desenhado mostra a importância que os princípios e as diretrizes do Sistema Único de Saúde (SUS) desempenham ao longo de toda a graduação. Essa aproximação dos estudantes ao SUS, desde os módulos iniciais, faz com que o conhecimento teórico se mescle

com a prática, permitindo que essas habilidades sejam utilizadas na futura vida profissional, independente do setor (público ou privado) que o discente escolher atuar.

Com tantos cursos de Odontologia sendo abertos pelo Brasil, o que o nosso pode fazer para efetivamente melhorar as condições de saúde bucal dos brasileiros? Com essa pergunta, o professor Maurício me instigou a refletir sobre *o fazer diferente*. A utilização de metodologias ativas de aprendizagem também foi uma novidade para mim. Apesar de jovem, minha formação foi toda nos moldes tradicionais, com aulas expositivas no melhor estilo educação bancária, com a transmissão ao aluno de verdades prontas. Na pós-graduação, tive uma aproximação com outras formas de atuação docente-discente. Mas foi na Univates que pude colocar em prática esses conhecimentos. Trabalhar com projetos de pesquisa para abordar metodologia científica com estudantes no terceiro módulo foi um desafio (para mim e para eles!). Com a turma 2021B eu aprendi que a gentileza gera melhores resultados que a cobrança indiscriminada. Em um semestre foi perceptível nosso amadurecimento. Com eles, tive a oportunidade de realizar meditações breves antes das aulas, afinal a ansiedade assola a maioria dos estudantes. Queremos maior concentração e rendimento acadêmico, mas precisamos levar em conta as necessidades emocionais e psicológicas que influenciam fortemente o comportamento em sala de aula.

No entanto, meu maior desafio foi trabalhar *gestão* com a turma 2020A. Eles já possuíam um conhecimento aprofundado em módulos anteriores, e me senti vulnerável, questionando minha capacidade de agregar à turma. Entrar em um curso que está sendo formado não é tarefa simples, pois a cada semestre os professores precisam determinar o que trabalhar dentro das ideias dispostas no plano pedagógico. E isso é uma construção, pois os conceitos pensados no início do Curso vão sendo desenvolvidos em um ritmo próprio. E a melhor forma que pude lidar com isso foi contando com o apoio dos meus colegas docentes.

O trabalho em equipe, tão valorizado e estimulado na Saúde Coletiva foi o que me tranquilizou e deu coragem para seguir o meu caminho na docência. Fazer parte de um grupo que te apoia, dá suporte, e ao mesmo tempo, autonomia para criar é uma experiência ímpar. Mesmo com opiniões por vezes contrárias, as conversas durante as reuniões de equipe foram muito proveitosas. O apoio pedagógico me auxiliou no desenvolvimento de atividades com os estudantes, e as conversas com colegas (amigos) me tranquilizaram, permitindo desenvolver ideias inovadoras e metodologias mais adequadas à realidade atual.

No entanto, o relacionamento com os estudantes foi o que mais me marcou nesta experiência. Perceber suas fragilidades (e também as minhas), suas potencialidades, a vontade de aprender, por vezes encoberta pela postura reativa ou displicente. Respeitar o tempo de aprender e conduzir

a turma da melhor forma possível, com o olhar atento aos que precisavam de mais estímulo para desenvolver suas habilidades. Ter consciência do papel de educador, do quanto uma palavra positiva e gentil pode melhorar o andamento das atividades. O respeito mútuo e a definição dos papéis é fundamental para manter uma boa relação com a turma e ao mesmo tempo garantir que o conhecimento seja adquirido.

Fiquei apenas um semestre na Univates, mas até hoje me sinto parte desse time. Me orgulho com as conquistas e me senti honrada em ser convidada para compartilhar minhas percepções sobre o Curso. O que aprendi foi muito mais do que ensinei. O carinho que levo comigo ao saber das novidades e do desenvolvimento dos estudantes me faz querer voltar. Quem sabe um dia? Nesse momento, o que posso dizer – com toda a humildade - é que com certeza não fui a melhor professora que essas turmas tiveram, mas fui a melhor versão que eu poderia ser graças ao trabalho em grupo: com os professores e com os estudantes.

DE ALUNO A PROFESSOR NO CURRÍCULO MODULAR

Renan Roberto da Costa

Naquela época eu concluía uma fase importante da minha vida e mal sabia a relevância do momento que estava por iniciar. Se me perguntassem o que esperar da Universidade, talvez eu falasse apenas sobre obter uma profissão e garantir ferramentas para uma carreira de sucesso. Mas não, não estava nem perto de responder o que realmente a Universidade proporcionaria na minha vida como um acadêmico.

O mundo universitário é encantador aos calouros, já de primeira vista. As descobertas de um local onde se encontra uma população, prevalentemente jovem, com seus pensamentos fervorosos e expectativas de mudança borbulhando a pele, hipnotizam desde o primeiro dia letivo. É um ecossistema encantador realmente, me arriscaria a compará-lo - de forma imprudente - a um entorpecente que faz viciar a cada dia que se tem mais contato. Ou melhor, traduzindo de uma forma mais poética, posso afirmar que na Universidade o "aprender" nos torna adictos pelo conhecimento.

Pois bem, foi em meio a esse mundo novo que fiz a descoberta que ali estaria experimentando dos melhores anos da minha vida. O despertar do conhecimento, as vivências e as experiências, tudo era inimaginável para mim até aquele momento. Mal sabia, mas seria ali, naquela cidade do interior do Paraná, em uma Universidade da qual eu só ouvira falar quando procurei onde estudar, que experimentaria situações antes não idealizadas.

Era início de um novo ano, não sabia nem mesmo como me comportar naquele primeiro dia, nem onde ocupar minha nova posição: agora era um universitário. Em meio às recepções animadas e aos gritos de "calouro burro" – o que era verdade, afinal mal sabia o que acontecia ali - vivi meu primeiro ato acadêmico regado a ovadas e muita sujeira. Não era bem como esperado, mas involuntariamente começava a compreender que aquilo ali era uma cerimônia e que fazia parte do novo mundo onde viveria. Ainda sob euforia, mal podia esperar para ter minha primeira aula, afinal, agora era um universitário; estudaria por uma profissão e o melhor, o ofício que

privilegiadamente escolhi. No entanto, nem de perto a minha primeira classe na academia combinava com o que ansiosamente esperava até momento.

Estávamos alinhados em carteiras, quarenta rostos jovens, quando foi dado por inaugurado o semestre letivo para o curso de Odontologia da Universidade Estadual de Maringá. Logo de início um susto, junto as felicitações e cumprimentos de boas-vindas, acabávamos de receber um manual de instruções. - Oras, não haviam nos avisado que iniciávamos uma jornada tão complexa que precisaria coordenadas para superá-la. - Não distante tal estranhamento passava às cabeças daqueles que dividiriam comigo os cinco anos de suas vidas neste longo caminho. Mas, logo em seguida, com a fala do primeiro professor, veio a explicação para tudo aquilo, estávamos ingressando em uma graduação diferenciada e, além disso, premiada. Naquele momento era apresentado a nós, por meio de projeções e do recém-chegado manual, que aquele era um curso de graduação modular e que todo o sistema de ensino que tínhamos vivido durante nossa caminhada escolar seria redeterminado nessa nova jornada educacional.

Antes mesmo de encerrar o primeiro evento oficial da academia recebemos mais um documento para torcer nossas cabeças, o horário das aulas. Logo fomos orientados "atenção para os horários das semanas seguintes". Não compreendíamos bem, mas a orientação era para que mantivéssemos alertas as mudanças de horários. A primeira impressão pensávamos que estaria relacionada à falta de estrutura ou indisponibilidade de professores, mas não, aqueles diferentes horários que se alternavam semana após semana seriam justificados como nossa primeira experiência em uma forma de ensino diferenciado. A buscar pela integração dos diferentes eixos de conhecimento ordenava que os horários se adaptassem para que fosse possível ocorrer a inter-relação entre os diversos conteúdos que teríamos contato ao longo dos anos.

E os primeiros tempos não foram fáceis, as mudanças de grade horária, obviamente planejadas, combinavam-se às diferentes salas de aula nos diversos prédios da instituição. Não incomum era observarmos colegas mal localizados por não atentarem a escala semanal. Mas o tempo passou e eu, assim como os demais, nos adaptamos aquela nova experiência de educação, mostrando que era possível e efetivo o ensino daquela forma. Ao longo dos anos, a complexidade dos horários aumentava com o surgimento de eixos práticos que nos introduziam na "Odontologia pura". E, conjuntamente, crescia a confiança daquilo que vivíamos, aos poucos, era materializado em nossas cabeças os conteúdos que normatizam nosso futuro ofício e, víamos cada dia mais palpável que seríamos cirurgiões-dentistas.

Entretanto, nem tudo era perfeito, em meio as brilhantes inter-relações dos eixos que entrelaçavam conteúdos, nos deparávamos com fatos que obviamente conduziam a problemas na tecelagem dessa manta de conhecimento. Nossos mestres não estavam plenamente preparados para

viver como docentes do currículo modular, pois, era uma unanimidade entre eles que haviam recebido uma formação tradicional, uma formação disciplinar. Mesmo assim, esse problema não afetava nos alunos de uma forma tão severa; hoje, vejo que naquele momento, o produto de toda aquela tecelagem era quem desenhava, na sua melhor forma, à construção da Odontologia. Mesmo que por momentos experimentassem de "tendências disciplinares" impostas por professores, na maioria das vezes, prevalecia a construção do conhecimento interligado, estabelecendo correlações e montando um aprender sólido e pleno.

Por mais desconfiados que nos encontrássemos, em alguns momentos, em especial naqueles que nos deparávamos frente a frente com usuários do Sistema Único e que viam ali a possibilidade de um atendimento qualificado, com grandes habilidades práticas, nos questionávamos sobre o quanto estávamos realmente preparados para fazermos aquilo que ali era almejado. Fomos além, com o objetivo de compreender melhor aquelas pessoas, experimentamos a busca de uma visão ampliada daqueles indivíduos. Após inúmeras orientações sobre a necessidade de um olhar integral para o sujeito e da importância de vermos "além da boca", estávamos sendo preparados para atuação em Clínica Ampliada. Naquele momento, recordo que estava no quarto ano e tudo aquilo me parecia um excesso de zelo, afinal, para mim, nunca foi possível olhar para nossos usuários e não enxergar o que existia por trás daquela boca. Essa visão não era comum a todos e, infelizmente, representava uma realidade que se transferia às práticas de Odontologia, executadas até aqueles dias. Ou seja, naquela instituição estavam sendo estabelecidos esforços para mostrar à nova geração de odontólogos que a preocupação com o indivíduo e seu redor determinaria uma nova forma de atuação. Pois bem, estávamos frente a um currículo visionário que se preocupava com a Odontologia do futuro, não errando mais uma vez, pois desde lá já se sabia que nos dias de hoje o mercado de trabalho não admitiria profissionais de saúde tecnicistas, sem empatia ou preocupação com o indivíduo que o procura.

Após a obtenção do grau almejado, enfim cirurgião-dentista, não me manteve distante da academia pelo motivo da pós-graduação e lá voltei a experimentar currículos disciplinares e engessados. Não os rechacei, mas sim, consegui balizar tais experiências com aquilo que tinha vivido em minha primeira formação. E, ao término dessa jornada disciplinar, em que vi o conhecimento, construído de forma "vertical e isolada", ocorreu a oportunidade de retomar ao que vivi anos atrás. Agora ocuparia a posição de docente em um Curso modular de Odontologia da Universidade do Vale do Taquari - Univates. A proposta era encantadora, ao diálogo com o professor coordenador via o carinho dedicado e a expectativa com o produto daquilo que estava sendo proposto. Toda aquela empolgação não poderia deixar de me fazer recordar a semelhança com a primeira mensagem que me fora

entregue, anos atrás, por um professor também entusiasmado, no mesmo dia que recebi minha primeira folha de horários.

Mas as coisas nesse momento são diferentes; agora eu sou um docente formado pelo sistema modular e me sinto na obrigação de transmitir a experiência adquirida aos meus alunos, pois, diferente dos meus mestres, pude aprender os conhecimentos da Odontologia de forma integrada. Para mim, nunca houve descrédito com a proposta modular no novo curso, afinal eu sou produto gerido de forma semelhante e estou muito satisfeito com aquilo que me fora fornecido.

Com certeza, os obstáculos pesam um pouco mais no sistema modular quando se está do outro lado. As preocupações para que exista o entrelaçar dos eixos agora é minha, o comprometimento para que meus alunos deem um olhar ampliado sobre os usuários e que ocupem o lugar de profissional do futuro - um futuro que é agora - hoje é o que ocupa a minha cabeça. E a preocupação, que uma época fora com os horários vigentes na semana e qual a sala de aula, hoje é substituída pelo zelo para que nossos estudantes sigam caminhos semelhantes aos que me foram apresentados e mostrem-se como "bons produtos da Odontologia".

Além disso, agora estou vivendo uma experiência em um sistema modular "avançado", onde preciso aliar minha bagagem na educação modular como aluno ao compromisso de um ensino ativo, onde o estudante veste cada dia mais, o papel de sujeito dessa história. Contrariamente à minha atuação como discente, onde às vezes fui restringido de estabelecer meu olhar ampliado, agora como docente, tenho a possibilidade de vivenciar nossos alunos "olhando ampliadamente" para os indivíduos em todos os momentos. Com tudo isso, a utilização de métodos ativos, a presença da tecnologia em sala de aula (e ambiente clínico) e a formação buscando o olhar ampliado do sujeito já afirmam, desde o primeiro dia como professor, que ali formaríamos os cirurgiões-dentistas aptos para os tempos que vivem e olhando para o futuro.

A FORMAÇÃO, A INTEGRAÇÃO E O OLHAR DO NOVO ESTUDANTE DE ODONTOLOGIA

Leonardo Vilar Filgueiras

A mudança do perfil sanitário brasileiro ocorrido no início dos anos 90, com a criação da Lei Orgânica da Saúde, impulsionou, com o devido tempo, a forma como os profissionais de saúde passaram a exercer suas atividades com foco na atenção em saúde baseada nos princípios fundamentais de um Sistema Único de Saúde (SUS): universal, igualitário e descentralizado. A formação dos profissionais de odontologia, ao longo desses 30, anos teve que acompanhar a evolução das práticas em saúde com direcionamento ao indivíduo, observando não somente o processo saúde-doença, mas também suas características particulares. Surge aí uma nova oportunidade de mudança do paradigma tecnicista para uma visão mais humana e holística dos novos profissionais. A fragmentação do conhecimento científico, puramente biomédico, foi substituído por práticas generalistas e horizontais em saúde que englobam todo o conceito de formação integral.

A formação dos novos dentistas, pela Univates, vem acompanhando todo esse processo de reformulação, observando características que são importantes para sua inserção enquanto profissionais de saúde integralistas, em um mercado de trabalho cada vez mais complexo. O sistema modular do Curso de Odontologia permite ao egresso ter o conhecimento clínico-científico, humano e social à medida que suas ações e habilidades são desenvolvidas em cada eixo trabalhado.

A visão de um futuro, com muitos desafios, é pertinente e faz com que os professores trabalhem conceitos atualizados, abordando temas diversos em cada eixo, sempre focando uma formação desfragmentada, generalista e integrada. Ao estudante, é trabalhado a possibilidade de uma emancipação individual, com consciência coletiva das práticas de ações em saúde, necessárias para a superação das "amarras" que existem num mundo competitivo.

A busca de uma experiência docente nas atividades teóricas e práticas é sempre um desafio. Ter o domínio do conhecimento geral e adequá-lo à realidade externa não é fácil, pois ambos são dinâmicos e complexos

demandando uma responsabilidade futura sobre a formação do estudante. Apesar dos desafios, notoriamente evidentes, a IES propõe um modelo de trabalho que esteja alinhado tanto ao preparo dos docentes, quanto ao que esperam os estudantes.

Minha experiência como professor do Curso de Odontologia da Univates trouxe-me desafios iminentes e fez-me inserir num processo pedagógico bastante abstruso e diferente da minha própria formação acadêmica. Quebrar o paradigma da fragmentação biomédica e do conhecimento verticalizado era essencial para inserir-me em um espaço, onde a profissão está cada vez mais envolvida com a realidade contextual das pessoas, sem esquecer o instrumento técnico-científico. Para nós, professores, torna-se urgente retomarmos a difícil complexidade que é viver, pensar, criar e conhecer todas as coisas que se relacionam. O saber, a universidade e o estudante não existem sem um contexto, sendo, talvez, o aprendizado social e a maturidade elementos complementares que precisamos para exercer nossas atividades com consciência e responsabilidade.

A estrutura modular é organizada dentro de uma estratégia em que o conhecimento técnico-científico, a sociedade e suas diferentes características se articulam com base numa concepção indivisível (ciência, indivíduo e coletividade). Os estudantes, desde cedo, são inseridos num cunho científico sem compartimentos e de atividades desprovidas de barreiras sociais, culturais, econômicas e político-ideológicas, a fim de que seu pensamento crítico seja desenvolvido; um instrumento essencial à formação do estudante como profissional de saúde, humano, inserido na sociedade e capaz de exercer qualquer atividade para a prevenção de agravos, cuidado e proteção das pessoas e do coletivo.

Os instrumentos de trabalho propostos e baseados em temáticas diversas, distribuídas em cada módulo, torna ambos, professores e alunos, aptos para desenvolver suas atividades e perceber diferenças na construção do saber. Entender como o ser "cirurgião-dentista" deve ser construído enquanto uma carreira sólida e complexa, fugindo da ótica simplista do "tecnicismo", é imprescindível no desenvolvimento de práticas de ações de saúde. Assim, a vivência e aprendizagem que os alunos têm em uma universidade construída para formar cidadãos, além de profissionais de saúde, torna-os cada vez mais aptos para exercer sua função no modelo de sociedade dinâmico que vivemos.

EVOLUÇÃO PESSOAL E VIVÊNCIAS: PERSPECTIVA DE UMA ESTUDANTE DE ODONTOLOGIA NO PROCESSO DE FORMAÇÃO

Luiza Dietrich Loch

Ao final do ensino médio, no ano de 2017, decidi que gostaria de cursar Odontologia. Sempre soube que queria seguir a área da saúde. Ao pesquisar sobre os cursos ofertados no Rio Grande do Sul, conheci diferentes infraestruturas e metodologias de algumas universidades, incluindo a Univates. Na época, além dos turnos da manhã e tarde na escola, conciliava o turno da noite, dedicado ao estudo. Certa vez, questionei minha amiga (estudante de Odontologia na Univates) sobre a possibilidade de participar de uma aula do curso. A experiência foi extremamente esclarecedora, lembro bem; prédio 8, aula de escultura dental no laboratório. A prática foi surpreendente para mim, ao final da noite, tinha uma escultura de um incisivo em minhas mãos; fiquei impressionada. Sem dúvidas, foi nesse momento, após a primeira experiência acadêmica, com todo o acolhimento dos alunos e do professor que decidi qual seria meu futuro pelos próximos 5 anos.

No 1º semestre de 2018 iniciei minha graduação no Curso de Odontologia da Univates. O primeiro dia de aula foi uma experiência indescritível; o semestre em si foi muito intenso e, sem dúvidas, pensar que teria os mesmos colegas pelos próximos módulos parecia muito promissor, pois fiz amizades que vão além do coleguismo. Pessoalmente, passei por um processo de desconstrução, reconstrução e transformação. Já no 1º módulo, os estudantes são inseridos na Clínica Universitária Regional de Educação e Saúde - Cures, na qual iniciam a prática de trabalho com equipe multiprofissional, os primeiros contatos com o usuário e atendimentos. Minha adaptação em um Curso modular integrado foi equilibrada e progressiva. As metodologias ativas de aprendizagem trazem autonomia e independência para o estudante, o qual deve estar aberto para integrar e interagir com as mesmas. Particularmente, não tive dificuldades para me ambientar com as metodologias ativas, porém, ao passo que elas me trouxeram mais autonomia e independência, trouxeram um pouco de

insegurança pessoal, pois sempre cobrei muito meu desempenho acadêmico. Por vezes, tive que mudar meus métodos de estudo, minha forma de ser uma estudante mais autodidata, por exemplo. Sempre busquei agarrar as oportunidades que a universidade proporciona diariamente. A partir disso, participei durante um ano de um projeto interdisciplinar voluntário, realizando visitas em um bairro de periferia da cidade de Lajeado; auxiliava em visitas domiciliares com um grupo multidisciplinar e acompanhei uma família ligada à Estratégia de Saúde da Família (ESF) durante o ano em que estive participando do referido projeto. A vivência me sensibilizou muito e me mostrou uma realidade diferente da minha zona de conforto e, principalmente, o quanto as pessoas precisam de cuidado e atenção em saúde.

Durante o 2º módulo do Curso, iniciei minha experiência com a iniciação científica; fui contratada como bolsista na área das ciências exatas, e a minha jornada na pesquisa começou; sou extremamente grata por isso, pois a escrita acadêmica sempre me cativou. O estudante de Odontologia tem a possibilidade de concorrer para vagas de bolsas de iniciação científica dentro da Universidade em diversas áreas e ciências; muitos estudantes já participam das bolsas. Porém, ainda não existem vagas e pesquisas suficientes dentro do curso e, sem dúvidas, isso deve ser pensado em longo prazo, como uma oferta de atividades para os estudantes de Odontologia. Vejo a iniciação científica como algo fundamental dentro do ambiente acadêmico, visto que prepara o estudante que esteja interessado para um futuro na pesquisa e produção científica.

O 4º módulo foi um período de grandes desafios e superações, pois se iniciam os atendimentos clínicos na Clínica de Odontologia Ampliada - COAm; em dupla, os estudantes são capazes de realizar os atendimentos de acordo com a bagagem teórica e prática que compete a cada semestre. Além dos atendimentos em dupla na COAm, iniciei minha monitoria voluntária, na qual, participava e observava atendimentos de semestres mais avançados. A monitoria gerou inúmeras oportunidades e aprendizados, auxiliando no meu desenvolvimento pessoal com os colegas de clínica e percepções sobre meu comportamento enquanto profissional.

Neste ponto, é relevante ressaltar o vínculo entre estudantes e professores, o qual é bem forte em virtude da abertura que os professores dão aos estudantes na hora de resolver as questões do Curso, dificuldades e problemas que estão enfrentando, trazendo uma relação de amizade e confiança. Isso se deve, em parte, às devolutivas, que são uma forma de avaliação do aluno na questão comportamental, atitudinal. A conversa entre estudante e professor, que surge a partir da devolutiva é necessária para apontar situações em que a tomada de decisão do estudante talvez não tenha sido adequada e vice-versa, na tentativa de mudar alguns pontos que precisam ser mais desenvolvidos.

O início do 5º semestre foi de muitas expectativas e objetivos, pois estaríamos nos tornando "meio dentistas", pois chegamos à metade do curso. As práticas e o relacionamento entre as duplas e os professores orientadores no atendimento aos usuários fluíam muito bem; as reuniões de equipe sempre rendiam discussões muito poderosas. Porém, o mundo está passando/passou por um período muito sensível, entramos em quarentena desde o dia 17 de março de 2020; acredito que muitos colegas não esquecerão essa data. Hoje, 43 dias depois, com a incerteza do futuro, continuamos nos adaptando diariamente, com aulas virtualizadas e mudanças diárias de organização. Em casa, sem uma data definida para retornar para a rotina que me deixava tão feliz e não sabia, continuo impressionada com a capacidade que o Curso e a Universidade têm de fazer com que esse período seja aproveitado da melhor forma. Utilizamos este período para nos reinventarmos e refletirmos sobre o que vêm sendo construído, bem como nossas atitudes e planos. Estamos aprendendo a valorizar as ações mais simples e humildes, o valor e a importância do cuidado, tanto para nós mesmos quanto para o outro.

(RE) VIVENDO EXPERIÊNCIAS: A ODONTOLOGIA NA MINHA VIDA

Rafael Cole

Meu nome é Rafael Cole, tenho 22 anos de idade e sou estudante do sexto semestre do Curso de Odontologia da Universidade do Vale do Taquari - Univates. Pois então, Odontologia. Curso este que despertou em mim um sentimento, sem dúvidas, difícil de ser ressaltado. Gradativamente, a paixão e o amor tornaram-se os protagonistas do cenário vivido durante os anos que eu pude ter a oportunidade de conviver com a Odontologia. O poeta modernista Carlos Drummond de Andrade demonstrou aos seus leitores a existência de obstáculos (pedras) ao longo da vida que dificultam a plenitude dos atos. De fato, devido às variadas circunstâncias, o caminho para chegar até os dias de hoje foi dotado de muitos desafios, esforços e ao mesmo tempo, distintas conquistas. Também, acredito que a escolha profissional está intimamente relacionada com as experiências dos cidadãos, por vezes, oriundas desde a infância, fase essa acompanhada de uma pergunta clássica: o que você quer ser quando crescer? O gosto e o prazer pelo curso são de certa forma, provenientes desde criança. A exemplo tem-se os momentos em que eu e minha família frequentávamos a Unidade Básica de Saúde da minha cidade e, assim, felizmente, me inspirava nos dentistas e desejava algum dia ocupar a posição deles; havia uma espécie de encanto, de identificação, o que fez despertar em mim um sentimento que, até hoje, me faz refém da própria razão. Contudo, como já supracitado anteriormente, a trajetória durante os anos até chegar em 2020 foi repleta de desafios.

Além da Odontologia, sempre tive uma ligação muito forte com o futebol. Desde pequeno já praticava e sempre gostei da adrenalina e da convivência com amigos que o jogo proporcionava. Num simples drible já dava para sentir o espírito do esporte. Esse sentimento foi sendo alimentado até que em 2013 surgiu a oportunidade de jogar na cidade de Lille, na França. Na época, com 15 anos, tive que abandonar todos os medos e inseguranças e colocar na mala somente forças e vontade, sim, muita vontade de vencer aquele desafio que foi proposto. Realmente o caminho não foi fácil, pois estava longe da família, que é a nossa base de sustentação, dos amigos e

do nosso país. Certamente, consegui durante aqueles dias praticar muito o esporte que tanto gostava. Epicuro, filósofo grego, afirmava que a virtude se encontra na felicidade; esse conceito vai ao encontro das minhas experiências vividas com o futebol, pois não só a prática, como também a torcida pelo time que amamos nos faz sentir felizes e até, por vezes, eufóricos. Além disso, é relevante salientar que o apoio familiar, sobretudo dos meus pais, foi fundamental para que eu pudesse usufruir das oportunidades e tivesse coragem de viver todas elas. Sem ajuda, sem apoio, sem pessoas com quem contar que nos fazem crescer emocionalmente, intelectualmente e profissionalmente não chegamos, literalmente, a lugar algum.

Retornando da França no ano de 2015, com 17 anos, tive a honra e oportunidade de jogar no "time do coração", clube o qual eu ainda sou apaixonado e sempre serei torcedor fanático, nada mais nada menos que o famoso e grandioso Sport Club Internacional, de Porto Alegre, no Rio Grande do Sul. Foi um momento ímpar na minha vida. O fascínio era tanto, que naquele momento pensava apenas em jogar profissionalmente no clube, me sentia completamente realizado. Vivenciei grandes momentos, que me fizeram crescer tanto como atleta, tanto como pessoa. Porém, um ano depois, infelizmente me machuquei e tive que cessar os treinamentos.

Com base nisso, em decisão conjunta com minha família, optamos que o melhor seria iniciar os estudos. Inicialmente, ainda com a euforia do esporte "correndo" nas veias, escolhi cursar Educação física, na Universidade do Vale do Taquari-Univates, localizada na cidade de Lajeado. Imaginava que assim conseguiria suprir com a ausência do meu sonho que era ser atleta; pensava que dessa maneira estaria mais pertinho daquela paixão, afinal, quando temos qualquer uma que seja, fazemos de tudo para alimentá-la e não a perder.

Entretanto, quando comecei a trabalhar na área, percebi que aquilo não era como esperava, eu não estava feliz comigo mesmo e a realidade ainda estava de certa forma distante, por isso pensei em outra alternativa. É nesse momento que aquele sentimento despertado na infância e que estava guardado, não esquecido, ganhou força.

Foi, então, no ano de 2017 que comecei a cursar Odontologia e a afinidade, de fato, aumentou cada vez mais. A começar pela turma querida e acolhedora e aos professores, que tentam de maneiras brilhantes repassar o seu vasto conhecimento para nós, futuros cirurgiões-dentistas. São eles que possuem uma grande preocupação em formar grandes profissionais e se empenham diariamente para o mínimo de vicissitudes e o máximo de estabilidades no nosso cotidiano de aluno. É importante destacar que ao longo do curso a questão do cuidado em saúde tem despertado em mim uma sensação de bem-estar, é tão satisfatório poder prezar pelo bem dos indivíduos, pela autoestima, e, acima de tudo, poder orientar os usuários

a ter uma melhor qualidade de vida a partir de um sorriso saudável. Sinceramente, não tem preço ver um sorriso contente e verdadeiro.

Portanto, o meu desejo de ser dentista é proveniente da infância. No entanto, essa paixão foi de certa forma guardada por um tempo, pois o esporte despertou uma sensação indescritível em mim e ao mesmo tempo, exigiu esforços incessantes. Poder saber que um dia serei oficialmente cirurgião-dentista me faz perder totalmente a razão. Aquele garoto que sonhava em ser o profissional que presenciava na UBS, realizar esse sonho é surreal. Afinal, a felicidade é a questão mais linda que podemos viver, assim como explanava Epicuro.

Por fim, e aproveitando o momento oportuno, gostaria de fazer um agradecimento especial. A minha família, que é meu alicerce e são a base de tudo. Aos mestres, que são meus queridos professores, juntamente de toda a coordenação do Curso de Odontologia, digo que sou extremamente grato e honrado, por todos ensinamentos compartilhados, pela dedicação e empenho demonstrado, e por toda a confiança em mim depositada. Gratidão mestres, pela amizade, companheirismo e coleguismo que cativamos durante todos esses dias até então. Vocês são incríveis. Juntos, ainda teremos muitas histórias para trilhar no decorrer do Curso até a colação de grau, mas com muito carinho, digo a vocês antecipadamente, o meu muitíssimo obrigado.

Figura 1 – Homenagem pelo título de campeão, prêmio de goleador/atleta destaque da 28ª Aliboron Cup, recebida juntamente dos meus pais, após o retorno ao Brasil.



Fonte: Autoria própria (2013).

Figura 2 – Atendimento odontológico realizado na COAm da Univates, prestado ao meu irmão, Ricardo.



Fonte: Autoria própria (2019).

MÉTODOS ATIVOS DE ENSINO E DE APRENDIZAGEM: O PROTAGONISMO DO ESTUDANTE DE ODONTOLOGIA DA UNIVATES

Carine Cadó Sagrilo

Sou Carine Cadó Sagrilo, estudante do sétimo semestre do Curso de Odontologia da Univates e minha história com a Odontologia não é de agora; começou há muito tempo, quando fiz vestibular, ao sair do ensino médio. No entanto, a Odontologia não era minha única opção, uma vez que fiz vestibular para os cursos de Enfermagem, Farmácia e Medicina. Acabei optando e cursando a graduação em Enfermagem, no Centro Universitário Franciscano – Unifra, atual Universidade Franciscana – UFN, em Santa Maria/RS. Conclui a graduação em 2001 e atuei como enfermeira durante 16 anos; realizei-me profissionalmente atuando em áreas que sempre me identifiquei durante a formação. Contudo, assim como muitas outras profissões, tive frustrações, as quais me fizeram começar a pensar em cursar outra graduação. Outro fator importantíssimo em minha decisão foi a oportunidade de acompanhar mais de perto o crescimento do meu filho, que no momento estava com oito anos de idade e até então, me sentia bastante ausente com relação ao seu desenvolvimento.

Em setembro de 2014 tomei a decisão mais difícil da minha vida: parar de trabalhar na Instituição onde eu atuava há 11 anos; voltei a pensar em fazer algo por mim, que me realizasse novamente. Nunca imaginei trabalhar em outra área que não fosse à das Ciências da Saúde. Então, após tomar esta decisão, passei a analisar e a planejar a execução desta transição profissional. Posso afirmar que não foi uma coisa fácil, no entanto, foi uma decisão amadurecida durante meses, ou até mesmo anos.

Em outubro de 2016, fiz minha inscrição no vestibular de Odontologia da Universidade do Vale do Taquari – Univates e com o resultado, em dezembro deste mesmo ano, passei a cumprir o aviso prévio na Instituição onde trabalhava há 13 anos. Por ter curso superior na área da saúde, ter atuado profissionalmente em hospitais, acreditava que o conhecimento e a vivência facilitariam minha trajetória durante a formação em Odontologia.

Desde o primeiro dia de aula, em 16 de fevereiro de 2017, fui tratada com respeito e muito profissionalismo, e acredito que tudo só veio a acrescentar, reforçar e apoiar minha decisão. Passei a conviver diariamente com um grupo de colegas, os quais, com pouquíssimas exceções, poderiam ser meus filhos. Contudo, acho que posso dizer que mais aprendi com cada um deles, do que ensinei algo.

Deparei-me com uma formação totalmente diferente da que tinha vivenciado anteriormente, onde a fala era predominantemente dos docentes e, os discentes, por sua vez, na maioria das vezes, não passavam de ouvintes. Venho de uma formação em que o acesso à informação era muito restrito (limitava-se a livros disponíveis com maior facilidade na biblioteca da faculdade) e o aluno confiava, acreditava e aceitava praticamente tudo que era exposto pelos docentes. Anteriormente, o conhecimento estava baseado em aulas expositivas, onde o professor centralizava o conhecimento, em uma perspectiva vertical, sendo o professor, o centro do processo de aprendizado, responsável pela transmissão dos conteúdos, sendo visto, desta forma, como um "ser todo poderoso", detentor de toda a sabedoria e incontestável.

Passei a frequentar um Curso com estrutura didático-pedagógica completamente diferente daquilo que eu estava acostumada, pois o curso de Odontologia da Univates é modular integrado, o qual foi apresentado e discutido já no primeiro dia de aula. Depois de ouvir todas as discussões a respeito do formato que foi pensado e até então desenvolvido o Curso, era difícil compreender, de fato, a maneira como funcionaria. Porém, com o passar dos dias e com a participação nas aulas, pude ter uma percepção de como a proposta e o método de ensino atual podem ser qualificadores na formação dos futuros profissionais. A figura do professor se mostrou tão diferente daquilo que eu conhecia e julgava adequada; estava vivenciando agora, um mestre "mediador" no processo de aprendizagem dos futuros cirurgiões dentistas, os quais passaram de coadjuvantes a protagonistas em sua formação acadêmica.

Nesse contexto pedagógico o processo de aprendizado envolve professor e aluno e ensino e aprendizagem de forma que não ocorre uma simples transmissão de conteúdo, mas uma busca e uma construção de saberes.

Com o passar dos módulos, tive a convicção de que cursar uma graduação atualmente é mais difícil que em anos atrás, mas que, com certeza, é mais construtiva e qualificadora. Através desta proposta e método de ensino que apresentam inovação, tecnologia e modernidade na capacitação dos discentes, estão atreladas muita qualidade e exigência da equipe de professores, dos conteúdos e dos materiais utilizados.

Acredito que esta alteração nos métodos de ensino tornam as aulas mais inspiradoras e substanciais e nos impelem a refletir com maior criticidade; desafiam constantemente os profissionais a serem conscientes de seu papel social e mais atuantes na equipe de saúde.

RELATO DE EXPERIÊNCIA SOBRE AS METODOLOGIAS ATIVAS NO CURSO DE ODONTOLOGIA DA UNIVATES.

Julia Haubenthal

Sou Julia Haubenthal, estudante do sétimo semestre do Curso de Odontologia da Universidade do Vale do Taquari - Univates. Durante meu ensino médio sempre pensei em realizar um curso na área da saúde, e a Odontologia sempre me cativou. Venho de uma família onde, quase todos são comerciantes e, talvez esse fosse o meu destino também.

São muitas as dúvidas e inseguranças que nos cercam durante o ensino médio, pois para muitos, é neste momento que decidimos o nosso futuro e essa decisão, muitas vezes, não é fácil. Mas sempre quis trabalhar em alguma área que eu pudesse, de alguma maneira, ajudar as pessoas, e acredito que esse foi um dos motivos que mais me motivaram a cursar Odontologia.

No ano de 2017 decidi iniciar a minha graduação na Univates; o Curso, desde então, era novo na universidade e entrei na terceira turma. São vários os motivos que nos fazem escolher uma universidade, dentre eles, posso citar a proposta do Curso, o qual possui uma metodologia inovadora, onde o processo de aprendizagem depende mais do aluno do que do próprio professor, que nesse caso seria apenas o orientador do processo educativo. No Curso são utilizadas as metodologias ativas, onde o aluno é um aprendiz autônomo e o professor não é o único detentor do conhecimento. Dessa maneira, podemos desenvolver e exercitar a nossa autonomia e liderança, que são objetivos e desafios no processo de ensino e aprendizagem.

O que mais me encanta no Curso é que, desde o início, aprendemos que a Odontologia não trata apenas de dente, mas sim do ser humano como um todo, pois cada usuário possui as suas peculiaridades, histórias de vida, sentimentos, angústias, família e, dessa maneira, aprendemos que precisamos contribuir para uma melhoria nas condições gerais de saúde dos indivíduos que necessitam. Neste sentido, nosso olhar deve estar voltado para o ser humano de uma forma geral, sem fragmentações. Desde o primeiro

semestre do Curso somos inseridos na Clínica Universitária Regional de Educação e Saúde (Cures), onde aprendemos a trabalhar com uma equipe interdisciplinar, e a enxergar o usuário como um todo. Realizamos várias atividades nesse espaço, como acolhimento dos usuários no qual é realizado no espaço Conviver. Participamos de atendimentos com estudantes de nutrição, psicologia, educação física, fisioterapia entre outros. Neste espaço buscamos promover a escuta do sujeito e não apenas a recuperação de doenças.

Não poderia deixar de citar neste texto, sobre os laços de amizades que são criados durante esse período de formação, pois como o curso de Odontologia da Univates tem um formato modular integrado e uma carga horária bastante grande, passamos a conviver com um mesmo grupo de pessoas por muitas horas de nossos dias. Estes vínculos de amizade são únicos e, sem dúvidas, o processo de aprendizagem torna-se mais agradável e produtivo. Entrei muito nova na universidade e tenho certeza que além da minha bagagem técnica e científica da Odontologia, sairei com uma bagagem de vida que agreguei com a história de cada pessoa que participou desta trajetória de desenvolvimento e aperfeiçoamento, seja ela um colega, usuário, professor ou outro colaborador da Instituição na qual estou inserida. Criamos laços de amizade e cumplicidade nesta trajetória, e posso dizer que esse caminho não teria sentido se eu não pudesse dividir momentos de tristeza e felicidade com as minhas amigas, parceiras e futuras colegas na profissão de cirurgiã dentista, na qual sempre torcem e vibram a cada conquista minha, bem como, sofrem e me auxiliam nas dificuldades que surgem durante o processo.

Dessa maneira, somos preparados para sermos cirurgiões-dentistas mais humanistas, onde promovemos antes de tudo a escuta do usuário, e desde o momento em que somos inseridos na Clínica de Odontologia Ampliada, temos contato com esses princípios. E, do meu ponto de vista, promover uma relação de confiança com o usuário é de extrema importância para o sucesso do tratamento; observamos que quando construímos um vínculo e possibilitamos uma escuta qualificada com os nossos usuários, o tratamento evolui muito bem, pois estamos ali para ajudar esse sujeito, que muitas vezes, possui outras questões envolvidas que não apenas físicas ou biológicas e sim psíquicas. Estamos buscando uma formação que visa a compreensão do contexto no qual esse usuário está inserido, pois, isso também é uma questão de extrema relevância para o sucesso do tratamento.

O DESPERTAR PARA A ODONTOLOGIA

Paôla dos Santos

Sou Paôla dos Santos, estou no sétimo semestre do Curso da Univates e o meu despertar pela Odontologia começou ainda na infância, quando eu era a paciente de uma cirurgiã-dentista, especialista em ortodontia em Lajeado/RS. Por outro lado, sabia que minha família teria dificuldades em custear este meu desejo, que com o passar dos anos foi tornando-se meu sonho profissional.

Os anos se passaram, e em 2007 meu pai faleceu, me formei no ensino médio em 2009 e me deparei com a vida adulta. Pois bem, para que curso iria prestar o vestibular? Odontologia, que era a primeira opção e meu real sonho, estava descartada, pois teria que morar em outra cidade, longe de minha família e, naquele momento, seria uma realidade difícil de ser encarada. Então, optei por Ciências Contábeis; prestei vestibular no início de 2010 e cursei seis disciplinas do curso, na Univates. Por não ser o curso que eu queria, as noites de aula eram pouco prazerosas; foi então que em 2011, tomei a decisão de trancar o curso e tentar me aproximar da Odontologia da maneira viável para mim naquele momento.

Em 2012 me inscrevi no curso técnico em Auxiliar de Saúde Bucal (ASB), também na Univates; mais próxima da Odontologia, as idas para a Universidade eram mais leves e proveitosas. Neste período, eu trabalhava no escritório de uma empresa, mas precisava seguir a profissão que eu acabava de escolher, ser ASB. Apesar de a decisão ter sido muito difícil e sofrida, fui desligada da empresa e a procura por algo novo e vinculado com minha escolha começou.

Após alguns meses, fui contratada por uma clínica para ser ASB. Logo, o sonho, em minha opinião, já se tornava realidade, pois a ideia de cursar a graduação ainda não era passível de ser realizada. No entanto, para minha surpresa, neste trajeto profissional dentro da clínica, sempre recebi muito incentivo da equipe e de alguns pacientes que pela clínica circulavam, além de amigos (as) que sempre me motivaram para a realização deste sonho.

Sem pensar muito e com pouquíssima esperança de passar, prestei vestibular complementar no início de 2017 para Odontologia e Psicologia; mal sabia eu que naquele momento iniciaria minha trajetória para realização do meu grande sonho de vida, a Odontologia. O resultado da aprovação veio acompanhando de muitas incertezas, porém, minha vontade e determinação não me deixaram desistir.

Incentivada por muitas pessoas, com um passo de cada vez, segui na minha caminhada. O vestibular tinha dado certo, agora eu precisava de algum financiamento, entretanto, esperar a lista dos 10 estudantes aprovados no Credivates, uma forma de financiamento estudantil sem ir às aulas, resultaria na minha reprovação por excesso de faltas. Assim, com todas as incertezas possíveis de continuar ou não no curso, iniciei o semestre; era como se eu estivesse em um sonho que poderia acordar a qualquer momento. Durante os primeiros dias de aula, em fevereiro de 2017, a aproximação com algumas pessoas se tornou mais evidente, e então, depois da confirmação das vagas terem sido todas preenchidas, uma colega e hoje amiga, desistiu do financiamento para me ceder a vaga. Pois bem, mesmo após todos os obstáculos e muitos pensamentos de desistir de tudo, a partir deste momento, continuei no meu sonho, sem acordar.

Logo no início do semestre, eu que vinha com uma experiência de graduação onde o docente era o guia de toda aprendizagem e o discente, muitas vezes, apenas ouvinte, fui surpreendida com as metodologias ativas de aprendizagem em um currículo modular integrado; lembro que levou um tempo até compreendermos o que a tal metodologia queria dizer e de que maneira implicaria na minha formação.

Além das metodologias ativas de aprendizagem, as quais colocam o aluno como protagonista, participando de maneira ativa da sua jornada de formação com diversas atividades, muitas delas lideradas pelos próprios discentes, o curso nos prepara para sermos profissionais humanistas e generalistas. Logo, somos preparados para irmos muito além do tratamento curativo, ou seja, da resolução da queixa do usuário; somos preparados para ampliar o nosso olhar e cuidar do outro como um todo, concomitantemente com outros profissionais, ou seja, um trabalho multiprofissional e multidisciplinar.

Dessa maneira, todo este processo de ensino e aprendizagem faz com que sejamos futuros profissionais mais críticos e qualificados, preparados para atuar nos ambientes e equipes de saúde com o propósito de proporcionar melhorias na condição de vida de nossa sociedade.

O QUE O CURSO DE ODONTOLOGIA PRODUZIU EM MIM?

Camilla Cristina Capponi

Há quem diga que escrever sobre a própria formação é algo descomplicado. Para muitos, esse processo representa uma experiência arraigada unicamente na relação aluno, professor e conteúdo. Porém, considero que, nos dias atuais, falar sobre educação e formação acadêmica é algo desafiador. É compreender que ideias reducionistas não são capazes de descrever o vasto campo da educação e as nuances que perpassam o processo de ensino e de aprendizagem.

Hoje, tendo cursado dois anos de psicologia e estando em processo de conclusão da graduação em Odontologia, volto-me para as experiências vividas ao longo destes anos e percebo o quão grandioso foi esse caminhar. Passar por essa etapa representou uma reinterpretação e ressignificação do meu modo de ser, de me posicionar e me relacionar enquanto ser social.

Ao olhar para trás, percebo que as conquistas sobressaíram às dificuldades. Assim, posso afirmar que fazer parte da primeira turma de um curso de graduação é estar disposta ao novo, é lutar arduamente para que os propósitos da matriz curricular sejam alcançados. É vibrar a cada conquista e ver que juntos somos a força e energia que movimenta todo o processo. Exige de todos os envolvidos, além de aprender a lidar com os anseios e as angústias, estar disposto a constantes transformações.

No Curso de Odontologia da Univates, esse cenário é intensificado, ao passo que vêm buscando a consolidação de uma nova proposta de ensino, contrária aos moldes clássicos de ensino e de aprendizagem tão difundidos na sociedade. Nessa lógica, o corpo docente se propõe a instrumentalizar os estudantes para o desenvolvimento da empatia, da humanização do cuidado e do protagonismo na construção dos conhecimentos. Já o professor passa a ser o mediador do aprendizado.

Como consequência, no âmbito prático, uma proposta inovadora, que foge das sequências lógicas, foi inicialmente recebida com estranhamento por muitos acadêmicos e seus familiares, inclusive por mim. Com o tempo,

as ideias foram ganhando clareza e os preceitos e valores dessa nova forma de ensinar foram incorporados ativamente pelo corpo docente e discente do Curso.

Sem sombra de dúvidas, as experiências e as trocas que vivenciamos ao longo das nossas vidas edificam o nosso ser e a nossa forma de agir enquanto seres humanos. Ter logrado de uma graduação que me permitiu estar desde o princípio em contato com a sociedade e com os diferentes serviços nela presentes, configurou-se como uma potente imersão na dimensão psicossocial das relações humanas e do processo de saúde e doença. Como já dizia o sábio Paulo Freire: "Ninguém nasce feito: é experimentando-nos no mundo que nós nos fazemos".

Lembro-me dos primeiros meses de aula, quando entre nós, estudantes, faziam-se presentes discursos voltados a uma Odontologia especialista, curativista, tecnicista e procedimental. Assim, o esforço dos professores foi e continua sendo, a todo o momento, instigar um olhar ampliado sobre a nossa profissão e as nossas responsabilidades enquanto promotores de saúde. Não se trata de uma proposta de mudança de postura. Pelo contrário, o desejo é somar esforços em prol de uma formação generalista, humanista, ética e com profissionais capazes de atuar nos diferentes níveis de atenção.

Aos poucos, tudo começou a fazer sentido e os estudantes passaram a disseminar a proposta do Curso em espaços externos à Universidade. As relações com a comunidade passaram a refletir a importância do cuidado ampliado em saúde. Diante disso, a equipe de profissionais do curso mostrou-se sempre disposta a apoiar cada estudante, estabelecendo relações horizontais de amizade e confiança entre professores e alunos.

Em meio aos momentos de alegria, alguns foram os desafios que exigiram união e perseverança de todos os envolvidos, dentre eles, destaco a consolidação da tão sonhada clínica de Odontologia ampliada. Reconheço a dificuldade do ser humano de enxergar possibilidades em momentos de dificuldade, mas, hoje, vejo que essas experiências me tornaram mais forte e resiliente, capaz de dirimir com menor sofrimento os obstáculos impostos pela vida.

Com muito carinho, gostaria de falar da experiência dos estágios curriculares na Univates e na rede municipal de saúde, os quais foram essenciais para a minha formação acadêmica. Estar em contato com diferentes realidades sociais, com profissionais das mais diversas áreas, com a gestão dos espaços de saúde e com a prática clínica possibilitou-me compreender que para promover saúde de forma efetiva devemos somar esforços. Passei a entender o quão imperioso é o trabalho em equipe, o respeito às subjetividades, o colocar-se no lugar do outro, a escuta ampliada, ética profissional, as práticas de prevenção em detrimento das ações curativistas

e reducionistas, dentre outros fatores primordiais na oferta de cuidados em saúde.

Por fim, percebo que somos atravessados diariamente por uma sociedade que nos impõe concepções de mundo, valores, paradigmas e modos de agir considerados corretos. Assim, quando adotamos comportamentos e tomamos decisões contrárias ou diferentes a essas, somos confrontados, questionados e, por vezes, culpabilizados. Hoje, vejo com maior entendimento que as escolhas que fiz no passado, apesar de desafiadoras e inquietantes, serviam para me mostrar o quanto cada ser humano é peculiar e necessita do seu próprio tempo.

Diante disso, prestes a encerrar mais um ciclo da minha vida, a minha graduação, percebo-me uma pessoa mais flexível, empoderada, humana, responsável e, acima de tudo, mais comprometida comigo mesma e com as pessoas que me relaciono de forma pessoal e profissional. Agora, vejo como indispensável na prática clínica à incorporação de um plano de tratamento interdisciplinar e coletivo entre profissional, usuário, família e rede de saúde. Devemos pensar em cada usuário com um ser único, dentro da sua subjetividade e realidade de vida.

Sei que essas mudanças produzidas em mim são marcas das relações que estabeleci ao longo da caminhada, bem como da confiança e dedicação depositada em mim pelos meus professores, colegas e pela coordenação do Curso. Mais uma vez, registro aqui os meus genuínos agradecimentos a todos os que participaram da minha formação.

DESAFIOS E POTENCIALIDADES NA FORMAÇÃO DE UM NOVO CIRURGIÃO DENTISTA

Carla Moretto

O Curso de Odontologia da Univates iniciou suas atividades em julho de 2015, surgindo assim, sua primeira turma de estudantes. Ao pensar nos desafios que se colocaram à época, acredito que tenham sido dos mais diversos e sombrios. O desafio de ensinar através de uma metodologia totalmente diferente da que estávamos acostumados, a seleção do corpo docente, as estratégias de envolver os estudantes no aprendizado, a avaliação das metodologias adotadas, a avaliação e a reavaliação dos princípios e bases que regem o estudo, tão importantes na formação e no desenvolvimento dos futuros profissionais de saúde, os cirurgiões-dentistas.

Ao nos aproximarmos do final desse ciclo de cinco anos, com tantos desafios que nos foram colocados, percebo que diversas mudanças foram potencializadas: a forma como cada um vê o mundo, como se relaciona, como foi ou não motivado e impactado com estes desafios, fez com que a primeira turma de formandos do Curso de Odontologia da Univates chegasse ao final deste ciclo, com a missão de promover saúde de um "jeitão" singular e único.

Ao longo desses cinco anos tivemos o prazer de conhecer pessoas, trocar experiências, passar por momentos prazerosos, outros nem tanto, muitas horas de estudo, de preocupação, reflexão e de fortalecimento; acredito que o curso me fez crescer como pessoa, me fez mais forte e me mostrou o lado mais apaixonante dessa profissão.

Nesta jornada, as dificuldades iam e vinham; o País sofria, há alguns anos, com uma crise econômica que afetava também a região do Vale do Taquari e, mais recentemente, pouco antes da temida formatura, um colapso no mundo todo, uma crise sanitária promovida por uma pandemia, a do Covid-19. Assim, mudanças repentinas se colocaram: E agora? Como será? Em que dias e horários teremos aula? E as práticas? Como daremos conta de

tudo? Muitas dúvidas e poucas respostas, que gradativamente foram sendo respondidas.

Analisando o processo de minha jornada, considero que o Curso me mostrou como dialogar e aprender um novo pensar sobre o ser humano, dotado de essências únicas e singulares, a partir de uma metodologia inovadora de aprendizagem que mobilizou os discentes, a necessidade de intensificar o cuidado com o ser humano; transforma os estudantes que por aqui passam, em profissionais da saúde mais humanos e melhores. Neste espaço de formação, inigualável, há muita troca de experiências entre acadêmicos, docentes, profissionais e usuários, tanto em rodas de conversas, reuniões de equipes, atendimentos inter e multidisciplinares, a fim de ampliar e qualificar a resolução do processo saúde-doença do usuário, com muito carinho e dedicação. Enfim, é fantástico poder aprender e colocar em prática todos os saberes construídos e estar disposto a aprender a cada dia, mais e mais.

EXPERIÊNCIAS QUE TRANSFORMAM: O CURSO DE ODONTOLOGIA DA UNIVATES

Eduarda Renata Ariotti

Falar sobre sentimentos e momentos vividos não é tarefa fácil. Trazer e expressar em palavras tudo o que foi compartilhado ao longo destes cinco anos de formação, é algo que faz com que tenhamos um momento de pausa e de análise do tempo. Primeiramente, antes de trazer o quão impactante foi, está sendo, e será, estar concluindo o Curso de Odontologia na Univates, vou me apresentar: sou Eduarda Renata Ariotti, tenho 22 anos de idade e sou da cidade de Sério, filha de Nilo Ariotti e de Cleonice Ariotti, responsáveis por terem oportunizado ingresso em um curso superior; não fossem eles, eu não estaria aqui, trazendo esse *feedback* quanto aos impactos deste na minha vida.

E lá se foram quase cinco anos depositados a uma das fases mais importantes na minha constituição enquanto ser, tanto humano quanto profissional. Tenho muito orgulho do ser humano que venho me constituindo, e com certeza terei muito orgulho da Eduarda no futuro. Mas, para ter orgulho de quem sou hoje, tenho muito agradecer àquela Eduarda, que lá em 2015, decidiu, juntamente com sua família, iniciar os estudos e compor a primeira geração da família em ter um curso superior - e como meu pai sempre fala "ninguém vai tirar esse diploma/conhecimento de você, isso é mérito seu".

A fim de contextualizar a escrita subsequente, vou trazer um pouco de como é a organização do Curso de Odontologia. Todo o Curso é voltado à realização de práticas integrais e humanizadas, que superam o olhar em saúde voltado unicamente ao modelo biomédico, centrado na doença, busca tratar o ser humano em sua totalidade. Durante a graduação somos direcionados para exercermos uma Odontologia que trabalhe no propósito da Clínica Ampliada, promovendo a escuta qualificada e atendimentos de forma integrais. As vivências e estágios desde o primeiro semestre consolidam um olhar em saúde multidisciplinar e interdisciplinar. A tomada de decisão e senso crítico é fundamental para a elaboração de planos de tratamentos sedimentados pela literatura científica atual, para que assim,

sejamos capazes de oferecer o que há de melhor para o usuário, levando em consideração, sempre, os seus desejos e subjetividades. Ou seja, o Curso nos permite trabalhar o que há de melhor no ser humano, a empatia.

Os impactos que o Curso, no geral, professores, profissionais e usuários dos serviços promovem, são notórios. Sempre fui muito humana, mas quando se faz o que gosta, o atendimento humanizado, pautado no cuidado integral do ser humano que procura esse cuidado, é um processo natural, que passou por um refinamento. O ser humano está em constante desenvolvimento e transformação, mas a sede de conhecimento não cessa, não cansa, e por isso sempre mantive minha rotina de leituras que iam além dos conteúdos trabalhados em aula, buscando desafiar meus conhecimentos.

Um dos momentos mais importantes e impactantes em toda a minha caminhada acadêmica foi uma viagem de estudos realizada em outubro de 2019, quando estava no 9º semestre do Curso. A viagem foi o resultado de uma parceria dos cursos de Medicina e Odontologia da Univates com a Marinha do Brasil, onde a proposta foi realizar uma Operação de Assistência Médica e Odontológica (ASSHOP) às populações ribeirinhas no interior do estado do Amazonas.

Muito antes do primeiro passo, antes de ser "escolhida" para participar desta operação, teve uma história; onde me desafiei a realizar a inscrição, não só como estudante de Odontologia, mas como ser humano. Previamente ao processo seletivo, já tinha consciência do preparo técnico e psicológico que deveria se ter para participar desta operação, e sim, me desafiei - "vou me inscrever para saber como é essa experiência, mas não que eu vá ser selecionada, pois tem várias pessoas querendo ter essa experiência" eu pensava. Após a entrevista presencial com os professores que estavam realizando a seleção, me senti aliviada. Tive a sensação de ter sido clara e objetiva no quanto eu almejava participar da operação, e ao mesmo tempo trouxe dos meus medos e anseios por nunca ter realizado nenhuma viagem de avião, de navio, de barco, etc. Quando recebi o resultado, de que eu havia sido selecionada para participar da operação, não tive reação, na verdade eu não sabia o que eu estava sentindo, de tanta felicidade e de tantos receios, de tudo que estava por ser vivido.

A equipe ASSHOP-Univates foi composta por um professor e seis estudantes do Curso de Medicina e um professor e dois estudantes do Curso de Odontologia da Univates; a partir da seleção, realizamos encontros para a preparação e entrosamento da equipe, a fim de formarmos uma equipe capacitada e preparada para realizar os atendimentos daquela população. Foi simplesmente a experiência mais impactante em que tive até hoje. Os impactos não foram somente na Odontologia, como futura profissional, mas sim como ser humano. Torna-se difícil de mensurar o quanto essa experiência me fez bem, me fez crescer, amadurecer e também, ver a vida com outros olhos.

Como tudo no mundo é energia, e a vida está em constante transformação e remodelação; toda ação gera uma reação, e vice-versa. Por isso tenho muito orgulho de estar concluindo essa etapa, sendo estudante da primeira turma do Curso de Odontologia da Univates; não somente por ter o diploma, mas por ter feito parte da história deste Curso.

O que nos move são os nossos sonhos e os nossos objetivos; os medos, as incertezas, são processos naturais do ser humano. As vivências, experiências, sentimentos nos constitui enquanto ser. É preciso dar o primeiro passo, que o restante se conquista dia após dia.

A ODONTOLOGIA NA MINHA VIDA

Fernanda Trevisol

No ano em que ingressei na faculdade, em 2015, tinha recém-saído do ensino médio e passava por um momento turbulento de problemas pessoais. Não tinha muitas certezas, muito menos do que queria para minha vida e futuro. Quanto à faculdade, pensava em algo na área da saúde. A abertura do Curso na Univates foi a oportunidade para eu iniciar minha carreira acadêmica.

Lembro bem dos primeiros dias de aula, onde tivemos que nos apresentar aos colegas e professores e falar sobre o porquê de termos escolhido o curso. Todos falavam sobre o sonho de ser dentista, alguns desde pequenos. Eu não tinha nada de emocionante para dizer, na verdade eu estava passando por um momento tão complicado que a faculdade era o último dos problemas.

Com o tempo fui descobrindo o meu amor por cuidar das pessoas. Com a Odontologia aprendi muito mais do que técnicas odontológicas; aprendi a não só olhar, mas enxergar as pessoas e suas histórias e, principalmente, a escutá-las. Foi aí que o "dentista" e a profissão tiveram outro sentido para mim. E por incrível que pareça, aprendi a me escutar e cuidar dos meus problemas com maior atenção. Tornei-me e tenho me tornado uma pessoa muito melhor.

Um dos maiores aprendizados, com certeza, foi desenvolver a autonomia e a capacidade crítica. Sabermos que em uma sociedade tão opressora, somos, sim, capazes e permitidos a opinar e pensar criticamente. Os incansáveis trabalhos escritos do início do curso me fizeram amar escrever, inclusive coisas baseadas em evidências (e não me venham com informações sem referencial teórico - hahaha).

Quanto à parte clínica, sigo querendo cirurgia, como já imaginava desde o início. Isso não significa que não goste de fazer outras coisas, mas lá (na cirurgia) é onde me encontro e me vejo profissionalmente.

Tenho certeza que dentre as diferentes experiências que tivemos em nossa carreira odontológica, deixaremos uma mensagem por onde passarmos, assim como já fizemos e ainda faremos nos atendimentos e estágios: Uma mensagem humana e ampliada.

A REALIZAÇÃO DE UM SONHO: DO AVÔ PARA O NETO E A ODONTOLOGIA EM MINHA VIDA

Iuri Souza de Vargas

O Curso de Odontologia produziu em minha vida a realização de um sonho. Trago dentro de mim o desejo de me tornar um cirurgião-dentista desde que me conheço por gente. Esse amor teve início através de meu avô paterno o qual era protético. Em relatos dos meus pais, os mesmos trazem que meu avô realizava seus trabalhos comigo no colo, e ali, eu passava grande parte do meu dia. Lembro que quando pequeno, gostava que me fizessem a pergunta de "o que tu quer ser quando crescer? " Apenas para eu responder "ser Dentista que nem meu avô". Os anos se passaram e essa relação nunca mudou. Um ponto que me marca muito é o fato de que minha trajetória acadêmica se iniciaria de fato, e meu avô nunca soube que eu seria dentista, pois faleceu sem que eu tivesse tido tempo de lhe contar. Por ele tenho imensa gratidão e saudade.

Sou extremamente feliz por poder estar me formando, pelas amizades que fiz, pelos professores que conheci e principalmente por todo o conhecimento adquirido nestes anos de estudo. A aproximação que nós, estudantes, tivemos com nosso grupo de professores foi algo incrível e que eu gostaria que todos os alunos pudessem ter. Tenho certeza que de minha turma e todas as outras que passarão pelo curso de Odontologia da Univates, serão excelentes profissionais e terão um futuro brilhante.

Vejo em nosso currículo um diferencial muito grande, algo que tem se perdido em um contexto geral, que é a Humanização. Realizar procedimentos práticos qualquer um realiza, entretanto, respeitar as pessoas, sem julgamentos, sem superioridade, tratando-as de forma que respeite seus limites, hábitos, crenças e costumes, não é para qualquer um. O Curso de Odontologia ampliou meu olhar e me fez descobrir diversos e diferentes novos caminhos. Muitos pensam que Odontologia é apenas cuidar de dentes, contudo, nosso olhar é muito mais amplo e compreende diversas outras áreas, sempre respeitando a interdisciplinaridade nos cuidados em saúde.

Outro ponto de relevância além da qualidade dos professores, é a qualidade da infraestrutura disponível para nós, que é incrível e nos proporciona ainda mais a oportunidade de realizar trabalhos com efetiva qualidade para as pessoas que passam por nossas mãos. Tal qualidade vem, desde a forma como se recebe o usuário na sala de espera, até o uso do equipamento mais moderno para melhor atendê-lo.

Ser aluno da primeira turma do Curso não foi tarefa fácil; temos plena certeza de que o planejamento foi executado pensando cada detalhe da graduação, contudo, na prática, ainda mais, lidando com pessoas, algumas coisas não aconteceram como havia sido planejado. Aí vem o ponto já citado e que deve ser ressaltado: a aproximação que os alunos possuem com o grupo de professores. Todas as questões e dificuldades que um dia foram questionadas e apresentadas à gestão e ao corpo docente do Curso, aliadas ao trabalho em equipe, principalmente de alunos e professores, tais questões e ou dificuldades foram, na medida do possível, sempre resolvidas.

Neste momento, que estamos deixando de ser estudantes para sermos profissionais cirurgiões-dentistas, tenho certeza: meu avô estaria orgulhoso de mim, se aqui estivesse.

TENHAM CORAGEM

Júlia Cardoso

"Tenham coragem. Não tenham medo de sonhar coisas grandes". Nessa frase do Papa Francisco, vejo um reflexo do resultado das escolhas, que o corpo de professores, que está à frente do Curso de Odontologia da Univates, fez.

Sou da primeira turma de formandos do Curso de Odontologia, tenho 23 anos, e posso resumir o Curso em três palavras: sonho, coragem e desafio. Sonho, porque ele não é desejo de um ou outro, mas de muitos que vieram de muitas cidades, de diversas origens, culturas, de pessoas que têm muitos sonhos, mas um em comum: a Odontologia Univates.

Coragem, porque o Curso é completamente diferente dos outros cursos. A Odontologia pensada em metodologias ativas transformou olhares, não apenas de estudantes que há pouco saíram do ensino médio, mas de professores com anos de formação, de profissionais da rede pública que jamais esperavam o olhar crítico que os apresentamos.

E desafio, porque a luta segue, dia após dia. Faz cinco anos que os primeiros 15 alunos do curso se matricularam, e faz cinco anos que os desafios mudam, mas sempre sendo encarados com mais força e habilidade.

Eu sou fã do Curso. A forma que aprendi a ver a saúde pública, a saúde privada, o próprio profissional, tudo isso, a Odontologia da Univates me ensinou. Me ensinou a ter um olhar crítico, mas acolhedor.

A maestria que o corpo de professores soube e ainda sabe lidar com os desafios que nos deparamos é admirável. Nossa nota no MEC (Ministério da Educação) é 5! E é merecida. Hoje temos um curso de excelência, mas somente nós sabemos todas as adversidades que tivemos. Somente nós sabemos todas as emoções que o Curso nos proporcionou.

Hoje estamos nos formando, e minha palavra é gratidão. Gratidão pela Universidade, por dispor de todos os materiais que durante a graduação precisamos, gratidão aos professores por se doarem ao máximo, sempre, tornando-se nossa segunda família. E gratidão aos quinze alunos que há

cinco anos fizeram sua matrícula, e que hoje estão junto a mim, formando. Gratidão aos alunos que darão seguimento ao Curso.

Hoje, a um passo de ser, de fato, cirurgiã-dentista, tenho absoluta certeza de que foi a melhor escolha que eu poderia ter feito após o ensino médio. Hoje, de coração, agradeço por um dia, alguém ter sonhado comigo "coisas grandes", e, principalmente, por ter tido coragem. Muito obrigada!

HUMANIZAÇÃO, REFLEXÃO E AUTENTICIDADE: PRESSUPOSTOS DA FORMAÇÃO EM ODONTOLOGIA DA UNIVATES

Kátia Schuh

Há alguns anos atrás, para a elaboração do Curso de Odontologia da Univates, algumas pessoas lutaram incessante e incansavelmente para tornar tudo possível. Mal posso imaginar, o quão trabalhoso foi. Em meio a imensos papéis, reuniões, persistência e um trabalho árduo, foi possível a criação de um Curso de Odontologia com uma proposta diferente, cuja metodologia foge de um modelo tradicional para algo extremamente inovador. A quem deu o seu máximo para tirar o projeto do papel e pensar em cada minucioso detalhe, hoje, pode ver que todo o seu esforço valeu à pena e, que o Curso tem tomado uma proporção muito grande, sendo muito elogiado por todos que conhecem a sua proposta e estrutura.

Sempre gostei de novos propósitos e da inovação. Particularmente, a mim, isto demonstra que as coisas não são estáticas e inertes, mas estão sempre evoluindo. Seguindo esse raciocínio, fica muito claro que o Curso de Odontologia da Univates iniciou com um lindo propósito, o qual vai ao encontro de um dos princípios da Instituição: A inovação. Diante deste contexto, entende-se que é preciso muita coragem e autenticidade para desenvolver algo novo e extraordinário, na realidade contemporânea.

O começo de minha jornada aqui iniciou precisamente, no dia 28 de julho de 2015, onde, desde então, pude desfrutar de um Curso que além de ser inovador, também foi extremamente importante para minha vida, pessoal e profissional. Os módulos articulados que o compõem e a autenticidade que ele exige, as vivências extraclasse, os momentos de reunião de equipe, entre tantas outras particularidades, dá-lhe uma característica única. Percebi que a universidade não tem muros; que temos que buscar conhecimento e oportunidades além das paredes e sala de aula, mas que sempre a teremos como uma base e apoio.

É extremamente difícil descrever sobre o aprendizado pessoal que o Curso me proporcionou nesses cinco anos. Mas, cito três palavras que

foram as mais importantes para minha transformação como ser humano: Humanização, reflexão e autenticidade. Pode até soar como palavras comuns, mas para mim não. Essas palavras são, de fato, a minha transformação, a minha bagagem final. Sempre fui de me colocar no lugar do outro e ajudar o próximo, mas humanização não é só isso. Poderia escrever aqui tudo que ela representa, hoje, para mim. Mas quero deixar a seguinte mensagem: não há um conceito completo com ponto final para essa palavra. Nem tão pouco, um índice para como ser humano. São coisas que as vivências no Curso me proporcionaram. Você aprende o real sentido e significado dessas palavras quando pessoas, em especial os professores, dão a você espaço para sentar com um usuário e ouvir a história dele. Este professor, ao mesmo tempo, te observa de longe, pois a autenticidade e reflexão também precisam ser trabalhadas. Esse é o momento que você aprende como ser humano. A odontologia exige isso: Humanização, reflexão e autenticidade! Infelizmente, em alguns cursos esse cenário passa um tanto despercebido. Quando eu disse anteriormente que o curso foi pensado de maneira minuciosa, eu estava me referindo a isso também.

Agora, quanto à transformação profissional, começo saudando a toda equipe de profissionais que fazem parte do Curso, em especial, aos professores. São vocês, que não só formam outros profissionais, mas também os educam. Para mim, é a profissão mais maravilhosa que existe. Cada um com o seu jeitinho, com suas histórias, experiências e bagagem. Vocês são corresponsáveis pela nossa formação. Não tenho dúvidas que tivemos os melhores professores. Faço então uma analogia: é como um filhote de pássaro quando tenta voar, ele vai sozinho, entretanto, recebeu toda a instrução e apoio necessário. Quando falei que a universidade não tem muros, são vocês, que nos mostram o horizonte. Professores vocês são nossos pais na Instituição. Mostram, através das suas experiências, o melhor caminho. É maravilhoso e imprescindível ter excelentes referências e inspirações. Se o Curso tem tomado grandes proporções, é graças a vocês.

Depois de tudo isso que falei, talvez você esteja se perguntando " e quais são os pontos negativos? ". Bom, a resposta vai depender do seu ponto de vista. Mas, particularmente, acho que a "perfeição" é inatingível e incansável. Você pode chegar mais próximo ou ficar mais distante dela. Mas o que isso quer dizer?! Então, sempre existirão pontos negativos, assim como tudo na vida. O caminho não consiste só em flores e mil maravilhas. Também há algumas pedras no meio dele e nem sempre é fácil de desviá-las. Em outras palavras, por mais que tenha pedras no caminho, vai depender muito com o que você vai fazer quando uma estiver sobre os seus pés.

Eu quero deixar uma mensagem para você que está lendo esta mensagem. Uma vez li a seguinte frase: "Não adianta pedir a Deus que lhe mostre o melhor caminho se não está disposto a mover seus pés". Vá atrás dos seus sonhos. Você não deve esperar ele se realizar sozinho. Quando o

seu coração bater mais forte por alguma coisa, você tem que ir atrás, mas antes, busque por um caminho bom e seguro. É importante saber onde se está pisando. A trajetória é linda e maravilhosa, por mais que haja algumas pedras no caminho. Aproveite cada segundo. Aproveite as amizades. Aproveite os momentos e as oportunidades. Aproveite, inclusive, os momentos difíceis, são eles que te fortalecerão. Dê o seu máximo em cada coisa que fizer e, com certeza, quando olhar para trás sentirá orgulho de si mesmo.

Aos meus queridos colegas, saúdo a todos pelo esforço e determinação. Foi um prazer enorme fazer parte dessa trajetória junto com vocês. Por fim, é com orgulho imenso que digo: faço parte da 1º turma de Odontologia da Univates!

SOBRE TRANSFORMAÇÕES: MINHA PASSAGEM NO CURSO DE ODONTOLOGIA UNIVATES

Maria Eduarda Ferreira de Andrade

O Curso da Univates produziu em mim uma infindável reflexão, não somente sobre as práticas do cirurgião-dentista, como sobre a complexa existência humana. Em certa altura, quando nos damos por conta, este processo já se tornou incessante e ininterrupto. Junto dele vem milhões de perguntas sobre tudo e o entendimento e a aceitação de que muitas delas não têm respostas prontas, aliás, podem até nem ter resposta. Existe uma frase de Arthur Schopenhauer que se enquadra perfeitamente nesse processo de aprendizagem: "A tarefa, não é tanto ver aquilo que ninguém viu, mas pensar o que ninguém ainda pensou sobre aquilo que todo mundo vê".

O ônus nisso tudo, é que nunca estaremos satisfeitos. Estaremos em constante inquietação e em procura de mudanças. Não sei se, necessariamente, se caracteriza como um ônus, mas traz muitas tensões e angústias. Penso que, é difícil ter passado pelo Curso, pelo colegiado excepcional de professores e não se questionar sobre todo e qualquer processo e de que forma ele traz benefícios para estudantes, usuários, familiares, enfim, pessoas que vivem ao nosso redor ou não.

E eu extrapolo isso para nível mundial, porque é isso que eu sinto, e é isso que o processo do Curso faz a gente sentir; a minha pequena mudança no micro também é uma mudança no macro. Aquele pensamento inicial de que uma atitude sobre determinada situação não muda, não existe mais para os acadêmicos de Odontologia da Univates. Nos estágios, não só somos transformados, assim como transformamos os serviços e profissionais. Somos estimulados a pensar, a enxergar com nossos próprios olhos e, é um processo mágico.

O primeiro contato com a Cures foi e ainda é uma das vivências e observações mais interessantes que eu já tive. Imagine você, um adulto jovem, no primeiro semestre da faculdade, sem a mínima noção dos processos de trabalho em saúde, iniciando as aulas teóricas e entrando em uma clínica interdisciplinar que envolve atendimentos de diferentes segmentos da comunidade e das redes de atenção à saúde, educação e assistência social,

tendo que, junto de alunos de outros cursos da área da saúde realizar acolhimentos, grupos de promoção de saúde, oficinas, atendimento por meio de equipes interprofissionais, apoio matricial, seminários e reuniões de equipe. Preciso falar algo mais? Consegue entender a complexidade e a magnitude do processo? É o primeiro "cair a ficha": a saúde é muito além da boca, a odontologia é muito além dos dentes. Antes de cirurgiã-dentista, eu vou ser profissional da saúde e a minha função principal é promover a autonomia do usuário sobre a sua saúde. A passagem pela Cures faz o acadêmico se tornar um profissional que olha nos olhos, que escuta e toca o usuário muito além da sua queixa principal. A proposta da Cures torna o acadêmico mais humano e sensível as dores do "outro".

A experiência do Curso me proporcionou coisas que vão muito além da Odontologia. Uma delas, no segundo semestre, quando eu ainda poderia ser considerada uma sementinha germinando no processo de aprendizado e entendimento das metodologias ativas: juntamente com o coordenador do Curso, estive em um evento da Universidade de Passo Fundo - UPF - para falar sobre a minha experiência na Cures e, quando me dei por conta, estava falando primeiro para quinze professores universitários (o que na época, pra mim eram pessoas de outra dimensão) e após, falava em um auditório para centenas de alunos da universidade sobre a tão incrível experiência vivenciada na Cures. A experiência deste relato foi impactante e minha passagem pela Cures também. Eu estava descobrindo tantas outras funções as quais eu poderia desenvolver. Comecei a acreditar mais em mim e me permiti sempre dar um passo adiante do que eu achava que era capaz e, BINGO! Esse passo, eu sempre conseguia dar, era possível e eu era capaz.

Depois disso, iniciaram os estágios extra-curriculares e mais um desafio: eu era apenas mais uma aluna do Curso de Odontologia da Univates e ninguém me conhecia, eu tinha que fazer o meu caminho por ali. Diante disso, o processo é natural, gradual e contínuo e, me dei conta de que eu não precisava ter sentido todo aquele medo e ansiedade antes de iniciar. Enquanto, na minha visão, eu estava ainda me inserindo e entendendo como o serviço funcionava, os profissionais viam a mim e a meus colegas como estagiários pró-ativos, inquietos e curiosos. Junto disso veio o entendimento real do SUS em toda sua dimensão, desde os seus desafios, mas, principalmente, da sua grandiosidade, magnitude e fundamentalidade. É claro que tudo isso ocorreu junto com a orientação e supervisão dos professores de estágio eu fui vendo o quão mágico são os serviços de saúde do SUS e o quão fundamental e necessário é que nós lutemos pela sua fragmentação.

Ao chegarmos à clínica, onde colocamos em prática todas as técnicas aprendidas, ouvimos usuários relatando que aquele espaço é como um abrigo, um local onde traumas do passado são deixados para trás e uma nova visão sobre o cuidado é entendida. Praticamos a Odontologia na sua melhor versão. Ali nesse espaço e até mesmo nos estágios, temos o sentimento de

que estamos sendo cuidados e protegidos. O "frio na barriga" para a ida às aulas já estava sendo superado e de repente, para mim, uma oportunidade nova para sentir estes sentimentos, surgiu: Projeto Rondon.

Em julho de 2019, juntamente com um grupo de alunos e professores da Univates, com outros alunos e professores de outras Universidades, nos encontramos no estado do Piauí para viver muito mais do que uma experiência, do que três de semanas de trabalho, do que um mundo de descobertas. Lá, eu me vi em milhares de pessoas e vi milhares de pessoas em mim. Tive a oportunidade de realizar atendimentos odontológicos, como os procedimentos restauradores atraumáticos em crianças de uma comunidade a qual não havia energia elétrica e água encanada, realizar e ministrar oficinas sobre saúde bucal, empoderamento feminino, empreendedorismo e política. Aprendi muito também; saí da minha bolha, me transformei. Depois do Projeto Rondon, a forma que eu consigo explicar é como se novos galhos, flores e frutos crescessem em mim e a cada lugar que passo, eles estão ali, fazem parte de mim. Sentir o sol queimar a pele, a poeira bater no rosto e pessoas me abraçando me fizeram entender o quanto o nosso Brasil é multicultural, heterogêneo e o quão importante é uma educação, verdadeiramente democrática.

Por fim, acredito muito no místico e sou extremamente grata ao universo por ter destinado minha caminhada a cursar Odontologia na Univates e ser como um fruto deste lugar que me ensinou a ser tão humana e acolhedora. Que um olhar, um gesto, uma escuta pode mudar um atendimento e um atendimento pode mudar uma vida.

E por falar em místico, vou terminar o texto falando sobre o meu contato com a homeopatia. Na minha experiência, ela veio para consolidar a minha formação e o meu entendimento do ser humano. Quando citei sobre o "olhar no olho" posso dizer que a homeopatia "olha para alma" e, por isso, eu não sei falar muito dela, é complexo e eu precisaria estudar um bocado a mais. Ela não trata a doença, ela trata o doente. É difícil chegar nessas palavras e descrever sobre a minha passagem no Curso de Odontologia da Univates; não sei se essas são as que melhor definem o que sinto, acho até que é muito pouco, mas me representam.

EXPERIÊNCIA DOS CIRURGIÕES-DENTISTAS NA CLÍNICA DE ODONTOLOGIA AMPLIADA

Nélio Bairros Dornelles Júnior
Maiara Conrad Daniel

Com um projeto pedagógico modular integrado e inovador, o Curso de Odontologia da Univates se diferencia, formando um perfil de profissionais comprometidos com a responsabilidade social e com um olhar diferenciado à saúde da população. Neste contexto, a Clínica de Odontologia Ampliada (COAm) oportuniza aos estudantes a prática dos conhecimentos teóricos adquiridos ao longo do Curso, vivenciando um ambiente de aprendizado clínico e troca de experiências. O acolhimento e o atendimento humanizado contextualizam o compromisso que o Curso tem com o indivíduo.

Essas características foram facilmente percebidas no primeiro contato com os estudantes. Trabalhar em um ambiente acadêmico/clínico é extremamente motivador, pois, a orientação dos estudantes nos traz experiências de aprendizado mútuo. Além disso, é gratificante acompanhar o crescimento técnico e intelectual dos mesmos, e, para isso, os atendimentos clínicos possuem papel fundamental. Como preceptores dos estágios, recebemos estudantes a partir do 8º semestre, e através da COAm, oferecemos atendimento odontológico à comunidade acadêmica da Univates, do município de Lajeado e demais cidades do Vale do Taquari.

Um serviço de saúde em um ambiente acadêmico apresenta, diariamente, diversos desafios. Aproximar a comunidade da academia traz à tona o verdadeiro papel do desenvolvimento social, cultural e de saúde da região. Ofertar conhecimento em saúde para a população, fazendo com que ela, ao mesmo tempo, participe do processo de desenvolvimento profissional de um ser humano, é complexo. O compromisso na participação mútua dos atores envolvidos favorece um relacionamento muito próximo entre usuário-estudante. Essa proximidade proporciona um melhor conhecimento sobre o processo saúde-doença do indivíduo, ratificando o conceito de Odontologia Ampliada. O trabalho é árduo, porém, os resultados que estamos vivenciando com os atendimentos dos estagiários na COAm vão

ao encontro das propostas e diferenciais do Curso. Os atendimentos são carregados de qualidade técnica, conhecimento científico e humanização.

Entretanto, o trabalho que realizamos na clínica vai muito além do assistencial. Acreditamos que a preceptoria dos estudantes nos atendimentos clínicos realizados nos estágios é o momento de maior troca e aprendizado. A discussão e atuação nos casos, além de envolver todas as áreas da Odontologia, possibilita que o acadêmico tenha papel ativo e se sinta, de fato, responsável neste processo. O estudante participa ativamente de todo o processo, desde o acolhimento até a alta clínica do seu paciente. Os procedimentos clínicos apresentam diferentes níveis de complexidade, contribuindo para o crescimento e desenvolvimento do estudante.

Também acreditamos que a formação especializada com vivência assistencial e acadêmica dos preceptores contribui para as discussões, direcionando o acadêmico para seu desenvolvimento profissional e pessoal. Esta vivência dos cirurgiões-dentistas em diferentes cenários de prática também possibilita uma maior aproximação da clínica com a realidade.

Os últimos semestres sempre geram uma certa ansiedade nos estudantes e os atendimentos do estágio buscam minimizar tal sentimento, oportunizando uma experiência mais próxima possível da realidade do mercado de trabalho da Odontologia. No estágio, os acadêmicos têm a possibilidade de atender mais usuários com diferentes demandas, aprimorando técnicas de procedimentos das diversas especialidades da Odontologia. Além disso, a discussão dos casos se faz de maneira mais individualizada, com dúvidas mais específicas, mais profissional de fato. Esse amadurecimento é notável diante da complexidade de, a cada atendimento de um novo usuário, ter que buscar o entendimento de um ser humano como um todo, estabelecer um plano de tratamento e executá-lo. Assim, durante os atendimentos no estágio, mais uma vez se observa, com nitidez, que as propostas do projeto do Curso foram completamente atingidas; certamente entregamos para a sociedade profissionais competentes, qualificados e com comprometimento social.



Professor Marcus Conde e o Projeto Cultura de Periferia
Foto: acervo pessoal



Atividade de capacitação docente no Convento São Boaventura em Imigrante-RS
Na foto, da esquerda para a direita: Stefani Rodrigues, Andreas Rados, Fábio Guarnieri, Marcus Conde, João Peixoto, Alessandro Alves, Thaíse Nóbrega, Luciane Pilotto, Eliane Flores e Maurício Teixeira
Foto: acervo pessoal



Equipe de saúde envolvida na operação Asshop Univates

Foto: acervo pessoal



Primeiras turmas (ATO 2020A e 2020B) e professores do curso em Junho de 2020

Foto: acervo pessoal

Parte V - Visões sobre o futuro

"Conto com a sorte e com a minha cadela baia,
Às vezes a pobre me ajuda, outras vezes me "atrapaia"."
Mano Lima

Para a última parte do livro, gostaria de comentar a frase acima citada. Durante todo esse tempo de trabalho no Curso, não foram poucas as vezes que nos deparamos com questões que, por suas origens e características, favoreciam alguns processos e, na visão de outro incauto observador, essas mesmas questões, dificultavam outros ou esses mesmos processos. Toda vez que isso acontecia eu dizia esta frase! E a dissemos muitas vezes nesses últimos anos, tanto que ficou conhecida como o "Paradoxo da Cadela Baia". O autor da rima, músico e compositor Mano Lima, é um artista gaúcho, frequentemente, relacionado à sua "forma direta de se expressar", digamos assim, mas que carrega, nas sutilezas de suas melodias e na poesia de seus versos, verdades que alguns, considerados literatos, muitas vezes não conseguem expressar. Dificuldades semelhantes às que encontramos para escrever este último texto.

Nele, apresentamos a situação da sociedade brasileira em 2020 ante a pandemia da Covid-19, aliada a um contexto social muito complicado. Tentamos fazer um exercício de futurologia para o Curso de Odontologia da Univates e, por que não dizer, para a própria Odontologia. Conseguimos, a partir do que vivenciamos nesses quase oito anos de muito trabalho, ter clareza sobre uma série de processos sobre os quais tivemos algum controle, que poderemos e deveremos repetir, mas pouca clareza e muitas dúvidas em relação à situação da humanidade, sobretudo após os recentes acontecimentos.

Temos uma boa ideia do que os estudantes próximos à formatura são capazes, seu caráter iminentemente humanista, capazes de resolver uma grande família de situações problemas, incluindo a possibilidade de retornarem como docentes. Ideias bem definidas com relação ao processo de avaliação que está sendo posto em prática, seu desenvolvimento e aprimoramento, e quebra, pelo curso como um todo, cada vez maior, dos paradigmas da educação tradicional.

Ao mesmo tempo, temos muitas dúvidas relacionadas ao futuro da Univates, da Odontologia e, quiçá, da humanidade, afetando os convênios que possam viabilizar usuários e estágios para os estudantes dos cursos da saúde, além da necessidade de hibridização do ensino e busca incessante pela sustentabilidade financeira. Enfim, que novo mundo nos espera?

"Ai daqueles que pararem com sua capacidade de sonhar,
de invejar sua coragem de anunciar e denunciar.
Ai daqueles que, em lugar de visitar de vez em quando o amanhã
pelo profundo engajamento com o hoje, com o aqui e o agora,
se atrelarem a um passado de exploração e de rotina."
Paulo Freire

VISÕES SOBRE O FUTURO

Ao chegar à quinta parte deste livro, é importante contextualizar o momento que estamos vivendo. O Brasil, em 2020, encara a mais controversa administração federal já vivenciada pelo País e uma profunda crise social e política, inclusive com riscos de sobrevivência à sua jovem democracia. O mundo está em meio à pandemia do Covid-19, que irá modificar totalmente nosso modo de viver no planeta e nossas formas de relação interpessoal. A prática da arte dentária terá que ser revista.

Esperamos que os acontecimentos retratados neste livro, possam ter ajudado os atores do Curso de Odontologia da Univates a estarem mais preparados para esse desafio. Provavelmente, ser um profissional generalista, ético e humanista, capaz de usar a Educação Permanente para resolver uma família de situações-problema em saúde e, no nosso caso, relacionadas à saúde bucal, vai contribuir bastante para a construção desse novo mundo.

A concepção e a escrita de um livro foram assuntos que permearam diversas conversas entre os organizadores e autores deste livro durante um bom tempo. A urgência de demandas institucionais, de chancela para aprovação e reconhecimento do Curso e a falta de turmas completas acabaram postergando a execução desse projeto. A previsão de término da tarefa, antes da pandemia do Covid-19, seria agosto de 2020. O período de quarentena serviu para a finalização dos últimos trabalhos que seriam incluídos, além da compilação de documentos e encaminhamentos à edição e à publicação desta obra.

A proximidade da formatura da primeira turma também serviu como propulsor dos sonhos tidos anos atrás. Diversos estudantes das primeiras turmas passaram por situações desafiadoras, nas quais, eventualmente, tiveram inseguranças, mas demonstraram que a vontade e o apreço por se tornarem cirurgiões-dentistas não seria desfeito por resistências e dificuldades inerentes a qualquer processo de criação.

A parceria, o comprometimento e o envolvimento dos estudantes de todas as turmas, merecem destaque. As ideias propostas, como o desenvolvimento do pensamento crítico, a integração de objetivos e pensamentos, a humanização no cuidado e respeito com os outros pautados por princípios éticos, foram se materializando através de suas ações e, muitas vezes, serviram como combustível para que nós, professores, seguíssemos na implementação, execução e avaliação das atividades. Em muitos momentos,

os estudantes questionaram o comportamento dos professores. Quando pertinentes, esses questionamentos foram colocados em discussão e os devidos encaminhamentos foram dados com o mecanismo de ação-reflexão-ação sendo acionado muitas vezes.

Também não podemos deixar de citar o comprometimento dos professores e a sua persistência em aprender e experimentar o novo que se apresentava e continua se mostrando. Um grupo de professores muito jovens, cheio de ideais que, quando apresentados ao desafio, sem exceção, se colocavam à disposição, sempre muito engajados. Eles têm sido determinantes no processo de evolução pelo qual o Curso passou e a que ainda tem se submetido. Muitos tiveram que se reinventar e rever suas convicções. O processo de Educação Permanente, aliado ao princípio da ação-reflexão-ação tende a ser, cada vez mais, incorporado ao cotidiano dos atores do Curso.

A visita de reconhecimento foi um importante passo no processo de validação e acreditação do Curso. Obtivemos nota máxima com muitas falas de reconhecimento e valorização do trabalho e das propostas apresentadas. Essa avaliação propiciará um afrouxamento na desconfiança, que muitos professores e estudantes carregavam referente à proposta. Na Universidade, mesmo entre os pares, tivemos manifestações que colocavam em dúvida a série de atividades que retratamos até aqui. Entre os colegas cirurgiões-dentistas era comum uma comparação com suas formações. A desconfiança com o processo, demonstrada entre os estudantes das primeiras turmas tem sido cada vez menor. A avaliação externa, com os ótimos resultados alcançados, que o curso se submeteu no final do ano, ajuda a reafirmar nossa convicção e aponta para o desenvolvimento das atividades com mais tranquilidade.

Outro projeto que nasceu com a Clínica de Odontologia Ampliada (COAm) foi a ideia de implantação de um Centro de Especialidades Odontológicas (CEO) Regional, voltado às necessidades dos municípios do Vale do Taquari, ampliando a oferta de serviços em saúde bucal, que nos últimos anos voltou a se reduzir após o aumento registrado na primeira década dos anos 2000. Esse serviço poderia aumentar a oferta de trabalho para os profissionais da região, além de ser um *locus* privilegiado para a formação dos estudantes, através da prática multiprofissional e da vivência em serviços de saúde na atenção secundária.

O processo de formação, através das Metodologias Ativas de ensino e aprendizagem, com a repetição e empoderamento de professores e estudantes tende a se consolidar. Durante esse tempo em que acompanhamos as atividades, professores relatam mais facilidades em identificar as fortalezas e fraquezas das estratégias/metodologias utilizadas aprofundando a metacognição. Isso traz maior confiança, evitando a falta de entendimento por parte dos atores do processo. No início do Curso, comumente,

recebíamos manifestações desencontradas sobre atividades propostas que demonstravam o quanto deveríamos avançar. Agora, as manifestações trazem, em vez da angústia pelo fazer, a preocupação com a integralidade do processo e principalmente com o alcance dos objetivos. As habilidades a serem desenvolvidas, conteúdos adequados ao desenvolvimento dos processos de ensino e de aprendizagem, assim como as escolhas das estratégias/metodologias e avaliações formativas têm sido apontados como os desafios motores da formação em Odontologia da Univates.

A avaliação no Curso, como toda avaliação que se preze, tem sido objeto de eternas discussões e passa por modificações ao final de todos os módulos. Atualmente, estamos com a proposta mais consolidada e em processo de validação. A divisão didática tridimensional para a avaliação e a consequente construção de instrumentos diferentes para cada uma das dimensões tende a ser unificada. Podemos afirmar que caminhamos para um instrumento único de avaliação. As mudanças que a nova era pós-covid vai ocasionar, serão sentidas nos diversos âmbitos e, na educação, não será diferente. Cada vez mais a avaliação fará parte do processo de ensino e de aprendizagem e o caminho trilhado pelo Curso mostra uma evolução capaz de simplificar esse processo em instrumentos mais diretos, replicáveis e de mais fácil entendimento.

A Univates mantém uma política de acompanhamento de seus egressos e no Curso de Odontologia planejamos oferecer cursos de pós-graduação em áreas que possam ser de interesse para nossos estudantes e em possíveis lacunas que julgamos que a região apresenta. Com o início de atividades na pós-graduação devemos desenvolver pesquisas em áreas as quais já identificamos como deficientes no Brasil, sobretudo, no Ensino da Odontologia e Saúde Coletiva. Isso pode ajudar na inserção dos novos estudantes em iniciação científica e trazer validade científica para essas questões apresentadas no livro e que precisam ser investigadas.

Temos um programa de parceria com os recém-formados para a utilização de nossa Clínica Odontológica enquanto local de trabalho após a colação de grau, que se constitui como apoio importante para o início da carreira.

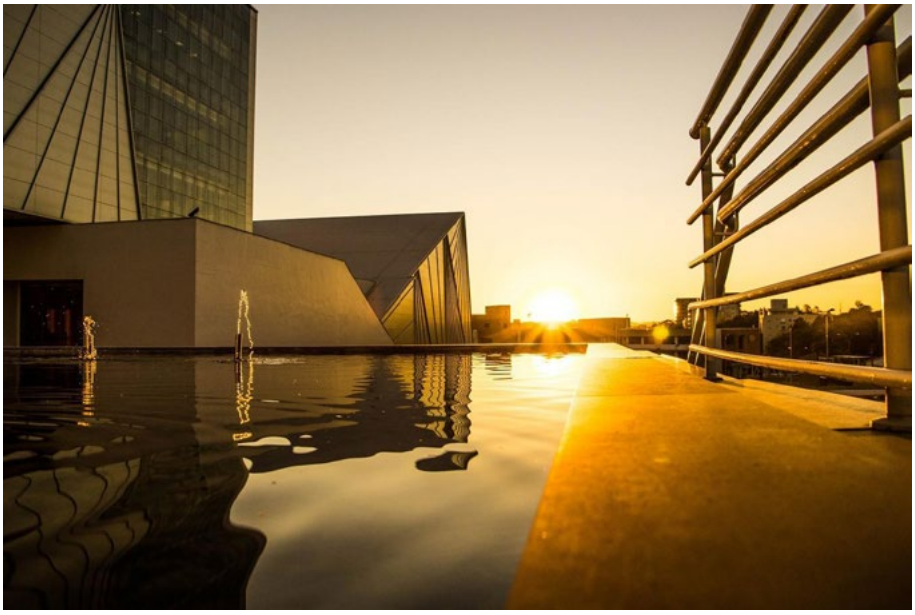
Há muito se fala sobre a necessidade de romper paradigmas tradicionais, tão arraigados na nossa profissão. Vemos a formação disruptiva (que deve se aprofundar) capaz de trazer a esses estudantes o senso crítico e a constante busca pela inovação para mudanças, as quais serão necessárias nas relações que deverão se apresentar em suas vidas. Pensamos, muitas vezes, na possibilidade de que todos devam se manter, constantemente, atualizados e, que aqueles que desenvolvem estudos sobre a profissão, possam se juntar a nós como docentes do Curso.

A Univates, durante os últimos anos, tem feito uma discussão muito importante no que se refere à extensão. Por termos dois professores diretamente relacionados com essas discussões, temos condições de desenvolver atividades e projetos que diferenciem o Curso entre seus pares, que costumam se equivocar na condução desses processos. A curricularização da extensão vai exigir mais de todos e, para o Curso, essa adaptação talvez seja mais tranquila. O envolvimento com a comunidade e a responsabilidade social se aproximam do caráter humanístico que o Curso carrega como podemos ver, sobretudo, no relato dos estudantes.

As mudanças que a pandemia trará, também se referem a uma valorização da área da Saúde e, provavelmente cada vez mais, usaremos o ensino híbrido. Temos até agora, desenvolvido a autonomia dos sujeitos de maneira bem intensa e essa mudança nos parece, além de necessária, possível de ser feita com alguma tranquilidade. O ensino mediado por Tecnologias de Informação e Comunicação (TICs) pressupõe pessoas autônomas e capazes de perceber o "aprender a aprender" como uma das premissas desse novo modelo de educação que se apresenta.

Na evolução das atividades que compõem o Curso, prevemos cada vez mais a utilização da Educação Permanente em Saúde como forma de desenvolver as habilidades necessárias ao perfil de egresso desejado. Isso implica processos mais abertos e integrados, com menos divisões e maior foco no desenvolvimento dos objetivos propostos, aprofundando a avaliação por competências e ampliando o domínio da metacognição por parte dos atores envolvidos.

E, como começamos falando sobre a influência da Abeno no Curso, pretendemos continuar incentivando professores e estudantes a participarem das atividades que envolvam a Associação, apoiando e divulgando suas ideias, muito consolidadas no pensamento do Curso, tanto que sonhamos ainda em, um dia, receber uma Reunião Anual da Abeno na Univates, tendo Lajeado como sede.



Pôr do sol no Teatro Univates

Foto: Lucas George Wendt



Prédio 1 da Univates, com o mural do artista Kobra, representando Darcy Ribeiro, Clarice Lispector e Paulo Freire

Foto: Elise Bozetto

POSFÁCIO

Debater sobre o compromisso com a educação, com a formação de jovens, com o futuro em tempos como os atuais pode parecer um sonho delirante. Vivemos num período e em um país que nega a ciência, faz descaso da educação e criminaliza bandeiras importantes para a educação brasileira.

No meu entendimento de sociedade e mundo, os ideais são construídos por pessoas que se vocacionam e se dedicam a eles. O curso de Odontologia da Univates representa um ideal e um esforço coletivo de enormes proporções.

Eu conheci o coordenador do Curso de Odontologia da Univates, Maurício Fernando Nunes Teixeira, durante a seleção de mestrado em Saúde Bucal Coletiva da UFRGS. Num vigoroso inverno do ano de 2009, a noite entrava pela janela e apenas ele e eu aguardávamos num estreito corredor nossa chance de ingressar na pós-graduação. O primeiro pensamento que tive foi de imenso preconceito. Minha mente recém graduada não compreendia o que alguém formado há mais de 15 anos objetivava numa pós-graduação. Não há um único momento em que eu não me arrependa desse pensamento. As atividades do Mestrado começaram e nos tornamos colegas. Com o passar do tempo percebi que se tratava de um idealista, dedicado e focado, capaz de vencer as maiores resistências. Talvez tenha sido por isso que a sua orientadora sugeriu o tema da resiliência para ser trabalhado em suas pesquisas.

A Univates é uma Universidade viva que ambiciona grandes desafios. Eu acredito que na vida as coincidências são de fato um provável encontro entre pessoas com atitude, inquietude e capacidade. É possível que esse tenha sido o motivo desse encontro entre a Univates e o convite ao Maurício para liderar a proposta do Curso de Odontologia.

Da maneira modesta, fui uma das pessoas que atenderam ao chamado do futuro coordenador. O desafio de montar uma proposta inovadora para Odontologia é irresistível. Ao navegar e consumir incansavelmente essa obra é possível perceber a obsessão com a qualidade, a implicação com o trabalho, a resiliência. São marcas do Curso de Odontologia da Univates e também descreve as principais características desse grupo de professores, técnicos e estudantes.

A vida é feita de bons encontros e alguns desencontros. Mesmo de longe, ao longo dos anos eu continuei a observar o trabalho realizado por esse grupo. Um sentimento de admiração e inspiração a esse trabalho

permanecem. Uma proposta ousada e inovadora, como a apresentada nesse livro é possível a partir de uma sensação de pertencimento de quem o faz. E isso escorre pelas páginas, assim como a evidente impossibilidade de passar pelo curso, em qualquer função, sem se afetar pelo mesmo. Educar é método e objetivo, mas também é troca de afetos. É a delicadeza de permitir-se mudar a cada encontro.

Na presente obra, percebemos o itinerário pedagógico institucional, brindados pela descrição de quem faz: o *Peer Instruction,* a Dramatização, a Verbalização, o *Flipped Classroom,* o *Challenge Based Learning*, o *Problem Based Learning.* Muito mais que um livro que descreve um curso, um livro que ensina a educar em saúde.

Qualquer professor universitário da área da saúde reconhece o desafio de formar para o SUS. O equilíbrio entre ser ensino e ser serviço, entre ser resolutivo no cuidado em saúde e respeitar o desenvolvimento de habilidades e competências dos estudantes pode representar um falso paradoxo. Aqui está descrita a concepção de um Projeto Pedagógico que valoriza a formação no SUS, sem abrir mão de uma formação de qualidade. Construído a partir de uma idealização e ação voltada para as pessoas, rompendo com um ensino voltado aos caprichos de professores, mas focado nos itinerários formativos previstos nas Diretrizes Curriculares Nacionais e nas necessidades em saúde da população do Vale do Taquari.

A educação brasileira sofre com a inconsistência das políticas públicas e as imprevisibilidades econômicas. A necessária resiliência aqui presente também se traduz em atitudes: é preciso alcançar a eficácia prevista na formação com a eficiência do uso de recursos, contratualizando as ações e formando nos serviços. O livro encerra suas observações para o futuro enfatizando a necessidade de uma formação disruptiva, pautada pelo desenvolvimento do senso crítico e a constante busca pela inovação como elementos fundamentais para vencer obstáculos, inclusive os trazidos pela pandemia.

Vivemos um tempo onde esperamos por um novo normal. A normalidade que nos acostumamos na Odontologia não será mais possível. Para realizações significativas precisamos de dedicação, foco e ideais. Muitas vezes precisamos estar abertos a mudanças pessoais e institucionais. Clóvis de Barros Filho, diz que "o Homem é o esforço de preservação de si próprio". Concluo que sendo assim, somos de natureza mutável para conseguir sobreviver educar necessita de implicação, coragem, avaliação, alegria e amor. Que todos os educadores possam fazer como esse jovem grupo do Curso de Odontologia da Univates que percebeu que o amor é saber aquilo que te causa alegria, que te afeta e que te implica, para que assim tenham a mesma ousadia em inovar.

Otávio Pereira D'Avila

AGRADECIMENTOS

Gostaríamos de estender nossos agradecimentos:

À Universidade do Vale do Taquari - Univates, na pessoa do Reitor Ney José Lazzari;

Aos professores Carlos Cândido da Silva Cyrne, Fernanda Storck Pinheiro, Oto Roberto Moerschbaecher, Maria Madalena Dullius, Júlia Elisabete Barden e demais membros da Reitoria, incluindo seu competente secretariado;

À professora Luciana Carvalho Fernandes e equipe da Cures;

Aos professores que passaram pelo NDE do curso: Aline, Luís César, Luciane, João Miguel e Otávio;

Às professoras Daiani e Olinda por todos os grandes ensinamentos;

Ao atual grupo de professores, que faz a "coisa acontecer" de forma brilhante;

À Turma 2020A: Analice, Bruno, Camila, Camila, Camilla, Carla, Dion, Djulie, Eduarda, Fernanda, Felipe, Giulia, Iuri, Júlia, Júlio, Kátia, Maria Eduarda, Marina, Natália, Rafaela, Rafaela, Rodrigo e Vitória;

Ao Diretório Acadêmico do Curso de Odontologia;

Aos demais atuais estudantes do curso e aos que passaram pelo curso;

Ao professor Leonardo de Ross Rosa e demais coordenadores de curso do CCBS;

Aos integrantes e ex-integrantes do CCBS: Aline Jéssica Antunes, Amanda Vetorello, Caroline Elisa Turatti, Felipe Albino Schmitz, Gabriel Luis Diehl, Lidia Maria Erbes, Luciana Bortoli Sartori e Nathascha dos Santos Trindade;

Aos professores que passaram pelo curso: Thais Negrini, Daniel Granada, Aline Macarevich Condessa, Gabriel Trevizan Correa, Eliane Flores, César Spielmann, Giovani Emmer;

À Associação Brasileira de Cirurgiões-Dentistas (ABCD) Lajeado através de Luis Carlos Ávila e Sirlei Ávila;

À Casa de Cultura de Arroio do Meio, especialmente à Claudia Jung.

À Valdirene e pessoal do SAE;

Ao César Augusto Olsen e toda equipe de suporte da Olsen;

Aos funcionários da Clínica de Odontologia Ampliada: Gabriela da Silva Pires, Helena Crespo Hax, Luciane de Pontes Arruda, Nélio Bairros Dornelles Júnior, Maiara Conrad Daniel e Michelle Danoski dos Santos.

Aos funcionários da Diretoria de Serviços de Saúde que atuam e já atuaram na instituição;

Ao Professor Tiago, coordenadores pedagógicos e funcionários do NAP;

Às professoras Edi Fassini e Fabiana Sbaraini Freitag por acreditarem que a formação técnica e superior pode ocorrer de maneira conjunta;

Aos funcionários e ex-funcionários de outros setores: Iranice, Franciele, Daiane, Janaíne, Tailana, Floane, Marina, Sabrina, Dilvane, Michele e outros que sempre nos auxiliaram;

Aos professores e convidados para atividades do curso: Bruno Trevisan, Chodi Maruyama, Eduardo Dickie Castilhos, Fernando Neves Hugo, Fernando Ritter, José Ricardo Busatto, Juliana Balbinot Hilgert, Mariel de Aquino Goulart, Marcelo Goulart, Murilo Souza Luz, Pércio Guth, Rafael Weber Rosa, Renato José De Marchi, Stefani Becker Rodrigues e outros tantos;

À cirurgiã-dentista Jéssica e a 16ª CRS, bem como supervisores dos diversos locais de estágio.

AGRADECIMENTOS ESPECIAIS

Escrever um livro não é tarefa fácil, sobretudo no Brasil de 2020. Agradeço a esta publicação por ter me proporcionado reviver momentos prazerosos de profundos conhecimentos num período crítico de nossas vidas. Como idealizador do livro, me senti autorizado e tomei a liberdade de agradecer especialmente às pessoas que seguem:

Minha esposa Elizangela que cuida das nossas três filhas Manoela, Helena e Cecília de forma exemplar e se constitui num esteio muito importante de nossa família e com isso, estendo minha gratidão a toda a família Teixeira.

Professor Andreas pela parceria nas ideias, sem prescindir das discordâncias, quando necessárias. Uma pessoa que dorme cedo, teve que se adequar com as minhas madrugadas em claro e me apoiar nas questões relacionadas às TICs.

Professora Magali, por ter me procurado para a proposta inicial do curso, apoiado durante todos esses anos e ainda contribuído de forma singular na construção deste livro, seja na produção de diversos textos ou na correção gramatical de muitos deles.

Professores Alessandro e Thaíse pelas inestimáveis contribuições.

Professor Irineu Haberkamp pela amizade de muitos anos, correção gramatical e desenvolvimento de muitas ideias presentes na vida e no livro.

Professoras Daiani e Olinda por me afetarem muito além das questões pedagógicas e profissionais e me ensinarem muito.

Professoras Aline, Luciane e Otávio pelas profundas discussões iniciais e parcerias ainda presentes, Tenho muita admiração por vocês.

Professora Vânia pela disponibilidade de escrever o prefácio e Professora Francine Costa pelo trabalho com a capa.

48 outros autores que nos auxiliaram de maneira muito significativa, muito afeto envolvido.

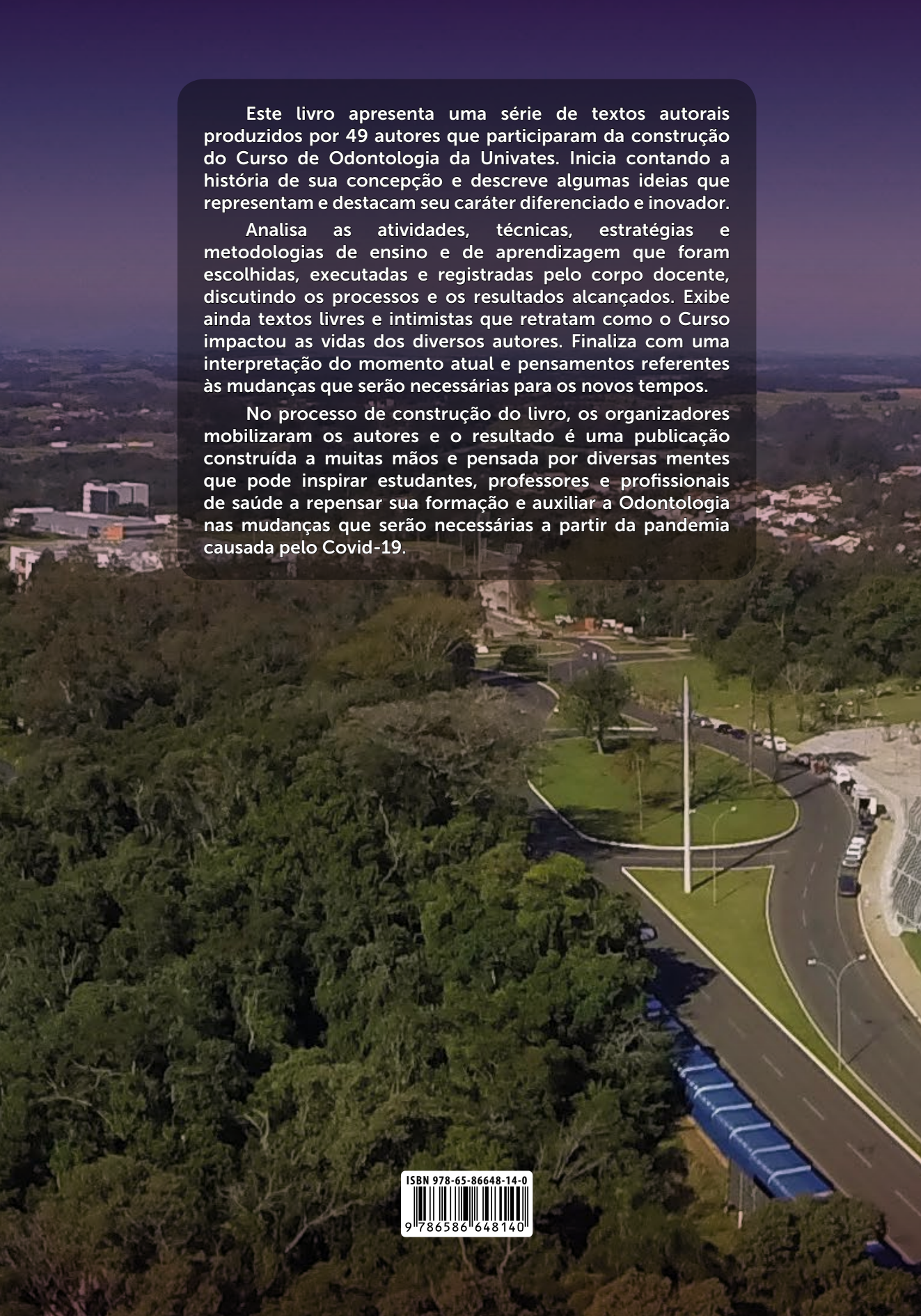
Demais professores e estudantes do curso, sem os quais nada teria sido possível.

Luis Carlos Ávila e sua esposa Sirlei pela cedência da ABCD em tempos difíceis.

Colaboradores da Univates e fora dela que mantém essa Instituição trabalhando no altíssimo nível de qualidade que conhecemos.

Outros irmãos e amigos de diversos espaços-tempo Ariosto Mello, Fernando Meurer, Jonas Kriske Sebastiany, Lauro Bueno, Luis Mário Tolfo, Marcelo Susin, Miguel Orlandi, Pércio Guth e muitos tantos que fiz amizade pela vida.

Maurício Fernando Nunes Teixeira



Este livro apresenta uma série de textos autorais produzidos por 49 autores que participaram da construção do Curso de Odontologia da Univates. Inicia contando a história de sua concepção e descreve algumas ideias que representam e destacam seu caráter diferenciado e inovador.

Analisa as atividades, técnicas, estratégias e metodologias de ensino e de aprendizagem que foram escolhidas, executadas e registradas pelo corpo docente, discutindo os processos e os resultados alcançados. Exibe ainda textos livres e intimistas que retratam como o Curso impactou as vidas dos diversos autores. Finaliza com uma interpretação do momento atual e pensamentos referentes às mudanças que serão necessárias para os novos tempos.

No processo de construção do livro, os organizadores mobilizaram os autores e o resultado é uma publicação construída a muitas mãos e pensada por diversas mentes que pode inspirar estudantes, professores e profissionais de saúde a repensar sua formação e auxiliar a Odontologia nas mudanças que serão necessárias a partir da pandemia causada pelo Covid-19.

ISBN 978-65-86648-14-0
9 786586 648140